

mesma autora de *Blue Bloods*, série *best-seller* do *New York Times*

melissa de la cruz

um romance da série
As feiticeiras de East End



O beijo da serpente



mesma autora de *Blue Bloods*, série *best-seller* do *New York Times*

melissa de la cruz

um romance da série
As feiticeiras de East End



O beijo da serpente

O beijo da serpente

um romance da série

As feiticeiras de East End



melissa de la cruz

Tradução de Áurea Akemi Arata



*Seguramente, a serpente vai
picar sem encantamento.*
— Ecclesiastes 10:11

O beijo da serpente

∞∞

Era uma vez em North Hampton...



Três mulheres extraordinárias levavam vidas bem comuns. Joanna Beauchamp, com cabelos prateados e dom para as plantas, morava em uma mansão colonial na ponta mais ao nordeste de Long Island, com as duas filhas, Ingrid, a bibliotecária local, e Freya, a *bartender* sensual. Por anos a se perderem, viveram discretamente e em paz entre os residentes de sua pequena cidade, coberta de névoa.

Joanna passava os dias redecorando a casa, fazendo jardinagem, preocupando-se com suas garotas e esbanjando toda a afeição que tinha por Tyler, filho desaparecido de sua empregada, de apenas seis anos. Freya, de cabelos vermelhos cor de fogo, ganhou o coração do rico filantropo Bran Gardiner, cuja família era dona da mansão Fair Haven, na ilha que leva seu sobrenome, Gardiner. Ela celebrou o noivado tendo um caso tórrido com o irmão mais jovem de Bran, Killian, de cabelos castanhos, lindo e sensual, e de atitude diabólica.

Ingrid, loira, ativa e muito tímida, era a arquivista sênior que cuidava das plantas de arquitetura histórica da biblioteca. Quando não estava brigando para salvar a amada biblioteca da extinção por um construtor local bajulador, recusava vários pretendentes, inclusive o incansável leitor Matthew Noble, belo investigador da força policial de North Hampton.

Apesar das aparentes vidas normais, todas as três mulheres compartilhavam um segredo poderoso. Deusas de Asgard, elas eram feiticeiras em nosso mundo. Os residentes de North Hampton nunca suspeitaram que Joanna, Ingrid e Freya fossem apenas três das diversas

deusas e deuses que sobraram em Midgard depois da lendária ponte Bofrir, que ligava os dois mundos, cair sob circunstâncias misteriosas.

Presas em nosso mundo e impossibilitadas de retornar ao delas, elas foram proibidas de usar seus poderes desde que o Conselho Branco decretou a Restrição de Poderes Mágicos após os julgamentos das feiticeiras de Salem, que acabou por terminar com a prática de magia na Terra do Meio. Mas as três mulheres ficaram inquietas depois de suprimirem suas verdadeiras naturezas por tantos anos e, aos poucos, começaram a usar suas habilidades do outro mundo. A especialidade de Joanna era recuperação e renovação; capaz de levantar os mortos, ela trouxe soldadinhos de brinquedo à vida. Ingrid, a curandeira que poderia mexer nas linhas de vida das pessoas e ver o futuro, começou a distribuir seus feitiços e encantos para qualquer cliente com problemas domésticos. Freya se especializou em questões do coração, servindo poderosas poções de amor no bar *North Inn*.

Sem aparentes repercussões pelas escapadas mágicas, as garotas Beauchamp se tornaram mais ousadas em sua prática: Joanna trouxe um homem à vida, Ingrid deu um nó de fidelidade à esposa do prefeito e, todas as noites, o *North Inn* se transformava em uma brincadeira ruidosa, selvagem e hedonista por causa dos potentes coquetéis de Freya. Tudo era um pouco de diversão inofensiva, inocente, encantada, até que uma garota do local sumiu, vários moradores começaram a sofrer de diversas doenças inexplicáveis e uma ameaça negra foi encontrada crescendo nas águas do Atlântico, envenenando a vida selvagem.

Quando o prefeito apareceu morto, começaram as acusações, e por um instante parecia que os julgamentos das feiticeiras de Salem iriam retornar.

APRESSANDO-SE PARA DESVENDAR o mistério, Ingrid encontrou símbolos arcaicos nórdicos em uma planta da mansão Fair Haven, a casa ancestral

dos Gardiner. Mas bem quando estava perto de decifrar o código, o documento desapareceu. Freya descobriu que estava envolvida em um triângulo amoroso secular com Bran e Killian. A história entre eles remontava aos próprios dias de Asgard, na época em que o mundo foi feito e ela ainda não era uma feiticeira em Midgard, mas uma jovem deusa perseguida pelo seu amor verdadeiro, Balder, o deus da alegria, e seu irmão, Loki, o deus da trapaça. Portanto, Bran e Killian Gardiner não eram mortais, eram os irmãos Balder e Loki — mas quem era quem? Ela teria escolhido corretamente? E ainda parecia haver um zumbi à solta. A ressurreição de Joanna tinha dado errado.

Logo, Norman Beauchamp, seu ex-marido há muito perdido, voltou à cena, e todos tentaram salvar não apenas a sua cidadezinha, mas todos os nove mundos conhecidos do universo de *Ragnarok*, a antiga lenda que antevia o fim dos deuses.

Eles foram bem-sucedidos e Loki foi banido da Terra do Meio, enviado de volta ao buraco que fizera na Árvore do Mundo, na esperança de que sua jornada de retorno a curasse. Mas o mistério da queda da ponte permaneceu, mesmo quando dois deuses jovens foram punidos pela destruição — o malévolo Loki e o irmão gêmeo de Freya, Fryr, cujo tridente mágico fora encontrado em suas ruínas.

Os Beauchamp pensaram que Fryr estava perdido para sempre, mas, para surpresa de Freya, certa noite, seu gêmeo apareceu subitamente no beco atrás do *North Inn*. Escapou do Limbo e revelou ter sido castigado pela destruição de Bofrir, embora soubesse a identidade do real culpado.

Não, não fora Loki, que Freya conheceu como Bran Gardiner. Segundo Fryr, ou Freddie, como ele agora queria ser chamado, fora Balder quem tinha aprontado a sua queda. Balder, ou Killian Gardiner, a quem Freya amava, era responsável por sua destruição.

Agora, Freddie estava lá para se vingar. E queria a ajuda de Freya.

halloween, dia das bruxas

*jogos
assustadores*



capítulo um

Back in baby's arms^[1]



O contralto choroso de Patsy Cline gorjeava uma canção de amor no *jukebox* do *North Inn*. Era uma pausa da carga costumeira de *rock'n'roll* — que incentivava os clientes a saltarem dos assentos para levantar indicadores e mindinhos e fazer sinais demoníacos no ar. Ao contrário, a música da cantora *country* era conveniente para o humor de início de outubro: íntima, aconchegante e doce com um tom de nostalgia. O verão saariano acabara. Quando a luz se tingia de tons dourados antes do pôr do sol, um sopro frio inundava o ar, temperado com o aroma penetrante do outono. O Atlântico, visível das janelas do bar, agora se agitava, e ondas enormes fustigavam a praia. Não havia mais corpos com biquínis pululando na praia nem fogos de artifício subindo aos céus. A multidão do pico de verão se dispersou, deixando a cidade litorânea exclusiva para os habitantes locais, as praias desertas, e o local de reunião popular quase vazio.

Um casal solitário dançava lentamente no meio da pista, enquanto alguns clientes regulares andavam por lá depois do dia de trabalho, espalhados em pequenos grupos. A *bartender* do local, Freya Beauchamp, aproveitando o ritmo mais lento, fazia uma pausa no preparo de bebidas. A bela ruiva estava sentada com os cotovelos apoiados no balcão, o rosto entre as mãos, os olhos brilhantes enquanto observava Killian Gardiner cantarolar junto com a música atrás do balcão. Sua voz grave e profunda, como um carinho no meio da noite, fazia um dueto adequado: “*I’m back where I belong, back in baby’s arms*”.^[2]

Freya adorava isso em Killian: ele continuava a cortejá-la incessantemente. Sem se desculpar. Embora estivessem noivos e fossem se casar em breve, o jogo da sedução não tinha fim com ele. Nunca haveria temor de que se tornariam duas pessoas aborrecidas zapeando canais de televisão, desesperadas por diversão, frustradas com uma vida passada em um sofá, com o romance sensual sendo apenas uma lembrança esmaecida. Era uma coisa boa também, pois Freya vibrava com o drama, o perpétuo arrepio do flerte, a perseguição constante, a emoção de momentos ternos não aguardados como essa serenata abafada.

Ela desfalecia ao observar os cabelos de Killian caírem sobre seus cílios escuros enquanto ele agarrava a coqueteleira para preparar a bebida de sempre para um cliente que vagueava até eles. Despejou a vodca com um floreio, adicionou um pouco de vermute sobre o gelo no recipiente prateado.

Freddie não poderia estar mais errado sobre ele, pensou ela. Quando seu irmão, Freddie, retornou do Limbo há um mês, ele fervia com acusações ferinas, todas dirigidas a seu amado. Freddie acreditava que Killian havia roubado seu tridente para usá-lo na destruição da ponte e depois plantou a arma na cena para que os deuses acusassem o filho do mar de cabelos dourados pelo estrago.

Embora obcecado por vingança, o gêmeo aceitou, com relutância, dar a Freya a oportunidade de esclarecer a situação sozinha se ela promettesse ajudá-lo a descobrir a verdade e a desenterrar o máximo que pudesse de seu namorado. Freya concordou com o coração pesado. Não conseguia acreditar que Killian fosse capaz de tamanha traição. Sabendo de sua grande proximidade com o irmão gêmeo, como poderia ter feito algo tão grave, cruel — e imperdoável? E se assim fosse, como ela deixou de vê-lo? Será que seus sentimentos, juntamente com o sexo que movia montanhas e

obstruía a mente, lhe embotaram o juízo? Não. Freddie tinha que estar errado. Depois de tanto tempo no Limbo, não conseguia pensar direito. Ela *confiava* em Killian. Ficaram separados por muito tempo, mas agora que se reencontraram, tudo *fazia sentido*. Perfeito, realmente. De volta aos braços do meu amor, como na música.

Killian observou que Freya o encarava e sorriu, com seus olhos verde-azulados cintilando.

Freya retribuiu o sorriso, olhando-o profundamente, mas o tempo todo procurou por um indício que pudesse traí-lo. Quais segredos ele guardava? Com seu olhar de feiticeira, procurava algo oculto nos recessos da alma de Killian, mas tudo o que ela via era simples, amor puro refletido de volta para ela.

A música de Patsy Cline terminou. Killian atirou a coqueteleira no ar e a pegou com habilidade por trás das costas, sem perder o contato com o olhar. Ele a lançou sobre o balcão, piscando para Freya e — só então — por talvez uma fração de segundo, um milésimo de segundo talvez, Freya jurou que viu algo que não tinha visto antes ou que nunca queria ter visto: um tremor malévolamente mínimo. Já havia sumido, antes mesmo de ela ter detectado, embora fosse suficiente para lhe provocar um arrepio.

— Está com frio, amor? — Killian perguntou, esticando os braços sobre o balcão para aquecer as mãos dela nas dele. Freya deu de ombros.

— Estou bem. — Mas ela se perguntava o quanto conhecia Killian de verdade. Ficaram separados por séculos. Algo pode ter mudado nesse intervalo. No entanto, o calor de suas mãos parecia assegurar que nada disso era verdade. Os dedos dele se afastaram dos dela, para despejar a mistura da coqueteleira em uma taça de martíni para o cliente no fim do balcão.

Desde que a Restrição fora cancelada, Freya, junto com o restante da família Beauchamp, tinha permissão para usar os poderes; então, nesses dias, o bar era realmente encantado. No *North Inn*, o trabalho de preparo consistia em dezenas de facas suspensas no ar, picando hortelã, fatiando limões e laranjas, descascando tirinhas de casca. As poções de amor estavam de volta, e as bebidas, às vezes, misturavam-se sozinhas, mas a magia dela também se estendia a outras áreas, como arrumar um penteado malfeito ou propiciar a um cliente deselegante uma reforma glamourosa na hora. Os clientes se convenciam de que era um truque de mão ou fumaça e espelhos, ou que talvez tivessem bebido demais.

Killian desceu para encher os baldes de gelo e, enquanto isso, Freya se convenceu de que estava ficando paranoica — que não tinha visto nada. Seus olhos tinham capturado somente a luz do sol se pondo. Isso era tudo.

Alguém colocou uma moeda de um quarto de dólar no *jukebox*, e a atmosfera mudou quando o salão se encheu do som das guitarras selvagens de Kings of Leon. Era assim todas as noites desde que Sal acrescentou os “antigos” na fila — uma balada de Roy Orbison seguida de Feist, Aretha Franklin antes de Metallica, Sex Pistols seguindo The Jackson 5. A música se alternava entre a história dos sucessos, bem parecida com esse pequeno pedaço de Long Island que existia fora do tempo. Enquanto o casal na pista começava a dançar, Freya espiou a quarentona Betty Lazar entrar no bar.

Ela parecia bem abatida, coitadinha. Freya não via Betty na cidade havia um tempo. Assim que a assistente jurídica se virou, uma série de imagens espocou na mente de Freya: o dia fatigante, o jantar de micro-ondas, os três gatos. Mal Betty havia se sentado, uma taça de martíni gigante, cheia até a borda como uma piscina azul-elétrica e uma quantidade mínima de espuma do mar, apareceu diante dela em um turbilhão de névoa. Alguém gritou:

— Um coquetel mágico, mágico! — E os doze ou mais clientes bateram palmas e festejaram. Admirada, Betty tomou um gole e soltou um suspiro:

— Uau, Freya, como sabia que era exatamente disso que eu precisava? Não venho aqui há séculos. Isso que é *serviço*! O que aconteceu a este lugar?

— Apenas algumas melhorias — Freya sorriu, pensando que uma senhora simpática como Betty não deveria passar as noites sozinhas com processos legais sobre televisão.

FECHARAM O BAR cedo. Era terça à noite, e o último cliente saiu às dez. A temperatura caiu e a pequena ponte para a ilha Gardiner estalou, balançando de modo precário enquanto as ondas quebravam sobre ela. Freya segurava a mão de Killian conforme eles avançavam pelo caminho no escuro com o brilho pálido de Fair Haven e o farol à distância.

— Bela noite — disse ela, apertando os dedos dele. Ela adorava o outono. Era sua estação predileta: as folhas douradas, o ar fresco, o aroma de abóboras — de terra e plenitude, indicando uma boa colheita.

— Huuummm — Killian concordou, abaixando-se para lhe dar um beijo.

Ela retribuiu o beijo, puxando-o para mais perto, e logo ficaram presos em um abraço apertado. Os beijos eram fortes e cheios de energia, do jeito que ela gostava, e eles pressionaram seus corpos um contra o outro, o calor aumentando entre eles. Mal podiam esperar para ficar de mãos dadas, e Killian ergueu Freya do caminho estreito para que ela pudesse envolver as pernas nos quadris dele. Ele pressionou mais e Freya sentiu ter sido empurrada um pouco distante demais do parapeito da ponte e perdeu o equilíbrio, escorregando fora do alcance de Killian. Caiu de costas sobre o corrimão, os cachos loiro-avermelhados e o cachecol açoitados pelo vento. Por alguns segundos terríveis, acreditou que cairia nas águas azuis até que

Killian conseguiu agarrar seus joelhos. Mas em vez de puxá-la de volta, ela o ouviu rir.

— Killian! Pare com isso! — Gritou, mas ele não se mexeu para ajudar enquanto ela continuava a oscilar sobre a beirada.

— É sério! Me puxe de volta! — Insistiu. — Não tem graça! — Ela sentia como se não conseguisse respirar, e o coração batia com força no peito.

Tudo acabou num instante quando Killian a ergueu e a endireitou, deixando seu corpo escorregar ao lado do dele até que estivesse de volta ao chão firme.

Ela o encarou, assustada ao ver a máscara no rosto dele, os olhos tranquilos e indiferentes. *Que droga aconteceu? O que foi isso?*

— Ei, por favor. Só estava provocando — retrucou Killian, olhando preocupado enquanto Freya se afastava e se isolava, escondendo o rosto atrás dos cabelos. — Desculpe — disse ele, aproximando-se e inclinando-se sobre os ombros dela de modo a enterrar a cabeça na curva do pescoço de Freya, e ela sentir sua respiração morna sobre a pele novamente, fazendo-a formigar. — Foi uma brincadeira idiota. Não percebi que você ficou realmente com medo. Você costuma gostar dessas coisas.

A voz dele estava tão calma, e ela sabia que ele ainda era Killian, seu querido, seu amado. Ele nunca a machucaria, *nunca*. Tinha certeza disso, no âmago de seu ser. E ele estava certo: ela era viciada em adrenalina; gostava de jogos perigosos.

— Desculpe também — falou, enquanto virava o rosto para encará-lo, passando a mão sobre os lábios macios dele com pelinhos eriçados de barba. — Não sei por que me descontrolei.

DE VOLTA AO *Dragon*, eles mergulharam na cama, e Freya olhou para ele através de seus olhos semicerrados. Killian rangia os dentes, os olhos

lânguidos e brilhantes pela sensação prazerosa de seu ato de amor. As mãos fortes dele guiavam Freya pela cintura, os polegares empurravam os quadris dela enquanto ela balançava sobre ele, e a cabine oscilava em ritmo.

Depois Killian deu-lhe um beijo sonolento, mas Freya ficou deitada e acordada por muito tempo, com uma sensação estranha e desconfortável que começava a crescer. Ela não conseguia mentir para si mesma. Tinha visto algo no bar e na ponte.

Ela espiou dentro dos olhos vazios de Killian e viu sua própria morte neles.

capítulo dois

Stranger in the night



Ingrid Beauchamp caminhava pelo corredor da Biblioteca Pública de North Hampton, cantarolando baixinho enquanto arrumava um punhado de livros nas prateleiras a caminho da área de leitura infantil. O coque loiro estava perfeitamente penteado, puxado para trás de seu rosto, e ela usava um terninho azul elegante, de alfaiataria, e lindos e novos escarpins bicolores. Estava em um intervalo do seu trabalho de restauração de uma planta da época eduardiana que agora estava indo a leilão. A obra foi encontrada dobrada dentro de uma escrivaninha antiga de tampo de enrolar, em uma propriedade em ruínas na periferia da cidade.

A escola tinha liberado os alunos havia uma hora, e as crianças começavam a entrar na biblioteca. Os adolescentes queriam verificar os últimos “choques pornô” (como Hudson chamava a nova safra de livros *dark* para a faixa etária) ou estudar em salas reservadas, enquanto os mais jovens se amontoavam para a hora da leitura de Tabitha. Sua voz era suave, e talvez ela tivesse perdido a vocação para atriz. Ingrid brincava e mantinha aquelas crianças na linha. Ela queria deixar tudo confortável para Tab. Nem tinha completado cinco meses de gravidez e parecia que a garota já ia explodir.

Ingrid soltou um suspiro feliz enquanto supervisionava a área ocupada com janelas amplas que se projetavam para o jardim da biblioteca, para o mar, e as ondas que batiam verde-cinzentas. Um adolescente estava deitado sobre duas almofadas alaranjadas gigantes, e Ingrid precisava achar uma

pequena para as costas de Tabitha, então se empenhou nessa tarefa. O garoto tinha cabelos pretos cortados em topete moicano moderno e estava agachado sobre um dos novos *e-readers* que ela tinha adquirido por pressão de Hudson. — Não podemos ficar para trás! O futuro está aqui, e você deve saber disso mais que qualquer pessoa — advertiu ele, fazendo alusão a seus outros talentos.

O evento de levantamento de fundos do fim de verão significou que a biblioteca não estava mais prestes a fechar, e o dinheiro tinha até permitido que ela comprasse meia dúzia desses equipamentos. Só não conseguia imaginar como alguém poderia renunciar à experiência íntima dos livros... páginas de papel crepitando entre os dedos, olhares apressados na capa colorida antes de emergir novamente nelas. Não entendia a fascinação de ler em tela plana, mas se isso mantivesse a biblioteca viva, então que assim fosse.

O fato de o prefeito anterior ter morrido em um escândalo — enforcando-se em um motel pulguento de beira de estrada depois de matar uma garota menor de idade que o rejeitou — *foi* realmente algo trágico e triste. No entanto, salvou a adorada biblioteca de Ingrid, seu lar fora de casa, seu domínio. Houve males que vieram para o bem. A tragédia tinha levado a um prefeito jovem e inteligente, Justin Frond, que era a favor da conservação da biblioteca e de manter os grandes negócios e cadeias de lojas feias e sem caráter fora da excêntrica e sonolenta cidade; ele até queria transformar a biblioteca de colunas brancas em patrimônio histórico.

— Carga grande à frente! Estou passando! — Gritou Hudson, que guiava Tabitha para a sala de leitura, com uma mão sobre as costas dela e a outra no pulso.

— Hudson! — Ingrid, que arrumava as almofadas em um semicírculo perfeito diante da cadeira de leitura de Tabitha, rebateu.

— Bem, é verdade — Tabitha falou. — Mas eu ainda tenho duas pernas e consigo andar, Hudson! — O rosto dela estava mais redondo e as bochechas ruborizadas; a gravidez a fez parecer mais jovem, viva, repleta de energia, e os longos cabelos loiros mais brilhantes. No entanto, ela não conseguia parar de comer e começou a trazer dois lanches para o almoço — somente para garantir. — Sei, estou ficando *enorme*.

— Hã-hã... — Hudson endireitou o nó da gravata roxa sob o colete xadrez clássico enquanto estudava Tabitha. Colocou a ponta do indicador entre os lábios e mordiscou a unha.

— Pelo amor de Deus, ela está *grávida* — Ingrid interrompeu.

— Silêncio na biblioteca, Ingrid — ele a lembrou. — Na verdade, eu ia dizer “maravilhosa”.

Os três amigos riram.

— De qualquer forma, Tabitha, você vai perder o excesso de peso rapidinho assim que começar a... Como se chama aquela coisa mesmo? — Ele estalou os dedos, procurando a palavra.

— Amamentar? — Ingrid perguntou, não muito certa.

— Isso! — Ele franziu a testa. — Queime essas calorias, garota! — Hudson virou-se, deixando-as com o resto da arrumação para a hora da leitura.

INGRID SENTIA-SE EXAUSTA enquanto digitava o código no alarme e fechava a biblioteca. As horas pós-escola tinham se tornado especialmente cheias, e ela ficou até tarde, trabalhando em sua magnífica planta nova. Além disso, ela retomou a hora da feitiçaria, ou os “serviços de aconselhamento” durante a semana, do meio-dia à uma. Quanto ao pagamento, havia uma lista com uma variedade incrível de doações sugeridas: AJUDE SEU AUTOR PREFERIDO A VIR À BIBLIOTECA PÚBLICA DE NORTH

HAMPTON PARA UMA PALESTRA. APOIE A LITERATURA, dizia o cartaz. AS COLUNAS DA FRENTE E AS TRELIÇAS DO JARDIM DO SÉCULO XIX PRECISAM DE SUA AJUDA! Ela estava de volta aos negócios de magia e, desta vez, não precisava olhar para trás para se precaver enquanto os praticava. Achava o trabalho recompensador. Ajudar pessoas com a magia a fazia sentir-se renovada e revigorada. Ingrid cumpria a parte dela. Não havia um estudo que mostrava que mesmo os menores atos de bondade faziam as pessoas viverem mais tempo e felizes? Bem, ela viveria para sempre, de qualquer maneira, e conseguia sentir ânimo por fazer aquilo. Mas hoje, tinha sido pá-pá-pá, uma emergência depois da outra, e ela estava louca para voltar para casa.

Ingrid atravessou a rua, tomando a rota para o parque ao lado, e ergueu a gola do leve casaco de lã ao redor do pescoço. O ar estava frio e o vento soprava. Finalmente o outono havia chegado. Estava escuro, e o parque — repleto de pinheiros, bordos e carvalhos perenes, juntamente com bancos e postes espalhados ao longo das trilhas — estava cheio de sombras mutantes, muito provavelmente de galhos de árvores que se mexiam e intumesciam ao vento.

Era mais rápido cruzar pelo parque que circundá-lo, caminhar direto até a praia e pegar a esquerda na pequena trilha arenosa que levava à casa de Joanna. Ingrid sempre pegava esse caminho, mas por um instante hesitou.

Criticou-se por ser tão medrosa, só por estar mais escuro que de costume, e por pensar em ordenar a seu ente familiar, Oscar, para acompanhá-la de volta à casa. O grifo, provavelmente, já estava encolhido em um canto da casa, soltando aqueles pequenos arrulhos. Ela já tinha feito coisas muito mais assustadoras antes, comparadas a atravessar esse parque pequeno e seguro da cidade à noite.

Mesmo assim, Ingrid ficou alerta enquanto entrava no parque, pegando o pequeno caminho de cimento. Acelerou à medida que as árvores se revolviam ao redor dela. Tudo estava tão pouco iluminado, e o barulho dos saltos de seus sapatos ecoava alto demais. Ouviu um gemido, o som de um rangido que a assustou, mas suspirou ao perceber que vinha de um parquinho de crianças adiante, mais provavelmente um balanço levado pelo vento.

Enquanto se aproximava da área de brinquedos — era difícil enxergar por causa do tapete de borracha preta que cobria o chão e o clarão repentino do poste —, Ingrid pensou vislumbrar algo. Várias formas infantis no trepa-trepa e nos balanços. Agora... aquilo era estranho — crianças brincando a essa hora. Os poucos pais que conheceu em North Hampton eram rígidos e adeptos de mandar os filhos bem cedo para a cama. Um vento soprou pelas árvores, e Ingrid ouviu sussurros, barulho de passos, ou talvez apenas estivesse imaginando coisas, confundindo o farfalhar das folhas de pinheiro com outro som qualquer. Provavelmente estava vendo e escutando coisas que não estavam lá.

Assim que saiu da área do poste, o *playground* estava deserto e os balanços oscilavam sozinhos. Soltou um suspiro de alívio cedo demais, no entanto. Estava tão preocupada com os sons de rangido que não viu a silhueta rugosa e em trapos se arrastando na sua direção, a cinquenta metros. A respiração parou em sua garganta, e ela imediatamente se lembrou de um burburinho no noticiário local avisando os residentes de North Hampton sobre um surto recente de assaltos. Não era de admirar que hesitasse ao tomar esse atalho: a informação havia escapado de sua mente, mas, inconscientemente, aquilo deveria estar martelando em sua cabeça. Ela poderia virar e disparar em um instante, mas com sua saia justa e saltos, não conseguiria exatamente correr. A figura terrível continuou a mancar na

direção dela, parando de vez em quando no limite oposto do caminho com um passo estranho e alternado.

Ingrid manteve a cabeça erguida e o ritmo regular, e não mudou o caminho. De certa forma, era teimosia de sua parte. Por que se viraria? Já havia andado até lá e estava quase no meio do parque. Não carregava muita coisa, talvez vinte e seis dólares e trocados, e os entregaria com alegria para o ladrão deixá-la prosseguir feliz em seu caminho. Provavelmente, era apenas um pobre sem-teto procurando lugar para dormir.

Quando ela e o estranho se aproximaram, pôde vê-lo melhor sob a luz tênue: a cabeça estranhamente pequena naquele corpo alto, quase dois metros e dez de altura, o rosto cinzento, um andar curvado ou uma leve corcunda, olhos brilhantes, pequenos, escuros e redondos, e um longo manto drapeado, rasgado e desgastado.

A alguns centímetros dele, Ingrid estava próxima o suficiente para harmonizar seus sentidos, fazer uma varredura rápida através da camada inferior para escanear a pulsação de sua linha da vida.

No entanto, não havia nada; Ingrid franziu a testa.

Quando se cruzaram, o estranho de repente pulou para o lado, precipitando-se sobre ela, agarrando-a e tapando-lhe a boca com a mão. Ingrid gritou, ou pelo menos tentou, mas havia algo na boca dela agora — um lenço mergulhado em clorofórmio — profundo e nauseante; ela ficou tonta de imediato. Sentiu uma comoção perturbadora ao redor dela, mas não conseguiu abrir os olhos para ver o que era: as pessoas se mexendo desta forma ou daquela, falando em sussurros apressados em um idioma que ela não reconheceu. Tentou chutar, lutar com os braços, mas seu corpo não respondia aos comandos do cérebro. Não se lembrava de um encanto para desfazer o torpor, nenhuma palavra vinha à mente.

— Você está certo. É Erda! — Disse uma voz imperativa. Havia algo de relaxante em ouvir seu nome antigo. Ou a voz teria falado Ingrid? Ela não sabia mais distinguir e desistiu, porque agora estava cansada demais enquanto era puxada do caminho e arrastada sobre agulhas de pinheiro e pedras.

capítulo três

Two princes



Joanna estava em pé diante da pia, tirando a terra das raízes que tinha desenterrado da horta: cenouras, beterrabas, pastinacas e rutabagas[3], gordas e suculentas, incrustadas com torrões de terra escura. Tinha assado duas tortas de ruibarbo, que agora esfriavam sobre o antigo fogão Aga — uma para a sua família e outra para a de Gracella. Pensou se Tyler apreciaria a doçura ácida do ruibarbo e esperava que sim. As garotas provavelmente reclamariam alto enquanto comiam um ou dois pedaços. “Mãe, torta de novo!”, Freya diria enquanto Ingrid sacudiria a cabeça.

Onde elas estavam, afinal?

Freya costumava voltar para casa para tomar um banho quente de espuma, ou fazer uma pequena sacola de viagem a cada dois dias ou mais para passar as noites com Killian no *Dragon*, mas Joanna não a via desde... — foram quatro dias? O mar esteve agitado ultimamente, e Joanna não conseguia imaginar dormir em um barco soçobrando, balançando daquele jeito. Deveria ter mencionado a Freya que Killian e ela poderiam se alojar em alguns dos vários quartos de Fair Haven se fossem passar tantas noites juntos. Mas talvez a casa principal abrigasse muitas más lembranças.

Ingrid estava chegando tarde em casa de novo. Joanna lembrou que, na outra semana, sua primogênita lhe contara sobre um projeto que a deixara animada, e não havia como dizer o quanto se atrasaria na biblioteca se estivesse imersa nele.

Por que estava preocupada? Suas garotas sempre tomavam conta delas mesmas, havia séculos. E só porque esta casa tinha se tornado seu novo *pied-à-terre* ultimamente não significava que ela deveria começar a se preocupar com elas como se fossem bebês. Joanna terminou de esfregar a sujeira dos legumes e estava a ponto de lavar as mãos quando percebeu uma nova irregularidade na cozinha. A pequena saboneteira preta florida chinesa à direita da pia havia sumido.

O dia todo havia sido assim. Encontrou panelas da cozinha sobre a banheira, xícaras e canecas de café dentro do forno, sua escova de cabelos no *freezer*, e agora ia fazer uma caçada à saboneteira chinesa. Pequenos objetos sumiram: uma pinça da pia do banheiro, junto com uma tesourinha, e, mais tarde, seu *kit* de costura. Será que Gracella estava aplicando — para usar uma das expressões de Freya — novas técnicas de limpeza? Ela teria perdido esses objetos? Mas isso não seria típico de Gracella, uma pessoa constante, observadora e atenta até demais (no banheiro, ela alinhava os batons de Joanna com as etiquetas de cores para cima, da cor mais escura à mais clara).

Será que uma das garotas estaria pregando uma peça nela? Mas por quê? A lógica dizia que não poderia ser Freya, que parecia estar distraída ultimamente e esteve ausente por vários dias. Freya sempre insistia em deixar Joanna ciente de que estava em casa, cantando alto assim que passava pela porta, depois cumprimentando a mãe com um abraço e um beijo. Ingrid não era exatamente do tipo de pregar peças. Se Ingrid estivesse com birra de Joanna por qualquer motivo, não se empenharia em esconder seus objetos.

— Ahá! — Joanna falou alto enquanto afastava uma cadeira da mesa depois de tentar a cesta de pão e vários outros recantos improváveis da cozinha em que pôde pensar. A antiga saboneteira, comprada séculos atrás

em um mercado em Hong Kong, e que ela havia conseguido não quebrar em todos esses anos, jazia bem no meio do assento de uma cadeira. Estava limpa e continha um sabonete novinho. Mistério. Talvez Gracella tivesse esquecido, ou estivesse em um dia mais distraído. Isso acontecia com todos, de tempos em tempos, mesmo com as melhores arrumadeiras.

Joanna lavou as mãos, contente que tudo (ou assim parecia até o momento) fora colocado de volta ao local correto. Tirou a antiga varinha de condão de seu coque, para que então seus longos cabelos prateados caíssem sobre os ombros. Precisava de uma ducha.

Enquanto caminhava até a sala de estar para se dirigir ao andar de cima, a luz piscante da secretária eletrônica chamou a sua atenção, e ela parou. O botão vermelho piscou duas vezes para ela, depois fez uma pausa e piscou novamente. *Ah, pensou, não são tão desligadas quanto pensei e finalmente estão aprendendo que uma mãe se preocupa mesmo quando as filhas são imortais.*

Caminhou até o aparelho e agitou a varinha sobre ele. Ela poderia, é claro, apertar o botão, as duas ações requeriam um pequeno gesto, mas, de alguma forma, isso parecia mais simples. E Gracella havia tomado tanto cuidado para limpar o aparelho de época! Joanna a vira esfregando álcool nele, além de usar até cotonetes.

“*Hã... é o Norman. Hã... o seu marido?*”, começou a mensagem.

Ah! Ela foi pega de surpresa. Cruzou os braços no peito e esperou que Norman continuasse. Por que ele tinha que se anunciar daquela forma? Eles se conheciam havia milênios, e certamente ela não tinha se esquecido da voz dele. O que era aquela palavra desgastada *marido* com o ponto de interrogação no fim? Bem, teve de admitir que ela mesma não sabia qual era a situação dos dois. Estavam afastados por tanto tempo, deviam se considerar divorciados?

”Eu estava pensando... *como vou dizer isso?* Talvez este não seja o lugar certo para dizer, Jo... Provavelmente eu devesse conversar com você diretamente...”

Joanna agitou a mão para o equipamento como se insistindo para ele acelerar.

“Sim, eu sei, você está ficando impaciente comigo, então, vou seguir em frente...”

Joanna bufou. Ela não conseguia evitar um pouco de animação ao ouvir a voz suave e grave de Norman, que sugeria um cansaço de-quem-ficou-com-o-nariz-enfiado-num-livro-o-dia-todo. Também havia o prazer da profunda familiaridade em seu tom, como ouvir um amigo que antecipa seus pensamentos.

Norman prosseguiu: “Desde aquele pequeno revertério com Ingrid — o evento para levantar fundos da biblioteca — bem, desde antes daquilo, pensei... talvez a gente pudesse conversar um pouco?”. As últimas palavras saíram apressadas: “Eu realmente gostaria disso, Jo. Ligue para mim! Fiquei pensando se não seria realmente maravilhoso se...”, e no momento em que Norman estava se entusiasmando, o equipamento soltou um longo bipe, cortando a ligação. Isso a fez lembrar o *Gong Show* da década de 1970, e ela riu alto.

“Oi, aqui é Harold Atkins ligando para Joanna Beauchamp”, sibilou outra voz masculina, mais confiante e direta. “Gostaria de continuar nossa pequena conversa sobre levá-la para jantar. Ouvi falar de um lugar novo à beira-mar. Você gostaria de experimentar? A propósito, como está aquele seu corvo? Espero encontrá-la em breve. Amanhã na pré-escola? Você vai pegar o Tyler?”

Harold Atkins, um senhor viúvo impetuoso, mudou-se para North Hampton recentemente. Sua filha e seu genro, ambos médicos no hospital

local, trabalhavam longas horas em turnos. Harold propôs que em vez de Clay crescer com uma série de babás que iam e vinham, seria melhor que tivesse o próprio avô executando o trabalho. Estava aposentado da prática veterinária em Nova York, e nada o mantinha mais lá. A esposa morreu de câncer no ovário três anos antes, e a cidade estava repleta de lembranças dolorosas da mulher que ele amou de paixão. Então, Harold vendeu seu sofisticado apartamento em Manhattan por uma bela quantia para comprar uma casa na praia em North Hampton e ser avô.

Joanna não achou o recado de Harold invasivo; era lisonjeiro que ele estivesse tão interessado nela entre todas as vovós sensuais da pré-escola. Como Freya as chamava? Não eram tigresas e sim *pumas*: senhoras magras, com cabelos prateados brilhantes, com um *trabalho sutil de botox* (testas sem expressão), unhas feitas semanalmente e visitas mensais ao salão de beleza, que se insinuavam ansiosas para ele ou lhe lançavam olhares devassos de esguelha. Harold era um setentão muito jovial, com aparência bem urbana, e não fazia mal que também fosse rico.

Ela e Harold tornaram-se amigos desde o início de setembro quando as aulas começaram, e ele sempre parecia especialmente satisfeito em ver Joanna. Ela *havia reparado* que seus jeans estavam mais largos ultimamente, talvez por ter perdido alguns quilinhos, e isso não parecia nada mal. Ela e Harold trocaram o número de telefone para combinar dias de brincadeira com Tyler e Clay, que eram amiguinhos.

It's raining men, está chovendo homens, pensou com um repentino acesso de angústia. Que gozado se ver objeto de dois pretendentes. Norman queria conversar. O que seria assim tão magnífico, pensou. Era difícil imaginar o velho e monótono Norman animado com alguma coisa. Ele era tão envolvido na vida acadêmica, tão satisfeito com a rotina na torre de marfim — embora sua minúscula cela monástica tivesse provocado um pouco de

tristeza nela. Agora, aqui estava Harold Atkins pedindo para sair com ela. A verdade é que Joanna tinha ficado confortável com a solteirice; curtia estar sozinha. Além disso, ela tinha Tyler, que ocupava a maioria de seus pensamentos, embora talvez fosse um modo de atenuar a saudade que sentia de seu filho. Joanna apagou as duas mensagens e não respondeu a nenhuma.

Era tão opressivo, mas finalmente conseguiu admitir que conversar com os dois homens não era o que a afligia. Algo não estava bem e estava relacionado com as garotas, Freya em especial. Freya escondia algo. Joanna não conseguia detectar exatamente como sabia disso, mas acreditava em seus instintos de mãe de que algo estava errado.

capítulo quatro

Girls, girls, girls



Havia alguém se esgueirando ao redor do *Dragon*, e, mesmo adormecida, Freya ouviu rangidos no piso da cabine de tripulantes, depois no salão e na cozinha do barco. Não era Killian. Ele estava ao seu lado, com o braço enlaçando sua cintura. Ela precisava se levantar, mas não conseguia superar os níveis de sono até a superfície. Então houve um barulho novamente. Desta vez, eram passos na escadinha de acesso à cabine. Ela se forçou a abrir os olhos e a manter os ouvidos bem atentos, mas não havia nada ali. A noite ainda estava calma e o único som era a respiração suave de Killian.

O brilho das luzes na doca cintilava através das vigias da cabine. Não havia ninguém no aposento, exceto os dois. Freya se desemaranhou vagarosamente da coberta e dos lençóis e se vestiu silenciosa e rapidamente, tomando cuidado para não despertar Killian. Logo estava passando pela passarela, onde apenas o *Dragon* estava atracado. Não havia ninguém por perto, mas ela calculou que quem quer que fosse, havia tomado muito cuidado para não ser pego.

Decidida a não voltar a dormir, caminhou enfrentando um vento forte pela trilha que atravessava a praia escurecida até chegar ao carro. Em vez de virar à direita na direção da casa de Joanna, apontou o Mini Cooper no sentido oposto, a oeste, tomando a estrada estreita de areia, ladeada pelos juncos da costa. Não mais que quinze minutos depois, Freya chegou a um motel arruinado de dois andares na periferia da cidade, metade do qual

parecia afundado na areia, perigosamente inclinado para o lado. O sinal de neon dizia *UCKY STAR*, o *L* permanentemente apagado. A fachada rosa-vômito e verde-menta, assim como o corrimão branco que levava ao andar superior, erodiu no ar salgado. Apesar da aparência do motel, havia doze carros estacionados na frente, então Freya, prevenida, preferiu parar nas sombras, para evitar que alguém conhecido detectasse seu Mini Cooper.

Saiu e caminhou até o estacionamento diante do motel. Estava tão silencioso nessa época do ano, sem o constante canto das cigarras e insetos cricrilando no capim; apenas o som do vento sussurrava pelos juncos, e as ondas batiam antes de se recolherem novamente.

Assim que Freya entrou na área dos carros, ouviu o barulho de saltos clicando na entrada superior do motel. A estranha, uma mulher alta, oscilou para frente perdendo o equilíbrio, depois pareceu sentir a presença de Freya, pois se inclinou no corrimão e espiou o estacionamento. As roupas estavam amarrotadas, e mechas dispersas dos cabelos loiros-claros se soltavam do coque. Freya se escondeu, agachando-se atrás de um carro, mas bastou um olhar para saber que tinha avistado Ingrid, parecendo surpreendentemente desmazelada. *Que diabos ela está fazendo aqui?*

Talvez Ingrid e aquele investigador tivessem resolvido finalmente assumir o romance? Freya sorriu para si mesma. Sendo especialista em questões amorosas, especialmente quando se tratava de interesses românticos alheios, Freya não ficou indiferente ao fogo que Ingrid sentia por um determinado Matt Noble. Neste caso, não tinham sido imagens em sua cabeça, mas aquele pequeno beijo doce que ela havia testemunhado, trocado na festa anual de levantamento de fundos da biblioteca, havia confirmado tudo. No entanto, quando ela perguntou a respeito disso a Ingrid, a irmã deu de ombros dizendo, “Ah, Matt, ele é só um amigo!”. Mesmo assim, Freya viu o rubor se espalhar no rosto da irmã e decidiu que

no momento a deixaria em paz e respeitaria sua privacidade. Era estranho pensar que Ingrid e Matt se encontrassem em um hotel tão decadente. Talvez fosse uma cortição dos dois. Ah, todos têm seus pequenos segredos.

Freya ouviu uma das portas se abrir e depois fechar, e quando se ergueu atrás do carro, Ingrid havia desaparecido. Freya correu pelo estacionamento até uma entrada no andar inferior, onde o motel tinha o piso mais afundado e os quartos eram mais baratos. Ela bateu na porta, usando a batida secreta.

— Você atende, amor? — Freya ouviu por trás da parede fina como papel entre sons de batidas de espada, grunhidos abafados e golpes vindos da televisão.

Uma jovem de rabo de cavalo, com a juba castanha-dourada batendo nos ombros, escancarou a porta. Usava uma camiseta confortável que gritava *WRONG ISLAND UNIVERSITY*, uma saia tão grande quanto um lenço, meia-calça e botas de salto alto até quase os joelhos.

— O que você quer? — ela perguntou, lançando um olhar de “quem é você?”.

Freya a encarou com o mesmo desdém. — *Hã...* estou aqui para ver meu irmão.

— Deixe-a entrar — gritou Freddie lá de dentro.

A universitária escancarou a porta, e Freya passou. Parou subitamente, absorvendo a visão: tudo no quarto — o piso, as camas, a escrivaninha com restos de embalagens de comida de lanchonete, a televisão, a poltrona onde Freddie estava sentado brandindo um controle de Wii em um videogame na tela da TV — inclinava-se ligeiramente para a direita. Havia uma pilha de roupas dobradas cuidadosamente em uma das camas de solteiro enquanto a outra estava desfeita, cobertas e lençóis esparramados no chão. Freddie, de camiseta e *short*, estava sentado com uma perna muito comprida e musculosa balançando na lateral da poltrona e o outro pé, como naquela

antiga escultura romana, descansando no piso entre outras embalagens descartadas de comida. Seus lábios abriram em um enorme sorriso quando se virou para Freya. Um javali anão, o ente familiar de Freddie, saiu sob as cobertas no chão, gingando para caçar em meio às embalagens, como se tivesse sido tomado por uma súbita vontade de procurar trufas.

— Buster! — Freya disse ao filhote.

— Uma *gracinha*! — disse *Wrong Island University*.

— Buster ou Freddie? — perguntou Freya, curiosa.

A garota inclinou a cabeça para o lado de modo que o rabo de cavalo se agitou — Bem, os dois, na verdade.

— Droga! — Freya praguejou, zangada por seu gêmeo continuar a jogar o videogame mesmo sabendo que ela odiava aquilo — toda aquela violência. Depois de ela ter se recusado a continuar com as fantasias dele de vingança contra Killian, Freddie se tornou uma lesma. Engraçado aquilo: ele vivia com um javali e havia se tornado uma lesma. Mas, pelo menos, havia lavado a roupa; era um começo.

— Amor — falou a garota —, lavei toda a sua roupa, agora tudo o que você precisa fazer é guardá-la. Eu já precisaria estar de volta ao alojamento. É tarde. Você acha que vai precisar de mais alguma coisa?

Freya achou graça dos recursos de seu gêmeo. De alguma forma, conseguiu garantir sua própria assistente pessoal, apesar de estar enfiado naquele buraco em seu exílio autoimposto.

— Estou ótimo — respondeu Freddie, balançando a perna no sofá, levantando-se para esfregar a barriga lisa.

Enquanto Freya observava com surpresa a cena, a universitária deu um selinho nos lábios dele, depois o encarou por um momento.

— Você é um deus, Freddie.

— Se ao menos você soubesse — retrucou ele, erguendo uma sobrancelha enquanto a conduzia até a porta.

— Tudo bem, tchau... hã, irmã do Freddie, seja qual for o seu nome!

Depois que a universitária saiu, Freddie trancou a porta. Ele se virou na direção de Freya, com os braços abertos para um abraço. Ela, relutante, retribuiu o afeto, embora sentisse um vestígio de culpa. Bateu nas costas dele e foi até uma das camas de solteiro para se sentar. Ele voltou à poltrona do outro lado.

— Converse comigo! — Freddie disse, batendo palmas. — Como vão as coisas?

Freya não conseguiu deixar de sorrir ao seu gêmeo de olhos sonolentos, lembrando-se do menininho que ele havia sido, e que agora fazia um esforço valente para ficar sentado prestando atenção. Sentia saudade daquele tipo de proximidade com ele, a intimidade de gêmeos que compartilhavam sua própria linguagem secreta, como já havia acontecido no passado. Mas se manteve alerta. Não seria uma trégua, não ainda, não até Freddie tirar essas ideias estúpidas sobre Killian da cabeça.

— Preciso dizer, irmão — observou ela. — Universitárias fazendo suas tarefas, trazendo comida? O que é isso, um harém?

— Seja o que for — respondeu Freddie erguendo os ombros. — Elas gostam de fazer as coisas por mim.

— Tenho certeza de que sim — zombou ela.

— Então, por que está aqui tão tarde? Encontrou aquilo?

Freya negou com a cabeça e não respondeu. — Isso tudo é pouco saudável, sabe, os videogames, a preguiça, essa fixação por Killian, que o deixou *totalmente* fora de controle. Por que você não me deixa apenas levá-lo para casa. Tudo isso pode terminar aqui, agora, mas você tem que parar com essas acusações malucas, sem fundamento.

— Não são sem fundamento! — Freddie insistiu. — Quantas vezes preciso repetir isso para você? Eu lembro com *muita* clareza.

Freya ergueu a mão.

— Por favor, pare! Eu me lembro do que disse.

— E então, você procurou por aquilo, por acaso? — perguntou ele.

Freya o encarou sem dizer palavra. Buster cheirou sua panturrilha, e Freddie deu um pequeno beliscão no javali, que fez o gordinho rolar de barriga para cima. Freddie tirou os cabelos dos olhos e encarou Freya. Ele era teimoso, e também lindo: querido Freddie, que sempre foi um amor. Freya entendia exatamente por que uma garota lavaria a roupa por ele, e depois a colocaria como uma oferenda a seus pés. Os traços de Freddie eram um contraste chocante entre o delicado e o ousado: pele dourada macia, olhos enormes verdes como os dela, a doce covinha em seu queixo forte. Com aquela cabeleira clara, ele exalava um tipo celestial de esplendor. Era um puro raio de sol, vibrando para ela na sordidez desse motel decadente.

— Então? — perguntou ele, a questão ainda pendente entre eles. Ela suspirou impacientemente.

— Freddie, procurei por toda parte! Cada cantinho e fresta daquele barco! Depois, chequei de novo. Não achei nada. *Nada*, Freddie! — Ela ficou zangada por ter cedido. Estava relutante em deixar Freddie saber que obedeceu ao seu pedido, pois isso significava que não confiava totalmente em Killian; era um reconhecimento de que ele talvez pudesse ser culpado. — Você ficou aqui a noite toda? — ela perguntou, pensando nos barulhos que ouvira antes no barco.

— Bem aqui.

A descarga no banheiro foi acionada e Freya acenou para a porta fechada.

— Quem mais está aqui?

Freddie hesitou.

— Ah, eu me esqueci do nome dela — murmurou, quando uma moça de pernas longas, enrolada em uma toalha, talvez outra universitária, provavelmente a nova fraqueza de Freddie, emergiu do banheiro.

— Oh, oi! — disse a Freya. Freddie sorriu para ela.

— Ei... — disse ele.

— Ei, você — retrucou a garota. É claro que ela ouviu a confissão dele sobre ter esquecido quem ela era.

— Você está ocupado — falou Freya. — Preciso ir embora. — Ela revirou os olhos para seu gêmeo incorrigível. Parece que mesmo entocado naquele motel, ele tinha conseguido encontrar várias jovens — e ela que estivera preocupada que ele pudesse estar sozinho.

— Freya, se você não agir, eu vou. — advertiu Freddie, conduzindo-a até a porta. — Há todos os tipos de esconderijos, sabe, portas dentro de portas. Tem de estar lá. Ele mantém aquilo perto dele. Você não procurou bem.

— Ele não pegou. *Sei* que não. — Freya se virou para ele, com os braços cruzados.

— O que você perdeu? — perguntou a garota, confusa. Agora ela estava com um sutiã rendado e o short de Freddie.

— Um de seus videogames. Ele acha que meu namorado pegou — respondeu Freya, revirando os olhos. — Tchau, Freddie — disse ela, depois sumiu na noite.

capítulo cinco

Here comes your man



Ingrid recorreu à parte de trás de um compartimento no *North Inn* para esperar Matt Noble, escondida a salvo em uma das banquetas de espaldar alto. Embora quisesse ir a algum lugar em que se sentisse confortável, não queria encontrar Freya bem agora. A irmã a provocaria sem clemência sobre o investigador, e Ingrid queria evitar isso ao máximo.

Era difícil imaginar que alguém que viveu tanto tempo tivesse tão pouca experiência amorosa, mas Ingrid sempre preferiu ler sobre o amor a se envolver em dramas confusos. As histórias de amor nunca acabavam bem. Veja *Tess of the d'Urbevilles*, *Anna Karenina*, *Lily Bart*, *Lady Chatterley*, *Emma Bovary*; a lista trágica de heroínas não acabava nunca. O amor era território assustador, do qual Ingrid sempre se desviou. Agora, entre todas as coisas, ela acabou de se apaixonar por um mortal e entendeu subitamente como era possível sentir-se inexoravelmente atraída por uma pessoa, por mais que as circunstâncias fossem erradas ou destinadas ao pior.

Ela bebericou a água, ergueu o olhar e viu Freya diante dela, com uma mão no quadril e um sorriso presunçoso.

— Ah... oi... — Ingrid a cumprimentou.

— Você vai encontrá-lo aqui, não é? — Perguntou a irmã. — Legal você aparecer e me dizer oi.

— Eu ia, mas...

— Só estou provocando, Ingrid. Gosto do cara mesmo que ele nos tenha prendido por um dia. — Freya riu.

— Estou nervosa. É nosso primeiro encontro — confidenciou Ingrid.

— Não precisa ficar nervosa... espere, você disse que este é o seu *primeiro* encontro? — Freya inquiriu.

Mas Ingrid não teve tempo para explicar, pois Freya foi chamada do outro lado do bar. Ingrid suspirou. Claro que a irmã não ia entender. Freya sempre chamava Ingrid de tartaruga, especialmente em relação a homens.

Já se passara mais de um mês desde o primeiro beijo de arrepiar a espinha entre Ingrid e Matt no Dia do Trabalho. Desde então, uma investigação o tirou da cidade por algumas semanas, e sempre que tentavam ficar juntos acontecia alguma coisa, como a conferência da biblioteca a que Ingrid precisou assistir em outra cidade, ou algum outro compromisso de trabalho para Matt. Finalmente, concordaram em tomar algo no *North Inn*, e depois jantar naquele novo restaurante francês na praia. Ingrid imaginava se Matt ainda sentia o mesmo em relação a ela — temia e aguardava o momento de vislumbrar seu rosto bonito com sardas no bar. Sempre que entrava algum cliente, ela se mexia, olhando para a porta, o espírito se animando e depois caindo no desapontamento quando era outra pessoa. Matt costumava ser pontual — pelo menos quando saía com a ex-funcionária Caitlin. Ingrid tentava não se sentir tão mal-humorada.

Ela girou o canudinho em seu drinque. O gelo já havia quase derretido, e seus nervos estavam muito tensos até para dar um gole. Já passavam oito minutos do horário combinado. Ela mexeu no decote U do vestidinho comprado na cidade durante a conferência da biblioteca.

— Não se preocupe. Você não parece vulgar, irmã. Esse é o meu departamento — falou Freya, voltando com uma taça de champanhe e colocando-a sobre a mesa.

— Não é uma de suas poções, é? — Ingrid olhou com dúvida para a *flûte* de champanhe, com correntes de bolhas peroladas flutuando na superfície.

— Huumm, você já tem bastante magia, não precisa da minha. É champanhe com um toque de cassis, um *Kir Royal*. Posso sentir sua ansiedade do outro lado do bar, e você está me deixando nervosa. Relaxe, você está linda.

Era verdade. De cabelos soltos, um vestido preto justo que mostrava um pouco do início dos seios, uma fita vermelha estreita ao redor da cintura pequena, Ingrid estava deslumbrante, com os braços e o rosto viçosos, um rubor nas maçãs do rosto. Ela seguiu as ordens, e com coragem virou todo o *Kir Royal*.

— Não estou exagerada, estou?

— Não, de jeito algum! Você parece elegante, mas não exagerada — respondeu Freya, lançando um sorriso para acalmar a irmã. — Desculpe sobre antes. É que eu só pensei que...

Mas Matt estava em pé ao lado de Freya, o que a fez mudar de assunto imediatamente.

— Ah, aqui está ele, o salvador da família Beauchamp! — Brincou ela, com carinho, pois fora Matt quem havia pressionado os colegas a desistir da investigação. Embora ele tivesse levado as três para o interrogatório originalmente, foi o investigador que resolveu os casos de assassinato que livraram as irmãs e a mãe de qualquer penalidade. — O que posso trazer para vocês? Por conta da casa.

Matt agitou o dedo para Freya e curvou o pescoço para dar uma olhada em Ingrid. Freya se inclinou e tirou a taça de champanhe vazia diante de Ingrid. Em um instante, a mesa estava com uma garrafa borbulhante dentro de um balde de gelo e duas taças de champanhe cheias.

Ingrid levantou-se para cumprimentar Matt. Ficaram um pouco distantes, olhando-se timidamente, com sorrisos animados, que nem sequer repararam na rapidez com que as bebidas chegaram.

— Oi — disse Matt.

— Oi — respondeu Ingrid. Ela concluiu que ele fora para casa tomar um banho e se trocar. Os cabelos ainda estavam um pouco úmidos, e ele estava barbeado, elegante com um terno escuro, uma camisa verde vivo e uma gravata azul. Ela gostava dele em roupas normais e admirou os ombros fortes dentro do terno.

Matt se moveu na direção dela, colocando a mão em sua cintura. Foi tão natural, sem nenhum gesto desajeitado entre os rostos, somente aquela facilidade que ela sentiu quando ficaram diante um do outro na última vez — e, então, o solavanco que aconteceu direto no coração dela quando ele a tocou.

— Você está fantástica — disse ele. — Mal podia esperar para enfim vê-la de novo.

— Você também. Quero dizer, eu também. Você está fantástico, e eu estava ansiosa para vê-lo, Matt. — Ingrid corou, constrangida por ser tão falante.

Por um momento, Matt pareceu em dúvida se deveria se sentar ao lado ou diante dela, e finalmente se decidiu pelo último. Eles se acomodaram. Ingrid encarou seus olhos azuis-claros.

— Então, aquele autor de *Os elefantes da filha do sapateiro* lançou livro novo. Devo deixar reservado para você? — Ingrid perguntou. Ele pareceu surpreso por um momento, mas depois viu que ela estava provocando e os dois riram juntos. Ela tomou um gole de seu drinque, e quando colocou a mão sobre a mesa, Matt a olhou como se estivesse considerando se devia tocá-la ou não. Ela desejou que ele o fizesse. — Lamento muito por ter feito você ler todos aqueles livros maçantes. Vou compensá-lo por isso. Tenho vários que eu acho que você irá gostar — prosseguiu ela.

— Ah, eu teria continuado a lê-los só porque você os recomendou.

— SÉrio?

— Sim. — Ele sorriu. — Estou contente que, finalmente, tenhamos conseguido nos encontrar. É bastante óbvio que... hã... quero dizer, neste ponto, eu diria que é um fato inquestionável que... — Ele balançou a cabeça. — Enfim, quero me desculpar. Deixar tudo às claras. Foi muito leviano eu ter saído com Caitlin quando não estava interessado nela... e não quero que você pense que sou esse tipo de cara... porque não sou. — Ele olhou para baixo, balançando a cabeça.

— Você não precisa explicar nada. Eu entendo. Também fui muito má com você, e sinto muito.

— Não, não foi não. — Ele ergueu o olhar para ela.

— O quê? — Ingrid perguntou quando ele não falou nada por um bom tempo. Ele sorriu.

— Você é tão adorável, Ingrid. Posso pedir uma coisa?

— Claro, qualquer coisa — respondeu ela, sentindo-se ruborizar. Quantas taças de champanhe ela havia tomado? Duas?

— Eu realmente gostaria de beijá-la agora. Posso?

Como ele era formal. Ela gostou daquilo. Havia pequenas gotas de suor na testa dele. Estava nervoso, provavelmente tão nervoso quanto ela. Esse homem corajoso estava nervoso para beijá-la. Ingrid sentiu-se ainda mais encantada por ele.

— Aqui? — perguntou, olhando em volta.

Nesse momento, Matt decidiu deixar a timidez para trás e não esperou por uma resposta, já se inclinando sobre a mesa na direção de Ingrid. Ela também se curvou para encontrá-lo. Ele tocou o queixo dela com as mãos, puxando gentilmente seu rosto na direção do dele, e Ingrid fechou os olhos, tendo a mesma sensação trêmula da outra vez, mesmo com a mesa entre eles. Foi ainda mais doce do que ela se lembrava, uma maciez calorosa e

terna de tudo. Quando se separaram, Ingrid se sentou, um pouco tonta com a experiência. Ela sempre pensou que os beijos vinham no fim do encontro e não no início. Matt suspirou. — Eu precisava tirar isso da cabeça. Não conseguia esquecer o primeiro beijo. — Desta vez, quando ele viu que a mão de Ingrid estava sobre a mesa, Matt a pegou e a apertou contra a dele.

Ingrid queria dizer, *nem eu*, mas estava sem fôlego, e também pensou que poderia precisar de... quê? Desacelerar as coisas, talvez? Não tinha ideia de como prosseguir.

— Sabe, fui atacada outro dia — começou ela, não muito certa do motivo de mencionar isso agora. Esse assunto pegou Matt de surpresa.

— O quê? — Sua expressão mudou, e Ingrid viu uma faísca repentina de raiva nos olhos dele, mas quando ele viu a aflição dela, o rosto se abrandou. — Ouvi direito? Você foi atacada? Quando? Você está bem?

Ingrid puxou sua mão debaixo da dele e tomou um gole nervoso do drinque.

— Desculpe, só que acabei de me lembrar disso agora. Não foi nada, apenas um sem-teto inofensivo — mentiu ela.

— O que aconteceu?

— Estava caminhando pelo parque à noite, pegando meu atalho do trabalho para casa...

— Você estava caminhando pelo parque sozinha à noite? Que horas eram?

— Não sei. Depois da meia-noite?

— Ingrid! — Aqui Matt fez uma coisa bem estranha: pegou uma caderneta pequena retangular de couro e passou a escrever. — prossiga — disse ele, erguendo o olhar para ela.

Ela começou a história, decidindo ficar tão perto da realidade quanto pudesse. — Na verdade, foi um bando de garotos sem-teto. No começo pensei que eles pretendiam me machucar, pois eu não conseguia falar a

língua deles, mas tudo acabou bem. Estou bem! — Ela se estressou. Foi assustador depois, quando ela acordou no quarto daquele motel sombrio, mas ela não queria lhe contar sobre isso.

— Espere um pouco. Além do fato de que não deveria andar sozinha no parque naquela hora, primeiro você me diz que era um sem-teto inofensivo e agora diz que era um bando de garotos estrangeiros de passagem. Garotos em bando podem ser perigosos, sabe?

— Não eram perigosos. Juro. Esqueça o que disse — retrucou ela.

— Ingrid, olhe para mim.

Ela o encarou.

— Isso é sério. Houve uma série de roubos na cidade e estamos convencidos de que é um grupo de fora que se parece muito com esses garotos que você está descrevendo.

— Você está parecendo um policial — observou Ingrid.

— Eu *sou* um policial.

Não havia realmente um meio de explicar aquilo de forma apropriada, então ela recuou. — Eram apenas crianças desesperadas, novas na área. Não são daqui, Matt, e não conhecem nossa cultura nem como as coisas funcionam — Isso era *quase* uma verdade.

Ela estava sendo honesta. Quem a atacou não era um sem-teto, mas um grupo de pixies. Se o estranho no parque pareceu alto e forte no primeiro momento foi porque os cinco pixies haviam escalado o ombro um do outro e estavam cobertos com um casaco comprido e largo — por isso, os passos bizarros. Mas os pixies eram sem-teto, até porque não pertenciam a este mundo. Em certo sentido, eram estrangeiros, refugiados. Não tinham permissão de usar dinheiro, somente fazer permutas, e, em determinado momento, resolveram roubar. Os pixies a raptaram — tinham-na roubado do parque — já que era assim que operavam. Mas tudo foi muito

inofensivo. Magia pixie, embora poderosa, podia ser contida, e eles a tinham contatado, pois precisavam de ajuda. Mesmo assim, ela não podia dizer exatamente a Matt que eram criaturas mágicas que haviam ficado presas na Terra do Meio e estavam buscando sua ajuda para encontrar o caminho de casa. Ingrid não tinha certeza de quanto Matt acreditava em sua magia. Ele ainda parecia um pouco cético, ao contrário da maioria do povo da cidade, que facilmente se acostumou com os pequenos encantamentos que agora impregnavam o cotidiano de North Hampton. Esperava que fosse apenas sua natureza cautelosa, e não um sinal de mente estreita.

— Eles não tinham intenção de provocar nenhum mal. Por favor, vamos esquecer tudo isso — insistiu ela. Ingrid descobriu que não se importava muito com o tom de Matt, embora ele a fizesse se sentir em uma sala de interrogatório.

— Bem, você vai ter que me contar onde eles estão para que eu possa investigar — Matt insistiu, parecendo contrariado.

— Ah, não, eu os mandei embora. Eles prometeram não retornar ou incomodar ninguém em North Hampton novamente.

— Ótimo!

Ingrid não gostou do sarcasmo, e ela observou que Matt notou seu desprazer.

— Só estou preocupado com você... com sua segurança — respondeu ele.

— Sei que você faz coisas fantásticas, algumas pessoas até dizem ser *milagrosas*, coisas para as pessoas desta cidade, mas você precisa deixar questões policiais para a polícia.

— O que você quer dizer com “algumas pessoas dizem ser milagrosas”?

— Ingrid questionou, com os nervos à flor da pele.

— Vamos lá, você não quer que eu acredite...

— Em *magia*? — Adiantou-se ela.

— Sim. Quero dizer... essas coisas não existem.

— Não existem? — Ingrid falou rispidamente. — Você tem certeza disso?

— Ingrid... eu falei alguma coisa errada?

Ingrid balançou a cabeça. Paternalismo ela podia entender, mas descrédito completo? Ela ficou chocada. Se Matt não acreditava em magia, se ele não aceitava que ela era uma feiticeira, que tipo de futuro teriam juntos? Se ele não conseguia vê-la do jeito que era, de verdade, então não haveria esperança de romance nem de nenhum relacionamento. Ingrid não poderia mudar ou esconder quem ou o que era. Se ela aceitava amar um mortal, então ele teria de reconhecer que estava apaixonado por uma feiticeira.

— Investigador Noble, embora esteja grata por sua preocupação, tomei conta de mim mesma por anos, e venho fazendo um bom trabalho sozinha.

— Ela percebeu como soava fria, e instantaneamente se arrependeu. Apenas alguns instantes atrás, eles estavam se beijando sobre a mesa?

Agora estavam se encarando, e quando Ingrid finalmente rompeu o contato do olhar, ela pegou a bolsa e a remexeu, procurando a carteira.

— Deixe comigo — insistiu ele.

De qualquer forma, ela não achou a carteira. Ela cedeu educadamente. — Obrigada pelo drinque. Vejo você por aí. — Ela aguardava esse encontro havia semanas. Que horrível que tivesse que terminar dessa forma, com nada mais que um beijo amistoso no rosto, ou um aperto de mãos sem planos de se verem novamente. Matt se levantou.

— Ingrid, por favor. Vamos jantar juntos.

— Sabe de uma coisa? Não estou com fome.

— Pelo menos, deixe-me levá-la de carro até a sua casa... — Ele pareceu magoado.

— Não, prefiro andar. Falta muito para a meia-noite — disse ela. Ela lançou-se para fora do bar, feliz que Freya não a tivesse visto, porque não

teria que responder a muitas perguntas.

Ingrid saiu com pressa, furiosa com ela mesma. Não sabia o que havia acontecido ali, mas sentia ter destruído qualquer chance com Matt. E isso a preencheu com uma sensação aguda e insuportável de perda.

Quantos séculos ela teria de esperar pelo tipo de amor que pudesse acordar seu coração adormecido? Embora tivesse agido como um *policia*l condescendente, Matt havia acabado de mostrar o quanto se preocupava com ela. Mas isso não importava agora, porque ela tinha certeza de que depois desta noite, ele não ligaria mais. E isso era o que mais dilacerava seu coração: ela viveu por muito tempo e encontrou diversos homens, mas sabia que haveria apenas um Matthew Noble.

capítulo seis

All in my mind



Joanna não conseguiu acreditar. Ou Gracella havia enlouquecido ou então ela própria tinha perdido o juízo. Gilly observava, empoleirada em uma cadeira, enquanto sua dona se movimentava freneticamente pela sala, colocando as coisas em ordem novamente. Joanna entrou e viu que a mobília de seu escritório havia sido trocada de lugar: a escrivaninha não estava mais diante da vista para o Atlântico do modo como ela gostava, mas sim como se fosse uma espécie de pilhéria sob um quadro de uma paisagem do campo contra uma parede verde-caçador. A namoradeira agora ocupava o local onde estava a escrivaninha, como se dois amantes tivessem se sentado lá, observando o mar depois da súbita mudança de posição.

Após um longo dia, Joanna ansiava alguns dos prazeres noturnos: um pouco de leitura ou de costura antes de dormir. Ela só gostava de rearranjar a mobília se fosse sua ideia, e gostava da sala do modo como tinha deixado. Assim não daria certo.

Não era só isso. Os livros das prateleiras foram mexidos também, obviamente estavam fora da ordem alfabética, com *Feitiçaria e sua essência* colocado antes de *Abracadabra da magia verdadeira*, deixado lá no fim de todos. Procurou um livro raro e antigo em especial sobre encantamentos, que sempre conseguia achar rapidamente, pois estava envolto em um saco plástico Ziploc que preservava a capa puída de couro com as esmaecidas letras folheadas em ouro, a delicada lombada e as páginas amareladas.

Mas agora esse volume não estava em nenhum lugar. Teria de usar magia para achá-lo. Mantinha a vara mágica dentro de um compartimento na gaveta de sua escrivaninha quando não a usava, mas, ao abrir a fechadura, descobriu que ela havia desaparecido. Este golpe final foi o mais alarmante. Revirou o escritório inteiro em um esforço para encontrá-la.

— Onde está, Gilly? — Joanna perguntou ao seu ente familiar, mas o corvo apenas balançava a cabeça, bicava o peito, sem responder, o que também era preocupante.

— Desisto — anunciou Joanna. Precisava de uma pausa e saiu para a cozinha a fim de encontrar algum conforto depois do acúmulo de eventos frustrantes. Assou várias tortinhas para Tyler naquela manhã e aguardava ansiosamente para comer uma, especialmente porque havia pulado a sobremesa.

Ao pôr os pés na cozinha, Joanna sobressaltou-se. A visão era demais para ela suportar. Momentos antes, havia deixado a cozinha imaculada, mas agora estava um horror. Várias de suas belas tortinhas jaziam semimordidas entre farelos no balcão da cozinha, enquanto outra parte estava sobre a mesa ao lado de um copo de leite pela metade. Respirou fundo para se acalmar, e, enquanto fazia isso, Freya surgiu da despensa.

Sua filha mais nova vestia uma jaqueta de couro, protuberante, que tentava fechar com o zíper, mas uma barra de chocolate *Lindt* escorregou e caiu no chão, seguida por um saco de castanhas. O que era aquilo? Joanna olhou para a jaqueta. O que mais havia lá? Um pacote de macarrão? Biscoitos? As duas mulheres olharam os objetos no chão, e então se encararam.

— Oi, mãe — falou Freya, como se não houvesse nada de extraordinário em suas ações.

— Então você está por trás disso tudo — disse Joanna.

— Do quê?

— No mínimo da cozinha bagunçada e das minhas tortas mordidas.

Freya foi até a mesa e deixou os objetos de dentro da jaqueta caírem, depois começou a arrumá-los direitinho.

— Mãe, acabei de chegar, e eu estava intrigada com a bagunça. Pensei que você e Tyler tivessem feito uma festinha ou algo assim. Você nunca deixaria a cozinha deste jeito.

— Se não foi você quem fez a bagunça nem comeu as tortinhas, por que, posso perguntar, está roubando comida?

— Ah, são lanchinhos que vou levar ao *Dragon*. Sabe, está tarde e não achei nenhum mercado aberto, e não havia nada na despensa onde colocar essas coisas — disse Freya, tagarelando.

Joanna pegou uma sacola de compras embaixo da pia e começou a pôr a comida dentro. Sabia que a filha estava mentindo — provavelmente não sobre as tortas. Freya não gostava de coco e limão. Mas estava mentindo sobre a comida. Freya sempre falava rapidamente quando escondia algo, desde menininha, como na época em que disse a Joanna que o cabelo da colega estava roxo por ser gótica e não por tê-la enfeitado e roubado seu *crayon* roxo.

Ela sabia que não deveria enfatizar o feito de Freya — era a munição secreta da mãe —, mas extrair a verdade seria uma operação delicada.

— Por sinal, como estão você e Killian? Sinto falta daquele garoto carinhoso. Você deveria trazê-lo aqui com mais frequência — disse ela.

— Está tudo maravilhoso! — Freya respondeu com um tom alegre demais, que soava totalmente falso. — Você não deveria se preocupar tanto, mãe. E você parece... não sei... acho que *eu* preciso cuidar mais de *você*. — Freya caminhou, posicionando-se atrás de Joanna e começando a massagear os ombros dela.

A massagem foi calmante, e Joanna percebeu como estava tensa. Estava prestes a confidenciar a Freya os acontecimentos bizarros e frustrantes na casa, que a faziam pensar que estava ficando louca, quando a porta da frente se abriu e Ingrid entrou, tirando o casaco e parecendo extremamente aborrecida.

Ela parecia tão bonita com o vestido preto e somente um toque de vermelho, os cabelos loiros soltos sobre os ombros. *O que poderia estar errado?*, Joanna pensou. Ingrid colocou o casaco sobre o braço.

— Oi, vocês duas — disse, forçando um sorriso. Freya veio e a agarrou pelos ombros, olhando dentro de seus olhos.

— Ei, por que está aqui tão cedo?

— Não foi nada — respondeu Ingrid, quase chorando.

Joanna segurou a língua. Alguma coisa obviamente estava errada ou mal, mas, se perguntasse, jamais saberia. Agora tinha duas filhas com os lábios selados, algo que não era nada novo, quando a campainha da porta da frente tocou.

Todas ficaram em silêncio por um instante até Joanna dizer:

— Acho que é melhor eu ver isso. — Assim que ela se afastou para o corredor, ouviu suas garotas sussurrando rapidamente. Ficou realmente magoada ao ver como elas, às vezes, ficavam tão reticentes em incluí-la. O que havia nela para incitar tanta falta de confiança, ou era apenas a natureza de todos os relacionamentos entre mãe e filha?

JOANNA ABRIU A PORTA e encontrou Harold Atkins, o cavalheiro do telefonema, que vibrou ao vê-la, fechando um enorme guarda-chuva preto. Uma chuva leve havia começado a cair. Era bom ver esse rosto calmo, simpático, depois de uma noite tão carregada.

Freya passou pela mãe para atravessar a porta, segurando a sacola de comida.

— Esta é... — Joanna começou, mas Freya já estava correndo pelo caminho, gritando tchau. — Bem, aquela é a minha filha Freya.

Ela e Harold compartilharam um sorriso cúmplice. *Filhos*.

— Estava indo para casa e pensei em parar para ver se recebeu o meu recado sobre o jantar. E já que eu estava aqui mesmo, pensei em dar uma olhada em Gilly. Você disse que ele estava perdendo penas... e estava “triste”, não é? — Ele girou o guarda-chuva, com a ponta plantada no degrau. Joanna abriu a porta.

— Sim, claro! Por favor, entre. Está chovendo. A casa está uma bagunça porque... é uma longa história que vou contar enquanto comemos uma torta, e poderemos conversar sobre o jantar e Gilly.

capítulo sete

Almost Paradise



-Como se diz mesmo quando alguém vai a uma festa para a qual não foi convidado? — Uma morena perguntou à amiga loira igualmente bonita enquanto se sentavam em um banquinho no balcão.

— Ah, invadir uma festa, talvez? — Respondeu a loira enquanto dois coquetéis se materializavam diante das duas jovens.

— Uau! — Exclamaram em coro, observando os drinques.

— Coquetéis mágicos! — Um cliente gritou do outro lado do balcão, e o homem ao lado dele, com relutância, entregou-lhe um dólar.

— Este lugar é legal! — A morena falou, tomando um gole.

— *Penetras* — disse Freya, colocando porta-copos sob os drinques. — Estes são por conta da casa. Estamos fazendo uma promoção com os novos coquetéis. — Freya entregou-lhes a nova lista de poções do amor. — Chama-se Smarty-Pants, caso gostem e queiram mais.

— Hein? — As jovens falaram ao mesmo tempo.

— Ir de *penetra* a uma festa — disse Freya com um sorriso sarcástico.

— Ah, é isso mesmo! — Responderam.

Sexta-feira à noite no *North Inn*, na extremidade leste de Long Island, era o lugar certo para estar. Fazia apenas duas semanas desde que Freya havia dado uma de suas poções para Betty Lazar, e agora a antiga mulher sem-graça não estava mais murcha. Ela circulou com um vestido de seda vermelha brilhante, sandálias de tiras e um sorriso de matar, de cabeça erguida pelo bar, e pediu mais um dos “drinques aditivados azuis”. Logo

Betty estava ao lado do *jukebox*, cantando o dueto de Meat Loaf e Ellen Foley, *Paradise by the dashboard light*, com Seth Holding — um jovem e belo investigador júnior que Freya reconheceu como sendo um dos mais afáveis na delegacia, que se sentiu feliz ao ouvir o depoimento de Freya sobre o caso.

Uma pequena multidão já se reunia ao redor de Betty e Seth. Eles eram ótimos cantores, dois atores dramáticos enrustidos que abandonaram as aspirações na Broadway por salários mais rentáveis.

Seth cantava o refrão “*Baby, baby, let me sleep on it!*”^[4] com um dos cotovelos erguidos, a camisa desabotoada, deixando revelar um conjunto incrível de músculos. Freya sabia que Seth não precisava mais implorar por isso: enquanto observava a dupla, ela teve vislumbres da primeira noite dos dois juntos, quando Seth levou Betty para casa depois do trabalho, sob uma garoa leve. Seth cantando *Singin’ in the rain* enquanto caminhavam pela Main Street. Ela o viu rapidamente em pé, tímido, diante da porta de Betty, esperando que ela o chamasse para entrar. Então surgiram várias imagens instantâneas — cantando, beijando, rindo — e ouviu a confissão terna de Seth pela manhã: “Tenho uma queda por mulheres mais velhas, mas acho que tenho uma queda por você, Betty”.

Tudo muito doce, como deveria ser para Betty, que esperava havia tanto tempo o cara certo surgir. Seth Holding não era apenas um jovem ou um imbecil que queria se envolver com uma mulher experiente apenas para se vangloriar ou então para fugir das meninas de sua idade que tinham a reputação de fazer muito drama. Ele era um cara bom. E, ainda por cima, os dois sabiam cantar! Às vezes, a magia atuava somente como um catalisador, e o restante era uma surpresa agradável. Ainda assim, Freya ficou orgulhosa de seu trabalho. Olhou em volta e viu a magia em toda parte.

Já a dupla Becky e Ross Bauman, cujo casamento enfrentou uma crise grave, agora tinha um bebê de sete meses e estava fazendo aconselhamento de casal. Freya percebeu isso a partir de uma visão que teve deles enquanto conversavam no consultório do terapeuta (a gravura emoldurada de ninfeias de Monet sobre a parede talvez fosse um presente de alguém), compartilhando sentimentos que nem mesmo eles tinham consciência de que possuíam. No momento, estavam sentados em uma salinha do bar, se pegando como se fossem adolescentes. Parece que todos os drinques Serenities que ela serviu no mês passado haviam funcionado: um toque de estrela-de-belém, raiz de valeriana e um tiquinho de beladona, a flor reluzente da noite.

Então, houve uma feitiçaria totalmente nova no fliperama: uma garota da idade de Freya estava inclinada sobre a máquina, e um grandalhão atrás dela brincava de conchinha em pé. E enquanto os dois pressionavam os botões da máquina, ele arremetia contra o jeans dela. Ele havia pedido *Playful*, o brincalhão, e ela, *One-Night Stand*, transa de uma noite só.

Agora dois universitários estavam ao lado da loira e da morena no balcão, e as garotas haviam começado um concurso para mostrar-lhes como retirar o sutiã de modo mais rápido, sem tirar nenhuma das outras peças.

Freya, que atendia sozinha essa noite, percebeu, de repente, que quase todos ao redor estavam fazendo, ou quase fazendo, “aquilo”. Todos pareciam felizes, saciados, satisfeitos ou excitados. Ela concedia amor, fertilidade e desejo sexual. Oferecia Eros em uma bandeja de prata, Vênus em meia concha. Cupido e suas flechas estavam sob seu comando. Cada fibra de seu ser compunha-se de sensualidade, paixão e emoção pura. No entanto, ultimamente, ela mesma não experimentava nenhum desses fervores; era como se estivesse amortecida. Ou o mundo havia *esmorecido*? Isso soou um pouquinho melhor.

Sexo nunca havia sido problema, não para ela, nem mesmo nas vezes em que perdeu a virgindade (em suas diversas vidas), durante as quais ela fez amor como se tivesse muita experiência. A paixão e a excitação daquelas primeiras uniões apagavam qualquer dor com uma carícia suave e trêmula. Houve *aquela* vez esquisita com Bran Gardiner, mas porque ela já havia sentido algo estranho. Além disso, ela estava pensando em Killian.

Killian...

Ele era seu amor. Ou não? Não sabia mais no que acreditar. Desde aquela noite quando quase caiu da ponte, as coisas haviam esfriado. Quando fizeram amor depois desse episódio, ela fingiu se sentir da mesma maneira, e fez os movimentos e barulhos de sempre, mas seu coração e sua mente não estavam ali, envolvidos. Freya havia tido relações suficientes para saber que as mudanças de poder eram intrínsecas — os papéis de amante e amado oscilavam com qualquer mudança mínima. Mas nunca tinha sido assim com Killian; eles sempre representaram as duas partes: amante e amado, ou amado-amante ou amante-amado.

Desde aquela noite, porém, Killian foi se afastando aos poucos como se sentisse a falta de confiança de Freya e a culpasse por isso, o que tinha entornado tudo. De certa forma, Killian fazia birra, ele era o amante saudoso que queria ser o amado. Ela sentia o mesmo. Talvez isso fosse o esperado, assim que a relação entrasse na rotina, mas Freya odiava que isso acontecesse com Killian. Tudo fora tão perfeito e idílico até Freddie aparecer e semear a dúvida em seu pequeno jardim.

Killian não era somente seu amante. Também era seu melhor amigo, e ela percebeu com sobressalto estar terrivelmente sozinha. *Deus, não*, disse para si mesma. *Não sozinha, nunca sozinha. Se houvesse um pecado, este seria a solidão.* Sentiu pânico.

Felizmente, a solução para seu pavor veio tropeçando pela porta.

Hudson Rafferty, o bom amigo de Ingrid da biblioteca, entrou com um homem extremamente bonito a reboque. Era seu namorado, Scott, Freya pensou, alegrando-se subitamente. Hudson e Scott sempre sabiam das melhores fofocas.

Joanna já não havia dito que Freya deveria se concentrar em ajudar os outros sempre que se sentisse triste? Não era bom envolver-se demais.

Freya pôs dois porta-copos sobre o balcão e se colocou à disposição dos dois belos rapazes.

capítulo oito

Haunted while the minutes drag



A planta eduardiana da velha mansão estava em papel heliográfico, usado no começo do século XX. Era gorduroso ao toque, as beiradas estavam amassadas e as linhas finas de tinta azul, degradadas e borradas em determinados pontos. Essas plantas antigas eram consideradas dispensáveis, com nenhum outro uso além de sua função prática, como guia para construir uma casa. Por isso, nenhum esforço fora feito para preservar esse material. Apenas enrolaram e enfiaram a planta na escrivaninha de cedro, onde felizmente ficou protegida da luz, da poeira e de outras fontes de estrago. No entanto, a qualidade do papel em si era ruim. O vapor havia tornado o papel menos quebradiço, mas Ingrid ainda tomava bastante cuidado enquanto aplicava outro tratamento.

Ela se sentia quebradiça também, como se a exposição à luz pudesse transformá-la em pó. Um fim de semana tinha vindo e ido, e ela não teve contato com Matt. Seu caso parecia ter terminado sem ao menos começar.

Depois de dar algumas batidas vigorosas na porta do escritório, Hudson entrou afobado.

— Oi, só tenho um segundo e não tive a chance de contar ainda. Adivinha quem eu vi no fim de semana? Nossa, está cheirando mal aqui. Coisas de bruxa?

— Não, solvente para a planta — Ingrid riu.

Hudson a estudou, mordendo a unha do indicador, depois a juntou com as outras duas no bolso superior do paletó de alfaiataria para arrumar o

lencinho quadrado turquesa. — Algo está errado. Você parece triste, Ingrid.

Ela o olhou por cima dos óculos, puxou os punhos das luvas e continuou a aplicar o produto químico. Sentia-se um fracasso depois de ter saído com Matt e estava envergonhada demais para admitir ao amigo que havia estragado tudo. Não tinha contado nada a Hudson sobre o encontro com Matt, nem antes nem depois. Sentia-se uma traidora como amiga, mas sua falta de experiência a manteve calada, para o caso de algo assim acontecer. Bom, pelo menos ela fora esperta sobre essa questão.

— São os produtos químicos. Eles me fazem chorar.

— Está bem, são apenas os produtos químicos. Hã-hã, você não é boa em disfarces, querida. Mas vou deixá-la em paz agora. Lembre-se apenas de que meus ombros estão para o que der e vier, está bem? A camisa é de algodão, então tudo bem chorar em cima dela.

— Está bem — disse Ingrid, sorrindo. — Então, quem você viu no fim de semana? Você e Scott tiveram um encontro?

— Vi a Freya! É realmente incrível toda aquela *curtição*, retomando a palavra *hippie*, que ela está propiciando ao *North Inn*. Que demais! Vocês duas com suas magias! — Ele deu uma piscadela enquanto ela o espiava por trás dos óculos. — Na verdade, vamos discutir meu pequeno problema.

— Por Scott estar bravo com você por não conhecer seus pais quando você já foi apresentado aos dele?

— Sim, exato.

— Que *problemaço*! — Ingrid enfatizou. *Como se ela pudesse se gabar de ser diferente.*

— Freya nos fez algumas... poções do amor? Uau! Vamos só dizer que Scott e eu tivemos a mais incrível, romântica e arrasadora noite! Ainda estou motivado com ela. — Ele deu um rodopio.

Ingrid começou a colocar as tampas de volta nos frascos de solventes. — Então isso quer dizer que está pronto para apresentar Scott à sua mãe? Embora isso signifique que você primeiro teria de se assumir diante dela.

— Ah, não, não estou pronto para isso ainda.

— Ai, Hudson! — disse ela.

INGRID SAIU DA BIBLIOTECA mais cedo que o habitual; Tabitha e Hudson a fechariam. Caitlin não trabalhava mais ali, porque — de todas as inesperadas voltas — ela começou a cursar a faculdade de direito em Nova York. Talvez o coração partido a tivesse transformado, fazendo-a provar algo para si mesma, de alguma forma. Agora Ingrid sentia empatia pela garota e, tinha de admitir, um bocado de admiração.

Provocando estalidos com seus sapatos de salto alto usados no trabalho, Ingrid pegou a praça redonda, contornando o parque, embora soubesse que era um ridículo desperdício de tempo. Mas parte dela esperava que, de alguma forma, se seguisse as instruções de Matt e parasse de usar o atalho do caminho escuro, isso o traria de volta. *O que estou pensando? Isso é ridículo!* Ingrid estava zangada com ela mesma; era uma caminhada mais comprida, e não era do feitio dela deixar os outros dizerem o que fazer.

Nem mesmo um de seus nós mágicos conseguiria resolver esse problema. Ela nunca usaria magia em Matt, de qualquer modo. Ela queria que ele se sentisse atraído por vontade própria, sem qualquer ajuda externa, como maldições, encantamentos ou magia. Além disso, o amor verdadeiro era a verdadeira essência da magia.

Embora tivesse se chocado com o comportamento dele, Ingrid o entendia melhor agora, depois de ter passado um pente fino em cada detalhe daquela noite. A raiva que ele sentiu veio à tona porque se imaginava protetor dela, e também porque tinha um sentido de dever. Encarava a situação como uma

questão policial, embora ela soubesse que estava além de qualquer coisa que a polícia pudesse entender. Quanto à questão de não acreditar em magia, ele era um cara lógico, prático, mas ela tinha certeza de que ele não era bitolado. Tudo que precisava era um pouco de tempo para expandir sua visão do mundo.

Mas se ele se sentia protetor dela, por que não havia telefonado até agora? Isso ela não conseguia superar. Chega de pensar em Matt Noble, disse a si mesma, mas durante o resto da caminhada não conseguiu se conter, e seus pensamentos foram consumidos por ele, apesar das tentativas de espantá-los.

QUANDO INGRID CHEGOU em casa, parou antes de subir os degraus da porta e fez um esforço para apagar o desapontamento de seu rosto. Tentou um sorriso, pensou que não parecia correto, mas deixou-o lá, colocando um pé no primeiro degrau.

A porta se abriu e de lá surgiu uma Gracella aos gritos, e Tyler seguindo seus passos, imitando a mãe, com os braços e as pequenas mãos sacudindo no ar. No caminho, Gracella se virou para Ingrid, com uma mão no peito como que para acalmar o coração.

— Senhorita Ingrid, esta casa está assombrada. Esta é uma casa mal-assombrada! — disse ela, parecendo aterrorizada. — Não vou voltar até os fantasmas irem embora.

— O que aconteceu? — Ingrid caminhou com preocupação no rosto.

— Não sei! Os objetos estão se movimentando pela casa. Coloco uma coisa em um lugar, e então *bum*, ela some, e depois *bum*, aparece em outro lugar ou não consigo mais encontrá-la. — Gracella falava apressadamente, conforme Tyler se apoiava em sua perna. — Barulhos estranhos vêm lá de cima. Mas eu não vou subir no sótão, senhorita Ingrid!

Estava escurecendo lá fora e as lâmpadas penduradas nos beirais da casa foram acesas automaticamente e por conta própria, o que fez Gracella saltar e começar a perder a respiração.

— Tudo bem, Gracella. Essas luzes têm timer — falou Ingrid, tentando acalmá-la. Colocou a mão sobre o ombro da mulher, recitando um encanto protetor em sua cabeça, e a respiração de Gracella se aquietou.

— São os estranhos — falou Tyler.

— O que você disse? — Ingrid se agachou para ficar no nível de Tyler.

— Os estranhos. Eu falo com eles; eles falam comigo. São legais, mas muito espertos — disse o menino, fazendo uma careta para ela. Ingrid riu com a palavra esperto saindo da boca da criança.

— Você quer dizer amigos imaginários, Tyler?

Ele negou, balançando a cabeça.

— Preciso ir, senhorita Ingrid. Preciso ir para casa. Peço que avise a senhora Joanna sobre o que está acontecendo, que não pude terminar todo o serviço hoje por causa desses fantasmas malucos. Por favor, faça-os ir embora, para eu voltar e terminar o meu serviço. Não gosto disso. Não vou vir até eles irem embora.

Ingrid prometeu a Gracella que contaria à mãe, e que ela tomaria conta da casa e a tornaria segura para todos.

— Vou a fundo para descobrir o que está acontecendo. Você tem a minha palavra, Gracella.

Ela observou Tyler e a mãe arrancarem da garagem no Subaru, o menininho parecendo triste enquanto acenava para ela da janela no banco de trás.

FANTASMAS? O QUE anda acontecendo? Joanna não mencionou o fato, e ela não havia percebido nada de extraordinário. Ingrid deixou-se levar para

dentro e verificou todos os quartos do andar de baixo da casa irregular. Tudo parecia limpo, devidamente organizado e adequadamente colocado em ordem pelas mãos cuidadosas de Gracella, mas, ao entrar na sala, Ingrid ouviu um barulho, como se algo estivesse sendo raspado, seguido de um baque. Aqueles ladrões, talvez? Diferentemente de Matt, ela não achava que os ladrões e os refugiados pixies eram os mesmos. Ele não sabia o que eram pixies, apenas um bando de crianças sem-teto, que ela definitivamente mandou embora. *Ai, Matt de novo!* Ele ocupava todo o seu pensamento. Mesmo quando achava que havia encontrado um descanso, lá estava ele novamente. Se estar apaixonada era isso, ela preferiria não sentir nada.

Ingrid subiu os degraus e verificou os quartos. Todos os quatro cômodos pareciam estar bem, inclusive o vazio, que esperava o retorno de seu irmão, embora ela soubesse que a pobre Joanna poderia esperar por uma eternidade, até a casa voltar a ser uma ruína.

Agora o sótão. Estava do mesmo jeito de sempre, com livros em uma prateleira, caixas empilhadas sobre outras, mobília empoeirada descartada, camas velhas, sofás, luminárias, o enorme baú de navio de Joanna, mas nada flagrantemente fora de lugar, e ela não conseguia imaginar de onde vinham aqueles sons. Havia uma caixa deitada de lado no piso, e roupas saíam dela: fantasias de criança, asas, tutus e vestidos de tafetá. Talvez aquela caixa tenha feito o barulho. Talvez tivesse caído de cima da outra e apertado a do lado, a gravidade fazendo seu trabalho, até que não resistiu e tombou.

Havia outro local para verificar. Ingrid retornou ao lance de escadas, indo na direção do quarto de Freya. Uma vez lá dentro, abriu o armário da irmã, que emanava o perfume dela: doce e inebriante. Ingrid abanou as mãos diante do rosto. Freya passou perfume em suas roupas? As plumas, as peles, os microvestidos, as blusas decotadas e a coleção de sapatos de salto alto já

datados, até um par gasto de couro rosa da década de 1920, como se fosse de uma garota do Charleston? Ah, como ela usou esse modelo!

Havia um “canto da seda”, onde as lingerie colantes de Freya estavam penduradas em cabides de cetim rosa: azul-bebê com renda bege, cetim vermelho, seda marrom-acinzentada. Ingrid sentiu inveja de toda aquela feminilidade pendurada nos cabides. Não ficou com ciúme de Freya, mas se sentiu ignorante em relação a esse tipo de coisa. Hudson sempre disse a Ingrid que ela tinha estilo. Mas talvez ela precisasse trabalhar para ser um pouco mais... sensual? Então, talvez, Matt... ai, pensando em Matt novamente. Precisava parar com isso.

Ingrid tirou sua varinha da bolsa a tiracolo, depois afastou as roupas de Freya e o cartaz com a ironia sobre Nárnia, e entrou pelo longo corredor com piso de ébano até chegar ao apartamento de Freya em Nova York. Passagens mágicas eram tão mais úteis que viajar, Ingrid pensou.

Havia cheiro de madeira queimada no ar, como se alguém tivesse acendido uma lareira recentemente. Um travesseiro solitário e um cobertor amassado repousavam sobre o sofá de veludo macio diante da lareira e, na cozinha, Ingrid achou uma xícara inacabada de café na pia (o leite não havia estragado ainda). Viu o batom vermelho denunciador na borda da xícara.

Bom, pelo menos era Freya que estivera lá e não outra pessoa. Ou alguma coisa. Seja lá o que for que tivesse assustado a empregada.

Mas por que Freya estaria aqui, Ingrid pensou. Ela supunha que Freya estivesse dormindo a maioria das noites no *Dragon*. A irmã não mencionou nada disso, em nenhum momento, nem mesmo quando Ingrid contou sobre o terrível encontro com Matt. Freya achou que Ingrid teve uma reação forte demais, e que ainda não estava tudo acabado; tinha certeza de que Matt logo ligaria para Ingrid.

Ingrid esperava que a irmã buscasse por conselho se estivesse tendo problemas de relacionamento. Pensando melhor, como ela poderia resolver os problemas de Freya quando nem mesmo sabia solucionar os próprios?

capítulo nove

Don't look back



Joanna caminhou para fora com uma cesta e uma tesoura de jardim para colher alguns ramalhetes frescos para sua casa. Do início da primavera até o outono, o jardim florescia em diferentes espécies, explodindo em uma profusão de cores ao longo do perímetro, escalando a cerca, nos canteiros — um ataque perfumado aos sentidos. Nesta época do ano, floresciam as rosas em tom de laranja-queimado, além das gérberas coral, as ricas dalias roxas, dafnes rosas e brancas, calêndulas em amarelo-vivo, laranja ou vermelho rico e profundo. Joanna começou a cortar as flores de galhos mais altos e mais fortes antes de mudar para as mais delicadas, colocando-as por cima para não amassarem. Ela se movia entre a folhagem e as plantas com seus tamancos, podando aqui e ali.

Parou no canteiro de anêmonas-do-japão, onde samambaias espiavam através da cerca da calçada — flores rosas, violetas e brancas cor de neve, com pistilos amarelo-vivo delicados parecendo pequenos sóis em seus centros. *Meu filho está em cada uma delas*, pensou saudosa. Esticou-se para cortar o talo de um grupo de flores brancas, quando, de repente, as folhas murcharam e as pétalas caíram no chão.

Ai! Talvez tenha geado pela manhã.

Escolheu outro grupo de flores, de aparência bem saudável, e assim como as anteriores, quando seus dedos as roçaram, murcharam instantaneamente, curvando-se e caindo para a morte. Tentou novamente e, desta vez, uma

enorme quantidade de plantas morreu, as pétalas se espalhando como lágrimas no chão.

Não, não era uma geada, mas algo totalmente diferente. Finalmente, teve de admitir que sabia o que estava acontecendo dentro da casa, com todos os objetos se mexendo e fora do lugar, e especialmente agora, com as flores morrendo no jardim. Não era a primeira vez que isso acontecia, mas a última tinha sido uma provação tão traumática que Joanna a afastou para o lado oculto da mente, negando que algo semelhante pudesse ocorrer de novo.

FOI EM 1839, quando ela visitava a Inglaterra por vários meses. Os eventos se desenrolaram da mesma forma: os pertences do apartamento mudavam de lugar, as rosas murcharam no jardim, e então a travessura aumentou e os cavalos ficaram assustados na carruagem com a qual ela circulava pela cidade. A carruagem deslizou e foi arrastada em galope pelas ruas de pedra de Londres, matando o cocheiro. Depois disso, Joanna não conseguiu mais ignorar o fato e entrou em ação.

A história começou com a morte de um jovem aristocrata inglês em decorrência de uma prolongada doença ao mesmo tempo que uma garota de uma fazenda na região de Dorchester caiu para a morte dentro de um poço. Não se conheceram em vida por causa da distância geográfica, e as esferas sociais eram totalmente diferentes.

Foi na morte que se apaixonaram. Quando chegaram à primeira camada da Ligação na direção do Reino da Morte, imediatamente se reconheceram como almas gêmeas. De alguma forma, souberam da cláusula Eurídice sob a Emenda Orfeu, que dizia que se duas almas recorrentes se encontrassem no Reino da Morte diante do primeiro portão e se apaixonassem, poderiam receber uma segunda chance na vida, desde que fossem sinceros um com o

outro. Caso contrário, sua punição incluiria morrer novamente, mas dessa vez jamais se encontrariam na Ligação, muito menos no além.

Philip e Virgínia não concebiam abandonar o outro e lutaram pela chance de viver e se amar na Terra do Meio. A irmã de Joanna, Helda, a Rainha dos Mortos, não ficou satisfeita com o pedido, mas, incapaz de refutar a existência da cláusula Eurídice, instruiu o casal a apelar a Joanna. “Vocês devem fazer o pedido a ela, não a mim. Ela é a única encarregada da delicada questão da ressurreição, a única entre nós que pode trazer vocês de volta à vida. Esse não é meu território.”

Os dois românticos infelizes vaguearam pela Ligação, lutando para entrar em contato com Joanna do modo que podiam, usando suas capacidades para movimentar objetos sem tocá-los, ou tirando a vida de plantas pequenas. Ficaram cada vez mais desesperados quando Joanna — intencional ou teimosamente — deixou de ouvi-los e, por fim, recorreram a assustar os cavalos que puxavam a carruagem.

Isso finalmente atraiu a atenção de Joanna, que, por não desejar que outros se machucassem por causa daqueles espíritos tão insistentes e malucos, concordou com o pedido e trouxe os amantes para fora do mundo espiritual, de volta à terra dos vivos. Philip ainda estava no leito de morte, enquanto o corpo de Virgínia havia acabado de ser resgatado do poço quando o “milagre” ocorreu. Ao reviverem, encontraram-se e se casaram imediatamente.

A família de Philip cortou relações com ele e o deserdou por se casar com uma plebeia, mas, durante um tempo, eles viveram felizes no interior de Dorchester. Então vieram as contas e as brigas. Philip começou a jogar, e seus prejuízos se acumulavam. Ele culpava Virgínia por sua desgraça; ela culpava Philip por não prover a família. Virgínia estava grávida e ficou doente nos meses finais da gravidez. Destituído e sem um centavo, Philip

pediu dinheiro à família e ajuda com remédios e comida. Quando retornou para o lado da amada, ela e a criança estavam mortas. Ele se matou com um tiro. Essa foi uma história trágica.

Joanna suspirou, pensando em como aqueles dois eram lindos, tão rosados e felizes quando os visitou em sua casa de campo, em Dorchester.

Sempre havia um truque: Philip e Virgínia tentaram enganar a morte, e, mais recentemente, Joanna havia trazido Lionel Horning. Lionel estava somente em coma; ele não tinha ultrapassado o sétimo círculo onde sua alma ficaria presa a Helda para sempre. Ainda assim, em seu retorno, ele se transformou em zumbi, como as garotas diziam. Helda sempre ganhava suas almas no fim.

Joanna balançou a cabeça, pensando na irmã teimosa e orgulhosa, mas, pelo menos, ela sabia agora o que estava acontecendo. Um espírito ou espíritos buscavam contato com ela. Ela não podia mais ignorar os sinais.

Joanna fechou os olhos em seu jardim, deixando-se levar pelo perfume das flores, e sentiu os raios de sol em seu rosto antes de se mover sem temor para a Ligação. Deu um passo no mundo do crepúsculo. Estava sombrio, e acima dela havia minúsculos pontinhos de luz turvos que iluminavam o caminho arenoso o suficiente para que ela conseguisse andar.

Ouviu um pio de coruja, e piou de volta. O aroma pútrido enchia o ar, algo pesado e viscoso, o cheiro da morte. Joanna se movimentou para fora da trilha, na direção do som da coruja. Um espírito que buscava contato estaria no primeiro nível, o mais próximo à junção. Ela não precisava prosseguir mais.

— Alguém está aí? — Sussurrou enquanto suas palavras ecoavam de volta. Manteve a voz no tom mais baixo que podia, não queria se encontrar com Helda. A irmã podia ser vingativa.

Ouviu o bater de asas, a coruja ergueu-se de um galho. Pensou que gostaria de ter a sua varinha, para poder ver melhor, mas, em vez disso, estendeu as mãos para sentir no escuro. Chocou-se contra uma árvore, a casca morta, ressecada, como papel ao toque. Ela a cutucou com a unha, e a árvore começou a verter um líquido escuro e brilhante.

— Alguém aí? — Perguntou novamente, e de novo, somente a própria voz retornava: *Alguém aí? Alguém aí? Alguém aí?*

Não sentiu a presença de uma alma buscando a dela, e então encontrou o caminho, retornou à Terra do Meio, abriu os olhos e ficou feliz por estar em pé mais uma vez em seu jardim exuberante.

capítulo dez

Love shack



Freddie Beauchamp estava sentado na escrivaninha no *Ucky Star*, catando milho no computador. Como poderia um deus retornado recentemente do Limbo, alheio à era moderna, atualizar-se com tamanha tecnologia?

Garotas era a resposta óbvia. Ele não precisava de nenhuma magia para provocar fascínio, além de seu adorável sorriso. Quando Freddie Beauchamp sorria, tudo que uma garota queria fazer era beijá-lo. Depois disso, elas tendiam a lhe dar presentes, como o console *Wii*, os videogames e o *laptop*.

Tudo começou com Gigi McIntyre, universitária que Freddie encontrou ao lado da máquina de gelo do motel logo que voltou. Naquela primeira noite, Gigi estava lá para a despedida de solteira de uma amiga durante um fim de semana do começo de setembro. Ela estava em pé com o balde de gelo vazio, usando uma camisa, que deixava metade de sua barriga de fora, e *shorts jeans* mais curtos. Gigi foi muito divertida, uma revelação gloriosa depois dos anos de monotonia no Limbo.

Pode-se supor que uma noite com o deus do sol envolveria floreios cinematográficos — roupas rasgadas imediatamente assim que a porta do motel se fechasse, experimentar todas as posições e lugares imagináveis... Mas não.

Freddie entendia que toda mulher tinha seus próprios conjuntos de regras em relação a sexo. Cada garota tinha uma chave diferente, e o dom de

Freddie era saber encontrá-la — sua forma especial e como ele giraria na fechadura. Freddie tinha destrancado Gigi — *como sempre* —, tinha dado à universitária seu primeiro orgasmo de corpo inteiro, contorcido, vibrante e cheio de gritos, mas foram horas de falatório, provocação e conversa. Na máquina de gelo, Freddie perguntou se Gigi sabia como funcionava o controle remoto da televisão, e eles haviam assistido a um filme antigo antes de fazerem sequer um movimento. Demorou quase a noite inteira para levá-la para a cama, mas então Freddie tinha todo o tempo do mundo.

Gigi voltou no dia seguinte para o *Ucky Star* em um Porsche conversível com caixas e roupas. Tudo pertencia a seu irmão, explicou, que havia saído recentemente para seu primeiro ano na NYU.

— Ele não se importa. Somos ricos. Considere um presente de boas-vindas, Freddie — disse ela com um movimento de sua cabeleira escura. — Quando ele se instalar no apartamento em Village, mamãe comprará tudo novo. Isto aqui é do ano passado. Quase *vintage*. — Ele agradeceu, e ela sorriu de forma bem doce. Ela ainda estava agradecida a ele por aquele orgasmo.

Gigi zarpou para Nova York, e não havia mais universitárias gracinhas fazendo festa no motel. As coisas se acalmaram. O motel se encheu de representantes de empresas e de casais tendo relações ilícitas, que Freddie achou de mau gosto e triste. Ele deu uma olhada nas caixas que Gigi deixou, e rapidamente encontrou o console *Wii* e o *laptop*. Os videogames eram uma distração divertida, mas o *laptop* abria um mundo totalmente novo, até maior que os nove mundos do Universo conhecido. Perdeu muita coisa enquanto estava no Limbo e se atualizou com os assuntos preferidos: navegação de barcos e oceanos. Descobriu um amor profundo e instantâneo por carros esportivos.

Mas isso não era tão legal como os sites de relacionamento, em que era possível escolher uma garota tão facilmente como em um cardápio. Freddie colocou seu perfil, usando o aplicativo *Photo Booth* para tirar fotos de si mesmo. Suas imagens não eram nada como as onipresentes fotografias que viu nesses sites: um cara sem camisa no espelho do banheiro, o reflexo do *flash* do celular cobrindo a maior parte do rosto.

Não, ele usou sua magia para criar cenários mais atraentes: Freddie de *smoking*, rindo em um coquetel; Freddie de chapéu de caubói sobre um touro (ele transformou Buster para aquela foto); Freddie de terno cinza e gravata de bolinhas ligeiramente solta. A melhor era a informal: Freddie na praia com camiseta simples, *jeans* e tênis pretos Converse (a legenda dizia: “Este é o meu eu verdadeiro”).

As garotas chegavam aos rebanhos, tantas que Freddie não sabia o que fazer, assim havia *ménage à trois* e com mais garotas e ainda mais garotas. Ele satisfazia cada capricho delas, cortejava todas as meninas, fazia esta ou aquela se sentir especial. Não havia clientes insatisfeitas.

Sua última obsessão era Hilly Liman. Eles já conversavam *on-line* havia um tempo, e estava ficando cada vez mais intenso, as mensagens noturnas iam e vinham até quase amanhecer. Durante os últimos dias, as comunicações se tornaram quase tão frequentes e apaixonadas que Freddie fora forçado a cancelar a cavalaria de discípulas. Não tinha interesse em nenhuma outra desde que conheceu Hilly.

Algo formidável aconteceu: Freddie se apaixonou. Não havia outra explicação. Hilly era diferente. Ela o fazia esperar. Diferentemente das outras garotas que apareciam na sua porta depois de uma troca de *posts*, ela só lhe contou o nome verdadeiro após troca de e-mails por algumas semanas. Era reservada e cautelosa, e ele não pensava que ela estivesse bancando a difícil. A coisa mais estranha é que ela nem mesmo tinha uma

foto no perfil, apenas uma ilustração de uma silhueta com sombra. Ele não sabia como era a aparência dela, mas tinha certeza de que era fantástica. Ele podia sentir. Não conseguia explicar, mas foi atraído por ela desde o começo.

<<então em duas semanas, depois do seu exame?>> ele digitou.

<<sim, não posso sair antes. não consigo parar de pensar em vc. quero tocar vc. mesmo que seja só um abraquinho.>>

<<um abraquinho?>> ele escreveu.

<<vc sabe o que quero dizer.>> Hilly respondeu. Depois de alguns minutos, ela digitou novamente. <<gosto muito de vc.>>

Freddie fez uma pausa, olhou para as palavras de Hilly na tela, colocou as mãos atrás da cabeça enquanto alongava as costas, que estavam doendo de tanto ficar sentado. Ele expirou e depois digitou <<eu tb.>>

Três batidas na porta. Sinal de Freya.

<<minha irmã está aqui. vou precisar desligar.>> Freddie escreveu.

<<ok. vou deixar vc ir, mas é difícil.>>

<<vc não tem ideia. <3>> ele digitou, e na tela, no quadrado da conversa, o ícone de coração de Freddie tornou-se vermelho. Então, ele se endireitou, e Hilly digitou um coração para Freddie, e ele esperou que acontecesse o mesmo, sorrindo para si mesmo. A tecnologia era tudo de bom.

Buster cutucou sua perna enquanto Freya continuava a bater.

— Freddie, você está aí? — Sussurrou do lado de fora.

— Estou indo! — Fechou o *laptop* e abriu uma fresta da porta.

Freya estava diante da entrada, parecendo desarrumada pelo vento, e segurava duas sacolas cheias de compras. Ela o encarou.

— Está de... pijama? Ficou assim o dia todo? — Atrás dela o céu estava cinzento e já era quase noite.

— E daí? — Freddie perguntou, zangado com a implicância da irmã. — Parece que não vou a nenhum lugar.

— Mas isso é por culpa sua. Já disse tantas vezes para voltar para casa. — Ela balançou a cabeça. — Bem, você não vai me deixar entrar? Trouxe coisa saudável do jardim da mamãe, algumas nozes e frutas secas, em vez dessas porcarias que você anda comendo.

Freddie pegou as sacolas das mãos dela, apontou a cabeça para fora, olhou para os dois lados, e depois abriu a porta totalmente. Freya entrou, passando por ele.

— Você parece perturbado — disse.

— Um pouco — respondeu ele. Ele colocou as sacolas no chão enquanto ela cruzou o quarto e se sentou na beirada de uma das camas. — Algumas dessas garotas não me deixam em paz. Queria ter certeza de que nenhuma estivesse aí fora.

Buster deu um cutucão em Freya, ela se ajoelhou e o acariciou, e então ele soltou um grunhido.

— Achei que você gostasse de toda a atenção. Não me diga que está aqui sozinho. O que aconteceu com o harém? — Ela o observou com preocupação sincera e pensou se o seu gêmeo realmente estava perdido. Ele parecia um lixo: cabelos desalinhados, pijama sujo, barba por fazer. Não deveria viver desse modo. Olhou em volta e percebeu o computador sobre a mesa.

— Ah, você tem um Mac! — Espantou-se, e levantou para inspecioná-lo.

— Não toque!

— Não é uma bomba!

— É como se fosse. — retrucou ele. Pegou as sacolas e pôs sobre a mesa, colocou a mão sobre o computador, como se o protegesse.

— Você está muito estranho — prosseguiu ela, dando uma olhada para ele. — Você vai me dizer o que está acontecendo?

— Tudo bem — ele suspirou. Percebeu que estava morrendo de vontade de contar tudo para Freya, então foi como uma explosão: os sites de mídias sociais, e como ele havia encontrado alguém especial — uma garota chamada Hilly Liman. Depois disso, não parou mais de dizer o nome dela.

Enquanto Freya ouvia, entendeu como Freddie conseguiu aguentar a solidão. Era óbvio que fora iludido. Ficou relutante em dar algum crédito a essa garota Hilly, que provavelmente era alguma putinha universitária, não que houvesse algum outro tipo, e não que houvesse nada de errado com ela. Freya, entre todas as pessoas, entendia a necessidade de experimentar, o desejo de ver exatamente o quanto era possível se divertir quando se é jovem e bonito.

No entanto, toda essa coisa de Freddie apaixonado era demais. Ela ficou assustada com a situação: o motel, as acusações, a indolência.

Freddie estava sentado na poltrona com as pernas estendidas.

— É ela, Freya. Estou dizendo. Dessa vez é verdade — ele sorriu.

— Está bem. Todas as semanas você se apaixona por alguém novo e você nem conheceu essa...

— Hilly Liman.

— Eu já devia saber o nome dela. Você o repetiu o suficiente. — Freya passou uma mão nos cabelos. — Olhe, estou cansada e não consigo fazer isso. Não consigo encontrar aquela coisa que você tem certeza de que Killian roubou de você, que provará que ele é o culpado, e precisamos seguir adiante. Vou avisar a família que você voltou. Mamãe vai ficar tão feliz!

Freddie saltou da poltrona com o rosto afogueado.

— Você não pode fazer isso, Freya. Ninguém pode. Se as Valquírias souberem onde estou... elas vão... me puxar de volta. Não posso voltar para o Limbo! Você não tem ideia de como é por lá! Preciso provar que não fui eu que destruí a ponte! — Freddie fez um gesto de frustração, depois caiu de volta à poltrona, desanimado. A cabeça pendeu. Quando ele olhou novamente para ela, as lágrimas banhavam seus olhos. — Não posso voltar. Você precisa me ajudar, Freya, por favor — a voz dele desabou.

Freya ergueu a cabeça, olhando pesarosa para o gêmeo.

— Ah, Freddie, pare — disse. Mas a voz dela também estava trêmula.

capítulo onze

The gang's all here



Um raio de luz vazava através do frontão do sótão, iluminando partículas de poeira. No chão, passando por entre os móveis, havia uma trilha, como a de João e Maria, de embalagens de doces, cliques de papel, *glitter*, *míni post-its* cor de neon e fantasias infantis.

Ingrid havia subido para procurar um livro que não encontrou na estante de Joanna. Ela encarou a trilha esquisita. Na última vez em que colocou os pés aqui, depois de retornar do apartamento de Freya em Manhattan, ela guardou as fantasias de volta na caixa e arrumou a caixa na vertical. Tyler não podia ter mexido naquilo porque Gracella ainda não voltara depois do outro dia. Talvez fosse Freya? Sua irmã era a mais bagunceira delas, mas por que mexeria em fantasias velhas? Ingrid se endireitou, pegou um tutu rosa aqui, uma sapatilha transparente de plástico ali, uma máscara de couro preto — huumm, isso não parecia uma fantasia infantil, e sim algo do armário de Freya — e quando chegou ao fim da trilha, estava diante do enorme baú de Joanna. Isso era mesmo fumaça de cigarro? Ela cheirou o ar.

Aproximou-se do baú e percebeu que os trincos estavam abertos. Quando levantou a tampa, encarou cinco cabecinhas enfiadas entre cinco pares de joelhos sujos. As cabeças olharam para cima, e ela imediatamente reconheceu os pixies. Tinham *glitter* sobre as caras sujas: três garotos e duas garotas.

Não seria apropriado dizer que eles eram crianças, embora Ingrid os considerasse dessa maneira. Eram adultos na idade, mas tinham corpos e

mentes infantis, assim como espíritos arteiros. Seus rostos escurecidos a lembravam de limpadores de chaminé da Inglaterra vitoriana, apesar de eles serem o oposto daquelas crianças pobres e abusadas, com maturidade e atitudes exaustas dos adultos, bebendo cerveja, fumando cachimbo e jogando conversa fora na taverna depois do trabalho. Os pixies *pegaram* o hábito de tomar bebida barata e fumar na Terra do Meio — Ingrid havia observado isso no motel onde os encontrou pela primeira vez —, mas havia algo um tanto ingênuo nessas criaturas.

— Olhem só o que temos aqui — disse, pensando que soava um pouco como Hudson falando naquele momento.

— Não vai zoar com a gente, Erda! — Kelda disse com seus lábios minúsculos de botão de rosa. Ergueu uma mão de dentro de uma luva sem dedos, que estava em trapos, para proteger o rosto como se Ingrid pudesse bater nela.

— Vi que você adotou a gíria local. Não é fantástico! — Ingrid devolveu quando todos os cinco se ergueram medrosos e saíram do baú. *Os espertos*, Tyler os chamou assim. Garoto esperto.

As roupas deles eram um amontoado de tons encardidos, de verde-oliva, como o do exército, a preto: *jeans skinny*, camisetas rasgadas, blusões esfiapados, alfinetes de segurança, bonés de lã e botas pretas pesadas. Ingrid não poderia ter determinado qual o tipo de visual que buscavam: *punk*, *grunge*, alternativo ou “sujinho”. Todos esses estilos rebeldes aparentavam o mesmo para ela, não importava a década. Somente o ano e o rótulo mudavam. Os pixies pareciam ter retornado da guerra, e o cheiro piorou muito desde a última vez em que os viu.

Havia Kelda e Nyph, as duas fêmeas, miúdas e de ossos frágeis como bailarinas adolescentes rebeldes com suas roupas rústicas e delineador escuro e grosso. Kelda era clarinha, com cabelos loiro-esbranquiçados e

olhos azuis pálidos, a pela nacarada e branca como pérola, contrastada por lábios escarlate arrebatadores, como se fossem um pequeno botão, e bochechas coradas. Nyph era o seu oposto, de rosto mais moreno — cabelos pretos lisos, pele escura, olhos enormes de marrom líquido erguendo-se nos cantos, lábios carnudos. Os garotos se amontoavam atrás das garotas, é claro. Havia o maltrapilho Sven, de cabelos escuros, olhos verdes, que parecia um velho mal-humorado, sempre com a barba por fazer e modos apáticos; Val, com cabelos moicanos espetados cor de carro de bombeiro, perpetuamente com os nervos em frangalhos; e finalmente Irdick, com os cabelos clarinhos sempre desgrenhados e rosto arredondado rosado de menino. Usava uma camiseta que dizia: DROGAS NÃO, ABRAÇOS SIM.

A verdade sobre os pixies, tanto homens quanto mulheres, era que eram criaturas bastante simpáticas, de traços refinados, delicados como se esculpidos em marfim, mas, neste momento em especial, era difícil para Ingrid dizer exatamente como eles eram de fato, porque estavam incrivelmente sujos.

— Vocês querem me dizer o que está acontecendo antes que eu jogue um feitiço em vocês e transforme todos em sapos? — Ingrid disse. Embora fosse mais uma reprovação que uma ameaça verdadeira.

— Por favor, não faça isso! — Irdick gritou. Havia algo de tão vulnerável e doce nele que fez Ingrid sentir-se culpada por ralhar com eles. A camiseta era hilária.

Val se adiantou do bando, falando tão rápido que Ingrid mal conseguia entender as palavras confusas naquela sentença infinita, que virava um *staccato* sempre que ele se deparava com uma palavra começada com s. No entanto, ela captou uma frase aqui outra acolá, pegando o sentido geral.

Pelo que entendeu, tentaram cumprir a promessa feita de voltar para casa usando as instruções para seguir a trilha de tijolos amarelos — um caminho de verdade que ligava os dois mundos. No motel, Ingrid indicou onde o trajeto ficava na Ligação, mas quando se dirigiram para lá, o caminho desapareceu e, além disso, não conseguiam mais lembrar onde, ou mesmo o que, era seu lar. Então, depois de falharem, sentiram o perfume de Ingrid e a seguiram até a casa, onde tinham se abrigado no sótão de Joanna.

— É bom aqui!

— Há tortas!

— Delícia!

— Não faça a gente voltar! Erda, por favor! — Kelda pôs a máscara preta de couro e começou a correr pelo aposento dando cambalhotas, o que deixou Ingrid tonta.

— Já falamos que há tortas? — Val disse.

— Prometemos ficar fora do caminho! — Kelda completou, saltando e parando em pé.

— Psiu! — Gritou Ingrid. — Não consigo pensar com todos gritando e se movimentando desse jeito.

Os pixies instantaneamente se aquietaram e permaneceram em silêncio.

— Tudo bem — disse Ingrid, cruzando os braços. — Vou deixar vocês ficarem por um tempo, mas precisam me prometer que vão ficar *quietos* e escondidos, e não farão aquela bagunça terrível. Vocês estão fedendo e precisam de um banho. Façam isso, é claro, quando Joanna estiver fora de casa, e deixem o banheiro do jeito que encontraram. Agiremos assim até eu descobrir um jeito de encontrar o lar de vocês e ver o que há de errado na estrada de tijolos amarelos. Mas se não se comportarem, lançarei uma maldição em vocês!

Os pixies ficaram maravilhados e agradeceram Ingrid, que tentava prender a respiração para não sentir o fedor deles. Sven, no entanto, ficou em pé, de braços cruzados sobre o peito, com um olhar azedo.

Ingrid, gentilmente, afastou os outros pixies e arrumou as roupas.

— Obrigado, Erda, obrigado! — Eles continuavam a dizer.

— Tudo bem. De nada — disse ela. Kelda girou sobre o calcanhar de sua bota de combate.

— Roubamos algo para você. — Os olhos azuis-claros dela, com os cílios brancos pestanejando, deram uma espiada em Ingrid através da máscara enquanto alcançava o bolso da calça. — Um pequeno presente de agradecimento.

— Outra coisa — ralhou Ingrid. — Parem de roubar! Vocês não podem usar dinheiro, o que eu acho que diz alguma coisa sobre a origem de vocês. Chega de roubos. Vou trazer comida para vocês.

— E cigarros? — Sven pediu com a voz rouca. Ele parecia fumar e beber desde sempre, embora assim que Ingrid o encarou por tempo suficiente pôde perceber que ele não parecia tão velho assim. Tudo estava na atitude cansada e na postura de “sou melhor que você”. — Estou morrendo por um bagulho. Você me descola um maço daqueles terríveis *Kool Smooths* com gosto de menta, senhorita Erda? — E sorriu afetadamente.

Ingrid ficou perturbada novamente. Os pixies haviam perdido totalmente o sotaque engraçado e falavam como os desajustados adolescentes locais agora, alguns dos quais, havia percebido isso na biblioteca, eram bastante eruditos, apesar do vocabulário de rua. — Não, nada de fumar aqui! — ralhou. — Podem começar um incêndio. Sven, estou falando sério. Além disso, não sei nada sobre a fisiologia de um pixie, mas tenho certeza de que faz mal a vocês.

Ele ergueu a sobrancelha para ela enquanto Kelda enfiou alguma coisa em sua mão.

— O que é isso? — Ingrid perguntou, segurando o pedaço de papel amassado.

— Nosso presente! — Kelda respondeu.

Ingrid se pôs a desamassá-lo. Nyph veio e ficou do outro lado de Ingrid para espiar.

No papel, rasgado de um caderno espiral pequeno retangular, estava o nome “Maggie”, seguido de um número de telefone. Ingrid o fitou, perplexa.

Seu trabalho com as plantas a tinha dotado com um olho esperto para analisar estilos idiossincráticos de caligrafia. Com frequência, tinha de ajustar as observações não assinadas em cadernos e desenhos trabalhados à caligrafia nas plantas. Neste caso, a escrita no pedaço de papel era um pouco inclinada para a esquerda, indicando uma pessoa canhota, e então havia o *M* distinto com seus dois montes pontudos e o *A* que se parecia com o numeral 2 sem a curva. Ela tinha visto esse *M* e esse *A* antes.

Ma...

Matt Noble. Estas eram exatamente as mesmas letras que ela viu quando ele assinou o nome no papel do cartão de crédito do bar. Não só isso, mas também havia o fato de Ingrid ter reparado imediatamente que era canhoto quando começou a escrever em seu bloco, uma caderneta pequena de espiral dentro de uma capa de couro. O papel era do mesmo tipo com linha esverdeada que segurava agora. Não havia dúvida de que Matt havia escrito esse nome e o telefone dessa tal de Maggie neste pedaço de papel. O coração de Ingrid se contraiu, e seu estômago retorceu. Talvez esse fosse o motivo de o encontro ter dado tão errado, porque Matt estava com a cabeça em outra pessoa.

Imediatamente amassou o papel e o jogou fora para consternação dos amigos pixies.

capítulo doze

I get a kick out of you



-**D**uas filhas? — Harold perguntou.

— Duas filhas e um filho — respondeu Joanna, e imediatamente se arrependeu de complicar as coisas. Não podia explicar que o filho estava no Limbo pela eternidade nem por quê; mas como ele nunca estava longe de seus pensamentos, aquilo escapuliu. — Você tem outros filhos, Harold?

— Você conhece tudo que tenho! — ele disse, sorrindo. — Só a minha menina.

— Ela é um amor. Eu a conheço do hospital; ela foi ótima com o Tyler quando ele ficou doente.

Estavam sentados em um local privado, diante do mar, no novo e pretensioso restaurante francês da cidade, e tudo corria bem até agora. Estavam a meio caminho do prato principal — salmão grelhado com três molhos cítricos para ela e pato *confit* com molho de mirtilo para ele. A noite havia sido agradável. Eles formavam um casal atraente: Joanna, elegante com um casaco de *cashmere* cinza e saia escura, os cabelos prateados presos de modo frouxo, que deixavam à mostra os brincos de pérolas; Harold, impecável, com um de seus típicos ternos de três peças, preto risca de giz, uma camisa branca clássica e a gravata vermelha. Ele tinha olhos azul-marinho arrebatadores, cabelos negros como o corvo com mechas grossas brancas (Joanna notou o irônico formato do cabelo em *bico de viúva*, fazendo um V na testa). O rosto era forte e ao mesmo tempo refinado — com malarres altos, nariz e queixo poderosos. Era gentil, mas não

agitado, tampouco agia de modo passivamente atento. Distribuí-a somente a quantidade exata de atenção para não fazê-la sentir-se claustrofóbica. Era culto, mas não pretensioso; eloquente, mas não verborrágico; e erudito, mas não de modo superior. Harold e sua falecida esposa viajavam para fora do país quase todos os verões de suas vidas profissionais, indo até o sudeste asiático. Viajar e navegar eram suas paixões, ele lembrou, antes de Joanna delicadamente conduzi-lo para longe da conversa sobre sua esposa.

— Freya trabalha no *North Inn* e Ingrid é bibliotecária. E o seu rapaz? — Harold prosseguiu.

— Ah, ele? Ele é perfeito. Lindo, atencioso, adorável, um doce, realmente. — Pronto.

— E ele mora aqui?

Joanna tossiu, cobrindo a boca com a mão. Ela teria que contar uma não verdade.

— Não! Fora! — respondeu categórica, mas contorcendo-se um pouco.

Harold era um homem intuitivo, e ela viu que ele tinha observado seu desconforto. — Com licença, querida — disse, pegando a garrafa de vinho branco do gelo para encher a taça dela. Ele não bisbilhotaria mais. — Você está fantástica esta noite, e estou muito feliz por estar aqui com você.

Ela se adiantou e completou o vinho tinto de Harold enquanto ele punha o branco, os braços deles em paralelo enquanto se esticavam. Era um belo restaurante, e foi muito bom Lucien tê-los deixado à vontade, sem perturbá-los, pensou ela. Ele era um excelente garçom, e sabia bem o momento de interromper e verificar os comensais.

— Bom, chega de falar de mim, conte mais de você — adiantou-se Joanna. — Alguns passatempos ou *hobbies* novos, depois da aposentadoria?

Harold limpou a garganta, hesitando. Ele ficou constrangido? Por quê?

— Estou começando um negócio novo com um amigo. Não quero falar muito sobre isso, para não azarar o negócio, mas você vai acabar sabendo, Joanna, mais tarde.

— Ah, que bom, tenho certeza de que será ótimo.

— Espero que sim — respondeu ele, depois deu uma piscadela. Ele estava flertando? E ela?

NA MANHÃ SEGUINTE, Joanna teve uma ligeira ressaca, uma pressão nas têmporas e na nuca, mas tinha valido a pena passar uma noite agradável com um amigo novo. Para seu grande alívio, os objetos e a mobília da casa estavam em ordem ultimamente. Embora parecesse que a despensa e a geladeira estavam sendo invadidas todas as noites. Ontem mesmo ela assou uma fornada de biscoitos, mas, ao retornar das tarefas, havia somente uma bandeja de migalhas. Havia também a questão irritante de Gracella se recusar a voltar para casa, já que estava assombrada, por mais que Joanna tentasse explicar que fantasmas não existiam. Embora a mãe tivesse deixado de trabalhar para elas por enquanto, Tyler ainda fazia parte de sua vida. Joanna o buscava na pré-escola, e eles passavam a maioria das tardes juntos.

Na noite passada, ela e Harold riram como adolescentes e cruzaram uma nova fronteira. Depois de reconhecer Harold como um amigo no começo, Joanna pensou que poderia gostar dele *daquele jeito*. Não tinha previsto que algo assim voltasse a acontecer e estava resignada a ficar solteira sem se queixar. Não que ela fosse realmente solteira, é claro, já que havia Norman — mas eles ainda poderiam se considerar casados? Não que tivessem pedido o divórcio, mas quem já ouviu falar de alguma coisa como divórcio entre imortais? Joanna imaginou que teria de perguntar às filhas o que elas achavam.

Na verdade, ela não pensava que enfrentaria esse problema. Harold a pegou de surpresa, e agora ela caminhava pela casa com um sorriso, que percebeu ao cruzar o antigo espelho de pedestal na sala de estar. *Quem é aquela?* Ela se assustou antes de perceber ser ela mesma. Então examinou o reflexo, empurrando uma mecha de cabelos atrás da orelha, percebendo o brilho no rosto. Parecia anos mais jovem, o que a fez sorrir ainda mais, mas então fez uma careta.

— O que estou fazendo? — perguntou à imagem.

Joanna viu Gilly acima dela, apontando seu bico de ônix, o mesmo tom preto-azulado de suas penas. Ela se virou para encarar seu ente familiar, empoleirado sobre o relógio do vovô. Seja o que for que Harold tenha feito com Gilly no outro dia, havia funcionado. O corvo parecia tão mais saudável, mais brilhante. Joanna estava maravilhada ao vê-lo forte e disposto, não entristecido e cabisbaixo em seu canto na gaiola.

Gilly grasnou. Comunicava a Joanna que queria levá-la a algum lugar, e parecia ansioso, movimentando-se de um pé para outro. O corvo planou para baixo do relógio, aterrissando no antebraço erguido de Joanna. — O que é? Onde estamos indo? Para fora? Tudo bem.

JOANNA VESTIU O casaco, pôs as galochas, amarrou sua prática bandana vermelha ao redor dos cabelos esvoaçantes e saiu, seguindo Gilly. O corvo voou de galho em galho, empoleirou-se na cerca do jardim, guiando Joanna depois do portão até um caminho que cortava um campo crescido lá fora. Contornaram algumas propriedades vizinhas, um celeiro e um curral, e seguiram na direção do bosque.

Moviam-se rapidamente, e Joanna logo ficou sem fôlego, mas a caminhada rápida na brisa fria foi revigorante e boa. O ar cheirava a terra e a tomilho selvagem. Tendo quase chegado ao bosque, seu ente familiar

pousou na campina. O corvo gingou por lá, chamando a atenção de Joanna para o chão. Gilly parou, apontando o bico, e Joanna viu o caminho de capim seco amassado, de flores silvestres, violeta áster e solidagos, cercados de outras flores que ainda proliferavam. Era como se alguém tivesse esmagado as plantas, deixando a morte em seu rastro.

Joanna ajoelhou-se e tocou as flores e as ervas ressecadas. Desmanchavam-se ao menor contato. Ela se ergueu e seguiu o caminho seco que conduzia à floresta. Gilly voou até seu ombro enquanto Joanna prosseguia até chegar a uma clareira, onde a grama ainda estava verde. Aqui, a trilha se emaranhava de forma desconexa pela grama, como se pesquisando para onde ir em seguida. Mais adiante, enveredava por capim e flores silvestres.

Gilly começou a crocitar como se estivesse ansioso para Joanna continuar se movimentando, deixando-a saber que estavam próximos, mas então Joanna ouviu seu nome sendo chamado. A voz era obviamente familiar e bem-vinda, e ela se virou, abandonando o caminho.

— Joanna, que surpresa agradável — disse Harold Atkins. — Estava lá no celeiro — ele fez um sinal com a cabeça —, e vi vocês dois passando, mas estava dando uma injeção em uma égua. — Sorria enquanto dava passos largos na campina aberta na direção deles.

— Que bom encontrar você tão cedo, Harold — respondeu ela. Mesmo em atendimento veterinário, Harold usava terno e sapatos marrons brilhantes. Isso a fez sentir-se malvestida — roupas de trabalho, lenço vermelho sobre os cabelos sem lavar, *jeans*, casaco de lã, enormes galochas de borracha.

— Eu não podia deixá-la andar por aí sem dizer um oi. — O sorriso dele era contagiante. — Vejo que Gilly está se recuperando bem.

— Ah, sim, de repente, ele está bem animado. Estou tão aliviada. Estávamos dando uma volta.

Eles se beijaram no rosto, ao estilo europeu, e Joanna percebeu que gostava do cheiro de Harold — como sabonete e madeira, e também névoa do mar. Talvez fosse somente o perfume de frescor do ar de North Hampton.

— Eu adoraria caminhar com você até a sua casa, se não se incomodar. O dia está tão lindo — disse Harold.

Ela aceitou a oferta dele, e os dois foram conversando até a casa de Joanna, fazendo novos planos para jantar juntos logo, e ela esqueceu totalmente o estranho rastro de flores mortas.

capítulo treze

Hide and seeking



O *Dragon*, um iate de pesca esportiva branco e elegante, de sessenta pés, com uma viga mestra de dezessete pés, conseguia chegar a 44 nós a 2.330 rpm, mas agora as cordas o prendiam ancorado, em boas condições, no cais da ilha Gardiner. O barco continha três níveis. Em cima havia a plataforma externa com uma cabine em estilo mezanino, que estava lotada: um *freezer*, duas gavetas com equipamentos, uma caixa de bebida, geladeiras, vários recipientes para armazenagem, uma caixa para peixes e iscas — em outras palavras, uma variedade enorme de lugares onde se podia esconder algo. Abaixo ficava o segundo nível, o passadiço com um console em estilo península, um deque de teca contendo um alçapão, que conduzia a outros locais de armazenamento a estibordo e assentos, sob os quais havia mais compartimentos para cordas e mastreação.

Mais para baixo do convés, pela porta de teca sólida de acesso à escada, os degraus conduziam à galeria interna: piso de madeira e paredes de cerejeira, armários e divisórias em baixo-relevo e assento de couro castanho. Atrás ficava a cabine principal com um cofre biométrico, que só poderia ser aberto com a impressão digital do indicador de Killian (mas muito pequeno para o que Freya procurava), infinitos armários e prateleiras; a estibordo, a cabine da tripulação com três beliches que revelavam mais unidades de armazenamento quando eram levantadas; adiante, o salão ligado à cozinha com balcões de granito preto e armários por toda a parte.

Havia também três banheiros, o motor e a sala das bombas, que Freya já havia inspecionado várias vezes.

Cada centímetro do *Dragon* continha algum tipo de espaço para guardar algo. Freya vasculhou o barco de proa a popa, mas um compartimento poderia estar escondendo outro, como uma série de caixas chinesas. Então, ela começou tudo de novo.

Agora, ela estava lá embaixo na cabine da tripulação, que servia de quarto de hóspedes. Ergueu a parte superior de um beliche e, do seu interior, removeu toda a roupa de cama, que foi empilhada no alto do terceiro beliche, maior. Assim como pensou, descobriu uma porta escondida nas tábuas do fundo. Tentou erguê-la, mas não havia nenhuma alça, e as unhas não dariam conta desse trabalho. Precisava de algo para deslizar na ranhura para movê-la.

Virou-se para conseguir uma faca de uma das gavetas da cozinha e se viu em pé, cara a cara com Killian, que estava, parecia, observando-a — por quanto tempo, ela não sabia. Ela não o tinha escutado a bordo nem o viu descendo a escada da escotilha; era como se ele tivesse flutuado até ali.

Ele parecia confuso, e havia algo em seus olhos penetrantes, mas ela não pôde dizer se era raiva ou decepção.

— E então? Está procurando o quê?

Freya tentou parecer constrangida.

— Mais um travesseiro. Acho que estirei as costas no bar carregando aqueles estúpidos baldes de gelo. Não sei por que não usar a magia para levá-los para cima. Agora vou precisar de algo para me sustentar direito enquanto durmo, para não doer tanto. — Ela pressionou o braço direito. Meu Deus, que desculpa esfarrapada. Além disso, por que precisava falar sempre tão rápido quando mentia? Joanna conseguia saber quando ela mentia, e provavelmente todos os outros.

Killian a encarou por um longo momento, por trás de sua franja escura e espessa, e então seu rosto se abriu em um sorriso lento.

— Pare com isso. Você e eu sabemos que é mentira. — Ele riu.

Ela riu também, mas não conseguia inventar nenhuma outra desculpa. Poderia agir com ciúme, dizer que suspeitava de um caso extraconjugal. Mas por que ela estaria procurando sob o assoalho? Acusá-lo de esconder uma mulher dentro do beliche parecia um pouco psicótico demais.

Killian se inclinou para dentro da porta. Estava tão sereno, a voz e os movimentos sempre tão relaxados, lembrando Freya de suas noites lânguidas de sexo. Não que eles tivessem feito algo ultimamente, mas ela não podia deixar de sentir atração.

— Você tem me evitado ultimamente — disse ele. — Não tem dormido aqui. *Nunca!* Sempre que ligo para perguntar se precisa de ajuda no bar, você diz que está muito devagar, embora isso nunca, jamais importasse antes, e o que está acontecendo com você e com o barco? Quantas vezes tem que virá-lo de cabeça para baixo? O que anda acontecendo? Por que não me diz?

E ela que pensava ter deixado o barco intacto.

— Perdi uma coisa — respondeu ela. Isso não era uma mentira muito grande. Freddie havia perdido uma coisa.

— Você vai me dizer o que é?

Ela olhou para ele, apertando os lábios, depois, inflexivelmente, acenou um não.

— Talvez eu pudesse... *ajudar?* — Killian disse. — Já pensou nisso?

Ela ficou em silêncio por um momento e respirou fundo. — Não, não dá. Me desculpe. Não posso contar. Ainda não. Odeio isso, guardar segredo de você, mas não posso.

— Tudo bem, se é assim que vai ser... — Ele deixou a cabeça pender, e os ombros subiram e desceram. Quando ele olhou de volta para ela, ela viu tristeza em seus olhos. Era muito genuína e evidente, e ela se sentiu muito mal por causa disso.

Ela o amava muito, mas amava Freddie também. Seu gêmeo não poderia estar certo, mas ela precisava encontrar essa prova, ou pelo menos ter certeza de que não havia nenhuma verdade em suas acusações. Estava em uma posição terrível, presa entre duas pessoas que eram muito queridas para ela.

As Valquírias não soltavam nenhum de seus prisioneiros, e alguém tinha que pagar pela queda de Bofrir. Alguém seria condenado a ir para o Limbo — não havia modo de evitar isso —, e se não fosse Freddie, quem seria? Afinal, Loki serviu seu tempo. Freddie tinha tanta certeza de que era Killian, e Freddie nunca mentira para ela.

Killian, de repente, socou a parede, e Freya saltou para trás. Ela sabia que ele estava frustrado com o que estava acontecendo, achava que a estava perdendo.

— Killian, não, por favor — disse ela, sentindo uma onda de amor e compaixão por ele. Mas a compaixão era a morte de um relacionamento, tanto quanto ela sabia, e ela não queria sentir pena de Killian.

Ele não respondeu nada. Em vez disso, virou-se abruptamente e a deixou sozinha, fazendo-a se sentir horrível, abandonada e, de repente, aquela que precisava de compaixão. Ela correu pelo deque, chamando o nome dele, e até subiu à cabine, mas ele havia desaparecido. Freya voltou para baixo e ficou na amurada, chamando seu nome na escuridão.

— Killian! Venha, por favor... volte! — Mas não houve resposta. Nada de Killian.

Ela sabia o que ele estava tentando dizer. *Vá em frente, Freya. Siga em frente e procure tudo o que quiser no meu barco. Não vou detê-la. Se não pode confiar em mim, se acha que estou escondendo algo de você, então vá em frente e procure. Eu desafio você a encontrar alguma coisa.*

Ela se sentiu uma idiota.

capítulo catorze

Night and day



Era pouco depois das duas, e Ingrid já havia devolvido a placa de SERVIÇOS DE ACONSELHAMENTO à gaveta e começado a escrever um relatório sobre a nova planta. A recente arrecadação de fundos para a biblioteca permitiu substituir todos os PCs dinossauros por iMacs, além de adquirir *software* de arquivamento para acompanhar as muitas plantas que a biblioteca possuía. Havia muito a fazer: tinha de repassar cada impressão e seus materiais anexos para inserir os dados, e já que a planta eduardiana ainda estava fresca na memória, começou por ela.

Ergueu os olhos da tela do computador ao ouvir Hudson bater na porta do escritório.

— *Entrez* — chamou ela.

Ele abriu a porta apenas o suficiente para deslizar por ela, e então calmamente a fechou.

— *Bonjour, mademoiselle Ingrid* — falou Hudson, com um enorme sorriso. — Um oficial da lei muito bonito está aqui para vê-la. — E franziu a testa.

— Você não está dizendo... — arfou ela e, em pânico, olhou para Hudson por um segundo. — É ele mesmo? — Ingrid perguntou enquanto começava a remexer nervosamente nas coisas da mesa, organizando canetas, lápis, borrachas, grampeador, fita adesiva *Scotch* e outras coisas mais.

— Ah, devo trazê-lo aqui?

— Sim, acho que sim. Vá em frente! — A voz dela ficou um pouco estridente, e ela não queria olhar diretamente para Hudson, para que ele não visse seu terror absoluto.

Enquanto Hudson foi buscar Matthew Noble, Ingrid alisou os cabelos e o coque, corrigiu a postura e tentou decidir qual mão deveria repousar sobre a mesa. Experimentou uma, depois a outra, mas decidiu fingir digitar, algo que a faria aparentar uma certa despreocupação.

Matt entrou. Usava seu uniforme da NHP, para variar — investigadores trabalhavam à paisana, e Ingrid achou que ele parecia bastante elegante. A camisa azul-marinho era justa, a calça confortável, o coldre preto pesado brilhando em seus quadris e sapatos pretos lustrosos. Não usava chapéu, e Ingrid achou que era uma escolha de estilo inteligente.

Ela se levantou, saindo detrás de sua mesa, estendendo a mão de maneira formal. — Olá, investigador! — disse com um aceno.

Ele sorriu torto para ela. — Sempre tão formal, Ingrid — comentou.

— Sente-se — disse ela, agitando o braço na direção da cadeira e de um pequeno sofá ao longo da parede enquanto voltava para trás de sua mesa.

Matt escolheu a cadeira diante da mesa de Ingrid e se sentou com os cotovelos sobre os joelhos, a mão sobre a testa, olhando para o chão, sacudindo a cabeça com o que parecia ser um sinal de desaprovação. Ao se endireitar, olhou Ingrid nos olhos. Parecia realmente oprimido.

— Pensei em passar por aqui e falar diretamente com você, já que não vai responder a nenhuma das minhas ligações — começou. — Prefiro saber pessoalmente se você optou por acabar... hã... nossa... essa... coisa que temos em andamento...

— Suas ligações? — perguntou ela.

— Sim, meus telefonemas — disse Matt bruscamente. — Deixei várias mensagens com minhas sinceras desculpas pela outra noite. Sinto muito

pelo que aconteceu. O policial dentro de mim surgiu. Fiquei preocupado com você. Saí fora da linha. Estou *profundamente* chateado, Ingrid.

Ela o encarava, os olhos arregalados. Esta era a última coisa que esperava ouvir e estava se preparando para dar um pedido de desculpas. Ficou confusa, mas a outra parte dela só queria sorrir. Fez um esforço para manter o rosto neutro. — Bem — começou —, deve haver algo de terrivelmente errado com o meu telefone, pois não recebi recado nenhum.

— Sério?

Ela fez que não com a cabeça.

Matt riu. — Uau, realmente somos péssimos nisso, não é? — Ele se levantou, bateu o pé no chão, colocando as mãos nos bolsos. Olhou timidamente para ela.

— De fato — concordou Ingrid.

Eles se encararam timidamente outra vez, e um pequeno sorriso surgiu em seus rostos.

— Você não tem que se desculpar, Matt. Sou a única que agiu de modo rude, e venho me sentindo horrível desde então — disse ela, com sinceridade. — Estou até pior, porque nem sequer tentei ligar para você. Caramba, o que eu estava pensando?

— Não, a culpa é minha — disse ele, pegando carona no jargão dos anos trinta que, de repente, ela havia adotado. — Eu tinha que inventar de agir como um tira.

— Por que estamos falando desse modo? — perguntou ela, pensando que a qualquer momento poderia ter início uma música estridente ao fundo.

— Bem, você começou — disse Matt. — Eu só peguei o mote.

Riram juntos. Então, eles tinham isso em comum, e não apenas romances clássicos norte-americanos, mas a alegre era de ouro dos filmes de

Hollywood, estrelados por Humphrey Bogart e Lauren Bacall, uma saudade dos doces, mas intrépidos romances em preto e branco.

— Podemos tentar de novo? — Matt perguntou. — Você e eu? Nós realmente deveríamos. Você é um biju, Ingrid.

— Pare com isso — disse ela, rindo.

— Não consigo — respondeu ele. — Você é um doce de coco.

— Gostaria de tentar novamente. Gostaria muito, Matt — disse ela com voz rouca, como uma heroína em um filme *noir*.

INGRID TINHA CERTEZA de que os pixies estavam por trás de todas essas ligações perdidas. Provavelmente mexeram em seu telefone. Ela não deixaria aquilo barato. E aquele pedaço de papel com o número da garota? Muito provavelmente outra de suas travessuras perversas. Depois do trabalho, falaria poucas e boas àqueles duendes parasitas. Tinha que descobrir rapidamente de onde vinham, para que pudesse enviá-los de volta o mais rápido possível.

capítulo quinze

Jigsaw



Faltavam poucos dias para o Dia das Bruxas. Joanna ficou tão angustiada com a trilha do espírito que mal tinha notado qualquer outra coisa, muito menos que a casa estava afundando lentamente na antiga situação de miséria desde que Gracella tinha parado de trabalhar havia várias semanas. Ela também acabou proibindo Tyler de visitar a casa por medo de que ele fosse possuído por espíritos malignos. Joanna mencionou isso a Ingrid no outro dia, e sua primogênita murmurou algo sobre “refugiados” e “estou cuidando disso”. Joanna ansiava para comemorar o feriado com seu neto “adotivo”, esculpindo abóboras, comprando doces de “gostosuras ou travessuras” para as crianças, criando uma casa assombrada verdadeira, mas não havia tempo para isso agora.

Saiu, com uma mochila nos ombros, Gilly indicando o caminho para a trilha de flores murchas. Chegaram à clareira no local exato onde Harold havia chamado seu nome. Era um dia sem nuvens, por volta das duas horas da tarde, quando o sol atingia o seu apogeu, brilhando através dos pinheiros e iluminando a clareira. No meio havia o caminho deixado pelo espírito que tentava fazer contato com ela. A grama ao longo do local se inclinava em diferentes direções e era esmagada como pó sob os pés conforme Joanna andava. Claro, seria mais rápido seguir em frente na clareira, mas ela queria se concentrar na trilha do espírito, no caso de se deparar com pistas novas.

Quando chegou ao fim da clareira, viu que o trajeto continuava entre as sempre-vivas, mas lá encontrou um negrume, as agulhas de pinheiro que

cobriam o chão da floresta estavam queimadas. Ela se agachou e as estudou, pegando um punhado, inspecionando, cheirando, pois elas estavam de fato carbonizadas e viravam fuligem em suas mãos. Bateu as palmas para livrá-las do pó preto, depois continuou a subir a montanha. Gilly voava à frente.

Tropeçou em um leito de pedras, depois se ergueu, subindo até o topo, onde o terreno aplainou. Aqui, o caminho parava abruptamente, mas adiante, na pequena clareira superior, havia um enorme carvalho tortuoso, e abaixo, nas sombras de seus galhos alastrados, um morro singular com uma lápide. Gilly voou e pousou na parte superior dela.

Algo como vidro captava a luz no monte. Joanna andou para a frente, até ficar em pé diante dele. O marcador de pedra não tinha nome ou epíteto inscrito nele — apenas uma lápide em branco desgastada e repleta de marcas. Mas lá no morro, disposta ordenadamente na terra, com as agulhas de pinheiro e a folhagem empurrada para o lado, havia uma mensagem.

O espírito usou seis pedras de runas, duas pedras de um tabuleiro de palavras cruzadas e dois dados que faltavam de um jogo de gamão sofisticado que tinha sido um presente de Ingrid. As peças de madeira das palavras cruzadas poderiam ter pertencido a qualquer pessoa, mas as runas, feitas da mesma matéria que a varinha de osso de dragão, que ela notou estar lá — o espírito a tinha usado para ressaltar a mensagem —, eram dela.

Ela não percebeu que as runas haviam sumido. Costumava guardá-las em uma bolsa de veludo vermelho sobre a mesa no escritório. De vez em quando, consultava as runas para resolver um conflito ou olhar o futuro. Ao contrário de Ingrid, Joanna não podia tocar diretamente na linha de vida de uma pessoa, mas precisava da ajuda dessas pedras nórdicas antigas para agir como um oráculo.

Joanna, primeiramente, tomou cuidado para não tocar em nada. Tirou a mochila das costas, encontrou uma caneta e um caderno para começar a copiar a mensagem para não esquecer e poder estudá-la melhor em casa. Era óbvio que o espírito estava usando as runas para lhe dizer algo.

Gilly crocitou animadamente, e o som ecoou pela floresta.

— Sim, Gilly, *X* marca o local — disse ela. — Mais que um *E*? Huumm... parece. Obrigada por me trazer aqui. Você fez bem.

As runas eram uma escrita alfabética, e cada letra gravada na pequena peça tinha um significado especial, como cartas de tarô. A ordem em que cada runa foi colocada tinha um significado. À primeira vista, Joanna viu que nenhuma das runas fora invertida, o que a animou, porque isso indicava que este era, provavelmente, um bom presságio. Normalmente, quando uma runa estava de cabeça para baixo, assumia um significado negativo.

As runas foram colocadas em uma linha reta horizontal, que incluía a peça *A* das palavras cruzadas. Havia um espaço depois das primeiras três runas, e mais três se seguiam, o *A* entre elas. Na prática de antigos oráculos, como runas, tarô ou I Ching, o número 3 era utilizado para fins de adivinhação, denotando passado, presente e futuro, um triângulo completo, a trindade interna: sangue, água, espírito. A propagação de três runas era conhecida como a propagação das Nornas, representando a tríade das irmãs Nornas, deusas do passado, presente e futuro, que presidiam os destinos dos deuses e dos homens. Mas por que a letra romana *A* estava lá?

Abaixo da primeira linha havia outra composta por dois dados, 1 e 5, seguido por um *L* de cabeça para baixo na peça das palavras cruzadas. O *L* invertido deveria ser um 7? Isso indicaria então o número 157. O que poderia ser? Poderia ser um ano — a.C. ou d.C.? Então, foi há muito tempo! Como objetos, além das runas, haviam sido introduzidos, Joanna

sabia que a mensagem demandaria mais que uma leitura de runas para decodificá-la e que era um enigma a ser resolvido.

Ela o desenhou em seu bloco:

HFP YMA A T

□ □ □

Quando terminou o esboço, Joanna procurou outras pistas ao redor do túmulo — runas soltas, cartas, talvez até outro objeto —, mas não encontrou nada, então colocou todas as peças no lenço que mantinha na mochila, amarrando bem para não perder nada. Queria se debruçar depois sobre a mensagem reproduzida na escrivadinha dela.

A temperatura caiu, e o vento tinha começado a fustigar os pinheiros e bordos.

— Terminamos aqui, por enquanto, Gilly — disse ela, ajustando a mochila no ombro.

— Crau, crau! — respondeu o corvo, subindo para conduzir Joanna ao caminho de volta para casa.

capítulo dezesseis

Sexual healing



A pareceram menos crianças que no ano passado, Freya refletiu enquanto tirava a tigela de doces. O Dia das Bruxas tinha vindo e ido embora, e não era o mesmo, não sem Tyler, a quem tinham ficado ansiosas por mimar. Joanna não havia feito a decoração — sua mãe não era a mesma ultimamente — e Ingrid não aprovava a “comercialização” de um de seus dias santos consagrados, embora fizesse muito tempo desde a última vez em que haviam celebrado um bom All Hallow’s Eve, ou Halloween. Era uma vergonha! Desde que a Restrição fora revogada, não havia nada para impedi-las de caírem na real, entrarem com tudo e serem — *pagãs*. Ah, bem, talvez no próximo ano.

O celular de Freya vibrou. Era uma mensagem de texto de Killian. << Venha para o cais o mais rápido possível. Quero mostrar uma coisa.>>

Não se viam desde aquela última briga estúpida no *Dragon*. Era como se Killian tivesse desaparecido, e Freya ficava de olho no barco à noite, para ver se as luzes se acendiam, mas tudo permanecia escuro desde que esteve lá. Este foi o primeiro contato desde então.

Naquele dia, depois de Killian tê-la deixado, Freya voltou a procurar por todos os cantos do barco, o que a fez sentir-se uma traidora deplorável. Acreditava ter encontrado todos os esconderijos secretos, aberto a última caixa chinesa, mas a busca, que durou até o amanhecer, mais uma vez não rendeu absolutamente nada.

Desde que Freddie plantou a dúvida em sua mente, Freya ficou agitada. Estava vendo coisas em Killian: piscadas malévolas, má intenção quando quase escorregou da passarela. Mas e se fosse apenas sua imaginação? Ela era muito sugestionável, afinal. Suas emoções nublavam tudo. E se estivesse vendo coisas que não existiam?

Ela se enfurnava em seu apartamento em Nova York todas as noites, não querendo se deparar com a mãe ou a irmã. Elas se preocupariam e fariam um alvoroço. Como ela estava muito vulnerável, poderia contar tudo. Prometeu a Freddie não revelar o seu segredo — que ele estava de volta, que tinha escapado do Limbo. Se fosse qualquer outra pessoa que não Freddie, revelaria agora, mas ela sempre guardou os segredos do irmão gêmeo. Eram sagrados, não importava o que fosse, não importava se aquilo a estava matando. Joanna e Ingrid já estavam ficando desconfiadas de suas ações.

O pior de tudo era que sentia muita falta de Killian, como se estivesse faltando um membro dela, como se uma parte tivesse sido cortada e estivesse sangrando. Era como se tivesse perdido Killian, assim como o tinha reencontrado, mas agora, com essa mensagem, teve um vislumbre de esperança.

Além disso, não havia nada naquele maldito barco. Freddie era bem-vindo para procurar ele mesmo se não acreditasse nela.

<< Já vou indo. >> respondeu.

QUANDO FREYA CHEGOU à passarela, Killian a esperava do outro lado, encostado na grade displicentemente. Seu rosto estava impenetrável. Ela atravessou a ponte apressada, mas antes de chegar a ele, Killian a silenciou e deslizou suavemente um lenço branco sobre os olhos dela. A sensação dos dedos dele colocando a venda, verificando se não havia uma fresta de luz

penetrando completamente, a acalmou. Ele colocou as mãos suavemente sobre os ombros dela e sussurrou:

— Você está enxergando?

Ela fez que não com a cabeça. Sabia que essa era a sua maneira de convidá-la a confiar nele, dar-lhe fé cega e, naquele momento, estava tão aliviada e emocionada por estar na presença dele, sentir seu toque de novo, que teria prazer em deixar Killian conduzi-la à beira de um precipício para então empurrá-la.

Ele a girou, dando cinco voltas, e a virou para o outro lado. Pegou na mão dela.

— Vamos lá — disse.

Ele a guiou, mas depois de todos os rodopios, ela não tinha certeza de que estavam se dirigindo para o cais ou para o lado oposto. De qualquer modo, ela ainda conseguia sentir o cheiro da água salgada no ar. Mas, no final, o cheiro do oceano se diluiu, e ela deduziu que estavam se afastando da água. Agora, ele estava atrás dela, com as mãos em sua cintura, empurrando-a lentamente à frente, e ela sentiu estar em um caminho entre as árvores; ouviu pássaros cantando sobre elas. Adivinhou que estavam se afastando de Fair Haven.

— Para onde você está me levando? — perguntou ela enfim.

— Psiu! — Killian disse. Caminharam em silêncio por um tempo, mas logo ele a fez parar em um local. — Tudo bem — disse. As mãos dele desfizeram a venda de seus olhos, tiraram o nó da parte de trás da cabeça.

O lenço caiu, e ela abriu os olhos. Estavam no lado sudeste de Fair Haven, onde uma estufa fazia limite com a parede da mansão.

No decorrer de anos sem uso, ela havia se estragado. O teto em domo e as paredes escureceram com a idade, e muitos dos painéis com trabalho em ferro da década de 1800 estavam quebrados. O interior havia se

transformado em um pandemônio de mato, cipós e hera, de modo que se tornou impossível até mesmo entrar.

Freya olhou com admiração. A estufa estava completamente reformada, e o vidro brilhava à luz. A cena interna a lembrou da estufa do conservatório tropical em Kew Gardens, na Inglaterra: palmeiras esguias retorcidas, agaves salmianas, violetas africanas, costelas-de-adão com brilhantes folhas rendadas verdes, um lago espelho com nenúfares rosas. Ressuscitada, a estufa era um lembrete do que Killian sempre fora para Freya: Balder, o deus da tranquilidade, alegria e beleza. Esta era uma extensão dele, e também uma manifestação de seu amor.

— Você fez tudo isso? — Freya perguntou.

— Bem, isto é realmente apenas uma amostra de seu novo canteiro de ervas — disse Killian. — Fiquei entusiasmado e demorou um pouco para conseguir fazer tudo crescer do jeito que eu queria. Você sempre disse que gostaria de cultivar suas próprias ervas para magia.

Freya sentiu os olhos se turvarem, e Killian a tomou pela mão enquanto entravam no ar úmido, denso e aquecido pelo sol, repleto do perfume das flores e do canto das cigarras. Ele deu uma volta com ela, apontando as ervas que plantou em toda parte enquanto dizia seus nomes: damiana, hissopo, bardana, matricária, valeriana, nepente, raiz de angélica.

— Musgo — disse ele, parando em uma grande pedra verde arredondada.

— Eu vi! — Freya retrucou e colocou a mão sobre o musgo, pressionando-o, admirando sua textura elástica.

Ele sorriu com um brilho irresistível nos olhos.

— É legal! — Ele a apertou contra a pedra coberta de musgo.

Era realmente o lugar perfeito para descansar as costas enquanto Killian movimentava os lábios em seu pescoço, depois no rosto, beijando as lágrimas. Logo eles estavam nus, rolando entre as violetas africanas; depois,

o rosto e as mãos pressionaram contra o vidro quando ele a penetrou de novo, e ela viu a respiração formar uma mancha de vapor na vidraça.

Estavam encharcados de suor, seus corpos lisos, escorregadios um contra o outro, e então ela foi pressionada contra o musgo de novo, enquanto ele se movimentava com ternura dentro dela. Ele era tão forte, e ela adorava o modo como ele a controlava enquanto ela passava as mãos sobre seu torso musculoso, e ele erguia os joelhos dela acima de seus ombros, empurrando-os contra o peito dela. Estavam em sincronia agora, fazendo amor — era o que era —, e aquilo era tudo que ela jamais poderia se lembrar de ter feito com ele. Gritou quando ele estremeceu em seus braços, apertando-a com força, e ela olhou para o céu e as nuvens se moviam para além de seu refúgio de vidro.

Eles se soltaram um do outro, os braços ao lado deles, as testas ainda juntas, enquanto ofegavam.

— Senti uma falta enorme de você! — Killian exclamou.

— Eu também! — Freya disse. — *Senti uma falta enorme de você.*

Ele segurou o rosto dela e puxou sua boca em direção à dele. Ele era maravilhoso. Era tudo que Freya queria. Apenas Killian poderia fazer seu corpo e sua alma vibrarem dessa maneira, ele era o único que sempre a teve. Tudo o que tinha a fazer era se soltar, confiar nele.

Freddie estava errado. Ela nunca deveria ter duvidado de Killian, ele jamais a enganaria. Freya parou de beijá-lo, e antes que soubesse o que estava dizendo, começou:

— Andei escondendo algo de você. Meu irmão está de volta do Limbo. Fryr... quero dizer Freddie. Ele se chama Freddie agora.

— É uma notícia incrível! Freddie! — Killian olhou para ela, a alegria estampada no rosto. — Você não é a única que sente saudade dele, sabe? Onde ele está? Vamos buscá-lo. Já? — Ele puxou-lhe a mão e com a outra

começou a recolher as roupas que estavam espalhadas por toda a estufa. Ele entregou a blusa e a calça para ela.

Freya se recostou na pedra coberta de musgo, segurando as peças contra o peito.

— Não é tão simples assim, Killian. — Ela baixou o olhar para as folhas marrons que cobriam o chão, e depois o observou enquanto ele se vestia. Ela tinha que explicar.

Agora que havia revelado que Freddie estava aqui, não conseguia segurar mais nada. Ela decidiu dar o salto de fé e confiança.

— Freddie *fugiu* do Limbo. As Valquírias não o deixaram exatamente sair. E tem mais... — Contou o que Freddie acreditava ter acontecido, que Killian era seu inimigo, que era o responsável pela queda da ponte Bofrir e por roubar os poderes dos deuses, como o seu próprio, deixando ele e Loki assumirem a culpa. — Não consigo convencê-lo do contrário. Ele realmente acredita que você fez isso. Tentei, mas ele insistiu em se esconder, tramando sua vingança contra você.

Killian estava descalço, com um *jeans*, a camisa desabotoada, e olhou para ela da mesma maneira que havia olhado da última vez no *Dragon* — abandonado, ferido, confuso.

Ela ainda não tinha colocado as roupas de volta, e agora elas caíram a seus pés. A testa estava enrugada enquanto ela o encarava. — Mas ele está errado sobre você, certo, Killian? Diga-me que ele está errado!

Killian não respondeu, apenas começou a abotoar a camisa, sem olhá-la diretamente, sem responder a pergunta.

capítulo dezessete

Teenage dream



Ventava na praia, mas nada disso importava: a areia batia no rosto e caía sobre a comida, o cobertor voava dos sapatos colocados como lastro nos cantos para prendê-lo, os cabelos eram despenteados pelas rajadas repentinas. Tudo isso só os fazia rir.

Matt foi buscar Ingrid depois do trabalho e a levou para a ponta de Long Island, perto do farol em Montauk Point, para ver o pôr do sol. O local, um nicho de areia deserta, cercado por rochas recortadas e afiadas que apontavam para o céu, ficava bem do lado de fora do bolsão sem orientação, e assim os dois, em certo sentido, tinham saído de outra dimensão para o tempo real, ou talvez ainda cambaleassem entre os dois. Estavam dentro da fronteira do ordinário e do extraordinário, mas não parecia haver nada de comum em nenhum dos lados no momento. Talvez fosse uma zona de sonho, porque era assim que Ingrid pensava a respeito — este segundo primeiro encontro. Estavam começando tudo novamente.

Matt trouxe um cobertor e ainda surpreendeu Ingrid com uma cesta de piquenique repleta de coisas elegantes: uma toalha branca e guardanapos, taças de champanhe, uma garrafa gelada de *Veuve Clicquot*, um musse-patê de pato, *cornichons*, um *brie* suave, azeitonas e uma baguete deliciosamente crocante por fora, macia e com sabor de amêndoas por dentro.

— Já que não deu certo naquele restaurante, pensei em trazer o restaurante para você — Matt disse, mordendo um pedaço de pão com patê.
— Espero que você goste. O garçom de lá disse que era *très délicieux*.

Ingrid ficou tocada e riu do esforço de Matt em fazer um sotaque francês adequado. Ele tinha bom ouvido. Ele sempre fazia surpresas para ela. Ninguém nunca havia sido tão atencioso com ela antes. Bem, exceto seu pai, Norman, mas é claro que pais não contam quando se fala sobre esse tipo de coisa.

O sol caía atrás de um conjunto azul-prateado de nuvens, delineando-as em branco luminoso. Acima dessa faixa horizontal, o céu se tingia de azul-turquesa; abaixo, ocre; depois, tangerina ao longo da água, cujas ondulações suaves refletiam de volta uma mancha do sol e do céu. Ondas quebravam, assobiando ao longo da areia. Eles terminaram de comer, e logo o sol desapareceria nas ondas.

— Isso é mágico — exclamou Ingrid.

Matt sorriu e não respondeu, mas também não discordou. Ela pensou em deixar passar por agora. Não havia motivo para discutir. Tampouco desejava espiar em sua linha da vida, apesar de ser bastante fácil fazer isso no momento; ele sentou-se ao lado dela, calça arregaçada até os joelhos, descalço, aberto, receptivo, presente — o candidato perfeito, realmente.

Ele não mencionou sequer uma vez o “bando de meninos de rua”, e ela estava grata por isso. Sentia-se em paz com ele, como se tivesse finalmente voltado para casa. Viu seu rosto sardento animado mudando as expressões, olhou para as piscinas azuis de seus olhos, os cabelos se movimentando ao sabor do vento.

Matt inclinou a cabeça para ela.

— Posso? — pediu. Ingrid piscou nervosa, mas ele a virou de costas para ele, pelos ombros, e com cuidado começou a tirar os grampos de seu coque. Ele os colocou em sua mão, e ela o encarou novamente, balançando os cabelos.

— Melhor — disse ele, e colocou um dedo sob o queixo dela, levantando-o, para que ela pudesse encará-lo. Inclinou o rosto dela, e Ingrid mal conseguia recuperar o fôlego.

— Deveríamos voltar para o carro antes de escurecer, guardar tudo isso, você não acha? — Ingrid sugeriu, com a voz trêmula.

— Huumm — exclamou Matt, com um sorriso sonhador. — Bem... — Ele riu.

Ela se levantou e limpou as migalhas da saia e começou a embalar o piquenique. Sentiu-se idiota e tola por estragar o momento; deveria tê-lo deixado beijá-la. Não era a primeira vez. As coisas estavam indo muito bem, e ela não tinha certeza até onde isso iria. Até onde ela queria levar.

Correram para o carro quando o vento aumentou, levando o cobertor e a cesta pelo caminho através das rochas, colocando os sapatos ao chegarem ao estacionamento. Depois que guardaram tudo no porta-malas, Matt abriu a porta do passageiro para Ingrid e se sentou no banco do motorista.

Bateu a porta e se virou para ela. Ela olhou interrogativamente para ele, ou talvez seu rosto estivesse indecifrável. Não sabia dizer como estava aos olhos dele.

— Me desculpe — começou. — Sou nova nisso... — As mãos dela se contorceram em seu colo, e sentiu como se fosse morrer de vergonha.

— Ei! — Matt disse. — Não temos que fazer nada. Ouça, podemos apenas ser amigos, está bem?

Ingrid fungou e acenou com a cabeça, engolindo a decepção.

Matt colocou a chave na ignição. Fim de tudo. Ele estava levando-a para casa, e então seriam amigos. Não podia fazer isso, pensou, ter um relacionamento verdadeiro com alguém de quem gostava. Ela era um fracasso e uma covarde.

Mas o carro permanecia estacionado. Ingrid virou-se para ele. Matt sorria para ela. Seu sorriso dizia a ela: *está tudo bem. Nós vamos ser amigos. Espero você.* Ela não precisava ler mentes para compreender o que ele estava tentando lhe comunicar.

Ingrid esticou a mão e desligou o carro, e então colocou sua mão sobre a dele e a guiou em direção a seus lábios. Ela beijou-lhe os dedos, um por um, uma penitência. Um convite. Não teve que esperar muito tempo. Ele a beijou novamente, por mais tempo agora, e quando ela abriu a boca para a dele, sabia que era diferente de tudo que já havia experimentado antes, uma saudade que doía, uma fome que cada um buscava satisfazer, mas ao mesmo tempo doce e relaxante. Matt estava debruçado sobre ela, a parte de trás da cabeça pressionando o encosto de cabeça, os braços desajeitados nas laterais.

Ela pressionou sua boca com mais força contra a dele, colocando as mãos, hesitante no início, em seus ombros largos, e depois deixando-as correr com mais confiança ao longo de seus braços. Sentiu seus músculos retesados sob a malha macia. As mãos dele acariciavam sua cintura, empurrando sua saia. Ele beijou seu rosto, seu pescoço, e ela o ouviu suspirar alto. Sentiu o calor aumentar entre eles, as janelas do carro começaram a embaçar.

O vento e a areia fustigavam o carro. Já havia escurecido. Os postes de luz ao redor do terreno haviam se iluminado em determinado ponto. Ela colocou as mãos sob sua malha, sob a camisa, em sua barriga dura e lisa, e ao mesmo tempo eles se beijavam, pressionando-se cada vez mais um contra o outro. No fim Matt estava em cima dela, os joelhos entre suas pernas, e a cabeça batendo contra a janela.

Ela não notou que, enquanto se beijavam, havia tirado a malha dele, as mãos estavam sob sua camisa, e enquanto ela o despia, ele desabotoou a

camisa, e agora a mão dele estava atrás de suas costas, brincando com o fecho do sutiã.

Ela se afastou, e seu rubor se espalhou do rosto ao peito.

— Você quer que eu pare? — Matt perguntou, a respiração irregular, pairando sobre ela, com os olhos vidrados.

Ela estava sentada ali, com os joelhos apontados para ele, a saia erguida até o cóis da meia-calça preta, as luzes iluminando com suavidade seu peito pálido, seu pequeno sutiã branco de todos os dias se mostrando, e isso a envergonhou. Ela sempre usava sutiã, ao contrário de Freya, que gostava de “deixar os amiguinhos livres”. O sutiã era muito pouco sensual, apenas prático, nada de rendas, enfeites ou armação para incrementar o busto. Apenas um sutiã branco básico.

Um sutiã branco básico, que ela nem mesmo estava usando, pressionava o peito, pois Matt havia conseguido desprendê-lo.

Tinha trinta e dois anos. Não. Era mais velha que isso. Muito mais velha, mas Ingrid percebeu que ninguém nunca a tinha visto nua antes. Nenhum homem, pelo menos.

Ela tremia.

— Podemos parar — Matt disse, e começou a se desvencilhar para sair de cima dela.

— Não... não — disse Ingrid.

Com os olhos nos dela, ele tirou a sua blusa até cair no chão, depois, lentamente, muito lentamente, fez o mesmo com o pedacinho de algodão que ela segurava com tanta força. Ingrid fechou os olhos e deixou que ele a visse.

— Você é tão linda — ele murmurou, beijando-a no pescoço. E, então, suas mãos estavam em sua pele nua, em seus seios, e seu pulso ressoava em seu ouvido, e seus beijos se tornaram trêmulos. Ambos tremiam agora, pele

contra pele. Então é assim, Ingrid pensou, embora já fosse um pensamento passado. Ela se entregou aos sentidos plenos, gozando a sensação do corpo quente de Matt sobre o dela, um pressionando contra o outro.

Freya ficaria tão orgulhosa de mim, pensou. Segunda base! Mas foi até onde ela conseguiria ir, e ela sabia que podia confiar em Matt. Não teria que dizer nada. Em vez disso, continuaram se beijando, como dois adolescentes assustados e hesitantes, mas ansiosos, tendo seu próprio despertar, dentro do único carro parado no estacionamento.

Dia de Ação de Graças

*somos uma
família*



capítulo dezoito

Message in a bottle



Joanna dispôs a mensagem do espírito sobre a mesa, do mesmo modo que encontrou no túmulo:

Hƿƿ ƳM A ʀ

□ □ □

Agora que podia ler as runas relaxadamente, decidiu fazê-lo em ordem crescente das Nornas, lendo seis delas em grupos de três, da esquerda para a direita, já que foram colocadas em dois grupos distintos. A primeira, denominada runa de Odin, representava os fatores que levaram a esse ponto (passado) e era a visão geral da situação, a segunda resumia a situação (presente) e identificava o desafio atual, e a terceira era destinada a sugerir um curso de ação (futuro) e seu possível resultado.

Na primeira posição, ela tinha *hagalaz*, que significava “saudação”, cujo sentido mais profundo presciente era crise, convulsão, catástrofe, estagnação, perda de energia, força destrutiva despertando de um sono profundo. Aqui, o espírito dizia a ela que algo havia dado errado. Isso não era muito surpreendente. Se o espírito buscava a atenção de Joanna, e tinha se dado o trabalho de deixar essa mensagem na Terra do Meio, isso significava que estava totalmente abalado, desesperado o suficiente para

romper a grossa membrana da ligação que separa os mortos dos vivos. A runa não tinha significado ambíguo, porque até mesmo de cabeça para baixo queria dizer a mesma coisa.

A runa na segunda posição, o desafio atual, *ansuz*, representava um deus ancestral, e sua tradução esotérica oculta era a revelação de uma mensagem, um comunicado, um conselho. “Seja você quem for, você quer que eu os leia. Isso está claro”, disse Joanna. “Ou você está dizendo que o desafio é eu ter de encontrá-lo, para que possa me dizer algo urgente? Você tem algum conselho para mim? Você quer me dizer do que essa catástrofe se trata, o que perturba você? Tudo bem.” Ela falava com o espírito como se ele estivesse na sala.

A runa final, a ação que ela tinha de tomar, era *wunjo*. “Ah, isso é legal de sua parte”, disse Joanna. “Você quer que nos tornemos amigos, aliados, ou você está dizendo que seremos amigos no futuro?” Wunjo era o símbolo de “alegria” e significava amizade.

Decidiu que o recado geral desse primeiro conjunto de runas era simples: algum tipo de grande calamidade havia acontecido, e o espírito necessitava informá-la de suas especificidades, oferecendo amizade e sem intenção de trazer nenhum dano. Ela precisaria penetrar mais na Ligação para encontrá-lo. Se o espírito fosse tão poderoso como aparentava, não precisaria estar necessariamente na camada mais próxima à Ligação.

No caso de Philip e Virgínia, suas tentativas de contatá-la tornaram-se tão descontroladas, que acabaram matando o cocheiro do landau. Se Joanna tivesse interferido mais cedo, poderia ter evitado que o pobre homem fosse empalado nas pontas de uma cerca de ferro fundido quando a carruagem o derrubou e o atirou para fora dela. Os dois amantes não pretendiam provocar nenhum mal. Foi só o amor que os levou ao desespero. Não queriam que um homem morresse. *Ninguém morreria desta vez*, Joanna

pensou. Ela tinha que descobrir o que esse espírito queria que ela soubesse antes que tomasse medidas parecidas e desesperadas. Isso exigiria pesquisa, feitiço correto, e ela ainda precisaria saber onde procurar essa alma. Estava prestes a ler o próximo conjunto de runas quando sentiu uma presença no quarto. Olhou por cima do ombro e viu Ingrid.

— Ah, você me assustou! — exclamou.

— Você está muito nervosa, mãe! — Ingrid a repreendeu, mas Joanna pôde ver que sua primogênita estava de bom humor. Estava radiante, com os cabelos loiros-claros lisos drapejando para baixo dos ombros, o mais bonito tom de rosa em suas bochechas, a pele pálida e úmida. Ela lembrou a Joanna uma flor delicada, mas forte, como uma orquídea mariposa branca ou um esguio e elegante copo-de-leite. Sorriu, feliz por ver sua filha tão relaxada e bem. Deve ser o novo namorado policial. Matt Virtuous ou algo assim, não é? Joanna se alegrou e ficou secretamente satisfeita. Já estava na hora de Ingrid encontrar alguém.

Ingrid andou até Joanna, e seus cabelos loiros caíram sobre a mesa quando ela se inclinou sobre o ombro da mãe, estudando as runas.

— Huumm, interessante — observou ela. — Por que as peças das palavras cruzadas e os dados que dei para você estão inclusos em sua leitura?

— Não se preocupe, querida, diga-me o que vê — respondeu Joanna. Queria ter a primeira impressão rápida de sua filha sem transmitir toda a história ainda, uma leitura sem ser afetada por qualquer outro conhecimento, que fosse pura e objetiva. Ingrid, com seu dom de previsão, era adepta a ler o oráculo das runas. Desde a revogação da Restrição, Ingrid começou a recuperar suas memórias e habilidades, inclusive o talento perdido de ler e entender seu idioma antigo.

A filha atribuiu também a ordem crescente às Nornas e chegou a uma conclusão semelhante sobre as primeiras três runas. Ela passou para o segundo grupo, e Joanna pediu que ignorasse o A.

— *Algiz, manaz, laguz* — disse Ingrid, listando os nomes das runas. — Isso significa que algo ou alguém esteve protegendo você até agora. Escudando-a do mal. No entanto, essa proteção, essa conexão, essa estrutura divina, se quiser dizer assim, foi interrompida, desconectada, e você precisa repará-la. Você está em perigo. Esse é o seu desafio. Você precisa corrigir essa conexão para estar segura. Quanto ao curso de ação que deve tomar para fazer isso... *laguz*... água... você deverá viajar. Mas é uma coisa boa. O resultado final leva à cura e à renovação.

Oscar entrou vagando pelo chão, depois esfregou sua enorme cabeça de águia contra a perna de Ingrid. Ela afagou seu ente familiar.

Joanna continuou a olhar para as peças. — Você está totalmente certa. Isso teria me levado um tempão. Graças a Deus eu tenho crianças inteligentes. Explicou tudo o que vinha acontecendo ultimamente e como um espírito havia feito contato.

— As coisas estavam se movendo ao redor da casa? Huumm, isso não é bom! *Droga!* — Ingrid bufou, abafando a expressão entre os dentes. — Você *pensou* que era um espírito? — Ingrid parecia cética e distraída, olhando para a porta, preocupada. — Você tem certeza? — perguntou ela.

— Acho que eu saberia, querida. — Ela contou a Ingrid sobre a experiência no jardim, as flores murchando ao seu toque, como Gilly a havia conduzido para o bosque, onde eles tinham seguido o caminho para o túmulo, e encontrado os objetos expostos no morro e nessa mesma formação.

— Você está certa — disse Ingrid, estudando a mensagem. — É um espírito que precisa de sua ajuda. Mas isso também é um código, as peças

do jogo, os dados... É uma criptografia, uma cifra, um anagrama de algum tipo. O fato de existirem letras do jogo palavras cruzadas indica isso. Talvez diga algo completamente diferente do que as runas nos mostram, algo horrível, sinistro, uma ameaça. Precisamos decodificar isso, e acho que você deveria convocar papai o mais rápido possível. Ele é ótimo com enigmas.

Joanna pigarreou, sentindo-se um pouco irritada porque sua filha pensou que ela não seria capaz de descobrir isso por conta própria. — Bem, gostaria de resolver isso sozinha, por enquanto. A mensagem é, obviamente, para mim, e só. Posso decodificá-la sem a ajuda de Norman. Mas, em primeiro lugar, acho que preciso entrar em contato com esse espírito, “viajar”, como você diz. Ele quer falar comigo. Acredito que queira que eu o levante entre os mortos.

— *Acho* que você está se precipitando, mamãe. Você não sabe o que isso significa ainda. Não são apenas as runas. Há algo mais aqui. Ela apontou para a linha com os dados e o *L* invertido. — Olha, este é um número. Um cinco sete.

— Sei que é um número — disse Joanna um pouco na defensiva. Percebeu que a filha estava apenas tentando ajudar. Claro que Ingrid estava certa ao ser cuidadosa, mas sentiu que era urgente e disse isso. Ingrid fez que não com a cabeça.

— Você não pode erguer um espírito morto antes de descobrir o que ele quer! Lembre-se do Pacto feito com Helda. Você não pode simplesmente sair por aí ressuscitando todos! Sua irmã não encara esse tipo de coisa levianamente. E isso nunca deu certo no passado.

— Eu sei. Eu sei. Você não precisa ficar me lembrando.

Ingrid tentou de outro jeito.

— Sei que você sente que esse espírito precisa de você, mas não acho que seja a melhor maneira...

— Esse espírito está tentando me dizer algo importante, mas a única maneira de eu descobrir é falando diretamente com ele. Ir direto ao assunto, em vez de passar horas decodificando isso.

— Mas e se ele for do mal? — Ingrid observou.

— Não vamos saber até eu tirá-lo de entre os mortos, não é? Já fui até a primeira camada, e ele não estava lá.

Ingrid sentou-se na cadeira ao lado da mesa de Joanna, resignando-se à situação.

— Acho que não vou conseguir convencê-la a não perder o seu tempo com isso, mas você vai prometer me procurar para ajudá-la se estiver pensando em fazer alguma coisa drástica?

— Prometo — disse Joanna.

— E o Pacto?

— Vou pensar sobre isso — respondeu Joanna.

— Bom — disse Ingrid, parecendo apenas um pouco satisfeita.

Agora que mãe e filha chegaram a uma resolução, Joanna pensou que poderia ser o momento certo para perguntar sobre o namorado policial.

— Então, como está aquele rapaz?

— Que rapaz?

— Ingrid, sou sua mãe. *Eu sei*.

— O que você sabe? — Ingrid questionou, tentando parecer inocente.

— Você está namorando o policial, Matthew Bom-moço ou algo assim.

— Matt Noble! — Ingrid corrigiu, ofendida. Joanna sorriu ironicamente.

— Viu só?

— Tudo bem. Acho que estou... saindo com ele, mãe, mas você não precisa olhar para mim dessa maneira. Já tenho que dar conta de Freya me

provocando dia e noite.

— Estamos felizes por você, querida — retrucou Joanna, aproximando-se para abraçar a garota. — Queremos que você seja feliz.

— Eu sei — Ingrid murmurou. — Obrigada, mãe. Estou feliz. — Apertou a mãe em um abraço aconchegante. — Memorizei o código, vou pensar nele e ver se consigo chegar a alguma conclusão. Então, desvencilhou-se do abraço e saiu do escritório de Joanna, antes que a mãe pudesse fazer mais perguntas constrangedoras ou chamar Matt de algum outro nome bobo. Oscar seguiu-a de perto, as unhas arranhando o assoalho.

Joanna foi deixada sozinha, mais uma vez olhando para a mensagem. *Sim, uma cifra ou um anagrama, algo desse tipo*, pensou Joanna. *É exatamente o que pensei*. Pegou uma caneta e papel e começou a rabiscar.

capítulo dezenove

When doves cry



Betty Lazar e o investigador em treinamento, Seth Holding, continuavam firmes e se propuseram a organizar o Karaokê de Sexta-feira à Noite no *North Inn*. Sal adorou a ideia. Isso era incrível nele. Mesmo aos setenta anos, estava sempre disposto a experimentar algo novo, desde que as coisas continuassem acontecendo.

— Podemos chamá-lo de sex-a-okê! — disse ele, animado, ao que Freya tinha respondido “Eh!”. A outra *bartender*, Kristy, foi mais direta.

— Credo! Que tal deixar apenas Karaokê de Sexta-feira à Noite? — As duas *bartenders* eram ótimas e ajudaram Sal a comprar o equipamento e os discos no eBay de um bar recentemente fechado em Nova York.

Assim que montaram tudo, viram que a maioria das músicas e dos vídeos correspondentes parecia remontar à década de oitenta. Os visuais que vinham com as letras mostravam mulheres com cabelos enormes, dezenas de colares de bolas, pele pálida, lábios escarlate brilhantes e vestidos largos deixando um ombro de fora. Os homens não eram melhores, usavam calças justas e costeletas, cabelos curtos na frente e compridos atrás, ou o contrário.

Mas isso estava totalmente de acordo com as mudanças do bar na sequência espaço-tempo, então agora, na véspera de sexta no *North Inn*, podia-se ouvir qualquer coisa, desde uma versão bêbada e desafinada de Prince em *Little Red Corvette* a um soberbamente redondo *Piano Man*, de Billy Joel; a *Sister Christian*, de Night Ranger’s (uma banda bêbada de

músicas para se cantar junto), *Back in Black*, de AC/DC, além de sons dos Tears for Fears, Billy Idol, The Fine Young Cannibals, 10.000 Maniacs, Duran Duran, Pat Benatar e Michael Jackson, claro. Também havia vários outros artistas que já morreram, ou evaporaram no éter *pop*, foram presos por dirigir bêbados ao volante em Los Angeles, ou se tornaram veganos saudáveis e sóbrios.

Os jovens de North Hampton e seus subúrbios não pareciam sentir falta nem das trágicas Amy Winehouse nem das Miley Cyrus borbulhantes de sua geração, e vinham em massa com roupas antigas de mamãe e papai para se amontoar nas salinhas do bar e se debruçar sobre o cardápio de músicas.

Havia também os quarentões que envelheceram durante a época de muito fluxo de dinheiro e cocaína, como o construtor e bajulador Blake Aland, que ficava numa boa com as pessoas da cidade, discutia um pouco sobre os imóveis em que queria botar as garras e recordava o lema de não ser capaz de cantar o óbvio. Justin Frond, ao contrário, o novo prefeito modernoso, surpreendeu a todos aquela noite com sua afinação perfeita e voz bela e suave.

Os gays são os melhores, pensou Freya, espionando algumas provocações visuais das noites privadas do prefeito. Viu Frond com seu parceiro bonito, andando por uma praia enluarada, calças arregaçadas, em amassos no mato alto de uma duna. O prefeito tinha músculos abdominais excelentes, Freya observou. Quanto aos encontros de meia-noite de Blake Aland, Freya teve que piscar os olhos para afastar as imagens desagradáveis: saltos pontiagudos se enfiando em uma coluna vertebral, algo que envolvia uma língua, um sapato de verniz preto, uma mesa de vidro e um sr. Aland ofegante, espumando.

Seth cantava a épica *Bohemian Rhapsody*, do Queen, uma escolha estranha para um policial, já que era sobre um menino que atirou em

alguém, mas ele estava de folga, e Betty fazia o vocal de fundo, e nenhum deles tirava os olhos do outro enquanto a multidão celebrava. “*Mama, life had just begun, but now I’ve gone and thrown it all away...*” (Mama, a vida tinha acabado de começar, mas agora já era e desperdicei tudo...)

— Eles realmente são bons, os dois — disse Sal para Freya. Ele trabalhava no balcão com ela. Killian não veio ajudar — Freya sentia falta dele, mas ele estava tão obcecado em terminar a estufa — e Kristy servia bebidas pelo bar enquanto coletava os papéis com as opções de música e preparava a máquina de karaokê.

— Você não sabe nem metade, Sal — retrucou Freya. Betty e Seth tinham relações pelo menos três vezes ao dia, quando podiam: no intervalo para o almoço em um banheiro de restaurante, no carro de polícia de Seth, em uma sala de interrogatório na delegacia (*de todos os lugares, esse era o que eles realmente deveriam ter mais cuidado*). Enquanto os observava cantar, Freya decidiu se entreter além do voyeurismo casual.

Fechou os olhos e se concentrou e, ao abri-los, a fumaça de gelo seco envolvia Betty e Seth. Quando se dissipou, eles haviam trocado de traje e estavam com uma peça apertada de cetim branco — à la Freddie Mercury. Como artistas experientes que eram, nem piscaram, e a multidão aplaudiu e apenas gritou mais alto.

Freya se juntou aos gritos, mas parou quando seu celular vibrou no bolso. Era Killian, e ela perguntou a Sal se poderia atender a chamada na sala do fundo. Killian parecia angustiado, mas ela não conseguia ouvi-lo por causa do barulho. Entrou no escritório apertado de Sal, com a mesa pesada de mogno, a outra para os jogos de cartas das noites de pôquer com os velhotes locais, os alvos para dardos e os arquivos pretos riscados.

— Você tem que vir ao *Dragon* já — disse Killian. — Precisamos conversar.

A frase *precisamos conversar* nunca caía muito bem para Freya. Ela era quase um *homem* nesse sentido. As palavras a enchiam de medo e desconforto. Será que havia feito algo errado? Killian estava zangado por algum motivo que ela não conseguia se lembrar? Tudo estava indo tão bem ultimamente. A vida sexual voltou ao normal (dando a Betty e Seth um desconto), e eles conseguiram evitar o assunto Freddie completamente.

— Estou muito ocupada. Você sabe, essa coisa nova da noite do karaokê — disse Freya. — Bem, está mais parecida com a noite dos anos oitenta.

— Tente escapar. Preciso muito falar com você. Por favor!

SAL SEMPRE FOI bom em arrumar ajuda improvisada, e um de seus amigos logo se juntou a ele atrás do balcão. Freya já estava ao volante do Mini Cooper, acelerando em direção ao estacionamento junto à praia, que levava à ilha Gardiner. Quando chegou ao *Dragon*, Killian estava no deque. Ele a ajudou a saltar a bordo. Dentro do barco, ela notou que ele havia pedido comida — havia massa em bandejas de alumínio — e tinha aberto uma garrafa de vinho tinto, mas seu prato de comida parecia intocado, e o vinho não havia sido derramado no copo.

Freya cruzou os braços, sem saber muito bem o que esperar. O sentimento de pavor incomodava seu estômago, e ela se sentiu enjoada e fraca. O que ele tanto queria falar?

— Sente-se — disse Killian. — Você quer um copo de vinho? — Invariavelmente, Killian acompanhava suas palavras para Freya com um termo carinhoso — *meu amor ou querida* —, mas não havia nada disso, o que a assustou ainda mais.

— Já bebi o suficiente esta noite — disse ela.

— Vou direto ao ponto — disse ele sinceramente. — Sei que estamos ignorando o assunto ultimamente, mas isso não significa que eu não tenha

pensado sobre o que Freddie falou sobre mim. — Ele estava com as costas apoiadas no balcão de granito da cozinha, o rosto inclinado em ângulo, os cílios escuros piscando, e, assim, ele parecia ainda mais bonito do que era permitido.

Deus, meu homem é lindo, Freya pensou, e esperava que tudo o que ele tivesse a dizer não os impedisse de balançar o barco esta noite. Killian soltou a respiração.

— Então, ouça: eu não me lembro do que aconteceu naquele dia.

Freya fixou o olhar nele.

— Qual dia?

— Quando a ponte Bofrir desabou. Freddie pode estar dizendo a verdade — continuou ele. — Não entendo. Há lapsos em minha memória. Tento me lembrar, mas depois dou de cara em um muro e simplesmente não consigo me recordar de como tudo aconteceu. Tudo o que sei é que éramos três na ponte naquele dia. Fryr e Loki foram punidos, mas eu escapei ileso. Os deuses sempre olharam para mim favoravelmente, mas e se, e se... — Suas palavras sumiram.

Freya não sabia o que dizer nem pensar. E se Freddie estivesse certo? E se seu irmão estivesse dizendo a verdade o tempo todo? O que Killian disse era fato: os deuses amavam Balder; ele não poderia ter feito nenhum mal aos olhos deles. Era o filho preferido de Frigg. Nada em todo o universo estava autorizado a tocá-lo, a prejudicá-lo. Ele era Balder, o Abençoado. Balder, o Amado.

— Não sei o que aconteceu, mas quero jogar limpo, Freya. Eu estava lá. Vi a ponte destruída e me lembro de estar segurando algo que não pertencia a mim, quando tudo acabou. Mas isso é tudo.

capítulo vinte

Sharp-dressed man



Ela era uma visão quando caminhava ao longo da praia: uma deusa alta, voluptuosa, com os cabelos castanho-dourados voando ao vento, emoldurada pelo sol. Ela aninhou o casaco ao redor de suas curvas, e mesmo de longe Freddie pôde observar o sorriso se formando em seus lábios ao vê-lo. Ele a sentiu desde o momento em que ela pisou na areia, antes de vislumbrá-la de cima da duna onde estivera esperando por ela chegar até ali, confiando que viria enquanto ele inspecionava a praia, olhando para o céu, observando as ondas.

Freddie se levantou e acenou, depois desceu rapidamente a duna com os pés descalços, movendo-se em sua direção. Hilly Liman. Não foi bem amor à primeira vista para Freddie Beauchamp, que já havia sido “derrubado” durante seu ardente namoro epistolar. Hilly se materializou para ele através do *laptop* dele — sua vibração, seu calor, suas peculiaridades (como ela sugava a água de sua escova de dente ou emitia pequenos sons de golfinho, na parte de trás da garganta, quando se coçava) —, e ele poderia reconhecê-la em qualquer lugar. Sua deusa.

Pararam a poucos metros de distância, os olhos dele delineando as linhas do rosto dela, o queixo quadrado, as maçãs salientes, uma pinta sob o olho, os longos e escuros cílios de seus olhos castanho-amendoados que o encaravam sem hesitação.

Freddie respirou fundo.

— Você é exatamente como pensei — admirou-se ele.

— SÉrio? Como você sabe? — Hilly provocou, com uma risada.

— E aquele abraquinho? — Ele sugeriu.

Ela assentiu. Ele deu um passo hesitante na direção dela, e ela deu outro mais assertivo. Ele a abraçou, expirando forte e liberando tudo que fora reprimido até aquele momento. Hilly era real, e tudo o que ele sabia era que ele a amava e a desejava. Ela olhou para o rosto dele.

— Estou feliz por estar aqui — disse ela. — Estou feliz por finalmente abraçar você.

Eles se soltaram e ficaram um diante do outro.

— Eu também — respondeu ele.

— Não posso ficar muito tempo. Foi uma longa viagem da escola, e agora meus pais me esperam em casa, na cidade, para o fim de semana.

Ele ficou arrasado, sentindo como se algo seria arrancado de sua pele assim que Hilly o deixasse. Mas apesar disso sorriu, e ela sorriu de volta.

— Queria conhecê-lo pessoalmente para ter certeza de que era real. Nunca se sabe sobre essas coisas — disse ela. — Poderia ser muita projeção.

Uma gaivota guinchou sobre eles.

— E...? — questionou ele.

— É real — respondeu ela.

— Eu sei. — Ele olhou para o Ucky Star, erguendo um braço para mostrar o inclinado motel à beira-mar com sua luz neon quebrada, parcialmente obscurecido por dunas e juncos. — Meu palácio — declarou ele.

Hilly se virou naquela direção, olhou novamente para ele, e os dois riram.

— Olha, se vamos ficar juntos, você precisa conhecer a minha família — disse Hilly nervosa. A testa se enrugou, e o rosto obscureceu. — Meu pai é do tipo rígido. Ele é das antigas. Acho que eu também sou.

— Como quiser — respondeu Freddie. Ele compreendeu desde o início que Hilly não iria ao quarto de motel com ele para um pouco de ginástica

sexual. Não que esperasse por isso, de qualquer maneira. Se dependesse de Hilly, ele teria de dar um tempo. Freya o tinha avisado sobre essa garota, e ele não estava agindo como ele mesmo. Mas Freddie não se importava. Então, ela queria que ele conhecesse o pai. Ele poderia fazer isso por ela. Namorar. Que conceito estranho! Isso significava apenas beijar? Tudo por Hilly, mesmo que significasse sair do esconderijo para encontrar o pai dela somente para poder olhar mais para Hilly.

— Você pode vir jantar amanhã à noite?

— Claro — respondeu Freddie, emocionado porque a veria logo novamente.

— Vou lhe enviar um e-mail com os detalhes — disse ela. — Eu realmente gosto de você, Freddie.

Ele queria responder, *eu te amo, Hilly*, mas em vez disso meneou a cabeça. — Eu também.

PARA A VIAGEM a Nova York a fim de encontrar os Limans, Buster se transformou em um Porsche conversível preto, exatamente do mesmo modelo que Freddie havia admirado *on-line*. Os *slogans* o descreviam como tendo “direção mágica”. Freddie pensou que comprovaria isso. Até agora, era divino, como se o carro fosse uma extensão de seu corpo, respondendo ao mais leve toque do acelerador ou do freio, e depois, desafiando a gravidade por completo, decolando para o céu. Chegaram a Manhattan, onde as luzes piscavam como tantas joias ao entardecer, e desembarcaram no Central Park pela Turtle Pond, levantando grama quando desceram e fazendo uma curva até parar. Buster voltou à sua forma regular e fungava sobre folhas caídas, mantendo-se fora da visão até Freddie retornar.

Freddie não gostava da cidade. Ônibus e táxis expeliam gases tóxicos, e quase o atropelaram conforme se encaminhava para o prédio com porteiro

no Central Park West. Vestia trajes apropriados — terno cinza e gravata, como na foto do perfil “sério”. O problema com essas roupas mágicas era que tinham vida útil curta, tinham hora de vencimento, por assim dizer, e agora ele estava na mesma situação complicada da Cinderela. Esperava estar fora de lá antes que o terno e a gravata de bolinhas desaparecessem, e ele voltasse à sua camiseta, aos jeans rasgados e ao tênis Converse preto.

NÃO QUE ELE quisesse deixar Hilly, que estava resplandecente para a ocasião — cabelos presos, alguns cachos se enrolando nas bochechas e um delicado fio de pérolas prateadas *South Sea* no pescoço. Mas desde que chegou ao apartamento no Upper West Side, todo o evento havia sido um pouco bizarro, até mesmo para Freddie, que tinha visto muitas coisas estranhas e mundos estranhos no decorrer de vários milhares de anos.

Por um lado, a expressão *cara de pau*, que ele aprendeu em um programa de televisão em seu quarto de motel, veio à mente. Muitas das regras de decoro e de costumes sociais do século XXI ele conheceu assistindo à televisão a cabo. A mãe de Hilly, Hollis, sentada em uma das extremidades da mesa, parecia *entediada*, embora o jantar mal tivesse começado. Henry Liman, o pai severo de Hilly, na outra ponta da mesa — cabelos grisalhos, bigode fino preto, traços agudos de raposa — tinha informado a Freddie várias vezes que ele era presidente e CEO de uma empresa de navegação extremamente bem-sucedida. Também não tinha parado de colocar Freddie contra a parede, desde que se sentou para jantar, perguntando-lhe sobre sua carteira de ações e atirando palavras para ele como *ações*, *fundos hedge* e *derivativos*, das quais Freddie não sabia nada. Mas o que isso tinha a ver com o restante?

Enquanto isso, as duas irmãs mais velhas de Hilly estavam embasbacadas com Freddie. A do meio, Cassandra, uma garota pálida e frágil, de olhos

escuros, com pescoço fino e curvo e mãos ossudas e compridas, havia tocado uma peça dramática dissonante ao piano antes do jantar. Até mesmo Henry comentou:

— Você pode tocar algo um pouco mais melodioso da próxima vez, meu cisne?

Gert, a mais velha, parecia uma Gert: uma loira peituda e grandalhona com um sorriso aberto, escancaradamente branco e brilhante. Havia conseguido monopolizar o pão enquanto ainda olhava com expectativa para Freddie.

Estava escuro lá fora e dava para ver as copas das árvores do Central Park além do terraço e, do outro lado do parque, o brilho da cidade acima dos telhados e jardins de cobertura. A mesa, com uma toalha branca, foi posta com um centro de mesa de flores, strelitzias, orquídeas *Cymbidium* verdes, lírios brancos e folhagens verdejantes; candelabros de prata com velas tremeluzentes, pratos de porcelana branca, uma pequena bandeira vermelha com uma estrela no centro e recorte azul-claro (do *Titanic*, Gert informou a Freddie, embora ele não pudesse dizer se era com um tom de sarcasmo ou se ela estava se exibindo), e reluzente prataria que pesava uma tonelada. Havia espaço demais entre os seis na mesa extremamente longa, na enorme sala com uma parede vermelha e piso de madeira preta brilhante — o esquema de cores não era diferente das salas de reuniões durante certa época de arrefecimento alemão. Um *chef* particular trouxe o aperitivo: pato crocante servido ao ponto sobre verduras baby selvagens com abacaxi, tangerina e lichia.

Mas antes que se sentassem para comer, Freddie foi usar o banheiro do andar de baixo e ouviu barulhos estranhos vindos do interior dele. Era alguém escarrando? Vomitando? A descarga foi acionada, e a mãe de Hilly, Hollis, uma mulher alta, magra e espigada, saiu endireitando a saia,

sorrindo para Freddie e entregando-lhe o seu iPhone. Ele tentou devolvê-lo, mas ela não aceitou, lançando-o de volta para sua mão, e então eles ficaram desajeitadamente jogando-o um para o outro por um tempo. Quando Freddie finalmente cedeu e entrou no banheiro, olhou para o aparelho na mão. Havia um bilhete para ele na tela:

<< FREDDIE, VOCÊ é muito simpático. Não deixe o homem intimidar você! Ele vai esmagá-lo se puder. Estou do seu lado. Por mim, Hilly é sua. Não quero que ela cometa os erros que cometi. Por favor, apague esta mensagem quando terminar de ler, depois devolva o telefone. bjs, Hollis >>

Freddie optou por deixar o iPhone de modo discreto sobre o aparador na sala de estar, enquanto os pais de Hilly bebiam seus coquetéis antes do jantar. Hollis bebia com entusiasmo, mais rapidamente que Henry, e ele e Hilly tomavam o drinque Shirley Temple, como se fossem garotos de dez anos, e sentaram-se em lados opostos do sofá comprido, enquanto Cassandra tocava aquela música de romper os tímpanos e Gert tentava disfarçar sua risada, bufando de vez em quando.

DE VOLTA À mesa da sala de jantar, Freddie foi atormentado pelo *homem*, e a coisa mais estranha de todas era que Hollis, balançando para cá e para lá, observava o marido com um sorriso de aprovação, que parecia perfeitamente natural, ainda que — sim — com cara de entediada.

— Então, qual faculdade você frequenta, Freddie? Hilly é uma garota de Yale, só se comprometeu com a fraternidade mais seletiva de lá — disse com orgulho. — E você?

— Não acho que eles me aceitariam em qualquer fraternidade — Freddie respondeu com um sorriso, e só recebeu uma carranca em retribuição.

Gert bocejou alto. Cassandra, a quem se referiam como Cisne, soltou uma risada aguda como hiena, depois ficou silenciosa e melancólica. O *chef* veio retirar os pratos de aperitivo, levando o de Freddie, embora ele tivesse apenas mordiscado algumas verduras, e depois voltou com as entradas.

— Bem... sr. Liman, quero dizer, Henry — o pai de Hilly insistia em ser chamado de Henry, seu único momento “relaxado” até agora —, decidi dar um tempo antes da faculdade. — Não era realmente uma mentira. Talvez Freddie fosse para a faculdade se isso significasse conseguir a aprovação do homem para estar com Hilly. Estudaria o caso. Poderia ser muito difícil?

Henry pigarreou, mas Freddie entendeu que era menos para limpar a garganta que para mostrar sua desaprovação.

— Então, você está dando um tempo, vivendo em um motel, para encontrar a si mesmo, buscando sua alma antes do mergulho acadêmico? E sua família? Eles concordam com isso?

Freddie assentiu.

O pai de Hilly franziu a testa mais profundamente, indicando desapontamento porque a família de Freddie parecia não se importar que ele fosse um preguiçoso. Freddie tentou ganhar alguns pontos.

— Meu pai é professor na faculdade, e ele sempre disse que devemos explorar diversas vias antes de nos comprometermos. Ele é um grande defensor de tirar um ano sabático. E mamãe é um... um... espírito livre. Freddie não fazia ideia se seu pai pensava mesmo dessa maneira, mas pelo menos ele foi honesto sobre sua mãe. Fosse o que fosse, Joanna era, certamente, um espírito livre. Henry continuou o interrogatório.

— Bem, o que dizer de um estágio em algum lugar nesse ínterim? Você já pensou nisso? Estágios são maravilhosos, não são, Hilly?

— Sim, papai. Gostei do que fiz na *Vogue* ano passado...

— Então? — Henry interrompeu, olhando para Freddie com curiosidade.

— Não, não andei procurando um estágio... mas... — ele respondeu timidamente, procurando as palavras certas.

— Um completo vagabundo em outras palavras — o sr. Liman murmurou entredentes enquanto começava a esfaquear o enorme pernil de cordeiro na travessa diante dele.

— Huumm — disse Hollis, acenando com a cabeça, como se estivesse totalmente concentrada no que o marido dizia. Parecia que ela apenas seguia o ritual da sociabilidade e estava inteiramente em outro lugar.

Gert riu de novo, e ninguém prestou atenção, enquanto Cassandra parecia acenar com a cabeça, como uma viciada em heroína, e seu garfo pairava sobre a borda do prato.

O orgulho de Freddie foi afetado. Ele buscou a ajuda de Hilly, mas ela só olhou para ele em pânico. Apesar de Freddie não ter riqueza humana, ele era um *deus*, o deus do mar e do sol, capaz de fazer as colheitas crescerem, os botões florescerem, a terra árida se transformar em fértil oásis no meio do deserto. Ele criava a beleza em todo o mundo. Conduzindo a própria defesa legal em sua mente, Freddie começou a perceber que o terno que usava tinha começado a desaparecer, e isso se somou à sua ansiedade. Precisava apressar as coisas. Sabia sobre o amor, a emoção e a paixão, e não deixaria o pai de Hilly lhe dizer o contrário.

— Senhor Liman, Henry, sei que não tenho um emprego nem quaisquer perspectivas. Posso parecer pobre, já que atualmente vivo em um motel decadente. Mas a verdade é que eu me apaixonei por sua filha, e tudo que sei é que... bem, eu a amo.

Hilly lhe sorriu e acenou com a cabeça, incentivando-o.

— Sim, eu amo Hilly. — Freddie se levantou. — E estou disposto a fazer o que for preciso, tudo o que quiser que eu faça, para ter a mão de sua filha.

Todos à mesa, subitamente, prestaram atenção e olharam para Freddie, boquiabertos. Até a sonolenta Cisne havia acordado, e a sra. Liman pareceu bastante sóbria de repente.

— Meu querido — disse Henry. — Você saiu e trocou de roupa, enquanto nós não estávamos olhando? Você não estava usando um terno cinza antes?

Freddie olhou para si mesmo e, para seu horror, viu que a roupa seria tinha vencido, e agora ele estava com a camiseta preta, a Levi's rasgada e o tênis Converse terrivelmente gasto.

O sr. Liman soltou uma gargalhada alta, tão alta e assustadora que parecia fazer a mesa e as paredes tremerem. Quando finalmente se recompôs, disse:

— Adoro um bom truque de mágica. Excelente, de verdade, Freddie! Uma maneira muito original de pedir a mão da minha filha em casamento. Mas você vai ter que provar ainda mais; um emprego de verdade com perspectivas reais, embora você tenha me pegado desprevenido. Sempre tive uma queda por mágica, devo dizer. — Ele riu para si mesmo, balançando a cabeça, enquanto observava Freddie com um olhar perplexo.

Com isso, todos ao redor da mesa bateram palmas alegremente, embora Freddie não tenha se curvado para agradecer. Em vez disso, amuado, sentou-se.

capítulo vinte e um

Like a virgin



— Você tem certeza de que não há ninguém lá fora? — Ingrid olhou ansiosamente para Hudson, a quem pedira para ficar até mais tarde e encontrá-la no escritório, já que a biblioteca estava fechada e os últimos clientes já haviam saído.

— Eu diria que a biblioteca está tão vazia quanto um vilarejo europeu do século XIV assolado pela peste bubônica. É como se houvesse a morte negra lá fora.

— Ah, que bom — disse Ingrid.

— Mas sem cadáveres infecciosos nos corredores, o que também é bom.

Ingrid riu, depois seu rosto ficou sério.

— Não devemos brincar com essas coisas.

— Não, não devemos — concordou Hudson com o rosto exageradamente sério.

— Sente-se e desculpe por tê-lo atrasado. — Ingrid se ajeitou na cadeira giratória.

— Por você, não é problema, minha querida. — Hudson assumiu a cadeira diante de sua mesa, que era muito confortável. Era óbvio que ele amava esses pequenos *tête-à-tête* privados. Ele cruzou as pernas e se inclinou para frente, um cotovelo em um joelho, o rosto preso na palma da mão. — O que há, senhorita Ingrid?

Ingrid olhou ao redor, se preparou, e o encarou diretamente nos olhos.

— Lembra-se de que disse que era meu velho amigo de confiança e estaria às ordens quando eu precisasse de você?

— Sim, claro — disse Hudson. — Eu sou o seu Velho Fiel. Aqui jorra a sabedoria e a verdade.

— Preciso de você, mas não sei como começar, e você tem que prometer não rir quando eu disser.

Ele riu.

— Tudo bem, solte a língua, Ingrid.

— Acho que só existe uma maneira de falar, realmente. — Ingrid se restringiu a dizer.

— Sim? — Hudson sorriu para ajudar a amiga a sair da concha. Sabia que ela tinha tendência a ficar nervosa, a ser evasiva, propensa a fazer muita onda de uma coisa simples.

— Vou ser direta, sou virgem, Hudson — declarou, prosseguindo corajosamente.

— Ah! — Ele a encarou, de olhos arregalados, e não riu nem um pouquinho. — Ah sei!

— Deus, isso é estranho — comentou Ingrid. — Isso é pior que falar com a minha mãe.

— Não, não! Desculpe, você só me pegou desprevenido. — Ele olhou para baixo, endireitou a gravata, tirou um fiozinho de algodão de seu terno. Ergueu o olhar. — Essa foi a última coisa que eu esperava ouvir. Quer dizer que você *nunca*...?

— Nunca — disse Ingrid rapidamente, mordendo o lábio.

— Mas você é, como... — Hudson começou, depois, deixando a frase solta, incompleta. Ele olhou com curiosidade para ela. Ela devolveu o olhar.

— Você está começando a me deixar desconfortável, Hudson.

— Me desculpe. Tudo bem. Verdade! É que nestes tempos e nessa idade, estou um pouco... Como dizer? Chocado? Não achei que houvesse algumas virgens restantes!

— Entendo — respondeu Ingrid com a justificativa, arrumando os papéis em sua mesa.

— Me desculpe. Você é virgem. Tudo bem. E daí? — Ele estendeu uma das mãos e a deixou no ar entre eles, depois rapidamente a recolheu em direção a seu colo. — O que quer saber? Não há muito a fazer, especialmente com o seu... hã... tipo. — Ele continuou a observá-la, colocando a pilha de papel na posição vertical, depois de lado sobre a mesa.

— Que tipo seria esse?

— O tipo procriador. Com meu povo, isso não é tão simples, embora possa ser. É apenas uma questão de... — Ele deu uma risadinha e não terminou a frase. Ingrid olhou para ele por trás de seus óculos.

— Quero dizer, eu entendo a mecânica da coisa. Não sou totalmente sem noção, nem totalmente ingênua, Hudson, mas eu realmente nunca fiz nada a não ser um pouco de pegação.

— Pegação? Como em um jardim zoológico? O que é isso, anos cinquenta? Você quer que eu... o quê?

— Não sei, Hudson. Quer parar de me olhar assim! Não sei, explique as coisas um pouco. Os detalhes...

Os dois se encararam, e então começaram a rir.

— Os detalhes — ele repetiu.

— Não estou pedindo para você dormir comigo nem qualquer coisa assim — Ingrid falou secamente.

— Claro que não. Você é uma graça, mas longe de ser o meu tipo. Desculpe, Ingrid. É que você é sempre tão discreta. Nunca imaginei que você falaria sobre a sua — ele tossiu — *vida sexual*.

— É porque não tenho uma — disse ela. Ela não se encontrava com Matt desde aquela inebriante sessão de amassos no carro dele em seu segundo primeiro encontro, porque ele teve que sair da cidade por vários dias.

— Podemos olhar uma revista *Cosmopolitan*. Posso explicar os artigos... Existe um motivo para isso estar em pauta agora? — Hudson se aventurou a dizer, erguendo a sobrancelha. — As coisas com o oficial Noble estão vindo à tona, por assim dizer?

— Pare de fazer piadas de mau gosto! — Ingrid riu. — E eu já ando lendo muitas revistas *Cosmo*.

— Acho que eu preciso de um *Cosmopolitan*. Sabe, o drinque, para esta conversa. Então, vocês, duas crianças loucas, foram até que ponto?

— Não sei. Segunda base, acho!

— Certo, a pegação do zoológico. Bem, isso é ótimo, ótimo. É um começo. Passos de bebê — divertiu-se Hudson enquanto batia palmas. — Essa é realmente uma grande notícia, minha querida. Isso é muito, muito mais longe do que Caitlin foi com ele, sabia? Tudo bem.

Hudson levantou-se e caminhou pelo escritório freneticamente.

— Precisamos nos preparar para isso, Ingrid. Talvez uma das poções de Freya? Sabe, só para você relaxar. — Ele fez um gesto ondulado com as mãos. — Você tem alguma lingerie sexy? Uma garota precisa delas. — Estalou os dedos. — Nós poderíamos encomendar algumas coisas *on-line*! Ou talvez Freya possa ajudá-la com isso. Levá-la às compras em Manhattan? Aquela garota sabe como se enfeitar. — Ele havia se transformado em um dervixe, girando daquela maneira no escritório, apontando o dedo para Ingrid cada vez que uma nova ideia lhe ocorria.

— Isso tudo parece muito bom — Ingrid assentiu —, mas eu queria saber se... Não sei... Quero dizer, há outras coisas que podemos fazer... que ele e

eu podemos fazer... sem fazer... você sabe, aquilo. Não acho que esteja pronta ainda... mas nós poderíamos, você sabe... tentar outras coisas?

— Outras coisas? — A sobrancelha se ergueu de novo. Ingrid pensou que fosse morrer em uma poça de constrangimento.

— Entendi! — disse ele, apontando para o computador.

— O quê?

— Pornô!

— Pornografia? Vamos olhar pornografia? Hudson, não. — Ela abanou a cabeça. — Apenas... não!

— Ah, vamos lá, não há nada como a internet para dar ideias sobre “outras coisas”. — Ele sorriu.

Ingrid suspirou e o deixou mexer no computador. Ela o tinha procurado em um momento de necessidade, e, gostasse ou não, Hudson estava encontrando uma maneira de ajudar. Ela tinha que confiar nele, uma vez que esse era também um território virgem para ela.

capítulo vinte e dois

That loving feeling



Norman finalmente explicou o que estava tentando dizer em sua última mensagem telefônica para Joanna. Queria que as coisas ficassem bem entre eles. Admitiu que fora sua culpa, que ele agira como um covarde durante os julgamentos de Salem, e acrescentou que, se ela deixasse, ele gostaria de fazer as pazes. Ele sabia que esta era uma maneira suave de colocar as coisas, mas não havia outro jeito de dizê-lo. Nesse meio tempo, no entanto, ele pedia clemência e queria permissão para restabelecer o relacionamento com as filhas. Joanna resolveu isso por telefone ao retornar a chamada, concordando que ele poderia vir para uma visita. Seria desse modo que eles começariam: fazendo uma experiência.

Agora Norman, Freya e Ingrid estavam sentados no sofá diante de uma lareira crepitante na sala de Joanna, tendo sua primeira reunião íntima familiar desde a arrecadação de fundos da biblioteca naquele verão, enquanto Joanna se escondeu no escritório, debruçada sobre vários livros antigos sobre *seid*, magia escandinava. Estava procurando o tópico: “rituais de necromancia”. Ainda não havia decodificado a mensagem que o espírito deixara, que estava na próxima ordem do dia, enquanto fazia uma pausa em todas as letras das runas que rodopiavam em sua mente.

Havia chegado a um impasse. A partir das runas, sabia que o espírito queria se comunicar com ela, mas não tinha encontrado ninguém na Ligação, então precisava buscar uma nova abordagem. Poderia viajar para o Reino dos Mortos e tentar juntar fofocas ou boatos sobre o paradeiro desse

espírito em particular, mas isso poderia trazer muitas pistas falsas. Ressentidos por suas mortes, espíritos novos muitas vezes agiam mal, e podiam ser rancorosos e enganadores. Ela não queria perder tempo em uma missão de tolos, seguindo dicas para becos sem saída. Se este fosse um espírito mais antigo, ela poderia ter que apelar a Helda para liberá-lo, e Joanna queria ignorar a Rainha dos Mortos por completo, se pudesse.

Os livros recomendavam realizar um ritual sobre o túmulo do falecido em questão. Ela teria que voltar para o monte no bosque para fazê-lo. Seria necessário desenhar o padrão do círculo em torno do local, o que poderia ser feito com sal ou pedras. Todos os quatro elementos — terra, ar, fogo e água — teriam de estar representados no ritual para alcançar o equilíbrio da magia e impedir que algo saísse errado. Alguns dos ritos incluíam receitas listando sangue de sacrifício como ingrediente, mas Joanna achava essa prática ultrapassada. Usar roupas pertencentes à pessoa morta era outra sugestão, embora mórbida e, neste caso, impossível.

Para a cerimônia, ela assaria pão ázimo preto e desenvolveria suco de uva caseiro feito por ela a partir das uvas *concord* colhidas em setembro em seu jardim. Consumir esses alimentos simbolizava adotar a decadência e a falta de vida, um gesto de compaixão para com o próprio espírito, tornando-se uno com ele, por assim dizer.

Ela releu a parte da saga de *Hrólf Kraki*, que envolvia uma Skuld — uma das três Nornas —, meio elfo, meio princesa Valquíria, perita na arte da bruxaria, guerreira invencível, mas bastante impiedosa, pois não deixaria nenhum de seus soldados descansar, trazendo-os imediatamente de volta dos mortos tão logo caíssem na batalha, para que continuassem a lutar. Ela estudou “A Magia de Gróa” na *Edda Poética* para ver como Svipdag ergueu sua mãe, Groa, de cujos conselhos ele precisava para saber como lidar com a perseguição de ganso selvagem que a madrasta lhe havia enviado — a

mão da loira Mengloth. Não havia muita coisa lá, apenas o seguinte: “Desperta, Groa, desperta! Do portal dos mortos, eu a desperto”. Ela precisava encontrar um encantamento melhor que esse, então prosseguiu a busca.

O telefone da sala tocou. Era o único aparelho fixo em casa. Irritada com a interrupção, entrou na sala de estar, mas, ao chegar lá, Freya havia atendido a chamada.

A filha cobriu o bocal com a mão e franziu o nariz para Joanna.

— É aquele homem. A pessoa que esteve aqui no outro dia? Diz que o nome dele é *Harold* — murmurou.

Estranho, pensou Joanna, tomando o telefone de Freya, que saiu e se sentou no sofá com Norman. Ingrid o flanqueava do outro lado. Pareciam aconchegados os três, cúmplices, e Joanna se pegou invejando-os, sentindo-se deixada de lado.

Viram quando ela atendeu o telefonema. Ela se afastou deles, de frente para a janela que dava para o mar. Estava escuro como breu lá fora, e eles podiam ver seu reflexo no vidro, e ela os deles, observando-a.

— Oi, Harold — disse ela. — É bom conversar com você. Tudo bem?

Harold falava com entusiasmo e em voz alta, e o mais provável é que eles pudessem ouvir sua voz entusiasmada ao telefone.

— Estou ótimo, ótimo, mas gostaria de vê-la novamente. — Joanna tentou abafá-lo, pressionando o telefone com mais força contra a orelha, o que a fez doer.

— Sim, isso seria fantástico — disse ela, depois, tentando interromper a conversa. — Escute, estou com um convidado, e as minhas duas garotas estão aqui esta noite. Posso ligar de volta, digamos, amanhã?

— Sem problema, querida. Estou só marcando presença, realmente. Pensei que poderíamos marcar de sair novamente.

— Sim, sim. Volto a falar logo com você, então, Harold.

As meninas e Norman continuaram a olhar, sem palavras, para seu reflexo. Ela e Harold se despediram rapidamente, e Joanna se sentiu mal por quase ter desligado na cara do pobre homem. Virou-se para os três no sofá e forçou um sorriso.

Os olhos turquesa de Norman se apertaram por trás de seus óculos de aro preto. Ele havia se barbeado para a viagem até North Hampton, parecia elegante e bem cuidado, algo que ela sempre apreciava nele. Quando estavam juntos, ela nunca precisava lhe dizer para tomar banho, cortar as unhas ou observar quaisquer das regras óbvias de higiene que alguns homens irritantemente pareciam necessitar. Ele passara a usar os cabelos prateados em um corte raspado, e Joanna sabia que era para não ter que se preocupar com ele. Norman tinha cabelos espessos bonitos, e havia tido a sorte de não perdê-los, mas ela preferiria que ele os mantivesse mais longos. Era um homem tão prático.

— Harold? — disse ele, com uma expressão confusa.

— Sim, um cavalheiro com quem ando saindo — respondeu ela. Agora ele pareceu seriamente irritado.

— Você anda saindo com alguém?

Joanna sabia que eles podiam vê-la corar, o que só fez deixar as bochechas ainda mais quentes. Por que Norman estava lhe chamando a atenção? Eles ainda não tinham resolvido se permaneciam casados ou não. Ela colocou em sua agenda de coisas a fazer — abordar o tema com ele, agora que ele apareceria de vez em quando para visitar as meninas. Estava interessado nela? Ela não fazia ideia de que ele ainda tivesse sentimentos por ela, e agora Norman parecia visivelmente com ciúme. Ela havia pensado que ele queria paz, que gostaria de trabalhar por uma espécie de amizade.

Freya se levantou, e Joanna pôde ver que a garota ficou frustrada e irritada, e estava pronta para jogar um feitiço em qualquer um que lhe pisasse os calos. Jogava os cabelos vermelhos selvagens para lá e para cá.

— Mãe, o que é isso tudo? *Por que* está saindo com ele? Quero dizer, você e papai ainda estão casados, não é?

Ingrid não ajudou muito. Joanna pensou que, pelo menos, a mais velha a defenderia. Em vez disso, ela ficou boquiaberta, com as mãos inertes no colo.

— De repente estou sob ataque? — Era tudo o que conseguia pensar para dizer.

Norman respirou fundo e suspirou.

— Apenas pensei que estávamos tentando ser uma família novamente.

Joanna estudou os três a encarando com expectativa. Ela encolheu os ombros.

— Realmente não achei que isso estava na pauta de hoje à noite! — exclamou. — Por que você e eu não vamos ao meu escritório, Norman, e conversamos enquanto as meninas fazem o jantar. Há algo lá que quero mostrar, de qualquer maneira.

Norman subiu, seguindo Joanna, e então os olhos de Ingrid e de Freya se encontraram enquanto uma sorria alegremente para a outra.

capítulo vinte e três

Wanted: dead or alive



Freya entrou na estufa para procurar Killian. Ela o viu no outro extremo, agachado perto das vênus papa-moscas. Ele as alimentava com um par de pinças de metal compridas, colocando insetos dentro das garras dessas estranhas flores verde-claras com dentes longos, até a boca de cada flor se fechar sobre a formiga ou o grilo que se contorcia.

Ele não a tinha ouvido entrar, então ela o observou por um tempo, admirando o seu belo perfil, a curvatura de seus lábios, o nariz perfeitamente reto, seu corpo esguio e lânguido dentro da camisa de flanela e dos *jeans* rasgados. Ele encontrava consolo aqui, ela sabia, perdido em nutrir plantas, adicionando novas, um pequeno mundo que ele poderia controlar, tornando-o perfeito. O rosto parecia perturbado, a curva de seus ombros, pesada. Seu impulso foi de correr para ele, abraçá-lo, confortá-lo, mas ela sabia que não podia. Ela se moveu ao longo do caminho pelo lago de nenúfares, chamando seu nome.

Ele se virou e sorriu.

— Senti sua falta.

— Eu também — disse ela.

— Estou feliz por você ter vindo. — Ele caminhou na direção dela, e eles se abraçaram, mas ela podia sentir tristeza em seu abraço, hesitação, toda a confiança que ele parecia ter havia ido embora. A liga que os mantinha juntos, mesmo quando estavam separados, começou a se enfraquecer. Ela ouviu um barulho do lado de fora, assustou-se e se afastou dele, escutando.

Pareciam latas caindo, provocando barulho, chocando-se umas contra as outras. — Não se preocupe, provavelmente um veado. Talvez um guaxinim. Estão sempre se metendo no lixo e na compostagem.

— Vim para dizer uma coisa — começou Freya. Havia um banquinho entre duas palmeiras próximas, e eles caminharam até ele. O ar na estufa estava exageradamente denso, e Freya teve dificuldade de respirar. Sentou-se, olhando para o rosto de Killian, enquanto ele permanecia em pé. — Freddie me disse que poderia provar que você era a pessoa que havia destruído a ponte. A coisa que eu estava procurando no *Dragon*... Eu busquei muito, mas não consegui encontrá-la. — Ela o encarava suplicante. Algo brilhou no semblante de Killian.

— O que era? — perguntou.

— O tridente dele. Preciso saber se você está com ele. Está?

Ele olhou para ela em silêncio, com o rosto entristecido.

— Não, Freya, mas...

— Mas o quê?

Killian começou a desabotoar a camisa, a expressão impassível.

— Há algo que você precisa ver...

Freya riu.

— Será que ainda não vi tudo? — Ela ficou grata a ele pela tentativa de aliviar o clima. Mas Killian não estava rindo.

— Acho que você nunca percebeu. Ou talvez simplesmente não tenha registrado. — Ele tirou a camisa e a camiseta debaixo dela, deixando as duas caírem. Depois ficou com o peito nu diante dela.

— Você quer me mostrar o seu tanquinho perfeito?

— Não. — Ele se virou.

O bronzeado de verão tinha quase que desaparecido inteiramente. Ele instruiu Freya a olhar para suas costas, onde ela agora via um punhado de

sardas nos ombros. Elas continuavam em sua coluna vertebral. À primeira vista, as sardas apareciam ao acaso, mas, ao examinar melhor, ela começou a ligar os pontos e descobriu que as linhas formavam um tridente. Lembrou-se do que Freddie dissera: *quem o roubou vai ter a marca*.

Killian tinha a marca do tridente.

Freddie estava certo. Killian era culpado.

capítulo vinte e quatro

Do you believe in magic?



Metade do tempo da hora dos Serviços de Aconselhamento havia se passado, e uma fila de moradores de North Hampton sentava-se na sala de espera do lado de fora do escritório de Ingrid. Uma loira alta e pálida, com aparência anoréxica, olhava melancolicamente à frente, tocando a ponta do pé no chão. Uma senhora idosa e um cavalheiro conversavam, uma mulher com cabelos enrolados em camadas (obviamente ela cortou os cabelos do outro lado de Long Island) lixava as unhas, uma criancinha ao lado dela brincava de *video game* em um iPhone.

Dentro do escritório de Ingrid, impregnado de sálvia queimada, as cortinas haviam sido puxadas e havia um pentagrama desenhado com giz no chão, cinco velas brancas acesas em cada canto da estrela dentro do círculo. Um jovem, Sander Easterly, estava dentro da estrela com o macacão de mecânico sujo de graxa. Era um homem alto de vinte e um anos, tão magro que seu peito parecia côncavo, ou talvez fosse por ele estar curvado, envergonhado de sua altura. Os cabelos eram negros, os olhos, azuis, e ele tinha um problema sério de acne.

Sander explicou a Ingrid que a pele do seu rosto começou a piorar no ensino médio e como ele tinha ido de garoto popular a pária. Houve inúmeras visitas a médicos e dermatologistas, ele já havia tentado todos os tipos de remédio, tradicionais e experimentais, bem como todas as panaceias de propagandas apregoadas por um desfile interminável de rostos famosos com a pele impecável. Em suma, nada funcionou. As pessoas o

xingavam de nomes horríveis, e “cara de pizza”, proferido por uma criança pequena, continuava a ser o mais angustiante. Sander, gênio da matemática e das ciências, adorava Stephen Hawking e Brian Greene, e lhe ofereceram uma bolsa para estudar física em uma universidade altamente respeitável em Massachusetts, mas ele foi retido por sua “deficiência”. Permaneceu em North Hampton, trabalhando como mecânico em uma oficina local. Nunca se apaixonou, mas estava de bem com isso, porque o amor, como ele encarava, era uma fábula. Ingrid sentiu uma profunda simpatia por ele, até porque sabia que sua própria deficiência, felizmente, era invisível.

Ela o enfrentou, de olhos fechados, murmurando sob sua respiração, pedindo a orientação dos deuses e dos espíritos igualmente. Em seguida, ela se viu zunindo através da camada inferior, seu corpo arremessado pela escuridão, como se tivesse caído em um buraco negro, uma sensação parecida com a de Alice despencando no País das Maravilhas — assustadora, mas excitante. Parou subitamente e flutuou lá. Viu Sander no que parecia ser um futuro não muito distante, fazendo uma saudação ao sol em uma praia. Seria em North Hampton? Ele estava perfeito, realmente, tão lindo, os cabelos pretos voando ao vento, apenas algumas cicatrizes sobrando da acne que o havia atormentado, dando-lhe personalidade, como eles dizem. Havia um livro na areia, e ela teve tempo suficiente para vislumbrar a capa — *Bhagavad Gita*. De repente, ela estava desacelerando novamente, conforme as palavras eram sussurradas por ela. Havia outro ponto de captura no buraco, como se um paraquedas abrisse acima e a impelisse para o alto, e agora ela flutuava suavemente como uma pluma, espiando uma arena que balançava abaixo de seus pés. Quando desceu ainda mais, viu um Sander mais velho, confiante, discursando em algum tipo de conferência internacional. Seus olhos se abriram.

— Tudo vai ficar bem — disse ela. Vou liberá-lo.

As mãos dela se agitaram em torno da cabeça, do pescoço e, depois, acima de seu peito. Ela viu o coração dele pulsando, e um alcatrão negro semelhante à graxa de mecânico o envolvia. *Um coração negro*, ela pensou, momentaneamente assustada, mas a lama não havia se infiltrado em sua alma ainda. Suas mãos apertaram a gosma preta do órgão, conforme ele se contraía e expandia. Trabalhou até que pudesse ver cada artéria, a veia cava superior grossa e a aorta. Ela agitou as mãos acima da cabeça, enviando a substância viscosa de volta de onde viera. A luz disparou de seu coração, e quando isso aconteceu, Ingrid experimentou sua própria espécie de libertação.

— Lá vai você. Pode sair do círculo agora. Vou anotar algumas coisas para você, uma receita, mas totalmente diferente das que tenha recebido antes.

Sander sorriu para ela, saindo do pentagrama.

— Eu me sinto mais leve — comentou.

— Isso é bom! — Em sua mesa, Ingrid escreveu uma lista em seu bloco, que incluía ioga, o livro *Bhagavad Gita*, as palavras *teoria das cordas* e *da unificação*, o nome Melody e uma lista de ervas e tônicos. — Freya, minha irmã, provavelmente poderá fornecer algumas dessas ervas se você for ao *North Inn*. Ou tente a *Whole Foods*, se você for do tipo que não entra em bar. — Entregou a lista a Sander.

— Tudo isso? Posso muito bem procurar sua irmã. Muito obrigado, Ingrid. Não sei se sou um crente, mas estou disposto a dar-lhe crédito. Já ouvi muitas coisas boas sobre você.

Ingrid encaminhou Sander até a porta, onde Tabitha e Hudson esperavam do lado de fora.

Tabitha lançou um enorme sorriso a Ingrid.

— Tem um senhor lhe procurando! Está olhando a mostra dos recém-chegados.

— O seu homem! — Hudson sussurrou, levantando uma sobrancelha.

— Tudo bem, entendi! — disse Ingrid, e os dois se arrastaram para fora, embora *rebolando* fosse a melhor descrição para Tabitha. Ingrid olhou para a fila.

— Me desculpem — disse ela. — Mas vocês todos precisarão voltar amanhã. Tenho de resolver alguns problemas inesperados.

A fila havia ficado mais comprida, e algumas pessoas estavam em pé, por não haver cadeiras suficientes. Eles soltaram um coletivo “Ah!”. A loira de aparência frágil, que seria a próxima, correu até Ingrid, suplicando na voz mais baixa possível. Ingrid se perguntou se ela, caso falasse mais alto, poderia desabar com o esforço. Tinha o tipo de rosto que não era particularmente estonteante à primeira vista, até Ingrid perceber a simetria perfeita, a beleza de sua simplicidade e engenhosidade, como um desenho de linha única. Essa menina poderia ser uma supermodelo, pensou. Mas disse:

— Mais uma vez, peço desculpas. Venha exatamente ao meio-dia para ser a primeira da fila. Qual o seu nome?

— Melody — a jovem respondeu com a mesma voz baixa.

— Ah! — Ingrid exclamou, surpresa ao ter ouvido o nome tão cedo — ou até mesmo ouvi-la — no que parecia um eco do murmúrio que escutara durante seu transe com Sander. A sincronia maravilhosa lhe deu arrepios. — Sim, por favor, volte. Com certeza vou vê-la antes de todos ao meio-dia de amanhã, Melody.

Os clientes saíram da sala de espera com expressões de desânimo, e Ingrid retornou ao escritório, abrindo as cortinas para deixar a luz inundá-lo novamente. Colocou a placa na gaveta, apagou as velas, guardou-as, depois

usou um apagador de lousa para remover o pentagrama do chão. Houve uma batida na porta. Ingrid se levantou, batendo o giz de sua saia, e foi abri-la.

— Oi — disse Matt, parado na porta com seu habitual casaco bege esporte e calça marrom.

— Entre — disse ela, sorrindo. — Que bom ver você.

— Sim, eu também. Quero dizer, é ótimo vê-la, Ingrid.

Ela fechou a porta atrás dele, e eles se viram no meio do escritório. Ele colocou a mão no ombro dela e a beijou nos lábios, mas os dois pularam aos gritos, seguidos por uma voz retumbante de seu quadril. Ele não tinha desligado o *walkie-talkie*.

“Estou na Seashell Lane and Vine. Não avistei suspeito, ainda, câmbio.”

“Agente firme aí, mantenha. Quero dizer, mantenha sua posição, câmbio.”

“Muito engraçado, McCluskey! Câmbio.”

Matt tirou o *walkie-talkie* do coldre e desligou. — Desculpe por isso.

— Você deixou ligado na biblioteca? — perguntou ela.

Matt olhou para ela timidamente.

— Um pouco... Desculpe! Estou aqui a negócios.

Havia muito para se adaptar à pessoa de quem você gosta tanto. Ingrid lembrou-se de todas as compras *on-line* de lingerie que havia feito na outra noite e corou, como se Matt pudesse ler sua mente. — Sente-se — pediu ela.

Parece que houve outro roubo na área de North Hampton, e Matt queria saber as últimas notícias sobre o bando de meninos de rua que Ingrid mencionou anteriormente.

Sem pestanejar, Ingrid mentiu e disse que eles haviam deixado a cidade definitivamente. Os pixies, naturalmente, ainda assolavam o sótão de

Joanna. Tinham prometido se comportar, mas será que começaram com suas brincadeiras de novo? Estariam envolvidos nesses roubos? Ela teria que se sentar com eles e ter uma conversa. Pareciam estar se comportando, mas ela realmente não havia conseguido nada com eles. Não pôde ajudá-los a lembrar onde ficava a casa deles, e agora acreditava que estariam sofrendo de algum tipo de feitiço que os impedia de saber onde era. Ela precisava levá-los para casa.

Ingrid fez uma careta, mas tentou tranquilizar Matt, dizendo que havia cuidado ela mesma de colocá-los em um ônibus para enviá-los para casa.

— Eles se foram. Tchau. *Adios. Sayonara* — disse ela.

Matt esfregou os olhos. — Você tem certeza?

— Tenho certeza de que os vi entrar no ônibus. Depois os vi partir — reiterou. Ela se sentiu horrível, mas conseguiu forçar um sorriso.

— Tudo bem — falou Matt. — É a coisa mais estranha, Ingrid. Estamos lidando com um ladrão ou grupo de ladrões altamente qualificado. Como todos os roubos recentes, este não mostrou sinais de arrombamento — nada de fechaduras arrebentadas ou janelas quebradas. E não são apenas pequenos objetos, como joias, que desaparecem, mas coisas grandes — pinturas e esculturas. Algumas de valor inestimável.

— Ai, meu Deus! — Ingrid comentou. Se os pixies eram responsáveis pelos roubos, ela poderia encontrar, então, os objetos em algum lugar da casa. Algo como uma tela ocupava espaço. Vasculharia o sótão e veria se estavam escondendo algo lá. Se achasse, devolveria imediatamente. Os pixies nunca roubavam por dinheiro. Só levavam coisas que chamavam a atenção, seja uma bola de gude ou um Picasso, não tinham conhecimento ou conceito de dinheiro. Só gostavam de coisas bonitas.

— Senti sua falta — disse Matt. — Eu disse isso ou só estava pensando nisso?

— Pensando — Ingrid respondeu com uma risada.

Ele sorriu. — Quer fazer alguma coisa neste fim de semana? Eu realmente gostaria. — Ele parecia insinuar algo.

— Claro — disse ela, perguntando se ele estava pensando no mesmo que ela.

capítulo vinte e cinco

Black magic woman



Uma lua de sangue subiu, lançando uma estranha luz suave na floresta. O vento varria as folhas em toda a clareira, onde cinco tochas cercavam a tumba sob o enorme carvalho. Joanna havia trabalhado desde o anoitecer, juntando pedras para fazer um círculo em torno das tochas. Esses rituais funcionavam melhor durante as horas noturnas.

Colocou uma bacia de água no sopé da colina. As tochas, as rochas e a água representavam os três elementos, e para o quarto ela trouxera um gongo tibetano cujas vibrações de sons harmônicos permaneceriam no ar e despertariam o espírito dos mortos. Depois de o ritual de *utiseta*^[5] (sentar-se no cruzamento) estar concluído, ela recitaria um encantamento nórdico simples para provocar ainda mais o espírito.

Dentro do círculo, ela se ajoelhou junto à água, com o gongo e a varinha em seu colo, a cesta de pão preto ázimo e o cálice de suco de uva de um lado. Decidiu por um amálgama de práticas, por improvisar, deixando seus sentidos de feiticeira a guiarem. Tomou um pedaço de pão preto. *Podridão*.

— Retorne à carne — começou ela, colocando o pão na boca. — Retorne ao sangue. — Ela tomou um gole do cálice.

Engoliu, mergulhou as mãos na bacia de água para purificação. Depois, passou a varinha ao redor da borda do gongo, tirando seu som, e o zumbido se espalhou pela floresta. As folhas das árvores estremeceram quando uma súbita rajada varreu o bosque.

Abaixou o gongo e a varinha, e se ergueu para o encantamento, sentindo o ar se eletrizar dentro do círculo. Adorava essa sensação, a intoxicação e o poder da magia. Teve o cuidado de pronunciar as palavras corretamente, de enunciar cada sílaba.

Ao abrir os olhos, viu um fio de luz verde se contorcendo para fora da terra como um verme. Começou a crescer sobre a colina, primeiro se transformando em uma esfera brilhante, depois se estendendo como uma chama, até se tornar tão grande quanto ela, e então viu o esboço do fantasma. Era uma mulher jovem, de rosto redondo pálido, com uma touca de pano branco, enfeitado com rendas, dobrada sobre sua testa larga. Usava uma blusa com uma grande gola branca de camisa, abotoada até o pescoço e rasgada no ombro, um corpete cinza e um avental escuro amarrado ao redor da cintura alta de uma saia castanho-avermelhada. Acima de seus lábios rosados havia uma pequena e redonda verruga negra. Ela fez Joanna se lembrar de *A leiteira*, de Vermeer, embora não fosse tão robusta ou com aparência sólida como a leiteira da pintura, mas mais magra e cheia de curvas. Ela pairou lá acima do túmulo, com os lábios fazendo beicinho, os ombros se inclinando em direção a Joanna. Era realmente de tirar o fôlego.

Joanna se aproximou. O fantasma falava, mas ela não conseguia ouvi-la. Quando Joanna se aproximou, a mão da garota disparou, agarrando-a pelo pescoço. Seu aperto era tão forte que parecia ter voltado em carne e sangue, e Joanna lutou para respirar enquanto um odor de decomposição soprava em seu rosto. Seus braços se agitaram.

— Me encontre! — A garota disse perto do ouvido de Joanna.

Então, ela desapareceu, como um sonho terminado abruptamente, mas ainda segurando-a com suas garras. Joanna estava ofegante quando o estrangulamento foi liberado e caiu de quatro, metade fora do círculo, o corpo atormentado pela tosse até que pôde respirar novamente.

capítulo vinte e seis

Stray cat strut



Freya carregava dois enormes sacos de lixo até as caçambas no estacionamento atrás do *North Inn*. Já passava da meia-noite de um dia da semana, e o último cliente já havia saído. Era a vez de Freya trancar o bar, e ninguém gostava de fazer isso, especialmente sozinho.

“Oh, Kristy!”, murmurou para si mesma, “Por que teve que ter filhos tão jovem?”

Ela olhou para cima e observou a lua cheia. Não era à toa que havia sido uma bagunça no bar aquela noite. Até pensou que era tudo culpa dela, obcecada como estava com a imagem do tridente nas costas de Killian, algo que ainda tentava entender. Estava distraída, não conseguia se concentrar, e sua magia havia enfraquecido: nenhuma das poções teve a efervescência habitual ou o toque afrodisíaco, as bebidas estavam estranhamente insípidas e sem graça, e uma cliente chegou a comentar que nunca havia provado nada tão amargo.

Freya ergueu desanimada a pesada tampa da caçamba, atirou um saco depois do outro para dentro, as garrafas tilintando, e limpou as mãos na calça jeans. Estava suja mesmo, salpicada com todos os tipos de bebida alcoólica, fazendo-a lembrar de seu original coquetel, chamado chá gelado Long Island. Abraçou a jaqueta de couro fino quando começou a andar em direção ao Mini Cooper, sentindo-se desconfortável. Era uma noite fria de novembro.

Freya apertou o botão de abrir na chave, e seu carro apitou entre os outros que estavam estacionados na área de hóspedes da pousada do *North Inn*. Reconheceu o Mazda vermelho da menina que trabalhava no balcão à noite. À direita das caçambas estava um beco mal iluminado que levava aos fundos do restaurante francês à beira-mar que todos na cidade, inclusive Joanna, estavam elogiando — embora ela e Killian ainda não tivessem experimentado. Enquanto passava pelo beco a caminho do Mini Cooper, viu duas sombras em movimento. Caminhavam em sua direção. Ela se escondeu atrás de um carro e espiou através das janelas.

Ela o reconheceria em qualquer lugar: Freddie, seu gêmeo. O brilho em torno de seu rosto e os cabelos dourados iluminavam-no como um vagalume. Quem era aquele ao seu lado? Um homem alto de ombros largos estava em pé diante de seu irmão, mas escondido na sombra. Ela mal conseguia vislumbrá-lo. Usava um quepe de capitão — isso dava para dizer — ou seria de policial? Freddie e a figura sombria apertaram as mãos, depois se separaram. O homem agora se movia na direção dela. Ainda assim, Freya não conseguia ter visão melhor dele do seu local privilegiado e precisou seguir Freddie para ver o que ele estava fazendo. Ele havia partido em direção ao restaurante francês.

Abaixando-se, ela passou pelos veículos estacionados quando ouviu o homem misterioso entrar em um dos carros atrás dela e zarpar. Tudo aconteceu rápido demais para anotar a marca ou a placa, e ela estava muito decidida a seguir o irmão gêmeo. Desceu o beco, abraçando a parede, escondendo-se nas sombras, e depois alcançou Freddie.

Agora ela o viu no estacionamento do restaurante francês. Abaixou-se entre os carros até chegar o mais perto que podia. Ele estava com uma mulher jovem, mas ela só conseguia ver sua silhueta alta e os cabelos

longos. Ela estava de costas para Freya. Quando a garota se virou, Freya teve que se abaixar para não ser vista, mas ouviu algo que Freddie disse:

— Não vai demorar muito agora. — Então a porta se fechou com uma batida. Freya espiou novamente.

Freddie estava vindo, circundou o carro para entrar no banco do passageiro e depois os dois partiram.

Em que seu irmão havia se metido? Estava andando ostensivamente em North Hampton, encontrando personagens estranhos em becos escuros enquanto alegava que era fundamental que ninguém soubesse de sua volta.

capítulo vinte e sete

Stand under my umbrella

(ella... ella... ella)

-Que barulho é esse? Freya saiu de seu quarto no segundo andar da casa de Joanna, dando de cara com Ingrid apertando o cinto de seu penhoar branco.

Os olhos de Ingrid se agitaram atrás de seus óculos. Era cedo, e ela mal tinha jogado água no rosto quando ouviu o barulho e estava prestes a correr até o sótão para mandar os pixies se aquietarem. — Que barulho? Não ouvi nada — respondeu, fazendo questão de dizer isso em voz alta, esperando que os pixies a ouvissem e se calassem.

As irmãs se encararam. Acima delas veio outro som alto como se algo pesado estivesse sendo arrastado pelo sótão de um lado para o outro.

— Esse barulho! — disse Freya, apontando para cima.

Ingrid tentou se mover discretamente em direção à escada para bloqueá-la. — Ah, isso não é nada. Acho que Oscar e Siegfried foram lá brincar mais cedo esta manhã.

Ruídos ressoaram novamente — algo caiu, seguido por um tamborilar de pés.

— Você quer dizer que meu gato e seu grifo estão brincando de casinha lá em cima? E que eles agora têm pés humanos?

— Sim, exatamente — disse Ingrid enfaticamente. — Estão praticando mudança de forma.

— Engraçado, porque acabei de ver Siegfried enrolada na minha cama — respondeu Freya. Ao som de seu nome, Siegfried disparou para fora do

quarto de Freya e se aproximou, esfregando-se em sua panturrilha. Ela olhou para o gato preto ronronando, apertou os olhos em dúvida para Ingrid e, em seguida, sorriu. — Tudo bem, desembuche. — Sabia que isso não era justo. Ela tinha diversos segredos, mas não pôde evitar.

Ingrid colocou uma mão no corrimão e outra contra a parede, levantando o queixo, impedindo claramente as escadas. Freya, com seu quimono preto curto, pressionou o corpo contra o de Ingrid, tentando abrir passagem.

— Tudo bem, tudo bem, vou mostrar! — Ingrid cedeu, deixando Freya passar. — Posso explicar! — Ingrid grudou nas costas de Freya, seguindo-a rapidamente. Freya abriu a porta, com Ingrid atrás em seus calcanhares.

O sótão estava rearranjado para que os móveis não estivessem dispersos por acaso, criando o que se assemelhava a um dormitório com várias áreas de dormir. Não havia mais caixas empilhadas. Em vez disso, roupas penduradas em araras de metal, que Ingrid nunca tinha visto antes. Os pixies estavam de banho tomado. Ingrid notou que eles se limpavam e estavam agradáveis aos olhos, com suas feições pontiagudas e delicadas e pele cintilante.

Sven estava sentado em um divã em sua área, lia um romance de Agatha Christie enquanto fumava um cigarro — havia um cinzeiro na mesa de cabeceira ao lado de seu pacote de Kools. Irdick estava em seu próprio cubículo improvisado, balançando para lá e para cá em uma cadeira de balanço. Kelda e Nyph, com trajes de crianças colocados sobre suas roupas escuras, estavam sobre uma cama de casal, jogando Senha, popular jogo da década de setenta. Val descansava de empurrar um baú em um canto e agora endireitava seu moicano com as palmas das mãos. Todos pararam suas atividades para encarar as duas feiticeiras que haviam invadido o sótão.

— Por que não me disse que estava escondendo duendes? — Freya perguntou, apertando os olhos para eles.

Ingrid suspirou, caminhando até Sven para apagar o cigarro no cinzeiro e confiscar o pacote de Kools. Ela se virou para Freya.

— Não são duendes. São pixies e estão perdidos. Deixei que ficassem aqui até descobrirmos como levá-los para casa, mas eles não se lembram onde é o lar deles — disse ela, de um fôlego só. — São como refugiados.

— Ela está permitindo que a gente durma aqui até... — Sven começou, mas Ingrid o interrompeu.

— *Acabei* de falar isso, Sven. E além disso, como já expliquei, há uma política de não fumar aqui dentro. Se quiser fumar, saia! — Ela apontou para a janela, sabendo que era assim que os pixies entravam e saíam, em vez de usar as escadas e passar pela casa, adeptos que eram de escalar telhados e paredes.

Freya ficou boquiaberta, incrédula, ao ver Ingrid.

— Mamãe sabe que você está abrigando fugitivos?

— Eles não são fugitivos. São refugiados! Há uma diferença. — Ingrid encarou a irmã. — Eles não fizeram nada de errado, quero dizer, não recentemente. Ficaram *relativamente* calmos e bem-comportados até esta manhã. Mais ou menos... — Ela esquadrinhou o quarto, lançando um olhar enfezado a cada um deles. — Vocês sabem o que vou fazer se não acatarem tudo o que eu digo, não é? — Ingrid sussurrou.

— Sim — responderam todos em uníssono, balançando as cabeças inflexíveis. — Sapos.

— Croc! — Val brincou.

— Prometemos ficar bonzinhos! — Kelda acrescentou.

— Suas promessas não valem muito — comentou Ingrid.

Passou a explicar a Freya tudo o que havia acontecido desde o início com os pixies, como eles lhe pediram ajuda, sequestrando-a para um motel

decadente que haviam invadido, e como ela buscava um feitiço para neutralizar a amnésia coletiva. Tentou vários, mas nenhum funcionou.

— Motel? Qual motel? — Freya perguntou, desconfiada.

— Você conhece — aquele perto da estrada, que está decadente.

Freya assentiu com a cabeça, ela conhecia muito bem, mas não disse nada a Ingrid. Percebeu agora que tinha visto Ingrid na noite que ela descrevia. Pensou que Ingrid havia estado com Matt, mas não, estava ajudando esses “refugiados”.

Ingrid falou sobre os mais recentes roubos (enquanto discretamente ficava de olho para ver como os pixies reagiam), como Matt sabia sobre eles, mas pensava que eram apenas um bando de meninos de rua, e que ela fora forçada a mentir para ele, porque ele nunca entenderia nada daquilo.

— Ele, ahn, não acredita em magia. — concluiu.

— Ele não acredita em magia? — Freya perguntou. — O que ele pensa que você é, então? Apenas uma bibliotecária?

— Ele chega lá — disse Ingrid. — Esse não é o problema agora.

Ingrid interrogou os pixies, enquanto Freya observava, impressionada com as técnicas policiais surpreendentemente hábeis de sua irmã. Mas eles negaram qualquer envolvimento na atual sequência de roubos e disseram que ficariam felizes se ela investigasse o local, caso sentisse necessidade.

— Vocês poderiam esconder as mercadorias em outro lugar — Ingrid provocou. — Por exemplo, de onde vem isso? — Ela apontou para a arara de roupas, depois, cruzou os braços e bateu o pé.

— Encontramos aqui e montamos. Achamos que economizaria espaço melhor que as caixas — respondeu Nyph.

— Bem possível, com todas as coisas que mamãe guardou aqui ao longo dos anos — comentou Freya.

— Você pode, por favor, manter isso em segredo? — Ingrid implorou à irmã.

— Claro — disse Freya.

— Você sabe que mamãe não gosta muito de pixies — lembre-se de todas aquelas histórias para nos botar medo que ela contava quando éramos crianças sobre pixies fazendo coisas horríveis com crianças. Não acho que eles sejam desse tipo, ainda que estejam em bando, mas mamãe não vai fazer distinção.

— Coisas horríveis para crianças! — Irdick repetiu da cadeira de balanço, depois deu uma risada forçada.

— Talvez eles sejam somente um pouco irritantes? — Freya observou.

Como os pixies iam e vinham pelas janelas, as irmãs concordaram que deveriam trancar a porta do sótão, caso Joanna tentasse subir. Diriam que perderam a chave, se ela pedisse. Ingrid continuaria a trazer comida para eles de manhã e à noite, embora os pixies afirmassem que havia comida melhor a ser encontrada em outros lugares, como atrás do restaurante francês onde exploraram as lixeiras. Mas aquele garçom simpático havia notado isso e agora os alimentava, de modo que Ingrid não tinha que se preocupar mais com o jantar. Freya prometeu a Ingrid estudar um feitiço para combater a amnésia, ou talvez uma poção para funcionar como uma espécie de antídoto.

Ingrid viu que algo incomodava Freya e teve que perguntar.

— Você parece exausta. O que aconteceu? — Ela colocou a mão sobre a testa da irmã.

Freya queria alardear todos os seus segredos para Ingrid, deixá-los fluir e chorar como uma menininha no ombro da irmã mais velha. *Estava* exausta. Havia sentido alívio por ter dito finalmente a Killian que Freddie estava de

volta do Limbo, mas agora parecia que Freddie estava certo, que era Killian quem o tinha enviado para lá, e ela precisava esconder isso também.

Queria muito poder confessar tudo a Ingrid, de quem sentia falta e cujos sábios conselhos desejava ouvir. Queria sua aliada de volta, mas era muito perigoso. Ingrid ficaria ao lado da justiça, não importava quem estivesse em risco. Se fosse Killian, ele teria que pagar o preço e receber o castigo. Então, em vez disso, ela disse:

— É só o trabalho — e encolheu os ombros com um sorriso triste.

capítulo vinte e oito

Season of the witch



Joanna recebeu um e-mail de Norman, e na linha de assunto lia-se “Runas”. Quando ele passou na casa da última vez, eles foram ao escritório para discutir a situação de seu relacionamento, e ela contou a Norman tudo sobre o espírito e a mensagem sobre o túmulo. Ela usou todas as letras dos nomes das runas, acreditando que poderia haver um anagrama escondido neles junto com esse número, talvez uma data, mas o processo a havia deixado louca, e ela não havia decodificado ainda a mensagem. Se tivesse esquecido algo, Norman iria vê-lo. Ingrid tampouco veio com alguma resposta. A sua primogênita parecia completamente alheia esses dias, e pacotes misteriosos, que faziam Ingrid corar, continuavam a chegar em casa.

Joanna clicou no e-mail, ansiosa por ter retorno de Norman, especialmente depois da assustadora experiência *utiseta* no local da tumba, quando o fantasma envolveu os dedos ao redor de seu pescoço e implorou a Joanna para procurá-la. Ainda não tinha ideia se aquele espírito era benigno ou maligno. Talvez Ingrid estivesse certa; a mensagem poderia ser do mal. A garota a ameaçou, ou pelo menos assim parecia, mas era possível que, por ter um tempo limitado para se manifestar na Terra do Meio, o fantasma tenha errado a mão, agarrado Joanna onde podia, para transmitir a urgência de seu apelo. Talvez ela não tivesse feito para assustar. Ela leu a mensagem de Norman.

<<Querida Jo:

Eu devia escrever antes, mas assumi uma carga tão pesada neste semestre que mal tive tempo para respirar até agora. Isso não quer dizer que não me lembrasse de você a cada segundo.

Primeiro, preciso dizer que estou profundamente arrependido de ter feito uma cena em relação a esse senhor Harold. É claro que, agora, você deve ter sua própria vida, e eu entendo isso. Estivemos separados por vários séculos (desde 1692, para ser exato), e percebo que a vida continua.

No entanto, devo deixar claro que meus sentimentos por você não mudaram nem nunca mudarão. A verdade é que ainda estou apaixonado por você, querida, e tenho esperança de que um dia você esteja disposta a dar outra chance ao nosso casamento. Espero que não culpe um homem por sonhar. Seria realmente ótimo ser uma família mais uma vez, mas, acima de tudo, gostaria de conquistar seu coração novamente. Não tenho certeza de como lidar com isso, e, em todo caso, já fiz tolice, deixando o ciúme, “o monstro de olhos verdes, que zomba da carne que alimenta”, me dominar. Sim, meus sentimentos ficaram descontrolados. Você é uma pessoa livre. Não posso comandar seu coração tanto quanto gostaria. Meu comportamento foi, para dizer o mínimo, deplorável. Espero que me perdoe.>>

Essa abordagem foi um pouco diferente da que Norman teve no escritório, quando ele a atormentou sobre Harold. Levou um tempo para acalmá-lo. Ele não fez nenhuma declaração de amor; em vez disso, usou o argumento de fazer o que era melhor para as meninas, como se Freya e Ingrid ainda fossem pequenas crianças indefesas. Ela *achou* aquilo ridículo e não entendia por que ele fez tanto alarde. Joanna ficou satisfeita que Norman

não só estava sendo mais honesto com ela, mas também consigo mesmo. O e-mail dele a tocou.

Não conseguiu deixar de se sentir lisonjeada por esse homem, que a conhecera havia milênios, ainda ser apaixonado por ela. Ele era impetuoso, e ela poderia perdoá-lo por uma explosão tão pequena de ciúme. Na verdade, ela percebeu — uma revelação repentina sentada à mesa — que já o tinha perdoado por tudo: por não ter exercido seus poderes durante os julgamentos de Salem, em 1692, o que teria sido inútil de qualquer modo. Se ele tivesse ido contra o Conselho, todos seriam punidos no final. Não havia nenhuma maneira de evitar aquilo. Não só isso, mas também Ingrid e Freya perdoaram o pai, então por que ela não deveria? Não fazia sentido se prender a um rancor inútil que tinha o poder de transformar uma boa feiticeira em má, magia branca em negra. Joanna era uma feiticeira bem-intencionada e deveria ter raciocinado melhor.

No verão passado, Norman foi ao Oráculo para garantir que ela e as meninas não fossem punidas por terem infringido a Restrição. No final, ele conseguiu abolir essa lei aparentemente indestrutível, o que não era pouca coisa. Seu coração sempre esteve do lado certo, e agora ela via isso claramente. Mesmo enquanto estiveram afastados, ela sentia sua presença, uma rede de segurança que sabia estar sempre lá para pegar e amparar a ela e às meninas se porventura caíssem. Norman jamais a deixou, embora tenha sido ela quem o expulsou. Ela o amava por sua fidelidade, ela o amava por tudo isso, e talvez, também, nunca tivesse deixado de amá-lo. Jogou os cabelos sobre um dos ombros. Gilly pousou sobre a mesa.

— Ah — disse ela, alimentando-o com algumas sementes. Você também nos quer de volta, não é? Sei aonde você quer chegar, corvinho sorrateiro. Mas Norman e eu devemos ir devagar. Eu me acostumei em ser uma velha feiticeira solteira. O que fazer?

Gilly bicou com precipitação as sementes na palma da mão de Joanna.

— Sim, vou pensar a respeito. Você sabe que vou. — Ela continuou a ler o e-mail de Norman.

<<Em segundo lugar, você provavelmente decifrou a mensagem agora. No trajeto de trem para casa, eu a rabisquei rapidamente: *hagalaz, ansuz, wunjo, algiz, manaz, A, laguz*, em seguida, 157. Correto? Percebe? Há uma separação entre o grupo das três primeiras runas e o das segundas, de maneira que você tem que ir pela leitura de propagação das Nornas. Se assim for, é um espírito inteligente, Jo. Ela não só (sim, acredito que seja uma mulher) [*Norman estava certo, como sempre*, pensou ela] a exorta com as runas a viajar para junto dela, como deixou uma pista sobre quem, ou melhor, o que ela é. Avise-me se você e Ingrid não perceberam isso ainda. Caso contrário, vou contar. Odiaria estragar a surpresa.>>

Joanna havia gasto bastante tempo tentando descobrir quem era esse fantasma e não chegou a lugar nenhum, por isso escreveu a Norman imediatamente.

<<Querido Norman:

Estou arrependida de ter ficado com raiva por tanto tempo. Entendi as decisões que tomou e devo confessar que tenho sido excessivamente dura. Sentimentos nem sempre são racionais, têm seu próprio tempo de vida e, às vezes, por algum motivo, precisam ser vividos. Foi um dia terrível ver nossas filhas enforcadas em Gallows Hill, em Salem. Mas entendo agora que não foi apatia de sua parte. Não havia nada que pudesse fazer.

Vamos começar tudo de novo. Podemos começar a trabalhar para nos sentirmos à vontade um com o outro. Sinto falta de sua amizade. Seria maravilhoso se você pudesse vir ao jantar de Ação de Graças na próxima quinta-feira, e assim poderemos discutir tudo isso pessoalmente.

Sim, quero saber o que você descobriu sobre a mensagem. Por favor, me avise o mais rápido possível! É urgente. Fiz contato, mas ainda estou perdida, então qualquer informação adicional seria útil.

Jo>>

Ela teclou o botão Enviar, depois olhou aturdida para a tela na esperança de que a resposta de Norman fosse instantânea. Era início da noite, e era provável que as aulas tivessem terminado. Ele estaria em sua cela monástica, uma linha invisível conectando-os de *laptop a laptop*?

— Oi, mãe. — Ingrid estava parada na porta do escritório de Joanna. — Ouvi você falando sozinha.

Joanna olhou para a bonita filha na porta, flor desabrochada, e riu.

— Estava conversando com Gilly. Nada para se preocupar. Ainda não me tornei uma bruxa louca.

— Algum progresso com o espírito? — Ingrid foi até a namorada encostada na parede e se sentou, cruzando as pernas longas e finas.

Joanna se admirou como a filha conseguia usar saltos o dia todo até a noite. Ingrid tinha um maravilhoso e discreto estilo europeu. Contou tudo à primogênita, sobre como o espírito lhe dissera para encontrá-la. Adicionou o que Norman escreveu, dizendo ter decifrado algum tipo de código nas runas, e que aguardava a resposta dele, o que deixou bastante evidente, porque olhava para a tela do computador de tempos em tempos.

Ingrid ficou irritada com a mãe por não tê-la consultado antes de realizar o ritual, como Joanna prometeu que faria.

— Você sabe como Helda é complicada e traiçoeira. Há todos os tipos de cláusulas e subcláusulas em seu Pacto maldito. Esse documento é tão labiríntico quanto os nove círculos além de seus portais, e ela mantém aquele livro trancado para que ninguém possa realmente lê-lo — caso clássico de obscurecimento. Odeio dizer isso, mas sua irmã é desprezível!

— Ai, meu Deus. — exclamou Joanna. — Olha a língua, menina! — Ingrid mal tomou conhecimento do comentário e continuou.

— A única maneira de descobrir como o Pacto funciona é por meio de tentativa e erro. Helda o usa quando lhe é conveniente. Como vamos saber todas as cláusulas se não podemos ler a coisa? E, claro, ela previu algo para cada tipo de situação. Acho que há uma ressalva para simplesmente conversar com os mortos, não é, mãe?

— Sim, há. Querida, há um motivo para todas as leis de Helda. Todos seriam imortais se elas não estivessem no lugar — disse Joanna, distraída. Olhou para a tela do *laptop* e clicou no mouse. Havia acabado de receber uma resposta de Norman. Começou a ler em voz alta, pulando as partes que abordavam a relação deles, as quais Ingrid não precisava estar a par:

<<Como você sabe, para cada runa há um correspondente e equivalente valor fonético. Isto é um acróstico. Basta usar a letra correspondente para cada runa, e com o A das palavras cruzadas vai se formar uma palavra. Mas a peça algiz não conta — em vez de ter um som de *z* ou *r*, ela representa um *a*, a inicial do nome daquela runa. Você tem o 157. Acho que pode começar a partir daqui e ter os materiais adequados para trabalhar.

Joanna olhou para as runas ainda espalhadas sobre a mesa, quando Ingrid veio espreitar por cima do ombro e chamou seus nomes nórdicos. Joanna os rabiscou em um bloco de anotações enquanto ela o fazia, juntamente com os seus caracteres latinos correspondentes:

hagalaz -----> *h*

ansuz -----> *a*

wunjo -----> w ou v

algiz -----> z ou r, mas a segundo Norman

manaz -----> m

A -----> a

laguz -----> l

— O poema “Hávamál” — mãe e filha gritaram em uníssono.

— Estrofe um cinco sete — continuou Joanna, correndo até a estante. — Eu estava complicando o quebra-cabeça, procurando um anagrama. — Joanna examinou suas prateleiras e pegou o exemplar encadernado em couro de *Edda Poética*, uma coletânea de poemas nórdicos antigos. Composto de 165 estrofes, “Hávamál” era um poema gnômico atribuído a Odin, escrito como se ele estivesse compartilhando sua própria sabedoria — a palavra *hávamál* significava “as palavras do ente superior”. O poema se dividia em cinco partes: na penúltima, Rúnatal, Odin descobre as runas enquanto se encontra pendurado, ferido, em uma árvore. Na última parte, Ljóðatal, Odin enumera uma lista de feitiços. Foi nesta última parte do poema que Joanna descobriu a estrofe 157, e segurando o livro no alto, leu em voz alta para Ingrid:

Um décimo segundo conheço:

Se em uma árvore eu testemunhar

Um cadáver em corda balançar,

Feitiço esse com runas projeto e anoto

Que o ser desça para comigo conversar.

— Nossa, ela poderia ser uma bruxa condenada e enforcada, mãe? — Ingrid exclamou.

Joanna pensou na garota e naquilo que ela usava na ocasião.

— Sim, claro, é uma feiticeira que precisa da minha ajuda. Uma de nós, uma deusa — acrescentou Joanna. — Mas onde ela está? Onde posso encontrá-la e por que não se regenerou? Por que perambula como um espírito? O que há de errado?

As duas falavam juntas. As runas de ossos de dragão de Joanna eram familiares ao fantasma, porque ela era uma delas — e, obviamente, conhecia bem a *Edda Poética*. A sepultura com a lápide em branco fora, muito provavelmente, o local de seu enforcamento, bem como de enterro. Ela era da região. Uma bruxa condenada, excomungada da igreja, não poderia ter um enterro apropriado em solo sagrado. A feiticeira condenada era morta, enforcada, enterrada em cova rasa, geralmente sem lápide, muitas vezes sem sequer um registro da morte, sem deixar traços, como se nunca tivesse existido. No entanto, alguém havia tomado o cuidado de lhe fornecer uma lápide, um ato ousado e arriscado, que sugeria ter sido amada.

— Papai disse que era uma garota, mas como ele sabia disso? Nós sabíamos porque você a viu — disse Ingrid, emocionada.

— A propagação das Nornas — disse Joanna. — Ela poderia ter colocado as runas de outra maneira, mas as distribuiu em grupos de três. Talvez Norman esteja achando que ela seja uma das Nornas, já que é mulher.

— A garota disse: “Encontre-me!”. *Onde* é o que eu quero saber — disse Joanna.

Ingrid exalou um longo suspiro. Decodificar mensagens dos mortos foi, talvez, um passatempo divertido, mas para onde isso levaria poderia ser

perigoso.

— Mais cedo, quando lhe perguntei sobre se havia consequências em falar com os mortos, você começou a dizer que sim, então se distraiu.

Joanna ergueu o olhar para Ingrid, apertando lábios.

— Obter informações dos mortos é uma infração menor. Se você pegar algo daquele lado, Helda leva algo de volta deste lado — *quid pro quo*.

— Esse troca-troca pode, enfim, aumentar muito se você não parar por aqui, mãe. — Ingrid olhou interrogativamente para Joanna. — Você vai fazer novo contato?

— Ah, vou sim. Essa garota precisa de mim. Tenho que ajudá-la. É o meu chamado, querida. Só preciso descobrir onde encontrá-la. Não se preocupe, filha! — Era assim com as mulheres Beauchamp, a arrogância era o traço comum que havia entre elas: todas eram teimosas à sua própria maneira e, por vezes, demasiado confiantes para o seu próprio bem.

Ingrid sabia que não havia como dissuadir sua mãe, mas tentou mesmo assim.

— Mas estou preocupada!

— *Ora!* — Joanna exclamou. — Vou fazer um feitiço de proteção para neutralizar tudo isso. Não há de ser nada. — Ela sorriu para sua querida filha, preocupada. — Vou animar você, seu pai está vindo para o dia de Ação de Graças. Talvez possamos conseguir que Freya cozinhe! Não seria maravilhoso?

— Vá em frente e arrase, mãe! — Ingrid riu. — Você não tem jeito. — Mais uma vez, Ingrid pediu a Joanna que promettesse buscar a sua ajuda, apesar de a mãe ter quebrado a última promessa.

— Prometa duplamente desta vez!

— Eu prometo duplamente! — Joanna piscou.

capítulo vinte e nove

The lying game



Um relâmpago rasgou o manto de nuvens plúmbeas e, em seguida, gotas enormes, gordas e rígidas começaram a apedrejar o Mini Cooper. Os limpadores de para-brisa funcionavam na velocidade máxima enquanto Freya tentava espiar a chuva torrencial pela janela, agarrando-se ao volante. Ao longo da pequena estrada, taboas e juncos oscilavam descontroladamente na tempestade. Estava desagradável lá fora — frio, vento, e agora essa chuva pesada. Entrou no estacionamento do Ucky Star e vestiu a capa impermeável da Marinha que mantinha no banco de trás do carro. Puxou o capuz sobre o tufo de cabelos vermelhos que, de modo irritante, encheu-se de estática durante a tempestade, pegou a sacola de compras com alimentos no banco do passageiro e depois disparou até a porta de Freddie, respingada com o lençol de água que caía em cascata da passarela acima. O lugar parecia um navio afundando.

Freddie a deixou entrar. As frágeis paredes e janelas rangiam com o vento, e ela ouviu um pinga-pinga no banheiro. Um vazamento como esse a deixaria maluca. Freddie pegou a sacola de compras e ajudou Freya a tirar a capa de chuva, que pendurou em um gancho ao lado da porta. Ele usava calça *jeans* e uma camiseta de gola olímpica, além de um cobertor sobre os ombros. O aquecedor não fazia muito efeito, e o cheiro do quarto sugeria um pouco de bolor. Era extremamente úmido.

— Obrigado pela comida, Freya. Realmente não poderia fazer toda essa armação sem você. — Ele veio para um abraço, mas ela não reparou nisso,

evitando-o enquanto andava até a mesa.

— Não posso ficar por muito tempo. Só estou aqui para dar uma olhada em você. Ver o que está acontecendo, o que você anda fazendo. — *Toda essa armação*, pensou com ceticismo, pegando uma caneta sobre a mesa, depois jogando-a de volta sobre o bloco. Parecia mais organizado. Ela percebeu. — Então você só está de *armação*.

— Sim... exatamente — disse ele, limpando nervosamente as unhas. Ele parecia agitado, como se quisesse dizer algo mais, mas tivesse decidido não continuar. — E você? — perguntou ele, as palavras saindo com muita pressa. — O Killian disse alguma coisa para você... qualquer coisa que possa me ajudar?

— Não. Claro que não. — Freya respondeu, de repente, suspeitando dele.

Eles se encararam, como se estivessem tentando interpretar o outro, sintonizar seus sentidos de gêmeos, mas cada um veio de encontro a um muro. Freddie deu de ombros.

— De qualquer forma, não posso mesmo sair. Você sabe disso, Freya. Não posso arriscar ser encontrado pelas Valquírias. Até saber o que fazer, eu absolutamente não posso colocar os pés para fora deste quarto.

Então, o irmão estava mentindo descaradamente para ela. Ela o viu no beco atrás do *North Inn*. Nunca o tinha visto mentir, não para ela. Não era coisa de Freddie contar lorota, ele era sempre muito sincero, claro como o sol. Embora, ultimamente, ele havia sido mais temperamental que um brilhante e constante gêmeo. E se ela estivesse errada? E se este não fosse Freddie? Pensou em Bran e seu engano.

— O que há de errado, Freya? — Freddie se moveu na direção dela, mas ela começou a se afastar.

— Não há nada de errado, Freddie. Só estou com pressa. — Ela se virou e já estava recolhendo a capa de chuva do gancho. — Tenho que abrir o bar.

Só queria dizer um oi rápido e deixar essa comida. — Estava pensando em seus últimos momentos com Loki. Ele poderia ter voltado? Poderia ser ele em outro disfarce? Ela estava sendo enganada de novo?

Quando ela caiu na manobra de Loki, e seu amor foi consumado, ele ficou ligado a ela, obrigado a obedecê-la para sempre. Ela o obrigou a dar-lhe o anel que lhe permitia se mover entre dois mundos, depois retornar pelo buraco dentro de *Yggdrasil*, a Árvore do Mundo, que ligava todos os lugares de onde ele viera. Mas antes de ele deslizar de volta para *Yggdrasil*, murmurou algo em uma língua que ela não entendeu. Será que ele disse que voltaria, então? Talvez Freya estivesse presa a Loki para sempre, o deus do mal a perseguiria por toda a eternidade, o albatroz que nunca a deixaria descansar. — *Você parece mais comigo do que pensa, minha querida Freya.* — E se ele tivesse voltado como seu irmão gêmeo para lhe provar isso desta vez?

Ela estendeu a mão para a capa e sentiu os braços serem presos. Freddie — ou Loki — a virou. Seus olhos se encontraram. Se ela olhasse fundo o suficiente será que veria aquela alma sem escrúpulos espiando através desses enormes olhos verdes? Em vez disso, ela viu o seu reflexo, e Freddie a soltou.

— O que deu em você, Freya?

Ele estava tentando manipulá-la, mexer nas cordas de seu coração? Loki a conhecia bem. Sabia como seu amor por Freddie era forte.

— Me desculpe. A tempestade me deixou nervosa, e eu realmente tenho que começar a trabalhar — disse ela.

Ele estreitou os olhos.

— Você tem certeza de que não encontrou nada? Nada? Nada que fizesse você pensar que seu irmãozinho pode estar certo? Que pode haver algo sobre Killian que você não está me dizendo?

— Meu Deus, Freddie, já disse. Não encontrei nada! — Ela não lhe diria, fosse ele quem quer que fosse, sobre a marca do tridente nas costas de Killian. Não tinha mais certeza de nada, apenas que precisava sair de lá.

capítulo trinta

Like a circle in a spiral



-Acho que há uma floresta e casas acima, talvez. — Kelda se agachou para amarrar os cadarços de suas botas militares. Ela havia se apropriado permanentemente da máscara de couro preto de Freya e olhava para Ingrid através dela.

Estavam no sótão, e Ingrid havia passado ao redor o antídoto contra amnésia que Freya fizera para ela. Agora, ela e os pixies esperavam que fizesse efeito.

— Será que isso os faz lembrar alguma coisa? — Ingrid perguntou. — Ninguém? — Segurou sua varinha em uma das mãos e a tocou contra a palma. Sentia-se um pouco como uma professora, a varinha era a régua, os pixies reunidos ao redor, olhando para ela com muita reverência. Exceto Sven, sempre solitário, que nesse momento estava esparramado em sua cama.

— Acho que começa com um A — falou Irnick. — Mas minha cabeça dói se eu pensar nisso.

— O que começa com um A? — questionou Ingrid.

— O lugar de onde viemos começa com um A, Erda — Sven resmungou de onde estava, um braço dobrado sobre os olhos. Ele não se juntou aos outros, alegando que fazia seu corpo doer muito pensar naquilo, mas Ingrid suspeitou que ele estivesse de ressaca.

— Tudo bem, tudo bem, isso é ótimo! — Ingrid observou. — Sabemos que vocês não podem usar dinheiro, que o nome do lugar começa com um

A, e que vocês vivem em árvores?

— É uma c-c-c-cidade — disse Val. A frente de seu topete moicano caía sobre um dos olhos.

— Há ruídos abaixo, outros pixies trabalhando — disse Irdick. — *Acho...* Ai! — Ele colocou a mão sobre a testa. Ingrid coçou a cabeça com a varinha.

— Estou confusa.

Nyph veio até Ingrid e cutucou sua manga.

— Esse antídoto não está funcionando, Erda.

Ingrid se assustou com a súbita percepção.

— Como vocês sabem que meu nome é Erda? Como sabem o meu nome antigo?

Nyph empurrou os cabelos castanhos sedosos do rosto e encolheu os ombros.

— Não me sinto bem — disse ela.

— Que mais? — Ingrid perguntou, examinando os rostos pequenos e afilados que olhavam fixamente para ela. A poção de Freya não era eficiente, e o único efeito era que estava deixando os pixies doentes.

capítulo trinta e um

All ablaze



Agora que Joanna estava certa de que o fantasma era uma feiticeira morta, cujos traços lembravam *A leiteira*, de Johannes Vermeer, decidiu usar isso como ponto de partida. Buscou na estante do seu escritório um livro sobre a idade de ouro dos pintores holandeses, em que ela sabia que encontraria a pintura em questão. Abriu-o no desenho, depois olhou para o óleo sobre tela: os maravilhosos toques de azul-centáurea no pano que drapejava na borda da mesa e o cinto do avental da leiteira, iluminado pela luz do sol que vertia de uma janela.

Ela olhou o Atlântico. Era um dia de novembro extraordinariamente iluminado e agradável, ondas brancas serpenteavam na superfície calma até a ilha Gardiner. Mas estava frio demais para praticar jardinagem, então Joanna voltou ao seu trabalho.

O livro citava que a data exata da origem da obra era desconhecida, mas que seria algo próximo a 1658. A feiticeira estava com vestes do século XVII, e a pintura talvez ajudasse a estreitar um pouco o limiar do tempo.

Os colonizadores levaram o estilo do continente para a América. Ainda assim, havia diferenças entre o estilo do vestido do fantasma e da leiteira. O tecido da roupa do fantasma era de uma paleta de cores sombrias. Seu vestido, modesto em estilo, a cobria quase completamente, o que Joanna sabia não estar relacionado com o tempo: os cabelos escondidos pela touca, o colarinho da blusa sob seu corpete firmemente circundando a base do pescoço, as mangas chegando aos pulsos (ao contrário do da leiteira, que

iam acima dos cotovelos), e a saia caía até os pés. Qualquer sugestão de carne, além do rosto e do pescoço, ou partes do corpo que poderiam ser consideradas sensuais (peito, decote, tornozelos ou pés) estavam encobertas. Joanna estava familiarizada com esse código de vestimenta rigoroso e austero. Essa garota vivia entre puritanos ingleses, assim como as próprias Beauchamp viveram no passado. Os colonos de Long Island do século XVII eram do mesmo tipo e raça que aqueles que conduziram as garotas a seus alcapões em Hill Gallows, em Salem.

Joanna calculou que a garota teria por volta de dezoito anos e era de classe baixa, pela simplicidade de seu vestido — uma serviçal ou mulher de fazenda, esta última comum no extremo leste de Long Island, região cuja economia prosperou com ovelhas, agricultura e pesca de baleia. Talvez fosse casada. Se fosse por causa da posição social, ela atenderia ao título de *goody* (abreviação de *good wife* ou dona de casa) em vez de *misses*, que era atribuído apenas à elite. Joanna conhecia a história. Ela a tinha vivido.

Em 1629, o rei Carlos I concedeu aos puritanos, um grupo dissidente religioso perseguido, um alvará para estabelecerem uma colônia inglesa na baía de Massachusetts. O território se estendia ao longo da costa leste da América do Norte, incluindo partes dos estados de Massachusetts (Salem e Boston), Maine, New Hampshire, Rhode Island e Connecticut. Nessa colônia estava também Maidstone (East Hampton), um pequeno vilarejo obscuro chamado Fairstone (North Hampton) e a ilha de Wight (ilha Gardiner). Embora Fairstone não esteja listada em nenhum registro público, Joanna sabia sobre ela, pois foi mencionada como o nome original de North Hampton na escritura que veio junto com sua casa, quando a comprara.

O objetivo dos puritanos, que chegavam com sapatos de salto alto e fivela de peregrinos, era criar uma utopia, uma comunidade a se inspirar — ou aplicar — para todos, uma Cidade sobre uma Colina, um Modelo de

Caridade Cristã, como aquela que John Winthrop, colonizador e líder puritano, almejava.

Essa sociedade nova e pura teria como base a Bíblia. Em outras palavras, era uma teocracia sem separação entre Igreja e Estado. E como o livro do Êxodo coloca, “não deixarás uma feiticeira viver”.

Os puritanos respeitavam a Bíblia com fé cega, ou pelo menos pretendiam que assim o fosse. Alguns acreditavam realmente que as feiticeiras eram prejudiciais e temiam que pudessem ser enfeitiçados, convertidos em feiticeiros (*como se isso fosse uma coisa tão ruim, ou mesmo possível*, pensou Joanna). Encaravam bruxas e feiticeiros como mulheres e homens que, com luxúria, se consorciavam com o diabo (*como se fizéssemos isso!*), assinando seu livro com sangue.

Essas noções, Joanna sabia, nasceram de imaginações fantasiosas e lascivas, mas estavam apoiadas também nos trezentos anos anteriores de perseguição às bruxas na Europa. Outros que chegaram a esta nova terra usavam a caça às bruxas como um meio para seus próprios fins egoístas: atingir seus inimigos, aliená-los de suas propriedades (que iriam a leilão público assim que o acusado fosse condenado e enforcado) ou apontar os de tipo não conformistas — a mulher do vilarejo que não fosse tão dócil e subserviente como uma boa esposa puritana deveria ser, e a garota que fosse muito determinada e de mente independente.

A caça às bruxas, em essência, tornou-se uma forma de estabelecer uma hierarquia dentro dessa sociedade dita perfeita. Aqueles que cruzaram para este lado do Atlântico, mas não se submeteram ao sistema de crença, tiveram de cerrar os dentes e agir em conformidade com os códigos sociais da maioria, para não serem tachados de bruxos ou feiticeiros — quer fossem ou não.

Mesmo antes dos julgamentos de Salem de 1692, acusações de feitiçaria corriam desenfreadas na Nova Inglaterra. O primeiro enforcamento de uma mulher na América do Norte ocorreu em 1648 (pelo menos, o primeiro registrado): Margaret Jones, uma bruxa de verdade, vivia disfarçada como parteira puritana e praticante da medicina no bairro de Charleston, em Boston. A querida amiga de Joanna, e com profissão de mentora, não se saiu bem. Claro, Margaret voltou à Terra do Meio com um novo nome. Agora vivia em Los Angeles, em uma casa simples em Topanga Canyon, onde lecionava ioga, receitava remédios de ervas e auxiliava em partos em casa de vez em quando. Ela havia ganhado muitos seguidores.

Essa era a ironia: uma bruxa ou um feiticeiro sempre retornava. Os mortais enforcados por bruxaria nunca teriam uma segunda chance. Milhares de inocentes desapareceram na caça às bruxas a partir do século XV.

Joanna foi até sua estante e procurou livros sobre caça às bruxas durante o século XVII, na América do Norte — mais especificamente nos arredores de Long Island.

capítulo trinta e dois

Will always love you



Eles se encontraram em seu local preferido, o seu porto seguro. Freya não conseguia lutar contra a atração. Era carnal — seus lábios, seu hálito doce, como pepino e iogurte, a pele de seda, a sensação de seus membros vigorosos, a graça sem pressa com que o corpo dele recebia o dela. Era um dia excepcionalmente belo. Acima da cúpula translúcida da estufa estava um céu prateado, o azul lentamente se infiltrando pelas nuvens arredondadas. Eles se sentaram na beira do tanque de nenúfares, Killian correndo os dedos pela água, seus olhos sobre os de Freya.

— Tem que haver um motivo... — exclamou ela. Falavam sobre o desenho das sardas nas costas dele.

Ele tirou a mão do tanque de nenúfares, colocou um dedo molhado nos lábios dela, depois o deslizou para baixo em seu queixo.

— *Sssshh* — disse ele. — Estou gostando de ficar aqui com você. — A luz salientou o pêssgo dourado dos cabelos de Freya, das maçãs do rosto e dos lábios, um delicado rosa-alaranjado. Ele ficou sentado calmamente com ela.

Não é possível que ele seja culpado, pensou Freya. Sentia isso no âmago de seu ser. De todas as pessoas, ela poderia dizer. Se tivesse havido qualquer tipo de violência no passado de Killian, ela testemunharia em uma visão, enxergaria a mais crua das emoções, os extremos polares — amor e raiva.

Houve aqueles momentos de dúvida, quando ela acreditava ter visto algo terrível e sem expressão em seus olhos, mas agora acreditava ter sido

induzida pelo discurso incessante de Freddie. Quando olhava para Killian, só via bondade. Tampouco lhe lançaram um encanto — não como no tempo em que tinha se apaixonado por Bran —, quando Loki a enfeitiçou, nublando sua visão, deixando-a incapaz de detectar o seu mal naquela época. Ela se permitiu ser enganada, mas estava certa de que não estava sendo iludida desta vez. Seus olhos estavam bem abertos, e ela via Killian como ele era: um bom homem, a divindade encarnada. Não importava o que a marca nas costas mostrava.

Sentia-se inquieta, apesar de Killian estar calmo, parecia resignado à sua sorte, ao fato de carregar a marca do tridente. Mas ela precisava descobrir o que realmente tinha acontecido naquele dia fatídico da queda da ponte. Precisava exonerar Killian. Tinha que haver algum engano.

— Precisamos preencher as lacunas de sua memória e descobrir exatamente o que aconteceu — disse ela. — Tentei criar um antídoto contra a amnésia, mas quando o testei, não houve resultado. Talvez haja alguma outra forma.

Killian riu.

— Você testou? — Ele observava o rosto dela tão de perto que parecia tentar capturar cada contração e ruga que fazia, imprimindo essas pequenas expressões indefinidamente em seu cérebro.

— Em um paciente no hospital — mentiu ela. Não estava pronta a se lançar numa história sobre os pixies de Ingrid; tinha outras preocupações. — Não é preciso dizer que a poção foi um fracasso. Mas e se...

Killian pegou as mãos de Freya, seu semblante era sério. — Querida, não há nada que você possa fazer. Se o que Freddie diz é verdade, vou tomar o meu lugar no Limbo. Devo ser punido por minhas ações, quer me lembre delas ou não. Se eu for o culpado, sou e pronto. Vou reparar se estiver em falta. Ninguém deveria ter que suportar um castigo que é por direito meu.

Freya não podia suportar essa ideia, de estar eternamente separada de Killian. Se ele fosse responsável, tinha de haver uma razão para isso. Não havia nenhuma maneira de deixá-lo ir ao Limbo, e, em uma tentativa infantil de afastar as Valquírias, ela atirou os braços ao redor de seu pescoço, puxou-o para perto e o apertou, como se a qualquer momento elas pudessem aparecer e arrancá-lo dela.

capítulo trinta e três

Like a prayer



-Para mim, você não parece doente. Teve sorte por eu ter atendido ao telefone. Da próxima vez em que ligar dizendo que não vem por estar mal, tente se pendurar de cabeça para baixo na cama. É o melhor truque para fingir um resfriado — disse Hudson.

— *Estou* de cabeça para baixo. Você já me disse para fazer isso, mas é evidente que não é o melhor truque — Ingrid respondeu. — Da próxima vez, vou apertar meu nariz e fingir tossir. — Ela riu, rolando sobre a barriga e depois se sentando sobre a cama. Estava matando o serviço hoje e havia planejado tudo com antecedência com ele ontem. — Estou nervosa — sussurrou.

— Basta fechar os olhos e pensar na Inglaterra — disse Hudson, que não estava sendo nada útil.

— Muito obrigada. — Ela inspecionou as mãos, depois os dedos dos pés, com as unhas pintadas de rosa-claro.

— Boa sorte — disse Hudson, diante de seu silêncio. — Romper... o hímen?

— Você é nojento. — Ela se ergueu e se olhou no espelho do quarto. Por um segundo, não se reconheceu. Os cabelos estavam presos, alguns fios caindo pelo rosto e na parte de trás de seu pescoço. Havia feito uma linha de delineador preto sobre as pálpebras, estilo Audrey Hepburn, além de aplicado um pouquinho de *blush* e batom para realçar a sua cor natural.

Usava um vestido de lã bege confortável que chegava a poucos centímetros acima do joelho.

— Ei, Ingrid! — Hudson falou alto do telefone quando ela estava prestes a desligar.

— Sim?

— Te amo.

— Eu te amo mais!

— Não, eu te amo m...

Ingrid desligou o telefone. Ela adorava Hudson, mas estava na hora de entrar em ação. As mãos estavam encharcadas de suor de nervoso, e ela as enxugou na cama. — Muito sexy — disse para si mesma.

Vestiu as meias pretas e pôs seus sapatos de salto alto pretos, jogou um casaco de gabardine nas costas porque estava excepcionalmente quente, pegou a bolsa e desceu em silêncio pelas escadas. Andou na ponta dos pés ao passar pelo escritório, onde viu Joanna, de nariz enfiado em uma pilha de livros — não estava a fim de explicar por que estava tirando o dia de folga —, e deslizou silenciosamente porta afora.

ERA UMA CASA moderna, muito mais sofisticada do que Ingrid esperava, uma elegante caixa retangular de cimento e vidro, imprensada entre duas plataformas brancas horizontais estreitas, em uma colina sinuosa, que oscilava no penhasco sobre duas colunas altas. O gramado bem-cuidado, de um verde vívido, estava à sombra de três enormes eucaliptos. Um caminho de pedras arredondadas planas conduzia à porta, e ela saltou de uma a outra como se atravessasse um riacho. Tocou a campainha.

Matt, descalço, de *jeans* e camiseta — parecendo muito adorável e amarrotado — abriu a porta, com as sardas estampando seu nariz e suas bochechas. Ele sorriu.

— Licença médica?

— Sim — respondeu ela, sorrindo. Matt retribuiu o sorriso.

— Que coincidência! Estou doente também, Ingrid! — brincou.

Ele havia telefonado ao serviço fingindo estar doente. Ele ligou para Ingrid pouco depois de sua última visita à biblioteca para dizer que não conseguiria aguentar até o fim de semana para vê-la, e teve uma ideia brilhante: os dois deveriam faltar ao trabalho antes do fim de semana. — Não seria divertido? — disse.

— Não podemos fazer isso! — respondeu ela, horrorizada, mas a ideia lhe pareceu deliciosamente perversa. Ela sempre foi certinha e nunca havia perdido um dia de trabalho antes. Por que não? Precisava encarar um pouco de mudança.

Matt a deixou entrar e a conduziu pela sala de estar espartana, com um terraço que dava para o mar: piso de madeira clara, uma mesa de centro de vidro com um vaso que continha um único copo-de-leite (a flor alta e delgada que se enrola sobre si, com sua corola um pouco aberta no topo), três cadeiras Barcelona marrons, uma lâmpada com uma longa e curva haste de aço — o formato lembrava um cogumelo elegante —, e um sofá estreito cinza. A única parte da sala não minimalista era a estante do chão ao teto, de parede a parede, repleta de livros de todos os tamanhos, que se derramava em pilhas no chão. A sala era ensolarada e com aroma de mar.

— Uau! — exclamou. — Com salário de policial? — Ingrid perguntou, e depois colocou uma mão sobre a boca, sentindo o rosto corar.

— Não é exatamente a *Casa da Cascata*, de Frank Lloyd Wright. — Ele encolheu os ombros.

— De jeito nenhum! É simples, bonita e... despojada... — descreveu Ingrid, esticando o pescoço para olhar ao redor. — Só estou surpresa.

— Vou fazer um discurso — disse ele.

— Um discurso? — Ingrid perguntou, imaginando se Matt fazia “um discurso” a todas as mulheres que vinham visitá-lo.

— Explicar como eu moro aqui — disse Matt.

— Ah, certo — respondeu Ingrid.

— Meu irmão mais novo é arquiteto — declarou.

— É isso, então. É um discurso breve — brincou ela.

— Paguei a escola dele. Ele é meu melhor amigo — disse simplesmente. Ingrid podia ver que havia uma história por trás disso, viu em sua linha da vida os sacrifícios que Matt fez para ajudar o irmão a alcançar o sucesso. As brigas com o velho, que queria que seus dois garotos se juntassem à força policial.

— Você deve amá-lo muito. — Ingrid sorriu.

— Ah, chega de falar dele ou da casa. É bom ver você — disse, colocando as mãos nos ombros de Ingrid.

Embora Ingrid estivesse emocionada pela história por trás da casa e pela beleza do lugar, a proximidade repentina a deixou ansiosa. Ela sorriu rapidamente, depois deu uma corridinha até as portas de vidro que se abriam para o terraço. Sentiu-se um pouco presa na caixa de vidro.

Estava um dia tão claro que conseguia ver a ilha Gardiner. Desabotoando a capa, olhou para Fair Haven e viu algo espreitando para fora na lateral, brilhando como uma joia. A estufa, ela pensou, e se perguntou se Freya estaria lá com Killian agora. A irmã disse que estava saindo para encontrá-lo de manhã.

Por um instante, Ingrid se sentiu estranha e terrivelmente inexperiente, ainda mais agora que Matt parecia tão confiante nesta casa que dava para o Atlântico, do alto. Ela era uma garota, e ele era um homem, um adulto, embora ela ainda morasse, de forma constrangedora, com a mãe. Ela era imortal, mas uma criança, que havia tirado o dia de folga para passar com

ele — na cama. Ponto final. Sentiu-se um pouco ridícula, como uma adolescente de trinta e dois anos.

Ele veio por trás dela e calmamente tirou seu casaco do ombro.

— Eles chamam isso de céu nacarado, quando as nuvens têm o brilho de...

— Madrepérola. Sim, eu sei, leio romances também, Matt — disse ela.

Ele riu, depois, beijou a lateral de seu pescoço que ele havia descoberto. Ingrid se virou. Ele pegou a bolsa dela e a ajudou a tirar o casaco. O rosto dela ficou rosa. Ela olhou para os pés descalços dele. Eram grandes, perfeitamente formados, quadrados nos dedos. Achava tudo nele perfeito.

— Se isto é ficar “doente”, eu gosto. Acho que devemos ir para a cama agora e nos recuperarmos. — Ele lhe lançou um sorriso malicioso.

— Sobre isso... — Ingrid começou.

— Vamos lá, deixe-me apresentar a casa — animou-se ele, tomando-lhe a mão e jogando o casaco e a bolsa em uma das cadeiras Barcelona. Ingrid ficou aliviada. Ele parou de andar e olhou para ela com entusiasmo juvenil. Ela poderia dizer que ele demonstrava muito prazer em mostrar sua casa. — Eu me esqueci de perguntar: quer uma bebida?

— Nunca bebo durante o dia — respondeu ela.

— Nem eu! É melhor assim. Venha! — E a puxou pela mão.

O que ele quis dizer com “melhor assim”? Seria sexo sem álcool? Será que ele achava que eles estavam indo fazer sexo? Mas esse era o motivo da sua visita, não era? Todas as coisas sobre estar doente e acamada eram, obviamente, uma metáfora para o sexo. *Ai!* Ela estava animada para se entregar a Matt, mas havia a perspectiva de dar a notícia sobre sua situação para ele. Conseguiria lhe contar? E se não conseguisse dizer que era virgem? Os homens podiam descobrir esse tipo de coisa? Ela lembrou a reação de Hudson, como ele ficou quando ela lhe revelou, como se a virgindade fosse uma doença depois de certa idade. E se Matt pensasse que

era estranho, que havia algo de errado com ela? Que ninguém a considerasse atraente o bastante para dormir com ela até agora? Isso não era verdade, é claro. Ela teve muitas oportunidades. Mas havia rejeitado todas. Espere, talvez houvesse algo de errado com ela.

Matt lhe mostrou a cozinha, toda em aço com balcões de pedra branca e piso de lajotas brancas, sala de jantar com uma mesa e cadeiras Saarinen — tudo elegante e discreto, com linhas despojadas, imaculadas. Ingrid começou a se sentir mais confortável e assumiu a iniciativa, andando até uma porta fechada. — O que tem aqui? — perguntou.

Matt correu, pressionando as costas contra a porta. O comportamento dele mudou de repente. Ele parecia... chateado? Certamente nervoso.

— É apenas uma sala onde eu armazeno material, está... uma bagunça.

— Agora eu *realmente* quero vê-la. — Ingrid riu, provocando, tentando alcançar a maçaneta da porta. Ele pegou o pulso dela. O gesto não foi duro nem violento, mas foi firme. Ele a puxou para ele, pegou o rosto dela entre as mãos e a beijou. Ela derreteu a seu toque, a respiração dele disparou com a dela. Algo nos seus beijos a faziam se sentir mais viva que nunca. Ele cheirava bem, como grama recém-cortada, como brisa do mar, como a própria vida.

— Pensei que você tivesse dito sem segredos. — Ela o lembrou, embora ela mesma tivesse vários deles.

— Vou mostrar, só que não hoje. Juro. — A voz dele era calorosa. — Vamos, vamos lá em cima. — Ele era tão danado de lindo, Ingrid não pôde deixar de sorrir. Ele a tomou pela mão e a guiou até a suíte. Nesse ponto, ela não conseguia pronunciar uma palavra, então se deixou ser levada para o quarto, que era tão claro, a luz do sol revelando cada canto. Não havia como se esconder aqui. Ele se atirou na cama. Havia poucos móveis: uma cama

rebaixada *king-size* sobre uma plataforma branca, uma cadeira laranja em forma de S e uma escrivaninha.

Matt estava apoiado sobre os travesseiros, observando-a, os músculos do braço salientes com as mãos atrás da nuca. Ela notou o tom vermelho em seus cabelos castanhos, destacado pelo sol. Ela ficou ali, com os braços balançando lateralmente.

— Você está muito longe — murmurou ele. Ele parecia mais autoconfiante do que nunca. Ela o invejava por isso. Talvez fosse porque estivesse em seu elemento, nesta casa construída a partir de amor e dor. — Você me deixa louco, sabe.

Ela sorriu. Ela o amava. Amava mesmo. Era inegável. Ela era louca por Matt. Era fora de moda, mas ela gostava desse joguinho, e ainda assim não tinha certeza de que estava pronta para fazer uma confissão completa. Isso a assustava mais, mais que o sexo em si.

Ela se preparou.

— Como posso ajudar? — perguntou, a voz repentinamente rouca.

— Você poderia começar tirando a roupa. — Ele lançou um enorme sorriso provocador.

— Aqui?

Havia algo de muito divertido e excitante em tudo isso. Sentia-se como uma criança. Nunca havia feito nada parecido com isso antes, nunca fora despida na frente de ninguém, além de, vergonhosamente, sua mãe e sua irmã. Confiava em Matt. Queria se despir. Tinha comprado e usado lingerie para a ocasião, e a textura sob o vestido a fazia se sentir sensual, mas suas mãos estavam suando de novo. Ela as correu ao longo dos quadris e da cintura para se livrar da umidade.

— Hum! Isso é bom! — disse Matt.

— Ah! — exclamou ela surpresa, sem saber que estava sendo sensual. Pegou o zíper na lateral e o puxou para baixo. Matt sorriu, incentivando-a.

— Venha mais pertinho — disse. — Minha visão está turva.

— Nada de tocar ainda — advertiu ela.

— Não — disse Matt, sacudindo a cabeça, parecendo muito sério. — Nada de tocar.

Deixou o vestido cair até os tornozelos e saiu dele, aproximando-se da cama. Ficou com um *body-short*, com cinta-liga para segurar as meias. Freya havia escolhido tudo, provocou-a para não vestir nada por baixo do *body*.

Matt deu um assobio de lobo. Parecia realmente estar se divertindo, inclinando-se para trás, olhando para ela. Ingrid sentia o olhar dele como uma carícia física.

Ele se levantou da cama, ajoelhou-se ao lado dela e, com as mãos trêmulas, começou a abrir suavemente as ligas e a desenrolar as meias, uma a uma. Ela permitiu que ele fizesse isso. Ele tirou os grampos de seu cabelo, deixando-o cair sobre os ombros. Então, ela deixou que ele puxasse as alças do *body* de seus ombros para que o montinho de seda caísse ao chão. Ela se virou, usando os cabelos e as mãos para se cobrir.

Ela tinha que lhe contar, mas não sabia como. As palavras ficaram presas na garganta, como se tivesse engolido cascalho. Matt deu um passo para trás.

— Vire-se — pediu ele. — Deixe-me vê-la.

Ela obedeceu, abraçando-se. Nunca ficou despida diante de um homem antes. Nunca deixou ninguém ficar tão perto dela antes — e não apenas de seu corpo, mas de seu coração...

— Venha cá — gemeu ele, como se não pudesse esperar nem mais um segundo, e a puxou para a cama, seus braços fortes circundando sua cintura.

Beijou sua barriga, enviando vibrações através de seu corpo.

Ela puxou a camiseta dele sobre a cabeça, deitou-se na cama de modo que o corpo dele cobrisse o comprimento do corpo dela. Podia sentir sua excitação quando ele pressionou seu corpo contra o dela. E ele ainda a beijava, por toda parte. Agora, seu coração trovejava em seu peito e ela queria senti-lo — todo ele — contra ela. Enfiou a mão por baixo do cóis do *jeans* dele, e ele gemeu. Com a outra mão, ela o ajudou a puxar a calça para baixo e ele a atirou para longe. Ele estava tão quente, o seu corpo tão relaxado, que Ingrid sentiu como se ela fosse derreter. Não havia nada entre eles agora, e ela arfou, com os joelhos a tremer violentamente, enquanto ele se inclinava mais perto... cada vez mais perto...

— Você está chorando? — perguntou ele, olhando para ela. — Estou fazendo algo errado?

Ingrid se levantou sobre os cotovelos, amedrontada.

— Não... não é nada. É que...

Matt a olhava de forma tão estranha, e ela foi tomada por um enorme sentimento de vergonha e constrangimento. Era *ela* que fazia algo de errado? Afinal, não tinha ideia do que estava fazendo. Nunca tinha estado com um homem.

— Espere um pouco, você *está chorando*!

O rosto dela estava molhado, e ela estava muito aflita com essas lágrimas súbitas que não paravam. Ingrid se arrastou até o vestido e correu para fora do quarto, agarrando o casaco. Matt estava bem atrás dela, confuso, com o rosto e o corpo vermelhos.

— Ei, o que foi, aonde você está indo? — Ele estendeu a mão em direção ao seu ombro.

Ela queria dizer algo, explicar-se, mas tudo que saiu foi um enorme soluço constrangedor. Ele não tinha feito nada de errado. Era ela. Ela era

virgem. Não conseguia lhe dizer, era muito vergonhoso admitir. Como poderia continuar a fingir ser qualquer coisa que não era? Simplesmente não conseguia lhe dizer. Abotoou o casaco por cima do *body*, agarrou o vestido e a bolsa. Ficou envergonhada por ser tão covarde, por tudo isso, e se odiou.

— Ingrid. — Ele estava diante dela, nu, com todo seu corpo bastante vermelho, parecendo tão magoado e vulnerável. — Por favor, me diga o que está errado.

— Eu tenho que ir — Ingrid conseguiu dizer, e então soluçou. — Me desculpe.

— Tudo bem — disse ele, e ela se foi.

capítulo trinta e quatro

Burning down the house



Joanna ainda estava em seu escritório, absorta na investigação sobre a época da caça às bruxas na América do Norte. A maioria dos livros se concentrava em Salem, mencionando outra perseguição como consequência precipitada. Durante os julgamentos em Salem, as meninas do círculo, Ann Putnam como líder, alcançaram o que seria equivalente ao *status* de estrelas do *rock* — ou de *reality shows*. Sua fome de fama crescia exponencialmente à medida que as acusações se espalhavam. Ainda hoje, sua fama eclipsou outras tragédias contemporâneas.

Joanna apurou, porém, que antes de Salem, entre 1645 e 1663, oitenta pessoas foram acusadas de bruxaria em Bay Colony, Massachusetts, e, desses casos, treze mulheres e dois homens foram executados. E esses foram apenas os casos registrados. O problema era que os registros de julgamentos de bruxas em áreas mais rurais foram muitas vezes malconservados ou sequer mantidos. Às vezes, desapareciam por completo dos anais da história.

Joanna chegou a uma história que ocorreu nas proximidades, no mesmo ano da data prevista de *A leiteira*. Coincidência? Ou sua intuição?

Em fevereiro de 1658, Elizabeth Howell, de dezesseis anos, da ilha de Wight (agora chamada ilha Gardiner), filha de Lion Gardiner, acusou Elizabeth Blanchard Garlick, de cinquenta anos, ama de leite e curandeira de Seatacott na área leste de Yorkshire, em East Hampton, Long Island, de tê-la enfeitiçado. Essas alegações surgiram quando Howell, que havia dado

à luz recentemente e sofria de uma infecção, estava em seu leito de doente, delirando de febre. Lá, afirmou ter visto *goody* Garlick em um canto de seu quarto, bem como uma forma escura no outro (supostamente o ente familiar de Garlick, um gato preto). “*Goody* Garlick é uma mulher traiçoeira. Por eu ter falado duas ou três palavras contra ela, veio me atormentar”, exclamou a jovem Howell, que então acusou Garlick de ser uma bruxa. Howell morreu pouco depois, mas suas acusações no leito de morte foram suficientes para lançar suspeita de bruxaria contra Elizabeth Blanchard Garlick, esposa de Joshua. Outras alegações de habitantes do lugarejo se seguiram, a maioria delas estimulada por certa *goody* Davis que, conforme relatos, teve um relacionamento conflituoso com sua ex-vizinha da ilha de Wight. Depoimentos foram colhidos pelas autoridades da cidade.

Desde 1645 mais de dez casos de bruxaria foram julgados no tribunal da Nova Inglaterra, mas esta foi a primeira vez em East Hampton, e o tribunal local, por não ter nenhuma experiência com julgamentos de feitiçaria, ficou perdido. Como East Hampton, e depois Maidstone, caiu sob a jurisdição de Connecticut, Elizabeth Garlick foi enviada para ser julgada pelo Tribunal de Magistrados de Hartford, em 5 de maio de 1658. O júri não encontrou evidências suficientes para provar a culpa de Garlick, e ela foi enviada para casa com uma carta da corte advertindo o pessoal do vilarejo e pedindo que todos “continuassem a agir como bons vizinhos e em boa paz sem ofensas a Joshua Garlick e sua esposa. E eles deveriam fazer a mesma coisa”.

Ainda assim, Elizabeth Blanchard Garlick, bruxa verdadeira ou não, não era a feiticeira que Joanna procurava. Primeiro, ela era mais velha que o fantasma que viu; em segundo lugar, fora devidamente absolvida. Mas esta passagem elucidou algo mais a Joanna.

East e South Hampton podem muito bem ter caído sob a jurisdição de Connecticut, mas North Hampton existia dentro de um bolsão sem controle,

como se fosse uma fenda, e de modo mais pertinente estava fora de qualquer importante jurisdição. O que quer que tivesse acontecido em North Hampton não estaria em todos os registros, pois não havia nenhum na cidade. Até hoje, ela não estava em nenhum mapa, ou, se estivesse, era como uma picada de alfinete acidental, uma fraca lembrança de um cartógrafo ou devaneio, um ponto, uma mancha. North Hampton seria sempre um independente e invisível — em vez de indivisível — país pequeno.

A feiticeira de Joanna era de North Hampton, ou, mais precisamente, de Fairstone, como era chamada no século XVII. Ela morou lá. Foi julgada pelos juízes locais e recebeu um veredicto de um júri formado por seus próprios vizinhos e acusadores. Foi enforcada no carvalho que havia sobre o túmulo no bosque.

O que Joanna concluiu a partir do caso de *goody* Garlick foi que, por volta de 1658, o fanatismo começou a agitar o ar salgado de East Long Island, a primeira onda de caça às bruxas.

Uma súbita certeza tomou Joanna: alguma coisa aconteceu em Fairstone, algo importante que a feiticeira necessitava comunicar a ela. Joanna teria que viajar de volta no tempo para descobrir o que era. Não era sua especialidade, mas poderia fazê-lo. O irmão de Norman, Arthur, era o viajante no tempo da família. Ela precisava ter certeza de que chegaria antes que a menina fosse arrastada para o carvalho, sob cujos galhos retorcidos e compridos um buraco seria escavado.

O celular sobre a mesa tocou, fazendo Joanna saltar. Ela o pegou e leu o nome de Harold na tela. Não se sentiu exatamente bem ao ser interrompida, especialmente durante essa revelação, mas era seu amigo Harold, e atendeu a ligação.

— Olá, minha querida! — Trovejou sua voz saudável.

— Harold? Tudo bem? Que bom você ligar.

— O que você vai fazer na semana que vem? — perguntou ele. — Minha filha, meu genro e Clay estarão fora da cidade, vão passar o dia com a família dele. Queria saber se você estará livre.

Joanna correu um dedo sobre um parágrafo da história de Long Island enquanto falava ao mesmo tempo. — Estou, mas por que você não vem aqui em casa? Quinta-feira é perfeito, porque Freya vai cozinhar. Ela é uma cozinheira maravilhosa. Vai ser divino!

Ele pigarreou. — Quinta? Tem certeza?

— É claro — disse Joanna, distraída. — Quinta.

— É muita generosidade de sua parte. Adoraria estar com você. Vou levar vinho!

— Estou no meio de um projeto. Podemos conversar mais tarde?

— Claro, minha querida — respondeu Harold.

Joanna desligou e continuou a ler.

capítulo trinta e cinco

Like a wheel within a wheel



O restaurante na estrada do condado fora de North Hampton era um clássico retangular, estilo anos 1950, com piso xadrez preto e branco, salas em vinil vermelho, bancos giratórios ao longo do balcão, persianas nas janelas e *cheesecake* coberto de morangos sobrenaturalmente vermelhos em uma redoma de vidro. Chamava-se apropriadamente, ou por falta de originalidade, Diner, comunicado de modo vulgar pelo sinal de neon gigantesco na frente.

Estava lotado com a habitual multidão que se encontra nesses locais, muitas vezes em tribos desorientadas: adolescentes de fim de semana ou de baile de formatura, casais em lua de mel ou casais que não conversam, viúvas, famílias com crianças gritando, caminhoneiros, persistentes estudantes de curso preparatório com seus colarinhos erguidos, mulheres com os dedos cheios de joias e cabelo à Liz Taylor (em seus últimos anos), ou qualquer um que tivesse, não importa a hora do dia, compulsão por panquecas encharcadas de xarope de bordo e ovos de todos os tipos.

Jean-Baptiste sentou-se em uma sala do fundo, usando um terno perfeito, feito à mão, com um lenço de seda vermelha no bolso e casaco de *cashmere* pendurado nas costas da banqueta. Usava óculos de sol, embora estivesse totalmente escuro lá fora. Freya o viu imediatamente — era difícil não notá-lo — e deslizou para dentro de sua sala.

— Você me parece bem, Freya — elogiou ele com uma voz aveludada de barítono e uma pitada de melodia do sul. Ele olhou para ela por trás de seu

Ray-Ban escuro, sem aro, e lhe lançou um discreto sorriso irônico. Apenas um canto do lábio que normalmente se virava para baixo elevou-se, ainda que levemente, e os sulcos pronunciados nas laterais da boca franziram um pouco mais profundamente, indicando o seu prazer ao vê-la.

— Estava pensando exatamente o mesmo sobre você, Jean. — Freya encarou em silêncio o seu belo rosto, o bigode e o cavanhaque levemente grisalhos, a calva perfeitamente lisa e a encantadora pele marrom-âmbar. Jean-Baptiste Mésomier trazia à mente a palavra *agradável*, bem como as demais sibilantes — *suave, sexy, experiente*, e assim por diante.

— Com fome? — ele perguntou.

— Claro, eu poderia encarar o especial com tudo. Acabei de sair de um longo turno — explicou ela.

Jean deu um ruidoso último gole no *milkshake*, do mesmo modo como as crianças fazem — nada sutil, mas de alguma forma conseguiu acabar com ele —, depois chamou a garçonete, e Freya fez o pedido.

Quando ficaram a sós novamente, Jean baixou a cabeça com um olhar interrogativo para Freya por trás de seus óculos escuros e expressão grave.

— Estou me perguntando o que justifica tirar um velho rabugento como eu da cama para voar de Nova Orleans para os Hamptons no meio da noite. Ainda bem que eu conheço os atalhos. Se não fosse a própria deusa do amor e da beleza me chamando, eu teria provavelmente cochilado.

Freya mordeu o lábio.

— Me desculpe. Eu deveria ter ido procurar você.

Jean soltou uma risada tonitruante que assustou Freya, mas ela se viu rindo junto para não ofender o deus da memória e ter seu cérebro totalmente extirpado.

— Só estou brincando com você, garota. Verdade seja dita, estive bastante entediado ultimamente, e eu largaria tudo — bem, talvez quase tudo — para

olhar o seu rosto bonito por alguns minutos a qualquer hora do dia ou lugar.

Freya sorriu. Não via Jean-Baptiste havia várias vidas, e ela era uma criança a quem ele chegou a balançar no colo. Ele parecia o mesmo. Não era uma pessoa que alguém pudesse esquecer facilmente, a menos que ele quisesse assim, é claro.

— Como disse na minha mensagem, mas não pude explicar — aqui ela baixou a voz —, é sobre a ponte.

Ele a olhou de soslaio, inclinando a cabeça. — Bofrir?

Freya assentiu.

Jean soltou um assobio, encarando-a incrédulo.

— Você sabe que não podemos falar sobre isso. O que está feito está feito, e não há qualquer porcaria que esse velho possa fazer a respeito. A ponte foi destruída; nossa magia enfraqueceu como consequência. Ponto final. — Ele ergueu as sobrancelhas, a testa vincada com vários S na lateral; de repente, ele parecia cansado e muito mais velho. — Não sei mais o que dizer, garota.

Freya insistiu.

— Quero saber tudo o que sabe sobre aquele dia, Jean, cada detalhe.

Jean lhe contou, mas era a mesma velha história: Fryr, seu irmão gêmeo, e Loki foram pegos, Loki serviu seus cinco mil anos nas profundezas congeladas, e Fryr passou o tempo no Limbo. Foi o tridente de Fryr que destruiu a ponte, em última análise, consignando os Vanes e os Ases para Midgard, a Terra do Meio, para salvar Odin e sua esposa, Frigg.

— Alguém tinha que pagar — disse Jean. — E Fryr parecia terrivelmente culpado.

A garçonete voltou com uma pilha de panquecas quentinhas cobertas com morango e servidas com ovos fritos de um lado e salsichas perfeitamente amorenadas, mas Freya e Jean ignoraram a comida. A garçonete soprou

uma mecha de cabelo que caía no rosto, ajeitou o avental e, depois, saiu batendo os saltos. Freya deu um suspiro de frustração.

— Não acho que foi assim que aconteceu, Jean — disse, voltando-se para o prato cheio diante dela. Derramou um fio grosso de xarope de bordo sobre as panquecas, depois as escavou, conversando enquanto comia. — Acho que as Valquírias podem não ter investigado o assunto com cuidado. Não estou dizendo que foram preguiçosas, mas quando aconteceu, tudo foi muito apressado. — Ela divagou, pensando em voz alta, enquanto enfiava grandes pedaços de panqueca na boca. Sim, era o tridente de Freddie que haviam encontrado, admitiu, mas e se tivessem aprontado com ele? Se o tivessem enganado? E se alguém quisesse fazer *parecer* que ele tivesse feito aquilo? Quem poderia ter feito isso?, pensava ela. Quem seria capaz de tamanho *logro*?

Jean sorriu como se tivesse pena dela.

— Não pode ser Loki. Ele serviu seu tempo. Cinco mil anos não é nenhuma ninharia, minha querida. Eles eram meninos. Foi uma brincadeira idiota.

Freya deu de ombros. Ainda tinha dúvidas. Jean ouviu pacientemente, como se falasse a uma criança pequena. Se alguém sabia de algo, pensou Freya, seria o deus da memória. Ele guardava os registros da história que o Conselho determinava estarem aptos para serem arquivados. Assim que um grande acontecimento obtinha o selo de aprovação, ficava armazenado nessa grande cabeça careca de Jean, nos corredores bizantinos intermináveis de seu cérebro, mas Freya acreditava que ele poderia ajudá-la a trazer a memória de Killian de volta. Acreditava que Jean tinha o poder de ajudar Killian a recuperar a verdade sobre o passado dele, ou pelo menos poderia conduzi-la na direção certa para que pudesse resgatar a verdade sozinha.

— Freddie diz que, quando ele e Loki chegaram lá, a ponte já estava destruída — disse Freya.

A expressão no rosto de Jean era algo entre um sorriso e um olhar carrancudo.

— Se isso for verdade, essas perguntas que você está fazendo são muito perigosas. A ponte mantinha todos os nossos poderes. Eles estavam entranhados dentro dela desde o primeiro dia — disse ele. — Quando ela caiu, os deuses ficaram permanentemente enfraquecidos. Já que Loki e Fryr pareceram infelizes e culpados, Odin acreditou que o poder da ponte havia desaparecido no Universo, que se dissipou no éter. Mas se o que você está dizendo for verdade, então quem destruiu a ponte está incrivelmente poderoso, uma vez que ele, ou *ela*, detém esses poderes agora, os poderes de todo o panteão. Se você estiver certa, e os garotos não a destruíram, e o responsável for outra pessoa. Não seria bom brincar com esse tipo de deus, Freya.

Ela se inclinou em direção a ele, do outro lado da mesa, e sussurrou ferozmente.

— Conheço alguém que pode ter estado lá, Jean. Uma testemunha potencial. Outro deus, mas não posso dizer quem. Não sei por que motivo, ele não consegue lembrar o que aconteceu naquele dia, apenas trechos soltos. Sua memória se foi, ou poderia ter sido roubada dele, para mantê-lo quieto. Preciso ajudá-lo a se lembrar, para que possamos saber o que realmente ocorreu naquele dia. Meu irmão é inocente e foi punido por um crime que não cometeu.

Por um momento, Jean pareceu perturbado e não disse nada. Por fim, pediu a ela que se aproximasse ainda mais para que pudesse falar diretamente em seu ouvido. O velho bruxo estava cedendo. — Há uma maneira de ajudar essa... *pessoa. Essa testemunha, que tem lembranças da*

destruição de Bofrir, mas tentar isso é proibido e perigoso — advertiu ele. — Não se brinca com essas coisas, estamos falando aqui de magia negra. — disse ele, sorrindo. — Se me permite mencionar isso, essa é a fonte do vodu real. Poderia colocar você e esse seu amigo em muito perigo. Tem certeza de que quer enveredar por esse caminho?

Um calafrio correu pela espinha de Freya. Jean não estava brincando. Estava extremamente sério, se não um pouco temeroso, o que era assustador. Se até o deus da memória ficava intimidado com isso, então que diabos ela estava fazendo ao brincar com esse tipo de coisa demoníaca? Mas ela sabia que estava disposta a fazer o que fosse preciso para evitar que Killian fosse enviado ao Limbo.

capítulo trinta e seis

Live freegan^[6] or die



Ingrid teve que levantar ao amanhecer, antes de Joanna acordar, para preparar café da manhã para os pixies. As demandas eram muito precisas: ovos quentes em porta-ovos individuais, manteiga, *brie* ou algum outro tipo de queijo forte, salame, suco de laranja (Kelda disse que eles preferiam a fruta fresca espremida, mas aquilo não era um hotel cinco estrelas, pelo amor de Deus), chocolate (eliminado da dieta porque Ingrid notou que o alimento os deixava mais excitados), pães e tortas feitas em casa por Joanna, e tudo que pudesse ser levado ao esconderijo.

Ela estava feliz por ter que atender aos pixies. Distraía sua mente do que havia acontecido outro dia com Matt: cada vez que se lembrava, sentia-se corar por todo o seu corpo. No entanto, a lembrança também era doce — e sensual —, lembrava a deliciosa sensação da pele dele contra a dela e o quanto ela gostava de olhar para ele e deixá-lo olhar para ela daquela maneira. Qual era o seu problema? Estava preparada, sentia-se pronta. Queria tanto, mas em vez disso... Não conseguia pensar sobre o assunto por muito tempo. Havia motivos para ela ter ganhado o apelido de Ingrid frígida. Não é de admirar que ele não se preocupasse em ligar para ela.

Passou na ponta dos pés pelo quarto de Joanna, carregando a bandeja pesada. Kelda e Nyph a encontraram na escada para ajudá-la assim que abriu a porta do sótão. Os pixies, extremamente ativos durante as horas noturnas, tendem a ficar famintos pela manhã.

Ingrid não entendia por que a poção de Freya não havia funcionado com eles, nem seus próprios feitiços ou encantamentos — pequenos nós e bolsas com pétalas da flor edelweiss sob seus travesseiros. Ainda não tinha nenhuma pista sobre onde era o lar dos pixies, exceto pelos detalhes esparsos e enigmáticos que haviam passado para ela: casas nas árvores e trabalhadores subterrâneos, algo começando com A. Ingrid não colocou em dúvida que poderiam ter inventado os detalhes apenas para acalmá-la.

Pôs a bandeja sobre a mesa de jantar improvisada, uma porta escorada por grades, e os pixies se juntaram animadamente ao redor, brigando para ver quem ficava com o quê.

— *Psiu!* Não façam tanto barulho — advertiu ela. Irdick estava atrás dela, puxando seu penhoar. — O que você quer, Irdick? Não me diga que não há comida suficiente. Você só precisa ser rápido como todo mundo ou não fica com a sua parte.

— Não é isso, Erda... É outra coisa. — disse ele.

Ingrid ergueu uma sobrancelha para o rosto redondo, cara de lua, de Irdick.

— Na noite passada, estávamos revirando latas de lixo como bons *freegans*...

Ingrid riu. — *Freegans?* — Ela achou graça. — Caras, vocês realmente assimilaram tudo.

À mesa, todos pararam de agarrar a comida e olharam com expectativa para Ingrid. Sven soltou uma tosse de fumante antes de falar com voz rouca, “*freegans shmeegans*[\[7\]](#), Irdick está tentando dizer que *vimos* alguém”.

— Quem? — Ingrid perguntou. De repente, estavam todos falando ao mesmo tempo, e ela não conseguia entender nada do que diziam. Ela limpou a garganta, e os pixies se acalmaram. Finalmente aprenderam a ser mais obedientes, e isso a agradou. Era como treinar filhotinhos. Eles

caminhavam juntos. — Tudo bem, um de vocês poderia explicar isso claramente para mim?

Nyph levantou a mão tão alto quanto podia, gritando: — Eu, eu, eu! — Enquanto Kelda a encarava através da máscara preta. Ingrid colocou uma mão na cintura e ergueu o quadril. — Tudo bem, Nyph, mande bala!

A linda pixie de cabelos negros como o corvo piscou os cílios escuros, tímida de repente, agora que era o centro das atenções. Lambeu os lábios, depois falou. — Vimos alguém que pensamos parecer extremamente familiar, então nos escondemos no beco para vê-lo.

Ingrid foi pega de surpresa. — Quem era? Alguém da sua casa?

— Não. Foi quem nos m-m-mandou embora — disse Val. Todos olharam para ele. Val mergulhou um pedaço de pão em sua gema e deu uma mordida. — Fizemos um favor para esse cara, seja ele quem for, depois ele nos baniou de nossa casa. Pelo menos é o que acho que aconteceu. Nós o reconhecemos.

— Huumm — disse Ingrid. — Como ele parecia?

— Ele é alto, grandalhão, de boa aparência — disse Kelda.

Eram descrições vagas, pouco úteis.

— Você poderia, por favor, ser mais específico? De que cor era o cabelo dele? Qual a estatura? Como assim, fortão? Ou somente com excesso de peso? O que ele estava vestindo?

Todos começaram a gritar ao mesmo tempo, e todos tinham opinião diferente. Alguns argumentaram que o homem tinha cabelos loiros, enquanto outros disseram que eram castanhos. Estava escuro lá fora, todos concordaram, mas tinham-no reconhecido como uma pessoa que não era estranha para eles. Mas agora não lembravam em que lixeira exatamente tinha sido o encontro, o que não ajudou Ingrid em nada.

Ingrid suspirou, mas pelo menos estava chegando um pouco mais perto de resolver esse enigma, a informação ia se juntando por mais frustrante, fragmentada e vagarosa que fosse. Precisava descobrir exatamente quem era esse homem, descobrir o que ele havia feito para que os pixies esquecessem, e talvez, assim, ela pudesse enviá-los de volta para casa.

capítulo trinta e sete

Blasphemous rumors



Depois de um dia ensolarado fora de época, a temperatura despencou, e a névoa da manhã já se erguia do chão na floresta. Joanna estava bem aquecida com botas de borracha e meias grossas, um chapéu de lã e um lenço. Ficou ao pé da tumba e olhou para o carvalho com a copa espichada. Seria a mesma árvore onde a feiticeira foi enforcada antes de a corda ser cortada e ela despencar para seu túmulo? Às vezes, algumas feiticeiras eram enforcadas em uma árvore de uma só vez, penduradas nos galhos por dias, enquanto apodreciam — dando exemplo para aqueles que pudessem pensar em se consorciar com o diabo.

A força era menos violenta que a fogueira, mas não poderia ser chamada de humana, e agora as lembranças de Salem e dos enforcamentos de suas próprias meninas voltaram, por mais que tentasse afastá-las da mente: o povo zombando e comemorando, os casais se beijando e se apalpando enquanto o carrasco encaixava as cordas ao redor de cada um dos pescoços. Alguns na multidão erguiam os punhos enquanto outros gritavam em êxtase, ou sorriam enquanto os condenados giravam para fora do cadafalso. Esse era um lado da *humanidade* que Joanna preferiria não ter testemunhado. Era o contrário, aqueles com corações enegrecidos estavam no meio da multidão, e não na força. Enxugou uma lágrima, lembrando o olhar desafiador de Freya e os soluços entrecortados de Ingrid. Joanna afrouxou o lenço vermelho no pescoço, porque de repente sentiu como se ela mesma estivesse sendo sufocada.

Havia várias maneiras de morrer em um enforcamento. O pescoço poderia quebrar, mas isso não significava que a morte viria instantaneamente. Se a queda não fosse grande o suficiente, e a medula espinhal não fosse totalmente seccionada, o enforcado poderia permanecer no ar, chutando, plenamente consciente por vários minutos enquanto a asfixia ocorria.

Se a morte não fosse provocada pela quebra dos ossos do pescoço, ou por mera decapitação caso o corpo fosse catapultado com força suficiente, seria causada pela oclusão das artérias carótidas e das veias jugulares, que provocaria um edema seguido de isquemia cerebral. Ou ainda pela desaceleração do coração, ocasionando uma parada cardíaca.

Alguns alegavam que os enforcados experimentavam excitação sexual, mas era balela, mito, Joanna sabia. Havia apenas agonia, sofrimento e humilhação. Às vezes, os homens pareciam ter ereções, mas isso acontecia por causa da gravidade, já que o sangue se agitava para o tórax e as pernas. Não tinha nada a ver com prazer, mas com dor.

Esse enforcamento, se tivesse sido executado nesta árvore, devido à queda curta, não teria sido rápido, mas bem lento para garantir tortura máxima. Joanna testemunhou os rostos de suas filhas incharem, viu quando se tornaram cianóticas, com aquela cor azul-arroxeadada, as marcas de sangue se espalhando pela pele, pelos olhos, enquanto a vida era extinta. Manchas vermelhas rastejavam sobre a pele como veias e capilares explodindo. A língua de Freya havia se projetado dos lábios, como um último ato de desafio.

Embora estivesse frio, a testa de Joanna estava gotejada de suor. Limpou-a com as costas da mão, tentando apagar também as lembranças. Percebeu, então, por que o espírito da feiticeira a tinha agarrado pela garganta. Estava mostrando a Joanna o que sentiu quando morreu.

Joanna chegou à tumba para procurar uma passagem para a linha do tempo. Ela fechou os olhos e cantou, recitando o encantamento que permitia um deslizar através do portal em direção às passagens. Precisava ser específica: tinha de voltar ao momento certo, pelo menos alguns dias antes do enforcamento. Esperou que o portal se abrisse, fechando os olhos, mas seus pés permaneceram enraizados na base da tumba.

capítulo trinta e oito

Dance till you can't dance no more



No *Dragon*, Freya juntava fios de cabelo retirados do pente de Killian no banheiro da cabine principal. Antes, ela havia parado na estufa para colher raízes e mudas de ervas que Jean dissera que ela precisaria para o ritual. Ela colocou tudo em um Ziploc furado, juntamente com uma cigarra viva, que se assemelhava a uma mosca gigante com seus olhos enormes e asas leves cheias de veios. Claro, a cigarra começou a cantar, mas isso era exatamente o que ela precisava: um macho. Jean havia sido inflexível sobre isso.

O ritual exigia também uma gota do perfume de Killian, aquele delicioso, inebriante, que ela conhecia tão bem, mas ela não tinha certeza de como proceder para extraí-lo. Ela carregava um pequeno frasco de vidro, como aqueles usados para amostras de perfume, e o tinha colocado sobre a pia. — Seja criativa — Jean havia dito. Não é isso que é magia?

— Freya? — Killian perguntou, de repente, atrás dela. — Você ouviu isso?

Ela se assustou, rapidamente voltando-se para ele. Felizmente, a cigarra parou de cantarolar. — O quê? — Ela perguntou, fingindo inocência enquanto guardava um frasco do perfume de Killian em sua bolsa. — Estou procurando uma aspirina — mentiu.

— Uma feiticeira com dor de cabeça! — Ele riu. — Lá vem você com segredos de novo, e sabemos que isso não é bom. — Afastou os cabelos do rosto dela e o beijou com suavidade. Porque estavam esperando as

Valquírias descerem sobre eles, não conseguiam ter o suficiente um do outro, e tratavam cada noite como se fosse a última. Mas Freya tinha estado ocupada, tentando descobrir uma maneira de afastá-las.

— Oi, você. — Ela sorriu enquanto seus corpos se pressionaram um contra o outro no espaço apertado.

— Oi, querida — murmurou ele, puxando-a para mais perto e agarrando sua bunda.

Ela colocou a bolsa sobre a pia, já que seu trabalho precisava ser esquecido neste momento. Quando pôs a mão por fora do *jeans* de Killian, descobriu que ele já estava excitado. Era muita emoção como a primeira vez.

Os lábios de Killian se separaram dos dela, e ele olhou para ela interrogativamente.

— Então, vai me dizer a verdade?

— Estou trabalhando em algo — disse ela entre beijos de tirar o fôlego.

— Qualquer coisa em que possa ajudá-la?

— Quando a hora chegar — brincou ela, abrindo o zíper dele enquanto ele soltava o cinto e tirava a calça. — Agora você pode me ajudar com outra coisa. — Ela poderia ter aquela gota de suor mais cedo do que pensava.

— Fico feliz por isso — ele sussurrou, gemendo, enquanto se inclinava sobre a pia e a tomava por trás em um movimento rápido.

Freya fechou os olhos e gemeu, segurando-se no balcão enquanto Killian inclinava-se sobre suas costas, com as mãos nas laterais dela, lançando-se contra ela, a força de suas ações praticamente levantando-a do chão.

Tudo fazia parte de juntar os ingredientes para a poção, ela sabia, mas isso não significava que o trabalho não pudesse ser divertido.

— TUDO BEM, desta vez estou colocando o meu pé no chão, Freddie. *É isso. Chega!* — disse Freya, sentindo-se tonta. Talvez fosse o quarto inclinado. Ou talvez na pressa de coletar todos os ingredientes para o feitiço ela tivesse se esquecido de comer? Há apenas algumas horas, ela havia deixado Killian em seu barco. Tinha todos os elementos necessários para realizar o feitiço, mas estava ficando com medo. Se fosse tão perigoso como Jean havia afirmado, não sabia se poderia passar por isso. E se não o fizesse, nunca descobriria a verdade, nem Killian. Freya agora estava irritada e havia chegado ao motel decadente para enfrentar a fonte de sua frustração.

Sentou-se ao pé de uma cama para se firmar. — Estou realmente cansada disso, Fred. Você não vai me ouvir, e vai esperar que eu atenda a todos os seus caprichos, trazendo comida, garantindo que você tenha cobertores quentes.

Freddie olhou para ela com tristeza, a cabeça inclinada lateralmente.

— Não quero ser um pidão — disse ele como um menininho. — Se eu pudesse sair daqui, sairia. Além disso, sinto falta de Hilly. Ela não vai me ver até o pai dar aprovação, algo que ele não vai conceder até que eu consiga fazer algum serviço para ele, mas ele não diz o que é ou como fazê-lo.

— Chega desse flerte bobo. Ela é apenas uma garota que você conheceu *on-line*! Há centenas, milhares delas por aí. Esqueça se ela é um problema tão grande. Olhe — disse Freya —, acho que você está deprimido. Precisa ser mais ativo. Ficar enfiado aqui não resolve nada. Arrume um disfarce, transforme-se em algo... Não sei... Por que não vai até a casa de mamãe e ajude a si mesmo. Há uma *geladeira* lá. Algo que não há em quartos de motel nojentos, assimétricos.

— Não precisa ser maldosa — disse Freddie.

— Estou só avisando. Mamãe e Ingrid estarão fora amanhã. Ninguém vai estar em casa à noite também. Vá lá e se abasteça. Estou cansada de fazer isso por você. Vou deixar as portas de vidro dos fundos abertas para você. Você pode entrar por lá — disse ela, esperando que ele ainda ignorasse o calendário de feriados e as tradições que a maioria das pessoas mantinha. Ela tinha um plano em mente. Freddie pareceu triste.

— Tudo bem, Freya. Não percebi que era tão inconveniente você me ajudar.

— Não é, Freddie... Claro que não. Mas eu vou embora e eu estou preocupada que você fique com fome e sozinho.

— Não estou sozinho. Tenho a Hilly — disse ele.

— Tudo bem. — Ela pegou a bolsa. — Lembre-se de passar por aqui amanhã — disse ela. E antes que Freddie pudesse se levantar da poltrona, ela já estava do lado de fora da porta e disparava do estacionamento em seu Mini Cooper.

capítulo trinta e nove

Frozen, when your heart's not open



Ingrid acionou o alarme na biblioteca e depois, do lado de fora, trancou as portas e o portão preto com sua chave gigantesca. Tiritou, enrolando o cachecol em volta do pescoço.

— Oi — disse uma voz atrás dela.

Ela se virou, e lá estava ele, a única pessoa que vinha perseguindo seus pensamentos desde sempre.

Matt se apoiava em uma das barras de ferro fundido da cerca que rodeava a biblioteca, a cabeça inclinada, os olhos tristonhos. Ingrid caminhou até ele enquanto olhavam timidamente um para o outro.

Ela parou a alguns centímetros de distância. Desejou que não estivesse usando óculos, e que seu cabelo não estivesse preso em um apertado e eficiente coque. Não usava nenhuma maquiagem, e enfiou as mãos nos bolsos ao lembrar como o esmalte estava lascado por ter roído as unhas.

— Sei que você provavelmente não quer me ver. Não liguei porque achei que você precisava de um tempo — disse ele. — Vou embora se me mandar. Só queria vê-la e conversar.

Ingrid mexeu a cabeça. Ficou surpresa ao ouvir isso. Ele era a última pessoa que queria magoar, e não havia percebido que pudesse ter esse tipo de poder sobre ele. O vento empurrou as folhas caídas no parque para a rua. Ela ergueu a gola. E andou para mais perto dele, sussurrando:

— Sinto muito, Matt. Não é você... Sou eu! — E desviou o olhar.

Ele girou para fora da cerca, mas ainda a segurando.

— Ah, aquela velha história.

— Não é uma história. Vai me deixar explicar? — perguntou ela. — Caminha comigo?

— Claro. — Eles se afastaram da cerca para atravessar a rua. Andaram em silêncio por um tempo. Ingrid passou a entrada do parque, e Matt a agarrou pelo braço, puxando-a em sua direção. Ela esperava que fosse beijá-la depois, mas em vez disso, ele disse: — Podemos cortar caminho.

Ingrid lançou-lhe um olhar duvidoso, surpresa.

— Eu pensei...

— Ei, você está com escolta policial — brincou ele com um sorriso. — Vamos lá.

Fizeram a trilha sinuosa do parque, as folhas sendo esmagadas sob os pés. Ingrid queria que eles estivessem de mãos dadas, movimentando-se pela escuridão fria. Desejou que não houvesse qualquer constrangimento entre eles e que as coisas tivessem corrido de maneira diferente na outra tarde. Quando estava sozinha deitada, à noite, ela se virava na cama, pensando nele. Imaginava-o acariciando-lhe as costas, beijando seu pescoço, brincando com seus cabelos, ou simplesmente deitado ao lado, encarando-a. Às vezes, ela o desejou com tanta força que acordava com suor frio — ou então com falta de ar, por seu desejo ser tão forte.

As árvores desnudas que eles ultrapassavam pareciam com esqueletos tristes, um cenário perfeito.

— Como foi o trabalho? — perguntou ele, tentando jogar conversa fora.

— Ouça, sobre o outro dia, tenho que contar uma coisa, Matt. Algo pessoal — disse ela. Ele não poderia fugir dela, deixá-la sozinha no parque depois de tê-la advertido por andar sozinha à noite.

— Você sabe que pode me contar qualquer coisa, Ingrid. Em primeiro lugar, espero que permaneçamos sempre amigos, não importa o que

aconteça.

O que ele quis dizer com “não importa o que aconteça”? Será que isso estava relacionado com o telefone daquela mulher que os pixies lhe deram? Isso era algo que tinha realmente fugido da mente de Ingrid desde que havia falado com seus travessos. Ele estava brincando? Saindo com outras mulheres?

Ele parou no caminho, sob um poste de luz, e eles se encararam. Ele estendeu as mãos em direção às dela. Ingrid ajeitou os cabelos para trás, mas não havia fios soltos para arrumar, então as mãos dela caíram nas dele, enormes e quentes.

— Diga — insistiu ele. — O que há de errado? Por que você fugiu?

Ela olhou nos olhos dele, e ele meneou a cabeça incentivando-a. Os pinheiros chacoalharam em torno deles.

— Não consigo fazer isso — disse ela. — Não consigo lhe contar. Estou morrendo de medo.

— Não fique assim. Sou eu...

Ela abanou a cabeça.

— Você está grávida?

Ela riu.

— Ah... não.

— Você já tem um namorado?

Ela abanou a cabeça.

— Você é casada?

Mais uma vez, ela riu.

— É doente terminal? — Matt disse, parecendo nervoso de repente.

— Eu sou virgem!

Ele pareceu surpreso por um tempo, e então sorriu, franzindo a testa. Seu sorriso era carinhoso.

— Não há nada de errado com isso.

Ela se desvencilhou dele, soltando as mãos, caminhou à frente, com as maçãs do rosto queimando. Apressou o passo até chegar ao *playground*, onde correu para se esconder nas sombras, sentada em um dos balanços. Mais uma vez, estava mortificada. Ela era a virgem mais velha do mundo. Ter que admitir isso era tão doloroso que era preferível perdê-lo.

Ingrid viu a silhueta de Matt se aproximando dela. Não conseguia ver o rosto dele. Ele chegou e se sentou no balanço ao lado dela. Ambos balançavam muito ligeiramente, para os lados e para frente, com os pés no chão.

— Ingrid, tudo bem, sério. Quero dizer, não é grande coisa... Quero dizer... não o sexo... O que quero dizer é que é muito doce — disse ele.

— O quê? Me guardar para o *escolhido*? Não foi assim. É só que... nunca aconteceu. Além disso, tenho mais de trinta anos. É horrível.

Matt sorriu.

— Não é verdade. É legal...

Ela soluçava, Matt entregou-lhe um lenço de seu bolso, e ela aceitou. Ela assoou o nariz nele, depois ergueu os óculos e enxugou os olhos. Ela se virou para Matt. Ele a observava fixamente, com as mãos nas correntes do balanço. Ele era muito grande para esse tipo de brinquedo, como um menino desenvolvido demais.

Ela amarrotou o lenço.

— Vou lavar e devolver para você.

— Ingrid, podemos levar a coisa com mais calma. Fui muito rápido. Quero que a coisa flua entre nós.

— Verdade?

— Sim! — respondeu ele. — Escute, você quer saber de uma coisa?

Ela assentiu.

Ele chegou mais perto e disse bem baixinho:

— Eu queria que você fosse a primeira. Queria que você fosse a primeira garota que já conheci. Quando você encontra a pessoa certa, é como se nada mais houvesse, ninguém mais. Ninguém do passado teve importância. É assim que me sinto quando estou com você. Você não deve ter vergonha... Não há nada para se envergonhar.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Houve muitas outras? — Ingrid o provocou. Ele balançou a cabeça.

— Não, imagine!

Ela soltou o ar, com força.

— O que você vai fazer no dia de Ação de Graças?

— Eu ia a Nova York visitar meu irmão. Por quê?

— Você poderia jantar com a minha família em vez disso? — pediu ela.

— Será que seu irmão se importa?

— De jeito nenhum! Eles vão entender. Ficarão felizes por mim.

— Muito bem.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Você vai até aquela árvore comigo?

— Para quê?

Ela descobriu quando chegaram lá. Ele a beijou com ternura, com as costas dela pressionando o tronco da árvore. Ele passou a boca pelo pescoço e pelo rosto dela, respirando pesadamente, os lábios tremendo, tão gentil, depois descansou o rosto contra o dela. Sua respiração era quente e segura. Mantiveram-se assim por um tempo, Matt encostado nela no parque escuro, varrido pelo vento, e, embora permanecessem imóveis, ela podia sentir tudo que se agitava dentro dele.

E então ele disse algo que Ingrid nunca tinha ouvido de alguém, a não ser de sua família.

— Eu amo você — sussurrou ele em seu ouvido. E, novamente, caso ela não tivesse ouvido pela primeira vez: — Eu amo você, Ingrid Beauchamp.

capítulo quarenta

Simple gifts



A casa estava impregnada com o cheiro da comida de Freya: sálvia, alecrim, manteiga derretida. Ela recheou a ave com castanhas, *cranberries*, linguiça e ervas da estufa, misturadas com pedaços de pão integral feito em casa por Joanna. No dia anterior, Joanna já havia assado todas as tortas básicas: abóbora, inhame, maçã e pecã, para que Freya ficasse com as rédeas livres na cozinha hoje. O domínio de Freya era salgado, ela não gostava de confeitaria, especialidade da mãe.

Freya usava o lenço vermelho de Joanna ao redor dos cabelos, juntamente com um avental provençal preto com pequenas flores roxas e brancas sobre uma camiseta e *jeans*. O suor escorria pelo rosto enquanto rodopiava pela cozinha, fazendo malabarismos com potes, tirando assadeiras do fogão Aga, enfiando outras, lavando pratos enquanto se agitava e gritava:

— Cai fora! — A quem tivesse a audácia de ficar na porta e oferecer ajuda, inclusive Killian.

Freya sabia que era mandona em relação à culinária, mas essa era a única maneira de garantir a pureza de sua magia. Ela deveria abrir seu próprio restaurante, algum dia, pensou, em vez de deixar correr o tempo em bares, apesar de isso implicar o aprendizado de cozinhar com uma equipe, delegar e abrir mão do controle. Talvez. Esta noite haveria todos os pratos tradicionais: batatas-doces assadas duas vezes, vagens, purê de alho, couve-de-bruxelas douradas com alho em pedaços, molho caseiro de *cranberry* e molho pardo grosso. É claro que no momento em que tudo estivesse sobre a

mesa, ela não teria apetite, não até a manhã seguinte, quando acordaria faminta e teria sua própria festa de Ação de Graças privada.

Killian, Joanna e Norman ficaram ao lado da lareira na sala de estar, conversando enquanto bebericavam champanhe. A mesa da sala de jantar ao lado, ligada por um arco aberto, tinha sido ricamente posta para seis. Ingrid era a única que insistiu na luz de velas românticas e na melhor porcelana e prataria. Estava animada porque Matt encontraria sua família como convidado e não como investigador de polícia fazendo perguntas rudes. Esperava que a presença do pai significasse que a família estaria reunida novamente. Falando nisso, onde Norman e Joanna se sentariam? Um diante do outro ou lado a lado? *Pareciam* bastante íntimos esta noite.

Com um estalar de dedos, elegantes cartões de indicação de lugar apareceram sobre cada prato, e Ingrid os colocou juntos somente para se divertir. Ela pôs Killian e Freya em lados opostos nas cabeceiras da mesa, embora eles provavelmente não gostassem disso, pois não poderiam se tocar a cada segundo nem se cutucar com os pés, mas era a escolha mais lógica. Ela e Matt não estavam tão firmes assim para se sentar nesses lugares.

Dobrou os guardanapos de pano vermelho com nós de amor japonês sobre cada prato, adicionando muita magia dentro de cada nó, e realizou uma cerimônia rápida para pedir harmonia àquela noite. Definiu as velas votivas em grupos de três. Joanna se encarregou das flores, baixos arranjos outonais com lanternas chinesas, copos-de-leite brancos e cor de malva escura, amarílis vermelhos, ervas-de-são-joão e grandes folhas verdes. Ingrid havia encantado os buquês com sua varinha mágica, por isso a fragrância exalava amor e paz. Para variar, este seria um jantar em família para o dia de Ação de Graças, e Ingrid estava emocionada. Teve uma longa conversa com os pixies pela manhã, solicitando que ficassem fora durante toda a tarde e à

noite. Todos os entes familiares estavam no sótão, sonolentos e alimentados. Sentia-se elegante com seu colar de uma pérola, vestido preto com a fita vermelha fina de que Matt gostou tanto, calcinha de seda por baixo e sapatos baixos de camurça preta.

— Então você tem um encontro amoroso? — Norman perguntou a Ingrid, que, instintivamente, corou.

— Pai! Por favor, não o assuste. Ele é inteligente. Você vai gostar dele de verdade.

Killian tilintou os cubos de gelo em sua bebida.

— Eu aprovo. O investigador Noble tem sido muito generoso abonando minhas multas de velocidade ultimamente.

Ingrid riu. Estava tonta, as bolhas de champanhe haviam subido à cabeça.

— Ele vem fazendo isso agora? Deve querer estar “dentro” desta família.

— Ela piscou, o que não era algo que Ingrid fazia normalmente, mas de alguma forma isso aconteceu.

— Ele é um rapaz querido, chegou a enviar algumas flores para pedir desculpas por nos convocar para o interrogatório durante o verão. — Joanna lançou à filha uma olhadela satisfeita uma vez mais, depois balançou de um lado para o outro, o prazer animando seu rosto.

Ingrid corou, e Norman passou um braço em volta dos ombros dela, beijando o topo de sua cabeça, o que fez Ingrid se encolher. Ela odiava toda essa atenção e de repente parecia uma adolescente envergonhada.

— Vamos ver se ele é bom o suficiente para Ingrid — disse Norman.

— Pai! — Ingrid gemeu.

A campainha tocou.

— Deve ser para você — Norman disse, dando um tapinha no braço dela.

— Ah! — Ingrid exclamou, de repente nervosa.

— Você está ótima! — Killian observou. — Não se preocupe.

Ela estava enganada sobre Killian, Ingrid pensou enquanto corria para a cozinha. Tão enganada. Ela o considerava um daqueles *playboys* chamativos e superficiais. Mas viu que ele ia além de sua aparência de astro de cinema. Era atencioso, sensível e profundo. Via o quanto ele amava sua irmã, entendia agora aquele olhar vidrado especial, pois o tinha experimentado de dentro para fora.

Ela correu pela cozinha.

— Não estou aqui para ajudar, só de passagem! — gritou ela. Freya a espiou da porta aberta do forno, com a mão em uma luva de forno grossa. — Não se preocupe, sexy Ingrid! Estou quase pronta para subir e me trocar.

Ingrid ficou diante da porta antes de abri-la.

— Sexy — a irmã havia dito. Era verdade? Puxou para baixo a bainha do vestido e arrumou os cabelos em direção a um ombro, depois ajustou o colar de pérola no pescoço. Tossiu para limpar a garganta, depois abriu a porta.

Mas a pessoa em pé na porta não era Matt. Era um homem alto, mais velho, de cabelos pretos com bico de viúva e mechas brancas, garboso em seu casaco de lã sobre um terno de três peças. Ele sorriu para ela, segurando um buquê, depois estendeu a mão.

— Oi! Sou Harold — disse ele com voz suave e agradável. Ela apertou a mão dele.

— Ingrid.

— Sei exatamente quem você é — disse, com tom de puro deleite.

Ingrid experimentou uma sensação estranha, e então uma súbita perda de gravidade, uma vertigem, um certo enjoo. Onde estava Matt? Nada poderia ter acontecido na delegacia na quinta-feira de Ação de Graças. Não era um dia de poucos crimes? Matt era investigador sênior, então teve a tarde livre,

algo que havia confirmado pelas mensagens de texto naquela manhã. Quem seria este sujeito? Harold tossiu.

— Joanna me convidou — disse ele.

— Ah, claro. Eu me esqueci da etiqueta! Estou contente por conhecê-lo — respondeu Ingrid, pensando que deveria ser o amigo *gay* da mãe. Toda garota tinha pelo menos um, por que não Joanna?

Harold assentiu com a cabeça, e Ingrid se afastou, fechando a porta. Desceu os degraus, para poder conduzi-lo ao redor da casa através do pátio, onde todos esperavam. Espiou distraidamente a rua enquanto se movimentava pela vereda.

— Algum problema? — Harold disse, ainda esperando na porta. Ingrid se virou.

— Não, não é nada! Eu só estou... esperando alguém, e ele já deveria ter chegado. — Ela acenou com a cabeça. — Temos que dar a volta por aqui até a sala de estar. Você sabe, Freya *está cozinhando*! Disse a última coisa, como se Harold soubesse exatamente o que ela queria dizer.

Joanna quase deixou cair a taça de champanhe ao ver Harold atrás de Ingrid, através das vidraças, enquanto Killian abria a porta para eles. Eles entraram, e Killian os recebeu:

— Olá!

Norman ergueu as sobrancelhas para Ingrid. Não esperava encontrar alguém da sua idade com sua filha mais velha. Mas fazia sentido; Ingrid gostaria de alguém sábio, resolvido e estabelecido. O sobrenome idiota combinava com ele. Norman movimentou-se na direção dele, estendendo a mão.

— É um prazer conhecê-lo, Matthew Noble — disse ele.

Joanna, com suas pérolas, vestido solto e lenço de seda vermelho, correu excitada, com o rosto rubro como carmim, do mesmo tom que sua roupa.

Estava quebrando a cabeça, tentando lembrar como isso poderia ter acontecido. Tinha uma vaga lembrança de uma conversa por telefone com Harold, algo sobre a família dele estar fora da cidade e o convite para o jantar. Ela o convidou para o dia de Ação de Graças? Fazia tempo que estava imersa na pesquisa sobre Long Island e os enforcamentos de feiticeiras. Estava em uma correria para se livrar do telefone e voltar para seus estudos. Percebeu com horror seu engano.

— Hã — começou ela. — Norman, este é o meu querido amigo Harold. E Harold, este é meu... hã... meu mais ou menos marido... Norman.

— Esquisito — sussurrou Killian, sorrindo para Ingrid, que retribuiu um meio sorriso, uma meia careta. Juntos, deram um passo para trás e observaram.

Tanta coisa pela harmonia, Ingrid pensava. Ela havia mentalizado principalmente em Matt enquanto fazia os encantamentos da mesa da sala de jantar. *Culpa minha por estar tão distraída*.

Freya atravessou a sala de estar a caminho do andar de cima, tirando o lenço da cabeça para soltar os cabelos selvagens.

— Não olhem. Estou desarrumada! Volto em um segundo! — Mas o único que notou foi Killian, que soltou um suspiro de aprovação enquanto ela corria pela escada.

Norman olhou para Joanna, Harold olhou para Joanna, e Joanna encolheu os ombros.

— Este é o Harold? — perguntou Norman.

— Mais ou menos marido? — Harold repetiu, o rosto beirando o rosa.

Joanna torceu as mãos, virou o rosto de um pretendente a outro. Ela tinha conseguido matar dois de seus pássaros com uma só cajadada.

— Caramba — sussurrou Ingrid. — Mamãe não vai conseguir escapar dessa. — Os dois continuavam a se encarar.

— Assentos na primeira fila — Killian comentou baixinho.

— Verdade — disse Ingrid, tentando não rir.

— Posso explicar — começou Joanna.

— Pensei que fosse um jantar em família — vociferou Norman.

— *E é.* — exclamou Joanna, coçando os cabelos, afofando-os para que realmente parecessem de feiticeira. — Harold é como família!

Um tronco crepitou na lareira, como um ponto de exclamação.

Depois de um longo silêncio, Harold caminhou em direção à porta de vidro.

— Não, não, a culpa é minha. Sinto muito perturbar todos vocês. Parece que houve algum engano. Joanna, por favor, me perdoe... Eu não sabia que estava invadindo seu jantar em família neste feriado.

— Boa saída — murmurou Norman enquanto Harold abria a porta de vidro e saía, depois deslizou a porta de correr, fechando-a. Joanna correu atrás dele.

— Harold! — Por favor, volte! Me desculpe. É claro que você é bem-vindo para comemorar o dia de Ação de Graças conosco! — Mas era tarde demais. Ele já tinha pisado para fora do deque e parecia ter desaparecido. Ela apertou as mãos contra o vidro, depois o nariz. — Oh, meu Deus! — Murmurou para si mesma. — Norman, isso é tudo culpa sua! — ela vociferou.

— Minha culpa? — O mais ou menos marido urrou.

Killian colocou um braço em torno de Ingrid, olhou para ela e disse:

— Isso foi divertido. Mas onde está o nosso bom investigador, irmã?

Como se fosse um sinal, a campainha tocou.

— É ele! — Ingrid disse sem fôlego, correndo para abrir a porta. Abriu-a e encontrou o bom investigador na soleira da porta com um enorme buquê de flores.

capítulo quarenta e um

I've got my love to keep me warm



Elas tinham o hábito de pressionar um contra o outro em superfícies verticais. Mal Ingrid convidou Matt para entrar na casa, ele a encurralou contra a porta, avançando um pouco para beijá-la. As mãos dela tremeram, chegaram à nuca dele, puxaram o rosto dele em direção ao dela. Era maravilhosa essa sensação, essa proximidade, esse calor. Ele a encarou.

— Você beija bem, Ingrid. — Ele mordeu o lábio, olhou para ela, depois desviou os olhos para cima, entregando-se a um momento totalmente lascivo. Ela riu.

— *Sério?* — Era o melhor elogio que ela já havia recebido.

— Hã-hã — disse ele, balançando a cabeça, arregalando os olhos. — Desculpe meu atraso tão grande. Espero não ter estragado nada. Fiquei preso na delegacia com uma papelada chata.

— Você apareceu bem na hora. — Ingrid estava realmente aliviada por ele ter chegado mais tarde que o pretendido, perdendo por acaso o drama constrangedor dos pais. Talvez tivesse sido por isso que sua magia na hora de pôr a mesa havia funcionado: ainda seriam seis. Mamãe podia ser uma boba, mas não conseguia acreditar que Joanna fora tão esquecida a ponto de convidar um pretendente para o jantar de Ação de Graças, quando Norman estaria lá.

Matt segurava um saco com uma garrafa de vinho e o enorme buquê de gérberas laranja.

— Para você.

Ingrid pegou os dois, sorrindo.

— Meu pai está aqui. Fico feliz que você vá conhecê-lo.

— Fantástico! — Matt respondeu, como se gostasse de conhecer os pais das garotas que namorava o tempo todo.

— Ele vai adorar você! Não se preocupe. — Pegou na mão dele e o guiou pela cozinha até a sala de estar. O clima ainda era estranho, mas Killian fez por compensar, ao vir da lareira onde atirou um tronco. Norman levantou-se da mesa de jantar e Joanna do sofá, e ambos tinham ficado de mau humor separadamente.

Killian e Matt apertaram as mãos, depois decidiram transformar o cumprimento em um abraço, batendo nas costas um do outro. — Bom te ver, cara — disse Killian, e então estreitou os olhos. — Eu deveria chamá-lo de investigador?

Matt riu, respondendo a questão com um aceno de mão.

— Não hoje. Estou de folga.

Killian sorriu calorosamente. Ingrid deu um passo adiante.

— Pai, este é meu amigo Matt Noble.

— Ah, muito melhor — Norman disse, estendendo uma mão, enquanto Matt olhava com um olhar de dúvida para Ingrid, que deu de ombros. Norman o tocou no ombro. — Ignore. É só que...

— Pai! — advertiu Ingrid.

— Não importa, prazer em conhecê-lo, Matt! Sou Norman.

Matt riu bem-humorado. — Igualmente, Norman.

Freya desceu cambaleando os degraus com um vestido vermelho justo e sapatos de salto. Os cabelos estavam empilhados no alto da cabeça, então desciam em uma cascata de cachos cor de morango, e seus lábios estavam pintados de um vermelho vivo. Parecia nunca ter tocado numa panela.

— O jantar está pronto. Quem vai cortar o peru?

capítulo quarenta e dois

Prodigal son



O sol tinha começado a se pôr. As luzes de todos os aposentos foram desligadas, a lareira rugia e todas as velas foram acesas, conferindo uma atmosfera íntima do velho mundo à casa. Os efusivos elogios à culinária de Freya corriam, assim como o champanhe e o vinho. Parecia que a visita de Harold já era uma lembrança distante.

Ingrid decidiu, por fim, colocar os pais em extremidades opostas da mesa. Ela acomodou Freya e Killian juntos de um lado, e ela e Matt diante deles. Toda vez que Matt passava a mão em sua coxa ou em seu joelho, o rosto pelava, e ela ficava grata pela pouca iluminação. Ainda assim, gostava bastante da sensação. Conseguiu apertar sua mão uma vez debaixo da mesa enquanto falava ao mesmo tempo. Provavelmente foi o champanhe.

À pergunta de Norman (*Então, como vocês se conheceram?*), Matt entreteve todos com a narração de sua paquera atrapalhada com a linda bibliotecária. Todo mundo riu. Ingrid não queria cortar e interromper Matt para dizer que ela não havia percebido o quanto gostava dele até que ele começou a namorar Caitlin. Como ela fora instável! Mas aqueles eram dias que ela acreditava poder afastar a desilusão. No fim, ela não poderia deixar de contar um pouco de sua versão da história.

— Insisti para que lesse aqueles livros horríveis e longos. Sabe, daquele autor local? O que escreve oitocentas páginas... quero dizer, ele escreve bem e deve ser lido, mas se ele não fosse tão hipergráfico, seus livros

poderiam circular melhor. E aqueles comentários que ele faz com uma arma são um pouco demais.

— Você está falando sobre J. J. Ramsey Baker. — Freya entrou na conversa. — Temo que o pobre homem possa beber até morrer em vez de atirar em si mesmo. Ele frequenta o bar, um pouco triste, sempre falando sobre um velho amigo da faculdade que está retalhando cada um de seus livros no *New York Times*.

Matt pigarreou.

— Tenho que dizer que *Os elefantes da filha do sapateiro*, o último livro de Baker, teve bons momentos. Havia páginas de puro brilho, muito honestas, mas aquela parte com cem páginas sobre — ele limpou a garganta — *os cabelos* da protagonista foram um pouco demais.

Todos riram. Depois, seguiu-se uma pequena pausa na conversa, e Freya se inclinou e começou a se engraçar com Killian enquanto o resto da família tentava ignorá-los.

A porta para o terraço dos fundos se abriu de repente, e todo mundo estremeceu, exceto Matt, que se levantou imediatamente com um dedo sobre os lábios. Fez um gesto para que permanecessem em silêncio e sentados. O assoalho rangeu na sala de estar.

Definitivamente havia alguém na casa. Matt se agachou, puxando para cima a barra da calça, onde mantinha uma arma em um coldre em torno da panturrilha. Todos na mesa olharam interrogativamente para Ingrid, que lhes lançou um olhar e um encolher de ombros, como se dissesse: *Vamos dar a ele um voto de confiança*. Se alguém tivesse invadido a casa, qualquer um deles sentado à mesa poderia lançar um feitiço e instantaneamente colocar o intruso em uma camisa de força.

Matt manteve as costas presas à parede, a arma engatilhada na vertical. Estava bem à direita do arco que separa os dois aposentos. Ele se virou, e

todos se levantaram da mesa, enquanto os sons de uma briga se seguiram. Todos correram para a sala, onde Matt já tinha o intruso de bruços no chão, preso com um joelho. O intruso era do sexo masculino, um cara alto e magro, todo vestido de preto, com a cabeça coberta por uma máscara de esqui. O investigador puxou um de seus braços ao redor das costas e apontou uma arma para ele. Com o rosto colado ao chão, o intruso soltou um abafado:

— Não atire!

— Pensei que você estivesse de folga, Matt — comentou Killian.

— Eu também — disse ele sério.

Então, disse para o intruso:

— Levante-se! — O bom investigador ergueu o homem, empurrando-o com a arma, segurando seus pulsos com a outra mão. — Ingrid, por favor, você pode tirar a máscara dele?

— Claro — disse Ingrid, indo até lá, fazendo os sapatos de salto soarem. Estava muito orgulhosa por Matt lidar com tudo isso de modo eficaz, mesmo sem usar a arma. Ela agarrou a parte superior da máscara de esqui e a puxou.

Todos ficaram embasbacados com o belo rosto, a cabeça de cabelos loiros despenteados como fios de ouro brilhando à luz da lareira.

— Fryr? — disse Joanna, correndo para ele.

— Fryr! — Ingrid gritou, pulando de alegria, batendo palmas.

— Que os deuses abençoem! — Norman berrou.

— Hã, nós o chamamos de Freddie agora — disse Freya com um grande sorriso. — Bem-vindo ao lar, gêmeo! *Surpresa!*

JOANNA, DESCONTROLADA, SENTOU-SE logo no sofá ao lado do filho, chorando, rindo, pegando seu rosto entre as mãos, beijando-lhe a cabeça, tocando-o

cada vez mais, tentando se assegurar de que ele realmente estava lá ao lado dela. *O seu garoto*. Sua ausência era uma faca no coração, e agora ele estava aqui, e a sensação de punhalada havia desaparecido. Não o deixaria ir nunca mais. Norman se pôs do outro lado, a mão em seu joelho, enquanto Ingrid dizia:

— Não posso acreditar! Fryr... Freddie, você está de volta!

Freya observava tudo, e Killian colocou os braços em volta da cintura dela enquanto ela se inclinava contra seu peito. Estava aliviada como nunca. A família estava completa, e ela não tinha mais que carregar o pesado segredo do retorno de seu irmão. Todos que ela amava estavam aqui. Era exatamente como ela havia planejado, com exceção do heroísmo de Matt Noble, é claro. Mas tudo estava bem agora. Com certeza, papai poderia ajudar de alguma forma. E assim que Ingrid e Joanna colocassem suas mentes para funcionar, não desistiriam até o trabalho ser feito.

Freya decidiu que estava pronta para realizar o feitiço em Killian para descobrir a verdade sobre o que havia acontecido naquele dia. E daí que era perigoso? Ela não se importava. Só precisava de mais um ingrediente, e isso exigiria auxílio de Joanna — uma gota de seiva negra de uma árvore da Ligação. Encontraria uma maneira de convencer Joanna a conseguir essa gota, mesmo que tivesse que mentir. Killian tinha que ser inocente.

Ainda que Freddie fosse culpado, ele já não tinha sido punido o suficiente? Eles poderiam ir ao Conselho e apelar por ele. A família discutiria tudo isso em privado, assim que Matt saísse, mas ela não contaria a ninguém sobre a magia que estava planejando.

Freddie lançou olhares desconfiados para o lado de Killian, como se pensasse que o noivo de Freya pudesse se atirar sobre ele a qualquer momento. Matt parecia estar louco para prender alguém. A porta rangeu e se abriu lá em cima, e Ingrid gritou:

— Ah não, Oscar saiu!

— Quem é Oscar? — Matt se virou para ela. Ingrid abanou a cabeça, dizendo não.

— Ah, ninguém, apenas um animal de estimação — disse ela com ansiedade, movendo-se em direção à escada para o segundo andar para pegar de surpresa os entes familiares. Mas atabalhoadas batidas de pés desciam as escadas, e todos os pixies começavam a se agitar na sala.

Com a máscara de couro preto, Kelda se lançou para frente, apontando um dedo.

— Minha máscara! — gritou Freya. — Bem que a andei procurando!

— É ele! É ele! — Kelda gritou. — Nós ouvimos a voz!

— Vocês não deveriam estar aqui! — Ingrid repreendeu, em pé entre os pixies e Matt, com os braços esticados, como se pudesse escondê-los dele. Joanna se levantou, gritando.

— O que essas *coisas* estão fazendo na minha casa! Pixies! Eles afogam criancinhas e as comem! — gritava ela. — Tirem essas criaturas daqui. Já!

Norman se levantou, agarrou Joanna pelos ombros e sussurrou em seu ouvido. — Acalme-se, querida. Isso é apenas um mito, algo que disseram em Asgard para evitar que os pequenos deuses se afastassem para outros mundos. — Norman não queria que o mortal na sala ouvisse.

— É ele! — Os pixies gritaram em uníssono.

Ingrid se virou para os pixies. Eles estavam sujos, com os rostos enegrecidos de um dia ao ar livre. — O que vocês estão falando? — Ingrid perguntou, afobada.

— É ele! É ele! — disseram, apontando na direção da lareira e do sofá, onde Freddie e Killian estavam. Era impossível dizer exatamente para quem eles apontavam.

capítulo quarenta e três

It's a family affair



-Quem? O quê? — questionou Ingrid. Val se inclinou para frente.
— É dele que nós r-r-roubamos o tridente. Quando ouvimos sua voz, l-l-lembramos, de repente, dessa parte. Ele não é aquele que nos banuiu. Erramos sobre isso. Estávamos confusos. Outro cara nos fez r-r-r-ou...

— Roubar? — perguntou Ingrid. Val assentiu com a cabeça.

— Sim. Roubar o tridente.

Sven tossiu, colocando um braço em volta de Val, e acrescentou:

— Erda, assim que ouvimos o cara, sabíamos que era ele. A quem vimos enquanto estávamos escarafunchando caçambas. Roubamos o tridente dele, mas não foi ele que nos expulsou de nosso lar.

— O que eles estão falando, Ingrid? — Matt quis saber. — Quem é Erda? É este o bando de meninos de rua que agrediu você? Pensei que tivesse dito que havia colocado todos em um ônibus!

— Meninos de rua? — Freya perguntou, erguendo uma sobrancelha. — Eles não são crianças. São pixies.

Ingrid se virou nervosamente.

— Vou explicar mais tarde, ok? — disse a Matt, sussurrando um encantamento discreto para fortalecer o feitiço de harmonia.

— Tudo bem. — Matt coçou o queixo com o polegar. Ingrid se dirigiu aos pixies. — Primeiro, vocês podem, por favor, me mostrar exatamente a quem se referem?

Nyph, cujos cabelos estavam puxados em um grande coque, enfatizando suas orelhas, caminhou até Freddie e puxou seu blusão. — Este aqui. Nós roubamos o tridente dele. Alguém nos obrigou. Mas não sabemos por quê. Fomos forçados... Acho que não me lembro. — Ela olhou para Freddie. — Sinto muito, não temos nada contra você, alguém nos obrigou a fazer isso.

— *Finalmente!* — disse ele, sorrindo, porque o que os pixies diziam era prova de que ele havia sido enganado. Alguém os obrigou a roubar seu tridente, e esse alguém estava na sala no momento.

Nyph ainda estava pendurada em seu blusão, olhando para ele com um sorriso apaixonado, quando Freddie se virou, apontando Killian.

Freya e Killian deram um passo para trás.

— É esse o cara que fez vocês roubarem o meu tridente? — Freddie falou alto, apontando para Killian.

— Que tridente? — perguntou Matt, mas ninguém prestou atenção.

Os pixies olharam para Killian e balançaram vigorosamente a cabeça fazendo não, então todos começaram a falar ao mesmo tempo.

— Nunca v-v-vimos esse cara antes — disse Val.

— Quem é ele? — Sven perguntou, desconfiado.

— Sou Killian — disse ele com um sorriso, achando, obviamente, os pixies divertidos.

— Killian não é aquele que nos obrigou a fazer isso — Nyph confirmou. — Era um homem maior. — Ela gesticulou, indicando alguém maior e mais alto, e os outros duendes concordaram.

Freya estava entusiasmada. Killian e seu gêmeo eram inocentes. Ela abraçou seu homem. — Eu sabia! — Virou-se para o irmão gêmeo. — Viu, Freddie! — exclamou. — Você está errado! Eu disse...

Freddie parecia confuso. — Vocês têm certeza? — insistiu com os pixies. — Vocês têm certeza de que não é ele?

Eles balançaram a cabeça.

— Não, não é ele, não é ele não.

Freddie esfregou os olhos. Caminhou até Killian e agarrou-lhe o ombro.

— Desculpe, cara. Foi mal. Fiquei no Limbo por muito tempo.

— Tudo bem — disse Killian. — Esqueça.

Esqueça? — Freya fuzilou. Estava para dar ao irmão uma bronca depois de tudo o que ele a fez passar. Mas ela seguiu Killian. Não havia raiva nele, e ela tinha que respeitar isso. Ainda que os pixies jurassem que Killian não havia ordenado roubar o tridente, isso não explicava por que ele tinha a marca. Até que descobrissem o que estava por trás dessa trama, nenhum deles estava a salvo.

Ingrid interrogou os pixies ainda mais, sobre a aparência do homem em questão, mas tudo o que conseguiam dizer a ela é que era muito difícil descrevê-lo. Aquilo fazia a cabeça deles doer. Prometeram que quando o vissem, eles saberiam imediatamente, assim como aconteceu com Freddie. Viriam para ela com as informações que tinham agora.

— Vocês fizeram bem — disse Ingrid, e deu um tapinha na cabeça de Kelda.

INGRID SABIA QUE ficar sentados à mesa era o melhor para todos, e estava ansiosa para encurralar todos nela, inclusive os pixies, tão pequenos que podiam se espremer entre eles, quando Joanna propôs trazer a sobremesa. Ingrid percebeu que o ritual feito enquanto pôs a mesa a tinha transformado em uma zona segura, de modo que, por enquanto, era a melhor maneira de fazer Matt aceitar a presença dos pixies. Desde que todos na casa permanecessem sentados ao seu redor, haveria harmonia, mas assim que alguém saísse, o caos se estabeleceria. Contou o segredo a Freya, e as duas

rapidamente limpavam a mesa e trouxeram os pratos de sobremesa, tortas, sorvete e chantili para que todos pudessem voltar a se sentar.

— Há muito que comemorar neste dia de Ação de Graças — Joanna anunciou na cabeceira da mesa. Freddie sentou-se ao lado da mãe com um sorriso radiante.

— Então, caras — disse ele — há esta incrível ga...

Joanna rapidamente colocou um dedo sobre os lábios.

— Calma, filho querido, estou fazendo um discurso. O seu discurso de boas-vindas, meu amor. — Ela sorriu para ele, e depois passou a mão pelos cabelos dele.

— Ah! — Freddie disse, com os ombros caídos. Estava morrendo de vontade de contar tudo sobre Hilly na mesa.

Joanna se levantou e colocou as mãos juntas como se estivesse rezando. Pensava na palavra exata para expressar o que queria dizer sem revelar coisas demais a Matt. Não podia falar sobre o que havia acontecido em Bofrir, ou sobre Freddie ter retornado do Limbo, o que faria o jovem pensar que ela era completamente maluca, já que, a partir do que havia concluído, ele era um dos que não acreditavam em magia, o que seria problemático, porque aparentemente ele *faria* parte da família. Ela limpou a garganta enquanto todos olhavam, antecipando o discurso. Norman ergueu o queixo para provocá-la.

— Meu filho finalmente voltou — começou ela. — E nós resolvemos... *uma... uma questão* que havia muito incomodava a família Beauchamp. Estamos todos juntos, mais uma vez depois de muito, *muito, muuuito tempo*. Agradeço a todos os deuses. — Ela ergueu as mãos para o céu, ou melhor, para o lustre, depois sorriu para Norman, que retribuiu o sorriso, dando-lhe uma piscadela. Ela se voltou para Freddie, correndo o dorso da

mão ao longo de sua bochecha, encarando-o com carinho. Freddie olhou para Norman.

— Como eu estava dizendo, havia este muito belo...

— Ouçam, ouçam! — gritou Freya, tilintando um garfo de sobremesa contra a taça. — Foi um excelente discurso, mãe! Curto e doce. — Todos brindaram com suas taças enquanto ela olhava para Freddie, em silêncio, pedindo-lhe para manter a boca fechada sobre essa garota Hilly. Não era o momento nem o lugar para ele discursar sobre a sua mais recente conquista universitária, porque isso poderia abrir uma lata de mil vermes se contorcendo. Todos ali reunidos teriam que explicar por que Freddie se escondeu no motel no mês passado, os sites que tornaram seu irmão gêmeo um viciado, etc. e tal, tudo diante de Matt. Ela lançou um olhar bem feio para o irmão, e mais uma vez ele murchou.

— Vamos beber à família! E *bem-vindo*, Matthew Noble! — Norman comemorou.

Mais garrafas de champanhe foram abertas, a espuma derramando nas taças.

— Não para mim, obrigado — disse Matt, parecendo tenso e confuso. — Minha cabeça dói. Me desculpe. Não me sinto bem. Acho que preciso ir. Foi maravilhoso conhecer todos vocês. — Ele se levantou, parecendo atordoado, e Ingrid o guiou até a porta. Ela sabia que era somente o poder de seu feitiço da harmonia que o impedia de dizer o que queria, e que ele provavelmente se sentia mal por lutar contra algo tão difícil. Ela se sentiu terrível por usar sua magia nele e desejou que tivesse havido outro modo de manter a noite tranquila.

DIANTE DELES, FREYA e Killian tinham um momento à parte, conversando em voz baixa.

— Tenho que admitir — começou Freya —, eu estava prestes a praticar um pouco de magia muito desagradável para chegar à verdade. Procurei Jean-Baptiste e consegui uma receita. O encantamento dele serviria para recuperar sua memória. Não era exatamente o nosso tipo de magia. Estou feliz por não ter que fazer isso.

Killian olhou para ela incrédulo. — Prometa que nunca, jamais fará isso de novo! Você nunca deve recorrer a algo assim, não em meu nome ou de qualquer outra pessoa. — Ele tocou no pescoço dela. — No que estava pensando? Não há como escapar da justiça, não entre os nossos. Esse tipo de magia pode se voltar contra nós, de forma negativa.

Norman, adepto de pegar trechos de conversa, por ensinar centenas de alunos em grandes auditórios, não perdeu o último diálogo.

— Freya, o que exatamente quer dizer com tipo desagradável de magia?

Joanna, bajulando Freddie, congelou.

— Freya? — Espantou-se ela.

Ingrid tinha voltado depois de um rápido e distraído adeus a Matt, para poder pegar o restante da conversa. Estava arrependida de tê-lo encantado e desejou que pudesse voltar atrás, mas por enquanto ela estava feliz, ninguém havia notado seu desconforto.

— Magia negra! Você está louca? — ela repreendeu Freya.

— Ah, não. — disse Sven. — Alguém está em apuros!

Os pixies riram.

— Isso não é motivo de riso, pessoal! — Ingrid observou. Freya ajeitou o cabelo, depois puxou o corpete do vestido.

— *Eu não fiz* isso, fiz? Jean-Baptiste me avisou, mas ele é meu padrinho e me deu a receita.

— Jean-Baptiste tem um fraco por mulheres bonitas. Ele vai dar o que você quiser, desde que você o adule um pouco. Claro que ele deu a receita,

Freya! — exclamou Joanna.

— Mas, mas... — Freya protestou. Killian acariciou seus ombros nus, e ela beijou-lhe a mão.

Ingrid cruzou os braços, então sentiu um aconchego peludo em seu pé e olhou para baixo, encontrando um filhote de javali rechonchudo aninhando-se lá.

— Gullinbursti! — Exclamou, chamando o ente familiar de Freddie por seu antigo nome. — Estou feliz em vê-lo! *Sim, sim!* Faz muito tempo! — Ingrid fez cócegas sob o queixo dele, e ele guinchou feliz.

Enquanto isso, Norman e Joanna questionavam os filhos sobre tudo o que havia acontecido com os pixies e o retorno de Freddie. As garotas estavam aliviadas por tudo ficar às claras e a família poder traçar estratégias. Precisavam saber quem ordenou aos pixies roubar o tridente de Freddie, pois essa pessoa era a culpada pela destruição de Bofrir e, agora, era o deus mais poderoso de todos os nove mundos. Quem quer que fosse já havia abusado de seu poder, fazendo Freddie parecer o responsável. Assim que conhecessem a identidade do criminoso, poderiam ir ao Conselho Branco e exonerar Freddie e Killian para sempre. Claro, isso significaria que Loki seria exonerado também, mas ninguém estava se importando com isso por enquanto.

Sempre que Freya sentia que Freddie estava prestes a mudar de assunto para falar de Hilly, ela lhe lançava um olhar frio, pedindo silêncio, antes que ele pudesse emitir o nome da garota. Colocar uma pessoa insignificante em foco só complicaria uma situação já difícil, acreditava Freya. Puxou o irmão de lado e pediu-lhe para dar um basta na história de Hilly. Do modo como as coisas estavam, Joanna parecia chateada com os dois, mas principalmente com Freya, por Freddie ter se escondido no Ucky Star por

tanto tempo sem o seu conhecimento. Como a mãe se sentiria se soubesse que o filho arrumou namoricos e “aprontou” o tempo todo?

— Dá um tempo, Freddie. Não se apresse. Por favor! Sei como você se sente. Está apaixonado e quer anunciar a todos, mas vamos manter isso entre nós, por enquanto, até chegar o momento certo. — Freddie admitiu, relutantemente, que ela estava certa.

Joanna pediu que a primeira coisa a fazer fosse tirar os pixies da casa, pois o sótão não era lugar para ninguém, muito menos para um bando de pixies cheios de energia. Ela parecia ter se afeiçoado a eles e havia parado de mencionar tendências canibais, mas foi firme em não deixá-los ficar. Os pixies provocaram muitos problemas na casa para ficar ali, já que, para começar, haviam assustado Gracella. Os objetos fora de lugar eram ações do espírito, mas estava claro que o consumo de torta e comida, que desapareciam da despensa e da geladeira, era culpa dos pixies, e Joanna não suportaria mais isso.

O motel foi sugerido como uma escolha óbvia para um bom esconderijo, até porque Freddie havia passado despercebido por um longo tempo lá. Ingrid concordou que levá-los para lá era uma boa ideia. Teria que mantê-los a salvo de Matt, especialmente se descobrissem que os pixies estavam envolvidos nos assaltos. Não era culpa deles, eles não entenderam as regras de certo e errado de Midgard.

— Ainda assim, se eu descobrir que vocês roubaram depois que eu pedi para parar... — disse ela, examinando os rostos furiosamente.

— Sapos, nós sabemos — Sven falou com a voz entediada.

— Quando você vai parar de nos repreender, Erda? É realmente verdade que não queremos prejudicar ninguém — disse Kelda. Freya tomou a palavra.

— Vocês precisam começar a lembrar quem mandou vocês roubarem o tridente de Freddie!

— Bem... claro. Vamos lidar direto com isso, depois da mudança! — Os pixies resmungaram em voz alta sobre como estavam infelizes por ter que se deslocar do sótão.

— Dizem que a morte, o divórcio e a mudança são os três eventos mais traumáticos que se pode experimentar — disse Sven, com um olhar malicioso.

Não havia progresso nenhum com os pixies, e Joanna estava perdendo a paciência. Bateu a varinha sobre a mesa, soltando uma chuva de faíscas. — Façam o que lhes disseram ou vou enviar o bando todo à minha irmã Helda! Norman vai deixá-los naquele motel no caminho de volta para a universidade e ponto final!

Pela primeira vez, ninguém argumentou ou questionou seu julgamento.

capítulo quarenta e quatro

Would I lie to you?



No escritório dos fundos da biblioteca, Hudson e Ingrid estavam na pausa para o café enquanto uma Tabitha muito grávida e a nova estagiária, Jeannine Mays, estudante de pós-graduação de escrita criativa, que frequentava aulas noturnas em uma universidade próxima e parecia uma versão mais jovem de Tabitha com cabelos longos e saia na altura do tornozelo, conduziam a biblioteca de forma descontraída e carinhosa. Eles gostavam de Jeannine, embora ela sempre os pressionasse para que lessem seu último manuscrito.

Ingrid e Hudson estavam colocando a conversa em dia. Ele tinha viajado com seu namorado, para visitar os pais de Scott no dia de Ação de Graças em Miami, onde estiveram por uma semana. Esse foi o derradeiro ultimato. Scott havia dito que era justo que passassem o Natal com a família de Hudson. E era melhor que Hudson começasse a fazer algo a respeito, porque se não fizesse nada, Scott cairia fora. Scott lhe dissera que estava na hora de sair do armário, mesmo que este fosse grande, desse para entrar e tivesse um minibar e uma televisão.

— Então, você vai fazer isso? — questionou Ingrid.

Hudson deu um sorriso constrangido, e Ingrid notou os dentes lindos, tão perolados como os de Matt.

— Não tenho escolha, tenho? Mas Scott está certo. Eu tenho que crescer um dia. Se você pode contar ao seu namorado que é virgem, posso dizer à minha mãe e ao meu pai que sou *gay*. Você me deu coragem, garota.

— Estou feliz de poder ajudar. — Ela sorriu e suspirou.

— O que aconteceu? — Hudson perguntou. Ela abanou a cabeça. — Pode me dizer — disse ele, inclinando o rosto para ela.

Isso era tudo que ela precisava de seu amigo. Contou praticamente tudo sobre a semana passada, deixando de fora as partes mais inexplicáveis. Resumia-se a isso: ela não teve nenhum contato com Matt desde o dia de Ação de Graças. Na manhã seguinte, dois policiais apareceram na casa de Joanna para levar Freddie, o irmão que retornou depois de uma longa viagem ao exterior, até a delegacia para interrogatório sobre os assaltos. Ela deixou de fora a parte sobre os policiais que chegaram com um mandado para revistar o local, pois tinham ouvido que sua mãe abrigava imigrantes ilegais no sótão. Reviraram a casa de cabeça para baixo, mas não encontraram preciosidades ocultas nem mesmo os “ilegais”.

Na delegacia, tiraram impressões digitais de Freddie, mas viram que ele não tinha antecedentes no sistema. Em seguida, um advogado vistoso de Nova York apareceu em nome de Freddie, dizendo: “Chega de falarem com meu cliente”. Os policiais o liberaram imediatamente, não sem avisá-lo de que ele permanecia como principal suspeito dos roubos e que ficariam de olho nele. Freddie declarou que não tinha ideia de quem havia mandado o advogado, apesar de Ingrid sentir que o irmão estava escondendo algo. Mas não era essa a questão. Freddie relatou a Ingrid que, durante todo o tempo, Matt permaneceu em sua mesa, observando tudo se desfraldar como se estivesse orquestrando secretamente essa situação.

— Sabe o que eu penso, Ingrid?

Ela abanou a cabeça.

— Você precisa ligar para ele e perguntar o que está acontecendo. Faça isso agora, ou então ele vai deixar você louca.

— Mas...

— Mas o quê? Porque você é garota, não deveria ligar para ele? *Por favor!* Pensei que tivesse superado esse tipo de coisa. Coloque-o na berlinda. É inaceitável que ele nem sequer ligue para agradecer o convite que recebeu. Isso já é bem mal-educado. Sem mencionar o envio da polícia à sua casa! — Hudson passou a língua sobre os dentes. — Eu torcia por esse relacionamento, mas agora não tenho tanta certeza... — Ele pegou as canecas de café vazias e as embalagens da confeitaria e caminhou até a porta, voltando-se para ela. — Ligue para ele, Ingrid! Faça isso já!

— Mandão! — disse ela, e então cerrou os dentes. Mas sabia que ele estava certo.

DEPOIS DE FAZER hora com o trabalho, Ingrid voltou à mesa e olhou para o telefone como se fosse uma bomba-relógio. Estendeu a mão para ele, mas logo puxou a mão de volta para arrumar os cabelos. Finalmente, foi até o telefone, sentou-se, segurou-o entre o ombro e a bochecha, e teclou o número do celular de Matt.

Ele atendeu ao segundo toque. Silêncio. Ingrid esperou. Nada.

— Matt?

Ele tossiu.

— Sim, Ingrid — disse ele bruscamente. — E aí?

— Só liguei para ver... como você estava — disse ela sem muita convicção. — Não vejo você desde o dia de Ação de Graças.

Houve outra longa pausa e, finalmente, Matt falou.

— Você mentiu para mim — respondeu calmamente. — Disse que colocou aquelas crianças em um ônibus.

— Eu sei... Sinto muito... Mas há tanta coisa que você precisa entender sobre a minha família — prosseguiu ela. — Primeiro, eles não são crianças, Matt... Eles são pixies. São criaturas mágicas de outro mundo...

Outra longa pausa.

— Ingrid, isso não existe. A próxima coisa que você vai dizer é que é uma bruxa.

— Mas *eu sou* uma bruxa — gritou ela. — Não tenho trinta e dois anos de idade, Matt. Sou muito mais velha... Você não tem ideia. E posso provar! Coloquei um feitiço em você para que não ficasse chateado com o que aconteceu no jantar... Lembra-se de sua dor de cabeça?

— Chega dessa bobagem — falou ele. — Vinho tinto sempre me dá dor de cabeça. Olhe, sinto muito pelo seu irmão, mas o fato é que tem havido vários assaltos não resolvidos na área.

— Freddie? Ele nunca faria isso! Você não tinha o direito de confrontá-lo.

— Ele estava vestido como um gatuno.

— Mas isso é apenas... uma coincidência.

— Na minha linha de trabalho, não existe tal coisa — retrucou ele, sério.

O que significa que, na mente dele, não existiam coisas como bruxas e feiticeiros e pixies, Ingrid percebeu, e seu coração se apertou.

— Eu confiei em você. Você disse que aquelas crianças tinham ido embora. Não só não foram como ainda estavam morando na sua casa. No sótão, que eu me lembre.

Ingrid não sabia como responder a isso. Uma gota de suor da axila deslizou no interior de seu braço, dentro da manga — tão desagradável como um pequeno verme frio. Isso era terrível. Sem pensar, ela deixou escapar:

— Você mentiu para mim também, Matt. Sei que está saindo com outra pessoa.

— Saindo com alguém? Do que você está falando?

— Quando estávamos no jantar, um pequeno pedaço de papel caiu de sua caderneta de “trabalho”. Dizia: “Maggie”, e tinha um número de telefone

acompanhando o nome. Então, na minha casa, você deixou o telefone na mesa por um segundo, e notei que a última ligação foi para uma tal de Maggie. Posso ser... *inexperiente...*, mas não sou ingênua. — Tinha inventado algumas coisas, mas no final era tudo verdade, pelo menos as partes mais importantes: viu o papel e o nome no telefone depois de percorrer rapidamente a lista de ligações que ele havia feito. Foi a última chamada.

— Meu Deus, Ingrid! Você não tem ideia do que está falando!

— Você não tem ideia do que *você* está falando, Matt!

Os dois ficaram sem falar por algum tempo. Ela podia ouvi-lo respirar. A ligação entre eles estava ficando tensa, prestes a explodir.

— Então? — disse ele.

— Então? — ela vociferou.

— Sabe, acho que isso não vai dar certo...

— Acho que não — disse Ingrid. — Tchau.

Ele não tinha nada a dizer a respeito, de modo que ambos desligaram ao mesmo tempo. Ingrid olhou para o telefone novamente. Estava mais irritada do que magoada. Na verdade, estava furiosa.

Ela tinha acabado de terminar com ele? Aquilo havia sido um fim? Não havia terminado com ninguém antes, mas parecia um rompimento. Cometeu um engano terrível com Matt. Por que se deixou apaixonar por ele? Que idiota ela era! Um mortal nunca poderia entendê-la, especialmente aquele com a mente tão fechada para a possibilidade de haver mais vida, mais coisas no Universo do que na frente de seu nariz. Como ela pôde ter se apaixonado por alguém assim tão... quadrado, tão prático, tão... mundano. Alguém que sequer acreditava em *magia*!

Quem ele pensava que era? Enviar a polícia atrás de Freddie, sem mencionar a busca em sua casa! Ela precisava guardar alguns livros.

capítulo quarenta e cinco

A mother's love



Hoje, seu lindo garoto ocupava o quarto vazio na casa, que lhe provocara tanta dor, como um lembrete diário de sua ausência. Manteve o quarto em ordem e limpo. Queria tanto que fosse agradável para ele e lhe trazia café na cama todas as manhãs para que pudesse vê-lo acordar. Era como ver o sol nascer quando ele abria os olhos.

Freddie finalmente saiu daquele horrendo e torturante Limbo, aquela terra do nada, e agora tinha de viver e desfrutar dos prazeres oferecidos pela vida, como o amor de uma mãe. Como havia sofrido, a pobre criança! Era o mesmo que estar apaixonado, um sentimento semelhante (embora o amor que uma mãe sente por um filho seja ainda mais insondável, constante, inabalável). Poderiam atirar qualquer coisa nela agora, e mal a atingiria. Esqueceu-se completamente de ter deixado Harold na mão no dia de Ação de Graças. Quanto à pequena questão com a polícia local, ela não se preocupou por um momento, sabendo que seu filho era inocente e que não havia nada a ser encontrado no sótão. Eram probleminhas facilmente contornáveis.

Então, ela não entendia por que as garotas agiam de modo tão ridículo agora. Os filhos estavam reunidos na sala de estar, e Ingrid e Freya estavam praticamente histéricas.

Joanna sentou-se ao lado de Freddie no sofá, mas ele sutilmente se afastou um pouco. Tudo bem, talvez ela estivesse sendo muito pegajosa? Precisava observar isso.

Ingrid estava ao lado da lareira enquanto Freya estava diante das portas de vidro para o deque, espiando a ilha Gardiner, que hoje estava envolta em nevoeiro.

— Mãe, você está agindo assim... qual é a palavra, Ingrid?

— De modo tão cego?

Freya se virou para eles.

— É como se estivesse bêbada, ou algo assim!

Ultimamente, Joanna exibia um sorriso permanente e, por isso, poderia mesmo parecer estar embriagada. Ela mesma se pegou cantarolando uma ou duas vezes, nenhuma música verdadeira ou melodia, apenas cantarolando.

— Bêbada? — exclamou. — *Não. Estou somente... feliz!*

Ingrid tirou uns fiapos da saia.

— O que Freya está tentando dizer, mãe, é que esse negócio do tridente é muito importante. Quem destruiu a ponte é extremamente poderoso e uma ameaça para nós, sem mencionar que ele ou ela pode ser fatal não só para Midgard, mas para os nove mundos do Universo. É nosso trabalho garantir que nada aconteça. Sabemos que você está em êxtase desde que Freddie chegou em casa e precisamos que você fique concentrada neste momento.

Joanna se levantou e jogou lenha na lareira. Apontou o dedo para ela, e as chamas se elevaram imediatamente. Arrumou os cabelos. As meninas estavam certas, havia problemas pela frente, mas ela não podia apenas comemorar por ter seu filho de volta? Por apenas um momento? Ela tinha algo a dizer sobre esse negócio do tridente, mas não sabia se as garotas queriam ouvi-la.

— Freya, se você quer minha opinião, vou dar a você.

Freya e Ingrid se viraram para a mãe e olharam para ela interrogativamente. Freddie se levantou e recuou um pouco.

— Acho que Killian fez isso — Joanna disse claramente.

— O quê?

Joanna passou a mão pelos cabelos compridos. — Por que você acha que os pixies não conseguiam se lembrar dele? Ele pode ter erguido um muro diante dele naquela noite. Ele parecia tão... o quê? Indiferente, irreverente? Nem sequer pestanejou quando o investigador apontou uma arma para a cabeça de Freddie. Quero dizer, não sabíamos que era Freddie, mesmo assim! E você ia praticar magia negra em seu nome. De quem vem essa influência? Dele!

— Mas...

— Não. Deixe-me terminar. É tudo muito sutil, Freya. Não percebe? Killian está tentando transformá-la; entretanto, ele é o único que tem os pixies sob feitiço. Nunca o vimos praticar magia, porque ele não quer nos mostrar o quanto é capaz de fazer. O que significa que ele pode ser tão poderoso que não precise de uma varinha, ele solta aquele seu sorriso hipnótico e todos seus soldadinhos se enfileiram e lutam a batalha por ele. — Joanna colocou as mãos nos quadris. — Além disso, há a questão de Killian ostentar a marca do tridente. Como você explica isso? Ah, não negue. Ouvi você sussurrando no jantar. Ele é culpado, Freya. Os pixies vão se lembrar dele com o tempo.

O queixo de Freya caiu enquanto ela encarava a mãe, indignada.

— Mãe, não posso nem começar a lidar com isso...

Freddie colocou a mão na testa e balançava a cabeça. Ingrid segurou Freya pelos ombros, firmando-a.

— Vamos lá, Freya. Não entre nessa. Mamãe não sabe o que está falando. Não é Killian.

Freya bufou e deixou Ingrid guiá-la para longe.

— Vamos sair daqui, Ingrid. Preciso sair de carro.

— Eu também — Ingrid observou, e foram para a cozinha enquanto Freddie olhava para elas suplicante, mas as duas afastaram o olhar dele.

— Se é assim que vocês, meninas, querem jogar, sigam em frente! Façam como quiserem. Mas, Freya, você sabe que tenho razão! — Joanna gritou pelas costas. Ela se dirigiu ao escritório, onde bateu a porta.

capítulo quarenta e seis

Sibling rivalries



Freya colocou o Mini Cooper em ponto morto, depois girou a chave de partida quando alguém começou a bater na janela do passageiro. Ingrid apertou o botão da janela, e a cabeça de Freddie surgiu ali.

— Por favor, me levem com vocês! — implorou ele. — Mamãe está errada. Killian não fez aquilo. Ele é inocente. Sei disso agora. Me desculpe. Ela está agindo como uma maluca e me deixando louco. *Por favor, me levem.* — Pulava de um pé para o outro, tremendo, por estar somente de camiseta e *jeans*.

Ingrid olhou para Freya como que esperando a sugestão dela. Freya deu de ombros.

— Entre, mas você tem muito que explicar! Não tenho certeza de que posso confiar em você, seja você quem for!

Ingrid abriu a porta e saiu para Freddie poder entrar.

— Puxa, obrigado, meninas. Eu adoro vocês! Adoro! — Ele saltava com os pés descalços, depois de ter corrido para fora da casa atrás delas. Enfiou-se no banco de trás, mas teve que se sentar encolhido de lado por causa de sua altura e das pernas compridas.

— Talvez devêssemos pegar o carro da mamãe — Ingrid sugeriu.

— Deixe-o sofrer lá atrás — disse Freya. — Há uma porção de perguntas que ele precisa responder. Ingrid se virou, ajustando o assento para dar mais espaço às pernas de Freddie.

— Ah, coitadinho!

— Não sinta dó dele, Ingrid. Mamãe já fez o suficiente — disse Freya. — Ele não precisa de nossa piedade.

— Verdade — Ingrid observou. — Posso mostrar a casa de Matt? Podemos dirigir até lá.

Freya lançou um olhar perplexo para a irmã.

— Você deve estar brincando! Não vamos persegui-lo. Ele agiu como um idiota. Deixe isso de lado por enquanto. Talvez ele volte. — Ela colocou a primeira marcha e tirou o carro da garagem, indo para o interior na direção da autoestrada para Napeague, de onde iria para o leste em direção a Montauk. Ingrid chutou o piso do carro.

— Eu sei. Não sei por que disse isso. Saiu, simplesmente. Não quero ter nada mais a ver com ele. — E baixou o olhar.

— Ótimo! — disse Freya, apertando o joelho de sua irmã. Estava contente pelos canais de comunicação entre elas fluírem novamente. Sentiu saudades disso por bastante tempo. Foi tão bom ter Ingrid de volta, não ter que esconder nada dela, e foi especialmente bom agir como uma confidente para os problemas de amor de sua irmã mais velha.

Foi uma mudança! Ingrid sempre esteve presente para cuidar dela, e agora Freya poderia finalmente retribuir o apoio, os cuidados e as palavras gentis, além de um pouco de amor agressivo quando necessário, mas sempre se sentia tão desigual, sempre chorando no ombro de Ingrid, inclinando-se na direção de suas mãos gentis e tranquilizadoras. Agora ela poderia oferecer o mesmo.

Que vergonha, Matt. Freya estava furiosa com ele. Como ele se atreve! Ninguém jamais deveria magoar Ingrid, era terrível até imaginar. Como ele podia ter sido tão covarde a ponto de enviar outros policiais para fazer seu trabalho sujo, prendendo Freddie e revistando a casa. *Filho da mãe.*

— Talvez tenha sido minha culpa — acrescentou Ingrid. — Lancei uma espécie de feitiço nele, mas não tinha essa intenção.

— Foi apenas um feitiço de harmonia, Ingrid! — disse Freya. — Não há nada de mal nisso. Foi pela família. Vamos, vamos! Falaremos sobre isso mais tarde. Juro. Vamos cuidar desse negócio do Freddie agora.

— Tudo bem, vamos — falou ela, sorrindo tristemente para Freya.

O céu estava tingido de rosa e laranja com o sol se pondo atrás das nuvens. Eles precisavam sair de North Hampton, o bolsão. Freya sentia claustrofobia. A culpa era de sua mãe. Sua acusação sobre Killian havia sido um tapa na cara, e ela ainda sofria com isso. Ela olhou para Freddie pelo espelho retrovisor parecendo triste.

O carro já havia aquecido, e ela abriu a janela para tomar um pouco de ar. Joanna realmente a irritou. Ela vislumbrou Freddie no espelho retrovisor novamente. Ele sempre parecia tão inocente, era difícil sentir qualquer hostilidade contra seu gêmeo. Mas ainda assim, ela precisava saber se ele era realmente Freddie e o que andava fazendo até aquele momento.

— Em primeiro lugar — começou ela —, você mentiu para mim. Disse que nunca deixou o Ucky Star, mas eu o vi quando estava tirando lixo no *North Inn*. Eu o vi naquele beco. Agora sabemos que os pixies também viram você lá fora.

— Sim — suspirou Freddie. — Era eu. Só saí do motel duas vezes, e quando já estava escuro. Você e os pixies devem ter me visto em uma dessas noites. Se você me perdoar por falar sobre isso, estou muito apaixonado por Hilly Liman...

— Sei disso — interrompeu Freya.

— Quem é Hilly Liman? — perguntou Ingrid.

Freddie deu um enorme suspiro. — Ah, meu Deus, Ingrid, ela é *incrível*...

— Chega! — Freya exclamou, batendo as mãos na direção. — Vá direto ao assunto, Freddie! Não o distraia, Ingrid. — Eles entraram numa floresta, e as árvores sombreavam a estrada. Freya acendeu os faróis. Um cervo correu graciosamente ao longo da estrada, depois disparou por entre as árvores.

Freddie se ajeitou novamente na parte de trás. — Sabe, o pai de Hilly é... hã... superprotetor em relação à filha. E eu realmente quero me casar com a garota!

Ingrid se virou, inclinando-se sobre o assento.

— Isso é ótimo, Freddie!

— Psiu, deixe-o continuar. Precisamos esclarecer isso — disse Freya, estendendo a mão para dar um tapinha em Ingrid. Freddie tinha um modo de distrair todo mundo, saindo do centro da conversa às vezes. Ele parecia os pixies. Ele prosseguiu.

— O senhor Liman, pai de Hilly, pensa que sou um preguiçoso... um *playboy*...

Freya riu.

— Ele não está errado, não é? — Ela dirigia rápido, deu uma guinada acentuada na estrada, e todos sacudiram no carro pequeno. Freddie se virou e se inclinou para frente. — Hilly pensava que se eu tivesse um bom emprego, o pai teria um conceito melhor de mim. Uma noite, ela marcou um encontro com o sócio do pai dela. Era para ser às escondidas, o pai dela nem sabia de nada ainda. Ela me levou para o restaurante francês, onde o sócio estava jantando. Ele me encontrou no beco, falamos sobre o trabalho, uma espécie de apresentação rápida, e depois Hilly me levou de volta para o motel. Voltei uma segunda vez para encontrar o sujeito e resolver algumas coisas pendentes. Ele parece gostar desse restaurante em particular.

— Tudo bem — disse Freya. — Mas o que você quis dizer quando disse a Hilly: “Não vai demorar muito agora?”.

— Você ouviu isso? Caramba!

— Eu estava espionando!

— Ela é bonita, não é? A Hilly? — Freddie quis saber. Freya soltou um suspiro de frustração.

— Freddie!

Freddie prosseguiu.

— O que eu quis dizer foi que o sujeito me ofereceu o serviço, e não demoraria muito até eu começar a trabalhar para ele. O pai dela me aprovaria, e Hilly e eu poderíamos ficar juntos em breve, sem preocupações.

— Que tipo de trabalho? — Ingrid questionou.

O pequeno carro saiu da floresta, e o lado esquerdo da estrada dava lugar a uma praia prateada. Freya saiu para o acostamento e parou o carro bruscamente, puxando o freio de mão.

O homem era capitão de navio, Freddie explicou, e o trabalho implicava participar da última corrida do atum. Freddie sempre foi apaixonado pelo mar e pela vela, então estava muito animado com isso. O barco partiria em quinze dias, mas parece que ainda havia alguns arranjos a serem feitos, um contrato que exigia assinatura, antes de Freddie partir.

O motor do carro estalava enquanto arrefecia. De repente, este pequeno recanto foi um alívio para Freya. Então Freddie havia mentido, mas só porque ele estava apaixonado, e Freya, entre todas as pessoas, estava muito familiarizada com esse sentimento.

— Tenho outra pergunta. — Ingrid interferiu — Quem era o advogado que foi até a delegacia?

— Essa foi boa! — Freya olhou para o irmão pelo espelho retrovisor e o viu olhando-se no espelho. Ainda o velho e vaidoso Freddie. Se isso fosse indício de alguma coisa, apenas confirmava que era seu irmão no carro e não Loki.

— Hilly enviou o advogado. Mamãe me deu o celular dela quando eles me levaram e, na primeira chance que tive, liguei para Hilly, e aquele advogado veio de helicóptero de Nova York só por minha causa. Legal, não é?

— Acho que sim — disse Freya sem emoção.

SAÍRAM DO CARRO. Freya e Ingrid colocaram os casacos, enquanto Freddie tremia. Freya verificou o porta-malas, encontrou uma das malhas de Killian e a entregou ao irmão. Os três caminharam na direção da praia, Ingrid no meio deles. Ela estendeu as mãos para os dois. Assim que estavam todos conectados, Freya sentiu a magia correndo entre eles como uma corrente elétrica. Por um momento, sentiu-se plena e despreocupada. Ela os puxou e correu à frente na praia, ainda de mãos dadas. Sentia-se como se fossem crianças novamente, e todos os problemas pareceram, de repente, se dissipar ao ar livre. Tudo ficaria bem. Freddie e Killian estavam livres. Os pixies tinham visto isso. Freddie caiu numa armadilha, mas não por causa de Killian. Até Ingrid começou a rir enquanto corriam.

Todos se atiraram na areia, um depois do outro, rindo, e olharam para o céu glorioso, o rosa sangrando em laranja, o azul-ardósia acima, e abaixo ondas índigo quebrando com uma força indômita.

Freya olhou para Freddie. Ele tremia e parecia vulnerável. Ela sentiu uma dor aguda. Queria que Freddie fosse feliz. Queria que seus irmãos tivessem o amor que ela experimentava por Killian. Correram de volta para o carro juntos, com um sentimento melhor entre eles.

— Como você sabe que Killian é inocente? — Freya perguntou ao irmão gêmeo enquanto conduzia o carro de volta para a estrada.

— Sei e pronto! O que mamãe disse é totalmente falso. Não é ele. Quando o vi no dia de Ação de Graças, percebi como ele ficou feliz em me ver, então eu soube. Não poderia ser ele. Ele é meu amigo. Ele é leal. Ele é um de nós.

Freya assentiu.

— Tenho tentado lhe dizer isso há meses.

— Mas há algo que eu preciso dizer sobre Killian... — disse ele, com o rosto pálido.

— Coloque para fora, Freddie — disse Freya. — Agora que você chegou até aqui, gostaria de ter Killian como seu padrinho de casamento?

Ele pigarreou.

— Sei que Killian é inocente, como eu disse, mas não sabia antes. Eu espionei você também, Freya. Sei sobre a marca do tridente. Ouvi você falando sobre isso, vi quando ele mostrou a marca para você na estufa. Não sei por que ele tem a marca. Ele teve a posse do tridente em algum momento, essa é a única explicação. Quando vi, eu ainda acreditava na culpa dele...

— Então, você foi e contou às Valquírias... — Ingrid concluiu.

Freya parou o carro no acostamento. Ela se virou para encará-lo.

— Eu tinha que limpar o meu nome! — Freddie protestou. — Estava convencido de que ele havia feito aquilo! Ele tinha a marca!

Freya se voltou para frente e olhou adiante para a estrada escura. Bateu na direção do carro, e Ingrid estendeu a mão para ela, mas ela afastou a irmã mais velha.

— Saia do carro agora, Freddie! — Eles tinham tão pouco tempo, e ela estava perdida. Por que o idiota de seu irmão esperou até agora para dizer

isso a ela? Droga! Se eles não encontrassem o verdadeiro responsável, Killian seria levado embora para o Limbo, com toda certeza.

— Caia fora! — gritou.

— Mas — disse Freddie. — Freya, acalme-se.

Freya olhou para Ingrid, que, com relutância, abriu a porta do passageiro e saiu para deixar Freddie sair. Ele esticou todo seu corpo comprido no banco de trás e pisou na estrada. Ingrid voltou para o carro.

— Vamos lá, você está sendo muito dura. Não podemos deixá-lo aqui!

— Pelo amor de Deus, Ingrid, ele é um deus! Ele pode fazer o sol brilhar! Deixe-o encontrar seu próprio caminho para casa! — Freya urrou e ligou o motor, deixando seu irmão para trás na escuridão.

Natal

*o momento mais
maravilhoso
do ano?*



capítulo quarenta e sete

Devil woman



A lua crescente pairava no céu, tão fina quanto a ponta cortada de uma unha. Era uma noite sem nuvens, clara com estrelas. Freya podia ver tudo isso da janela do escritório de Joanna — o oceano escuro como tinta, os reflexos da lua e das estrelas brilhando. Joanna estava sentada à escrivaninha, Freya na namoradeira, e Norman na poltrona perto dos livros. Ele agia como mediador. Uma coisa boa, já que a temporada de feriados havia chegado, seria Natal em breve, mas ninguém estava no clima para comemorar.

Joanna pediu profusas desculpas a Freya por ter acusado Killian. Explicou que o retorno de Freddie a havia cegado, mas agora percebia o erro de seu modo de agir.

— Sinto muito por Killian. Estava muito preocupada com Freddie, mas parece que estou sufocando-o, e meu garoto está se afastando de mim. — Joanna suspirou.

Freya ouviu atentamente e franziu a testa.

— Você percebe, mãe, que trouxe a conversa de volta para Freddie mais uma vez?

— Me desculpe! — disse Joanna, e olhou para Norman pedindo ajuda.

— Tudo bem — disse Norman. — Está tudo esclarecido agora. Sua mãe está muito, muito triste, então vamos seguir em frente. Temos que cuidar das Valquírias, e não há tempo a perder. — Ele correu um dedo ao longo

das lombadas dos livros de Joanna. Norman não gostava de conflito, ou simplesmente não gostava quando suas mulheres se desentendiam.

— Sim — exclamou Joanna. — Quero compensar você, Freya, e acho que tenho uma solução. Acredito que precisamos tentar um novo ângulo.

— O quê? — Freya cruzou as pernas, cutucou um buraco na calça *jeans* preta, e depois puxou a parte de cima da bota de salto alto.

Norman bateu palmas, como se para marcar uma mudança na conversa.

— Sua mãe acha que talvez esse espírito que vem tentando contato seja uma bruxa querendo nos ajudar. As Valquírias acreditam que haja vários tipos de espíritos. Estávamos tentando entender que tipo é este. Reduzimos a duas possibilidades. Existe o *vörðr* ou guardião, o espírito cuidador.

O pai havia entrado no modo professoral, e Freya gostava de vê-lo trabalhar, admirava o modo como ele procurava tornar qualquer tema palatável ao povo mais jovem.

Ele se levantou da poltrona e estendeu o braço, apoiando-se na estante.

— A palavra guardião vem da mesma raiz de *vörðr*, como *ward* e *warden*, seus cognatos em inglês. — Ele sorriu para Freya. Ela achava o pai tão bonito, o contraste entre os cabelos prateados deslizando sobre a lente de seus óculos de armação preta. Ingrid herdou a aparência delicada e esperta dele, assim como seus lindos lábios rosa e o corpo esguio, suave e alto. — De qualquer forma — Norman prosseguiu — , o *vörðr* é muito parecido com um cão de guarda pessoal, que fica grudado em você, por assim dizer, ou um anjo da guarda, se você quiser associar a termos cristãos, que cuida de um mortal desde o nascimento até a morte. Se ele se junta a um deus, está presente em todas as vidas desse deus.

Norman passou a explicar que havia outro tipo de guardião, e que um deles se chamava *fylgja*, que em nórdico antigo significa “alguém que acompanha”.

— Mas ele só aparece de vez em quando — disse. Os *fylgjur* (plural) eram portentosos. Como são conscientes do destino, apareciam às vezes como um presságio de morte. No entanto, quando vinham na forma de mulher, como essa guardiã, significava que ela estava avisando você e, possivelmente, seu clã que vocês corriam perigo. O que estou dizendo é que Joanna e eu acreditamos que esse espírito seja deste último tipo. Ela quer nos dizer alguma coisa, avisar algo, e está enviando o seu espírito através do tempo para fazê-lo.

Freya se levantou e caminhou até a janela, onde fez uma impressão no vapor em letra de mão. Desenhou a letra *K*, como uma adolescente.

— O que devo fazer sobre tudo isso? — disse ela, virando-se para o pai.

Joanna se levantou, caminhou até a filha e se postou atrás dela. Colocou as mãos sobre os ombros de Freya, que hesitou, mas depois alcançou a mão de sua mãe. Queria perdoá-la. Ainda estava zangada, mas não poderia continuar agindo desse modo. Sua mãe pediu desculpas e disse que gostaria de ajudar Killian. Eles precisavam trabalhar em conjunto, e se seus pais sabiam como resolver a situação, ela estaria disposta a fazer o que fosse necessário. Confiava no conhecimento e na experiência deles. Joanna apertou os ombros da filha.

— Alguém precisa voltar no tempo e encontrar essa feiticeira antes que seja enforcada. Ela vai nos atrair para a hora e o lugar exatos e nos ajudar. E nós poderemos ajudá-la de nossa parte. Estou velha demais para fazer a viagem. Tentei, mas o portal não abriu para mim. Ele exige juventude e vitalidade, algo que não tenho certeza de ter.

Freya se virou para a mãe com os olhos brilhando. Talvez fosse porque ela estava se esforçando para ver a ilha Gardiner. Killian estava lá, e ela queria estar com ele.

— Vou fazer de tudo para ajudar Killian. Se você acha que é esse o caminho, estou disposta — disse ela. — Eu faço.

— Ótimo! — Joanna exclamou. — Há muita preparação a ser feita e precisamos começar já. Preciso informá-la sobre as coisas, e você tem que se trocar para vestir o traje apropriado. — Um olhar desagradável atravessou o rosto da mãe. — Vamos vesti-la como uma boa puritana, com touca e tudo. Já separei as roupas.

Freya franziu a testa. Essas roupas traziam de volta lembranças terríveis, e ela gostava muito de suas roupas do século XXI. *Lycra* era demais.

— Vamos fazer a cerimônia na praia. Está uma noite perfeita para isso. Não é verdade, Norm? — Joanna falou, voltando-se para o marido, ainda perto da estante, e ele, sério, acenou com a cabeça para a esposa.

AS ONDAS ESTAVAM revoltas, batendo severamente na praia, e o vento açoitava sua touca branca e sua blusa bege, muito apertada no pescoço, com a gola grande fustigando seu rosto. Joanna amarrou um xale em volta da cintura da filha e costurou uma bolsa cheia de moedas de ouro em sua saia. Dentro de um círculo na areia, Freya pressionou a pesada saia lilás-escuro contra as pernas, e uma mão apertou as runas que a *fylgja* havia colocado no túmulo. Como parte da cerimônia, Freya precisava tocar algo que a guardiã da feiticeira houvesse tocado para fazer tudo funcionar.

— Cuidado, querida — Norman gritou. — Deve ser relativamente indolor.

— Na velocidade dos deuses! — gritou Joanna. — Eu te amo, minha querida!

Freya olhou para a escuridão perfurada por estrelas. Algo a estava empurrando, como se houvesse um enorme peso do outro lado, caindo em sua direção, descendo direto da tessitura do céu azul da meia-noite. O vento

começou a girar em torno dela como se ela tivesse sido varrida para dentro do olho do furacão, uma força centrífuga, a areia levantando e fustigando o rosto como um pássaro perdido. Ela se inclinou, protegendo a cabeça e a touca com as mãos.

— Indolor uma ova! — murmurou, e as palavras pareceram ser sugadas para fora de sua boca por vácuo, puxando o interior de sua garganta, comprimindo-a e fechando-a. Sentiu como se cada molécula de seu ser estivesse sendo desmontada, desmembrada, e sentiu dor, uma dor física, mas também uma dor emocional insuportável, como aquela quando se perde alguém profundamente amado, a morte.

FREYA ACORDOU DE um sono profundo e sem sonhos. O corpo inteiro doía. Algo molhado lambia seu rosto. Ela sentiu calor, o sol brilhava com força na lateral e atrás dela. Ela sentiu o cheiro do oceano. Estava deitada em algo irregular, duro e pedregoso. O que eram esses sons? Ouvia balidos. Mais uma vez sentiu um golpe de umidade no rosto. Abriu os olhos. Um cão negro estava ofegante ao seu lado, abanando o rabo. Colocou a mão diante do rosto para proteger os olhos do sol. Estava deitada em um afloramento de rocha, com capim alto balançando, ovelhas por toda parte. Estava cercada por elas, que pastavam na grama, pisavam em sua pedra. Então ela viu as runas espalhadas sobre a rocha e rapidamente se pôs de quatro para recolhê-las.

— Ragbone! — gritou uma voz de menino.

Freya se ergueu, batendo a areia da saia, endireitando a touca. Desfez o nó do xale em torno da cintura e o atirou sobre os ombros, e ficou feliz em sentir as moedas escondidas sob o cóis da saia. O cão a observava, com a cabeça inclinada. O menino, por volta de onze anos, era um pastor, ela deduziu, e caminhava na direção dela com seu grupo.

— Bons dias — gritou, e Ragbone correu em direção a ele.

— Bons dias — respondeu Freya, sorrindo. Ela olhou ao redor. Estava na beira de um campo, pouco antes de onde a praia começava. Olhou para o mar. Viu uma ilha. Não podia dizer se havia casas lá ou não, certamente não Fair Haven, mas a linha da costa era do mesmo formato pontiagudo, o promontório e o pontão arenoso se alongavam na direção do U de Long Island. Olhou para o mar. Não existia a casa de Joanna, construída em 1710. Em seu lugar havia árvores, enormes, e uma casa grande isolada, construída com a onipresente madeira marrom, que se elevava à distância. O menino estava a poucos metros, encarando-a.

— De onde a senhora vem? — perguntou ele. — Eu não a conheço.

— Sou de outro vilarejo. — Freya apontou vagamente para baixo da costa. — Estava passeando pela praia, então decidi descansar. Devo ter caído no sono, meu Deus! De que vilarejo é você?

— Ora, sou de Fairstone — respondeu ele, estudando Freya, que olhava para Gardiner novamente. — Já foi à ilha de Wight? Gostaria muito de ir lá um dia. Um homem muito rico mora lá agora, o sr. Lion Gardiner. Há muito trabalho lá. Ele comprou a ilha há um ano.

Bingo. Era 1640. Lion Gardiner e a esposa compraram a ilha em 1639, estabelecendo-se lá. Esse dado fazia parte do informativo de Joanna. Estava quente, provavelmente agosto. Estas roupas eram tão danadas de desconfortáveis que começaram a pinicar. Ela soltou o xale dos ombros e sorriu incentivando o menino.

— Posso perguntar o que anda acontecendo nestes dias em Fairstone?

O menino lançou-lhe um olhar triste.

— Bem... o sr. Bidding me dá uma surra se eu não fizer meu trabalho corretamente. *Goody Bidding* pode ser boa se não estiver me dando chicotadas. A filha é justa e uma boa fiandeira de lã e de contos. Talvez...

Era um menino bastante loquaz, Freya concluiu, e foi direto ao assunto.
— Existe um tribunal em Fairstone?

O rapaz estremeceu, depois olhou para baixo. Freya se aproximou e colocou a mão no queixo dele, levantando-o suavemente, recitando um feitiço calmante em sua mente. Ele suspirou.

— Há um tribunal com juízes e muita discussão sobre limites de propriedade e roubos de animais. E...

— E?

— Bem, Sally Smitherstone acusou *goody* Anne Barklay de ser uma bruxa, de negociar com... — Ele hesitou.

— O diabo?

O rapaz empalideceu, depois olhou para seus pés descalços e sujos.

— Sim. — Ele olhou para ela. — Sally disse que *goody* Anne veio a ela em forma de espírito, para encantá-la. Muitas mulheres em Fairstone não gostavam de Anne. Ela é muito bonita, uma francesa que se casou com um inglês, o sr. Barklay. Eles até a chamaram de prostituta. — Freya ficou grata que tivesse ido parar lá, perto de um menino precoce e tagarela, e ele continuou. — Ela sempre foi boa para mim, a Anne. Alguns dizem que Sally queria se casar com o sr. Barklay. Anne talvez seja uma bruxa, mas não é prostituta. Ela não confessou a feitiçaria, mas amanhã será enforcada ao pôr do sol no carvalho do morro. Dizem que ela tem a marca.

— Onde está Anne agora? — Freya perguntou, falando alto demais. Ela colocou a mão na boca e a mordeu. O garoto apontou para o oeste, na direção do interior.

— Está na cela, um pouco lá adiante. Eles a deixaram acorrentada para que todos pudessem ver.

Freya disparou imediatamente pelo campo na direção que o menino apontou. Ela teve de erguer as saias pesadas para conseguir andar.

— Você conhece Anne, senhora? — o rapaz a chamou.

Freya olhou para trás para o garoto, mas não respondeu. Ela estremecia a cada passo, abrindo lentamente seu caminho através das ovelhas balindo.

capítulo quarenta e oito

The greatest love of all



Assim que Ingrid entrou no quarto inclinado do primeiro andar do Ucky Star, os pixies começaram a bombardeá-la de informações. Teve de continuar insistindo para eles se acalmarem, e finalmente eles sossegaram um pouco. Foi com o carro de Joanna até ali para deixar mais dinheiro pelo quarto e verificar o que eles andavam fazendo. Parecia que estar de volta ao motel havia aberto as comportas da memória. Ela precisava deles para chegar ao ponto, e as Valquírias poderiam aparecer a qualquer minuto. Freya estava em um túnel do tempo, tentando descobrir o mistério daquele lado. Todos os Beauchamp estavam ocupados tentando encontrar uma maneira de salvar Killian.

— Somos de Álfheim e nos chamam de *álfar*. Meu nome verdadeiro é Skuld — disse Kelda. — Bem, sou meio *álfar*, meio Valquíria. As Valquírias me desprezavam como mestiça. De qualquer forma, sempre me identifiquei mais como *álfar*.

— Ah, ouvi falar de Skuld! — Ingrid observou. — Uma famosa guerreira e feiticeira. — Ela olhou para Kelda, pensativa. Era óbvio que qualquer um que tivesse jogado um feitiço nos pixies havia negado alguns de seus poderes.

Kelda sorriu orgulhosa, levantando seu tórax estreito. Ela não parecia alguém que tiraria os soldados entre os mortos para devolvê-los à batalha. Kelda era muito doce, e tão graciosa, com seu delicado e pálido rosto redondo e roupas pretas de menina contestadora. Veio com um *piercing* de

Medusa a Midgard, uma pequena granada aninhada no meio de seu lábio superior, que parecia um botão de rosa. Isso ficava lindo nela.

Ingrid estava agradecida por receber esses detalhes, mas estava muito preocupada não apenas com a ameaça das Valquírias, mas também com Freya, lá fora vagando no tempo. Desejou que pudesse ter ido no lugar dela, para manter sua pequena irmã fora do caminho do mal: Freya retornara a um terrível e perigoso momento para uma feiticeira. Desde que a irmã havia partido, nas diversas vezes em que Ingrid pensava nela, apertava os olhos, enviando um feitiço de proteção no caminho de Freya. Esperava que seus poderes fossem tantos que a alcançariam, mas temia não serem suficientes.

— Você se lembra de quem fez você roubar o tridente de Freddie? — Ingrid insistiu. — Esse é o assunto mais importante agora. Então, vamos trabalhar para levar vocês para... *Ahem*. Parecia limpar a garganta quando disse o último nome, porque nunca ouvira falar do lugar antes, e não entendeu ao certo.

— Álfheim — Kelda corrigiu.

— Um ase — disse Sven da poltrona.

— O quê? — Ingrid falou. Sven trouxe um Kool e expirou.

— Um ase nos fez roubar o tridente — disse ele, exalando um suspiro enfumaçado.

— Tenho certeza de que um ase o obrigou a fazer isso — replicou Ingrid. — E essa não é uma palavra bonita.

— Não, o que ele está dizendo é o tipo de deus — retrucou Irdick da mesa em que estava sentado, com os pés balançando para trás e para a frente. — Ele é um ase.

— Ah! — Ingrid exclamou. — Nunca ouvi falar nesse tipo de deus antes. Interessante. Um ase. Você sabe de mais alguma coisa? — perguntou ela.

— *Sim* — respondeu Sven sem rodeios, como era de seu feitio. Pegou a garrafa de bebida do chão e tomou um gole.

Ingrid gostaria que Sven não bebesse tanto. Talvez pudesse levá-lo para assistir a uma reunião do AA enquanto ele permanecia em North Hampton. Era anônimo, afinal. Tabitha dissera que ela era uma orgulhosa e agradecida integrante desse grupo, e estava sóbria havia anos. Ingrid ergueu uma sobrancelha para Sven, esperando que continuasse.

— Ah! — disse ele, depois de tragar muito de uma só vez. — O ase, seja quem for, nos sequestrou de Álfheim para roubarmos o tridente, mas depois nos deixou vagando em Midgard para cobrir seus rastros. Infelizmente, não podemos lembrar quem é o cara nem como ele se parece. Isso ainda faz nossas cabeças doerem. É como um tipo de apagão. — Val apertou o ombro de Sven, que bateu na mão dele.

Ingrid ficou contente por ter pistas mais palpáveis. Talvez os pixies acabassem se lembrando. Voltaria amanhã. Enquanto isso, iria até Joanna e Norman com todas essas informações. O pai costumava dirigir para North Hampton e passar a noite ali, ultimamente. Ele e Joanna saberiam o que fazer com todas essas novidades.

Embora tivesse muita preocupação, Ingrid estava aliviada por ter um propósito. Ajudava a manter sua mente longe de sua vida amorosa patética, ainda que tivesse durado somente dois tórridos segundos. Parou de pensar tanto em Matt, seu primeiro e único amor, e não tinha ouvido um pio dele desde *o rompimento*. Talvez ela só pensasse nele um pouco agora. Ou era mais do que isso? Ela se abraçou. Que barulho era aquele? Um som de água correndo. Fazia frio e estava tão úmido aqui, o aquecedor estava ligado, mas era como se o ar frio e úmido penetrasse em cada pequena fresta. — Que barulho é esse? — ela perguntou, apontando vagamente na direção deles.

— É um vazamento — disse Val. — No banheiro. Está piorando um pouco.

— Vou ter que pedir para arrumarem isso antes que fique pior — ela disse, distraída. Realmente, precisava voltar para casa. Pobres pixies. Até que tinha saudades de eles morarem no sótão, de tê-los por perto, o que era estranho, porque foi tão estressante quando estavam na casa. Imaginou que ter filhos fosse assim. Eles a deixavam louca, mas sentia tremenda falta deles quando estavam fora de seu campo de visão.

capítulo quarenta e nove

Come sail away



Freddie viajou novamente a Nova York, desta vez para visitar o pai de Hilly em seus escritórios do centro, localizados no extremo sul de Manhattan, em um edifício triangular envidraçado, semelhante à proa de um navio, diante de East River. Em pé, na frente do arranha-céu, olhando para cima, Freddie quase perdeu o equilíbrio por causa da sensação vertiginosa. As paredes azul-prateadas brilhavam deslumbrantemente à luz do meio-dia. O homem estava lá em cima no quadragésimo segundo andar. Depois de ter passado milhares de anos no Limbo, nada neste mundo o assustava, mas Freddie achou Henry Liman aterrorizante, e não saber o propósito da visita aumentava ainda mais a sua angústia. Hilly mandou uma mensagem com o endereço e o horário da reunião no dia anterior, e Freddie chegou cedo, sabendo que o sr. Liman esperava pontualidade. Pegou o elevador para subir e encontrou os escritórios de Her Majesty's Shipping Co[8].

No saguão, com paredes curvas em vidro fosco que tinha um aspecto molhado, havia um nicho claro, no formato da proa de um navio, ou, talvez, como a parte superior de uma bigorna, e nele estava um jovem com fone de ouvido sem fio. Atrás do nicho, três caixas de vidro no interior da estante de madeira exibiam modelos de navios antigos.

— Estou aqui para ver o sr. Liman — adiantou-se Freddie, usando terno, gravata e sapatos engraxados. Desta vez, ele tomou emprestadas as roupas

de Norman, e, por esse motivo, elas não desapareceriam, apesar da paixão do sr. Liman por truques de mágica.

A recepcionista solicitou o nome de Freddie, olhando-o de modo neutro, depois apertou um botão e disse:

— Sr. Liman, o sr. Frederick Beauchamp está aqui.

Freddie sorriu nervoso, enxugando a testa com o lenço que Ingrid lhe dera para a viagem. Com um olhar de muita desaprovação, a recepcionista disse a Freddie:

— O senhor chegou cedo. Sente-se, e o assistente do sr. Liman virá buscá-lo.

Segundo o relógio tiquetaqueando alto no nicho de vidro, ele chegara somente sete minutos antes da hora marcada. Não havia como agradar o sr. Liman. Freddie cruzou as mãos atrás das costas e caminhou até os modelos de navios para passar o tempo. Ele adorava um bom navio antigo.

O primeiro era o *Fancy, Pearl, Victory*, e suas velas pretas indicavam, sem dúvida, que era um navio pirata. O segundo, *Queen Anne's Revenge*, tinha um deslumbrante e enorme casco de madeira com vários níveis, velas brancas grandes e a proa quadrada, adornada com sereias de madeira, cavalos e deuses em vez de uma proa simples. Freddie identificou com orgulho esse navio, bastante conhecido como o maior navio pirata que já existiu. Havia se deparado com ele em seus estudos de atualização *on-line*, tornando-se autodidata sobre a história da navegação. Edward Teach, o Barba Negra, capturou o *Queen Anne's Revenge* no Caribe em 1717, batizou-o com esse nome e o usou em batalha no ápice de seu reinado de terror.

— Sr. Beauchamp? — falou uma voz calma e aguda. Freddie se virou para um sujeito magro e tímido, também com um fone de ouvido. — Por aqui — prosseguiu ele. O assistente o guiou ao longo de mais uma vidraça

curva de aspecto aquoso até chegar a uma porta, que abriu para Freddie, depois meneou a cabeça, sinalizando para ele passar sozinho. Quando Freddie entrou no escritório, o sol brilhava tão intensamente das janelas à frente que ele não conseguia ver nada, embora reconhecesse imediatamente a voz, o que fez os pelos de seus braços se levantarem.

— Todos os meus funcionários são do sexo masculino, mas isso não significa que você deva me tomar por machista. É por causa da minha esposa — disse Henry Liman. — *Hollis*. — Ele pigarreou.

Freddie estava com uma mão no rosto para bloquear a claridade e ainda tentava visualizar Liman.

— Não pensei nada sobre isso — respondeu ele.

— Bom — disse Liman. — Não teria enviado Hilly nem Gert para aquela escola cara, se eu fosse. Sexista, quero dizer.

Agora Freddie pôde ver que Henry estava presunçosamente rindo para si mesmo por trás de uma enorme, intimidadora e brilhante mesa de cerejeira escura, também curva como um navio. Havia, certamente, um tema aqui. Esperou que Liman lhe pedisse para se sentar, e se perguntou se ele o faria.

— Como está Hollis?

— Tudo bem. Todos estão bem. Sente-se — pediu Liman.

— Obrigado, Henry — Freddie disse, lembrando que o sr. Liman insistia em ser chamado pelo primeiro nome.

— É sr. Liman.

— Sr. Liman. — Freddie sentou-se na beirada da cadeira, como Norman instruiu (Não acomode o corpo inteiro na cadeira, já que ele acha que você é preguiçoso). Havia menos claridade aqui, e ele conseguia ver o rosto do sr. Liman claramente, as feições agudas desenhadas, o bigode estreito preto, os olhos brilhantes observando-o com curiosidade, o sol fazendo um contorno ao redor dele.

— Chegou ao meu conhecimento que você vai trabalhar para o meu sócio nessa... ahn... corrida do atum.

— Sim — disse Freddy, avançando, avidamente, mais para a frente, sentando-se com a postura perfeita para um homem.

Liman girou em sua cadeira na direção da janela. Ele se levantou, caminhou até a lateral da sala, apertou um botão, e persianas desceram lentamente, fazendo Freddie ficar grato, embora suspeitasse que tudo era parte de algum plano psicológico. O sr. Liman queria que ele se sentisse desse modo.

— No entanto, tenho que alertá-lo, isso não é exatamente uma corrida do atum — disse Liman. — É como uma perigosa expedição de caça ao tesouro.

— Melhor ainda! — disse Freddie.

— Não se apresse. — Liman voltou a se sentar à mesa.

— Tudo bem — disse Freddie, contorcendo-se na cadeira, embora à sombra se sentisse muito melhor.

Liman pegou uma longa e estreita adaga que parecia afiada, um abridor de cartas, Freddie supôs, e seu cromo brilhava lustroso.

— Tenho uma proposta a fazer, que você pode achar interessante.

— O quê? — Freddie se interessou. Ele estudava a adaga, que corria ao longo da palma de Liman.

— Se a missão for bem-sucedida, se você conseguir, sozinho, recuperar o tesouro, darei o consentimento à mão da minha filha.

— Maravilha! — Freddie se ergueu, fora de si, quase tremendo de alegria. Não esperava por isso. É claro que recuperaria o tesouro, mesmo que fossem mil baús de dobrões.

— É bastante leve. Quero dizer, não é muito grande — observou Liman, como se estivesse lendo a mente de Freddie. — Mas uma expedição

perigosa. Se estiver disposto a embarcar nela, você pode se casar com a minha garota. Mas primeiro é preciso assinar o contrato.

Freddie estava em êxtase e queria saltitar, mas se conteve. Em vez disso, deixou escapar um profundo suspiro.

— Estou pronto. Onde assino?

Liman lançou-lhe mais um olhar, depois sorriu para si mesmo. Empurrou uma folha de papel à sua frente e encarou Freddie.

— Vamos precisar de uma testemunha. — Apertou um botão sobre a mesa. — Bleaker, meu sócio está aqui?

— Sim, sr. Liman — surgiu a voz do sujeito tímido da mesa.

— Por favor, chame o capitão — retrucou Liman.

Esta era a terceira vez que Freddie cruzava com o capitão, e quando ele entrou, não estava com seu quepe branco como no último encontro. Em vez disso, usava um terno de três peças e gravata esmeralda com um alfinete de ouro. Freddie se levantou para cumprimentá-lo.

— Capitão Atkins — disse, estendendo a mão. Freddie percebeu que o vira antes, e não apenas no beco. Ele viu o bom capitão deixando a casa de sua mãe no dia de Ação de Graças, carregando um enorme buquê e parecendo um pouco chateado. Ele não mencionou isso para sua família no tumulto de seu retorno, mas agora essa cena passou por sua mente, e ele provavelmente deveria ter contado. Como Harold Atkins conhecia a sua família?

Eles trocaram cumprimentos, e o capitão deu-lhe um sorriso amável, caloroso. O sr. Liman limpou a garganta e se dirigiu a ele.

— Harold, precisamos de você para testemunhar a assinatura de um contrato em sangue.

— Ora, é claro — disse Harold, sorrindo para Freddie. — Estou muito feliz por ter Freddie a bordo!

— Sangue? — Freddie perguntou.

— É o padrão. — Liman pegou o punhal com o qual estava brincando. — É por isso que tenho isto aqui. Ele segurou a adaga para cima, entregou a Freddie uma pena de avestruz, e, em seguida, deu a volta na mesa com a folha de papel. Então Liman e o capitão Atkins se aproximaram de Freddie, que estendeu a mão, olhando para longe.

capítulo cinquenta

Devil's haircut



Os guardas arrastavam Anne Barklay para fora de sua cela na periferia de Fairstone, um conjunto de barracões rebaixados na orla da floresta, mais parecidos com gaiolas de madeira, a julgar quão pequenos eram. O vilarejo propriamente dito não tinha mais que uma dúzia de sinistras casas marrons, uma delas com uma torre e uma cruz. Em volta delas havia galinhas soltas ciscando, porcos grunhindo em chiqueiros, pessoas agitadas trabalhando, construindo mais casas de madeira, executando tarefas cotidianas, tirando água do poço, esparramando-a pela poeira, homens com chapéus pretos de aba larga e mulheres com toucas brancas.

Freya estava escondida em um matagal, observando enquanto eles puxavam Anne pelos campos em direção à aldeia. Era definitivamente ela, como Joanna descreveu: a testa alta orgulhosa, o rosto redondo, olhos escuros e grande boca sensual, salpicada por uma pinta de beleza acima dos lábios. Até mesmo as roupas eram como sua mãe havia mencionado, um corpete cinza sobre a blusa branca, um avental preto e uma saia marrom-avermelhada, todas as peças manchadas e desgastadas, a blusa rasgada na costura, de modo que o ombro pálido magro se destacava. Conforme Anne se debatia contra os guardas, sua touca branca caiu na grama, e Freya observou que sua cabeça havia sido raspada.

Era isso que faziam, uma prática horrível e nada sensual, aprovada desde a publicação de *Malleus Maleficarum* (Ataque às bruxas), que remonta a 1487 e já passou por várias novas edições do século XV ao XVII. Era um

guia, por assim dizer, sobre como identificar, interrogar, julgar e condenar feiticeiros. Uma das maneiras de descobrir uma suposta bruxa implicava raspar seu corpo inteiro — cabeça, axilas e área genital — a fim de procurar a “marca do diabo”. O sinal era supostamente um terceiro mamilo, a partir do qual a bruxa chupou seu ente familiar. Poderia estar em qualquer parte do corpo, e, se fosse encontrado, como uma marca de nascença, era testado, analisado e perfurado com um alfinete. Se provocasse dor e fluísse sangue, a mulher em questão era inocente; se não houvesse dor nem sangue, era uma bruxa. Outras formas de tortura podiam ser utilizadas a fim de extrair uma confissão.

Os pés descalços de Anne se arrastavam enquanto os guardas a conduziam para o vilarejo. Tinha dificuldade para andar, provavelmente por ter sido mantida na pequena cela apertada. Finalmente levantou-se, esforçando-se para acompanhar o ritmo, mantendo a cabeça erguida. Estavam longe o suficiente para Freya correr e recolher sua touca no matagal. Ela a levaria para Anne como demonstração de amizade. Quando se inclinou para pegá-la na grama, sentiu uma presença atrás dela, e uma mão grande, manchada de preto ao redor dos dedos, agarrou seu pulso.

Ela se virou para o estranho agachado ao seu lado na grama: um homem usava um chapéu preto frouxo, tinha um rosto apreensivo, olhos grandes felinos, de cor quase indescritível — talvez um pálido amarelo-amarronzado, conhecido como olho de tigre —, uma boca ampla, uma sombra ao longo do queixo talhado e cabelos castanho-dourados, que chegavam perto dos ombros. Vestia uma camisa solta de juta, aberta no peito. Sua pele era curtida e bronzeada como se fosse um trabalhador.

Freya quase soltou um simpático “Olá!”, mas não viu nada além de ira nos olhos dele, o que a impediu de dizer algo.

— O que está planejando fazer com a touca da minha esposa? — perguntou.

Ela soltou um suspiro de alívio.

— Sr. Barklay, estou aqui para ajudar. Quero ver Anne livre. — Ela entregou a touca de Anne, que ele pegou e levou aos lábios, cheirando-a, e por um momento pensou que ele explodiria em lágrimas, já que seu peito tremia. E então, ele se controlou e se levantou.

Ele partiu pelo campo em direção ao vilarejo, e Freya andou em compasso com ele, caminhando lado a lado. Era difícil andar rápido com toda aquela saia, aquele peso. Ela poderia ir direto para o fundo do oceano se alguém a atirasse lá.

— Mulher, ela não vai confessar! — O sr. Barklay lhe disse. — Não há nada que possa fazer pela pobre Anne. Essas pessoas não têm nada além da escuridão cercando seus corações. São eles que estão em comunhão com o diabo. Eles estão invertendo tudo.

— Posso lhe dar dinheiro. Tenho ouro. — Ela buscou no cinturão da saia, rasgando a costura que Joanna havia feito cuidadosamente. — Talvez possamos chegar à noite e fazer os guardas a libertarem, dar-lhes dinheiro. Posso levá-los para outro lugar. Tenho os meios — disse ela, pensando em como ele e Anne seriam muito mais felizes no século XXI.

Ele parou de andar e olhou para cima e para baixo, em seguida riu gostosamente.

— Você certamente não parece ter. Quem é você?

Joanna a vestira como uma camponesa para não chamar muita atenção. Ela esticou a mão em direção a ele, abriu-a, e mostrou um punhado de ouro.

— Sou uma feiticeira — disse ela, quando teve chance. Ele riu dela.

— Uma feiticeira! Não existe tal coisa, mesmo Anne lhe diria isso. Guarde seu dinheiro, mulher. Anne é orgulhosa. Por que acha que eles a

arrastam para o pelourinho na praça da cidade? Se ao menos ela cedesse e dissesse o que eles querem ouvir! — Os olhos dele brilharam, e ele se afastou às pressas, mas não antes de Freya ter feito um pouco de magia, colocando as moedas no bolso de suas calças largas, pois elas poderiam levá-lo para muito longe, caso soltassem Anne. — Agradeço sua tentativa de ajudar. Meu nome é John. O seu, *goody* bruxa? — falou ele, sem ser rude.

— Freya Beauchamp — respondeu ela, fazendo uma reverência enquanto caminhava. — A seu serviço, e eu gostaria que me deixasse ajudá-lo. Acho que Anne tem uma mensagem importante para a minha mãe.

Ele a encarou como se fosse maluca. Todos começaram a gritar na aldeia, e um cântico de “bruxa!” ergueu-se da praça.

— Já perdi muito tempo com você! — John arrancou rapidamente pelo matagal. — Anne deve estar com fome. Trouxe comida, e ela precisa de água — gritou ele, olhando para trás enquanto corria. Freya correu atrás dele o mais depressa que podia.

Parecia que todos haviam saído de casa e se reunido na praça, onde Anne estava acorrentada a um grande carvalho em vez de colocada no pelourinho. Ficou claro que eles queriam fazer um espetáculo de seu corpo, exibindo-o de maneira lasciva, com os braços puxados para trás de modo que seus seios se projetavam, a corrente envolvendo suas curvas para revelar mais de sua forma. Felizmente, ela estava na sombra sob o carvalho. Era por volta de meio-dia, e o sol fustigava. Ninguém notaria Freya como uma estranha com todos ao ar livre, e a multidão estava frenética, muito concentrada em Anne.

— Ela assinou o livro do diabo com seu sangue! — gritou alguém.

— Ela tem a marca! Veja acima do lábio!

— Não, não é isso. Eles a raspam! Deve estar em outro lugar. Mostrem a marca da bruxa!

— Mostrem a marca! — O povo começou a cantar.

John se meteu na multidão e pediu a um dos guardas que ladeavam a árvore autorização para ficar com a esposa.

— Ela dança com o diabo durante a noite, John. Por que você ainda quer? Você é um idiota! — Uma jovem gritou. Deve ter sido Sally Smitherstone.

O guarda negou solenemente com a cabeça para John. Freya viu a oportunidade de mostrar que estava do seu lado e lutou contra o tumulto do povo. Quando chegou até o guarda, enfiou-lhe uma moeda na mão, que, depois de olhar para ela com um sorriso, empurrou John diante da esposa.

John colocou a touca de Anne sobre a cabeça raspada, sussurrando em seu ouvido. Ela lhe deu um sorriso triste e mexeu o rosto na direção do dele. Ele derramou água em seus lábios ressecados.

— Essa mulher! Essa mulher é uma bruxa! — Gritou um homem da multidão. Por algum motivo, Freya se voltou para a voz, que imediatamente fez sua pele arrepiar. Era tão familiar. Ele apontava para Freya, enfático, e não para Anne.

— O que está dizendo, sr. Gardiner? — Alguém gritou de volta ao acusador.

O homem, com bigode preto e cavanhaque, chapéu marrom, colarinho branco esparramando-se sobre uma majestosa capa preta, deu um passo para trás. Era óbvio que ele era mais rico que aqueles ao redor e dominava aqueles cidadãos. De repente, eles se aquietaram ao ouvir seu nome.

— Eu vi aquela mulher caindo do céu quando entrava no barco hoje na ilha de Wight. Não consegui encontrá-la ao chegar aqui, mas reconheço as

roupas, claro como o dia. Devemos levá-la para os juízes, para ver se ela tem a marca. — Disse isso com calma, com naturalidade.

— Bruxa! Bruxa! Bruxa! — As pessoas gritavam, agora apontando para Freya.

Não. Não, de novo. Por que ela se ofereceu para isso? Sentia-se fraca, depois tonta. Não havia comido nem bebido nada desde que chegou. Não sabia quanto tempo havia transcorrido desde que passou pelo portal. Não havia como dizer. Alguns segundos? Horas? Dias?

Tentou fugir, mas a saia era muito pesada, e havia muitas mãos segurando-a.

capítulo cinquenta e um

Mood indigo



Ingrid estava na parte de trás da biblioteca, naquela área isolada pelo cordão, parada na seção de mitologia da coleção de livros reservados, os quais ninguém tinha permissão para retirar. Era necessário pedir autorização para entrar nessa área, seja de Ingrid, Hudson, Tabitha ou Jeannine, a nova estagiária. Normalmente, um deles era o supervisor, tentando não parecer muito com um urubu circulando sobre carniça.

Ingrid abaixou o som do celular. Não queria ficar indisponível para Joanna e Norman nem por um segundo, caso precisassem dela. Freya ainda não retornara, e Ingrid estava ficando cada vez mais preocupada com a irmã, viajando para aquela praga no tempo.

Percorreu a seção A de livros sobre Álfheim (um dos nove mundos, Norman dissera) e *álfar* (elfo), e talvez ela encontrasse algo em ases (acho que era a sua palavra para Aesirs, Joanna dissera, o que restringia o tipo de deus que procuravam). Ingrid achou divertido que a maioria desses textos tenha sido escrita pelos próprios deuses, feiticeiras e feiticeiros que se tornaram estudiosos, como o doutor Norman Beauchamp. Ela pegou alguns livros de seu pai sobre os nove mundos, aqui e acolá. Precisava olhar especialmente os mapas.

Corria pelo índice, ao longo das lombadas dos livros, continuando a analisar os títulos. Seus pais preencheram algumas lacunas, mas ela gostava de se debruçar sobre as palavras escritas e as imagens, guardava as coisas

melhor assim. Era uma pessoa visual, e imagens mentais sempre a ajudavam.

O celular tocou na prateleira de metal. Olhou para ele, manipulando os livros. Curioso. Era Matt. Seu coração disparou. Pegou o celular, foi até um canto isolado e depositou os livros ali embaixo, sentando-se e se inclinando para esconder a cabeça.

— Alô! — ela sussurrou.

— Estou ligando para avisá-la — Matt disse, com a voz desprovida de emoção.

— Hã... está bem — respondeu ela, deixando a voz fria.

— Há uma ordem de vigilância para você. Se você ainda estiver com aqueles meninos de rua, eles serão encontrados e deportados se não forem cidadãos.

— Deportados? Do que está falando?

Matt expirou no telefone, e ela teve de puxá-lo para um pouco longe da orelha.

— Você me disse que eles eram estrangeiros. Lembra-se? Anotei na minha *caderneta*.

Ótimo. Estavam falando em código. *Caderneta* com ênfase — ou seria uma agressão? — era uma lembrança evidente do pedaço de papel com o nome da garota e de Ingrid ter xeretado. Ele prosseguiu:

— Você os chamou de, abre aspas, “estrangeiros”, fecha aspas e disse: “Eles não conhecem esta cultura”. Eu anotei.

— Impressionante — disse Ingrid com frieza.

— O chefe leu minhas anotações, porque eu estou em...

Ingrid esperou, então não conseguiu aguardar mais.

— Você está em quê?

— Não importa — disse ele. — Só queria avisá-la, Ingrid.

Ela estava prestes a mentir novamente, proclamando que os pixies haviam ido embora, mas estava cansada desse jogo. Bateu o pé.

— Tudo bem — disse ela friamente.

— Tudo bem — repetiu Matt. Ela não conseguiu dizer se era um tudo bem zangado. Talvez um pouco triste. Não. Era apenas um *tudo bem* frio e chato.

Ambos esperaram o outro desligar, o que levou tanto tempo que Ingrid começou a se sentir um pouco melancólica, sentia falta de Matt. Por isso, antes que amolecesse e desmoronasse dizendo adeus, ela teclou no botão Finalizar e voltou para os livros que havia deixado na seção.

capítulo cinquenta e dois

Holding out for a hero



-Freya, Freya, acorde!

Freya sentiu uma mão tocando seu rosto. Estava deitada de costas, os braços estendidos ao lado, a saia comprida que pesava demais sobre suas pernas. Todas as dores e os nós em seu pescoço estavam de volta, como quando ela chegou em 1640. Havia areia perto dela e conseguia ouvir ondas batendo por ali. Abriu os olhos. Já estava anoitecendo e viu um rosto que ela reconheceu, um rosto que amava muito. Um sorriso se espalhou por seus lábios.

Killian. Ele parecia pálido, ausente, exaurido. Ela se ergueu e o abraçou com toda a força de seu corpo. Ele beijou seu rosto, seu pescoço, enterrou o nariz em seus cabelos.

— Estou em casa? — perguntou, esperançosa.

Ele balançou a cabeça negando e tirou uma barra de cereais de seu bolso.

— Coma. Recupere as forças — disse ele, rasgando o pacote e enterrando a embalagem na areia.

Freya ficou feliz por isso, mesmo que ela sempre tivesse recusado a barra por dizer que parecia de isopor. Estava faminta. A garganta estava seca. Era difícil engolir, mas, depois de algumas mordidas, sentiu o corpo começando a se renovar. Seria suficiente até que pudesse fazer uma refeição decente.

— Como você chegou aqui?

— Senti algo mudar dentro de mim... uma espécie de alarme... Senti que você estava em perigo. Agora que nos encontramos novamente, estou em

sintonia com o seu espírito. Então, eu a segui através do portal na linha do tempo — explicou Killian. — Tive de fazer mais algumas mudanças para que você ficasse segura. *Meu dom natural* é, a propósito, espaço e tempo, eu movimento objetos, manipulo passagens, o que significa acabar com o *continuum*. Por isso, reconstruí a estufa tão rapidamente. — Ele acariciou o rosto dela. — Desde que a ponte desabou não posso fazer isso muito facilmente, então estou feliz por ter me guardado para esta ocasião. Não deveríamos fazer isso, pois perturba o equilíbrio natural: a teoria do caos, o efeito borboleta. Há muito tempo que tínhamos postado guardas para manter a segurança da linha do tempo, mas eles se foram agora. Então, tive que tomar muito cuidado. Por que Joanna e Norman a mandariam de volta aqui?

Ela explicou tudo para Killian com a respiração acelerada.

— Por você, Killian. Precisamos encontrar Anne. Ela pode nos ajudar. *Que dia é hoje?* — A cor começou a se espalhar pelo rosto, e ela ficou frenética, preocupada que já fosse tarde demais, que Anne tivesse sido enforcada.

— É a noite do dia em que encontrei você, só que as coisas estão um pouco diferentes. Você acabou não chegando à praça. Acho que não conheceu John Barklay — disse ele para responder a sua pergunta.

— Que droga! — disse Freya. — Isso significa que ele nunca chegou a falar com Anne enquanto ela estava acorrentada à árvore. Não chegou a colocar a touca de volta nela ou dar-lhe água. Enfiou a mão dentro da saia e a bolsa de moedas de ouro ainda estava costurada lá. Estava com todo o seu ouro novamente, o que foi decepcionante. — Isso é tão confuso — disse ela. — Precisamos arrumar roupas adequadas para você e depois encontrar Anne. Podemos voltar no tempo um pouco mais?

— Não quero arriscar, tenho que ter certeza de ter energia suficiente para nos levar de volta para casa. Seja o que for preciso fazer, precisamos fazer agora.

capítulo cinquenta e três

Smoke on the water



A expedição do tesouro não era nada do que Freddie havia imaginado. Tinha previsto algo emocionante, caminhar sobre o deque com vento e respingos do oceano em seu rosto, mastrear, puxar e soltar cordas, lidar com o guincho, carregar cordames e etc. — a emoção de desfraldar as velas, pegar o vento nelas, e então aproveitá-lo. Freddie adorava se exaurir fisicamente, usando seu corpo à capacidade máxima, até doer e desmaiar com todo o esforço gasto. Como no sexo. Era assim que ele imaginava.

Mas não foi desse modo.

Primeiro, confiscaram todas as suas propriedades, inclusive o novo celular que Joanna havia comprado para ele. Mal teve tempo de enviar mensagem para Freya e seu pai, para dizer-lhes que havia conseguido trabalho. Então, ele e o capitão Atkins, juntamente com uma equipe de jovens rudes e barulhentos, voaram em um avião particular para o que Freddie tinha concluído que fosse uma ilha do Caribe — ele ouviu “St. Lucia”, por mais que tentassem mantê-lo no escuro. Depois de um passeio, durante o qual Freddie ficou de olhos vendados, embarcaram numa escuna de três mastros, oitenta pés de comprimento, que era bonita, mas o capitão Atkins manteve Freddie confinado à sua cabine sob sete chaves enquanto levantavam âncora, embora não tenha sido de modo mal-educado. O capitão disse que era para o bem de Freddie. Ele não deveria saber o local exato onde o tesouro deveria ser escavado até chegarem perto dele. A única vista que Freddie mereceu durante a viagem foi através de uma pequena escotilha,

pela qual podia ver a água correndo e espumando, mas isso era tudo. Pôde se distrair com ondas altas ocasionais, por volta de um metro e cinquenta, um metro e oitenta de altura, calculava — um mar calmo.

A escuna balançava no mesmo lugar por um tempo quando o capitão Atkins finalmente chegou à cabine de Freddie. Entregou-lhe uma roupa de mergulho para vestir e disse para vir até o deque assim que estivesse pronto, depois deixou a porta destrancada.

A vista da ilha de onde ancoraram tirou o fôlego de Freddie, um pico vulcânico imponente parcialmente coberto por floresta tropical com apenas uma praia de areia, mas penhascos negros escarpados se elevavam das águas verde-turquesa — o pico era recortado como um diamante negro, as árvores, como grupos de esmeraldas. Era um dia perfeito, o sol quente, mas não opressor, uma brisa tropical suave, apenas insinuações de nuvens no céu cerúleo. O capitão Atkins e um membro da tripulação de aparência desleixada ajudaram Freddie com o equipamento de mergulho.

— Você sabe mergulhar, certo? — Atkins perguntou. — Você tem treinamento e certificado, presumo.

— Claro — mentiu ele, mas não estava preocupado. — Respirar debaixo d'água? Sem problema. Não só era um nadador natural, um atleta com excelente coordenação motora e visual, como era extremamente ligado com tudo o que era sol e mar.

Harold sorriu.

— Não se preocupe, nós temos esta coisinha bonita. — O capitão colocou o que parecia um relógio no pulso de Freddie. — É um computador de mergulho de primeira, uma obra-prima. Mesmo alguém com zero experiência seria capaz de acompanhar a descida e a subida com este equipamento. Além disso, estamos lhe dando Nitrox, caso necessite ficar lá por mais tempo que o previsto. Vou explicar tudo. Não se preocupe, você é

um cara forte. Vai adorar, mas não se deixe distrair muito com a paisagem marinha colorida. Deu um tapinha nas costas de Freddie, depois acenou para o sujeito malvestido com sotaque italiano, deixando-o saber que eles precisavam ficar sozinhos.

— Sente-se comigo um pouco, Freddie. Precisamos olhar o mapa.

Finalmente, chegou a hora de mergulhar. Freddie nadou seguindo as instruções ao pé da letra. O prêmio era Hilly, por isso estava ansioso para completar sua missão e bem. Sob a água, a rocha da ilha continuava por uns vinte ou mais metros de profundidade. Havia uma série de cavernas e crateras abertas abaixo dele, todas incrustadas com recifes de coral fluorescentes, esponja orelha de elefante laranja, esponja dedo verde. Era como outra terra, as cores tão vivas. Ele nunca tinha visto nada como aquilo antes, não em todos os outros oito mundos.

Vislumbrou um tubarão-de-recife espreitando entre as rochas e prosseguiu, depois seguiu uma tartaruga-de-pente, indo na direção correta, de acordo com sua bússola. Ele viu lindos cavalos-marinhos e antenariídeos. Era maravilhoso estar de volta ao oceano. Isto poderia se tornar um *hobby* para ele e Hilly assim que estivessem juntos, pensou. Desejou que ela estivesse ali agora, compartilhando tudo em silêncio.

Era o máximo, era tão pacificamente tranquilo nas profundezas do oceano. O século XXI era ótimo, mas podia ser tão barulhento, especialmente em Nova York, onde Hilly disse que queria trabalhar em uma revista assim que se formasse na faculdade — sempre um pouco de barulho em algum lugar. Se não eram carros e buzinas, era um motorista de britadeira ou um bate-estaca fazendo as pessoas colocarem as mãos nas orelhas. Talvez Hilly e ele pudessem se mudar para o Caribe. Ele se perguntou se ela concordaria com isso.

De vez em quando, verificava o relógio de mergulho para ver se não estava descendo muito rápido. Sentiu um bolsão de água quente, um respiradouro geotérmico, empurrando bolhas contra ele, e nadou através delas, contra a sua corrente. Isso o levaria ao túnel que teria que atravessar, onde poderia vir a encontrar o tesouro.

Ele o encontrou no recesso onde o capitão Atkins havia dito que estaria, aninhado entre as rochas: uma maleta retangular comprida e estreita com filigranas de ouro. Ele a puxou, e ela caiu em suas mãos, como se ele fosse seu dono. Não era muito pesada, apenas comprida e desajeitada. Amarrou-a nas costas, depois começou a cronometrar a subida.

Logo Hilly seria dele.

capítulo cinquenta e quatro

Orinoco flow



Ingrid havia adormecido na seção de consultas da biblioteca. Uma baba havia se acumulado sobre a página do gigantesco livro em que sua cabeça, com a boca aberta, descansava. Acordou assustada, olhou para a página com uma litografia em preto e branco do mapa dos nove mundos, Yggdrasil, a Árvore do Mundo, em seu eixo, e viu uma enorme e feia mancha molhada. Ela rapidamente a limpou com a manga, olhando em volta enquanto fazia isso, mas não havia ninguém ali.

Teve um sonho. Havia tanta água — clara, turquesa, não assustadora, mas pura e convidativa. Fluía tão tranquilamente, apenas o mais leve, o mais silencioso rumor borbulhante ao fundo. Ela leu sobre *Yggdrasil*, e depois estudou seus mapas antes de adormecer. Esfregou os olhos. Uma enorme serpente enrolada ao redor das raízes de *Yggdrasil* mordia-as perpetuamente, animais eram alimentados com sua seiva, cabras e veados pastavam em seus brotos tenros, e ainda assim a árvore persistia, regenerava-se, estava sempre verde, suprimindo a vida com seu élan vital, tanto sua humanidade como sua agressividade.

As Nornas eram dedicadas à árvore, cobrindo seus cortes e suas feridas com argila branca de Mimir, fonte da sabedoria e da compreensão, dando-lhe oferendas, dizendo orações, despejando água sobre seus ramos e suas raízes do bem do destino. A água escorria de suas enormes folhas e raízes, caindo para a terra, onde se transformava em orvalho.

O problema com os mapas era que todos eles divergiam ligeiramente. Por exemplo, Vanaheim, o lar-mundo de Ingrid, estava localizado em alguns mapas diretamente abaixo de Asgard, que estava no zênite, acima dos ramos mais altos de *Yggdrasil*, enquanto outros colocavam Vanaheim no mesmo plano horizontal que Midgard (Terra), localizado no centro da árvore sagrada. Mas todos os mapas colocavam Asgard na parte superior e Álfheim (terra dos pixies) em algum lugar entre Asgard e Midgard, o que fazia sentido caso alguém de Asgard tivesse arremessado os pixies em North Hampton. Mas apenas Odin e Frigg permaneciam em Asgard.

Água, raciocinou Ingrid. *Água. É isso* — a água de seu sonho. Pelo menos, era a dica de que necessitava.

capítulo cinquenta e cinco

Come to my window



Era mais fácil falar do que fazer: encontrar roupas no meio da noite em Fairstone para vestir Killian com peças menos chamativas que seu blusão e *jeans*. Ele usava botas de couro, e essas davam para passar. Os moradores pareciam cautelosos demais para deixar uma peça de roupa, até mesmo uma roupa íntima ou uma blusa, nos varais de seus quintais e jardins. Os varais estavam vazios. Freya percebeu que no século XXI, ela tinha um vasto guarda-roupa à sua disposição, enquanto alguém no século XVII, que vivesse em uma vila agrícola e de pesca, mal conseguia comprar uma roupa.

Todos dormiam a esta hora. Porque eles não queriam desperdiçar a magia, tiveram que encontrar roupas da maneira mais difícil, tentando espreitar dentro de várias casas, mas as portas estavam trancadas. Finalmente, na periferia da cidade, encontraram um barraco e se arrastaram para dentro — havia um homem adormecido, que só se virou para o outro lado com o som da entrada deles. Eles rapidamente apanharam a calça folgada e a camisa de linho que estavam sobre uma cadeira ao lado da cama. Esperavam que o pobre e inocente homem de sono pesado tivesse algo para substituir as peças — caso tivesse outro conjunto seria, provavelmente, seu melhor traje de domingo. As roupas se encaixaram em Killian, mas ele torceu o nariz para o seu cheiro. Quanto ao chapéu, encontraram um pendurado em um celeiro, junto com um cantil de pele de cabra, que encheram em um poço, assustando-se com o gemido e os guinchos do balde na subida.

Freya e Killian marcharam de mãos dadas através do campo em direção aos barracos de madeira onde mantinham Anne. A cantoria pulsante das cigarras abafava seus sussurros. Um vigia estava sentado sob a luz única de uma tocha, meio adormecido em uma cadeira. Freya reconheceu o atarracado guarda barrigudo como aquele que havia aceitado sua moeda na praça — embora isso não tivesse acontecido novamente. Trabalhando dois turnos. Freya sabia que ele seria suscetível ao ouro, então parou e rasgou a costura que Joanna havia feito e pegou a bolsa, entregando uma moeda a Killian.

O guarda aceitou o dinheiro com alegria. Estava acostumado, provavelmente, com essas visitas noturnas que molhavam a sua mão, um privilégio do trabalho. — É o quarto começando de baixo para cima — murmurou.

Havia ronco vindo de uma cela, e eles viram formas agachadas ou enroladas no chão em cada uma delas, com não mais que um metro e vinte de altura. *Aquelas pobres pessoas, enjauladas como animais*, pensou Freya. Ajoelharam-se ao chegar antes da cela de Anne.

— Anne? — Freya chamou. Ela pôde vê-la se agitando no canto à luz fraca da lua. Ficou aliviada ao ver a touca branca de volta à cabeça dela.

— Anne — repetiu Killian, um pouco mais alto.

— *Oui!* — sussurrou ela. — *C'est toi, mon chou, mon chérie? Tu es revenue?* — Sim! É você, meu amor, meu querido? Você voltou? — A voz era rouca e fraca. Ela saiu do canto e se retorceu em frente às barras. Freya tossiu.

— Ela acha que você é o marido que voltou para ela — disse a Killian.

— Sim — disse ele com um simpático franzir de sobrancelhas.

As mãos de Anne pressionaram as barras e seu nariz se enfiou entre elas. Os olhos estavam com crosta, os grandes e adoráveis lábios cobertos de

sangue, o rosto preto de sujeira. Freya se conteve para não lançar um feitiço sobre toda a população.

— John! — Anne disse. Freya acariciou-lhe a mão.

— Não sou John. Somos Killian e Freya. Viemos ajudá-la, Anne.

Ela soltou um suspiro e a cabeça pendeu.

— Não quero confessar! — disse com seu sotaque francês. — Se eu fizer isso, depois vão dizer que John tem simpatia pelo diabo. Não quero que meu marido seja enforcado.

— Eu sei — disse Freya. — Estamos tentando salvar vocês dois. Colocou a mão através das barras e ajudou Anne a levantar a cabeça.

— Deixe-me dar água a você — disse Killian, e ele ergueu o cantil de cabra para Anne beber.

Freya olhou para trás. O guarda estava com os braços cruzados sobre a barriga, as pernas esticadas e cruzadas, a cabeça inclinada, e, aparentemente, dormia. — Você chamou minha mãe do túmulo onde está enterrada no morro. Tem tentado nos ajudar, Anne, enviando o seu espírito através da Ligação, e queremos ajudá-la. Você é a *fylgja* de minha mãe. Preciso levar você até ela.

Anne olhou para Freya, franzindo a testa. — Não sei do que você está falando. Por favor, diga a John sobre o porco doente — o magro —, ele precisa ser alimentado com leite e grãos. Ele veio mais cedo com a minha touca. Onde ele está? John! — Parecia delirar. — Não quero ir a nenhum lugar com vocês.

Freya olhou para Killian, que deu de ombros. — Anne, você precisa nos ouvir. Por favor, ou morrerá aqui.

— Então esse é o meu destino. Deixe-me ficar — disse Anne, fechando os olhos, adormecendo contra as grades.

capítulo cinquenta e seis

Homeward bound



Ingrid precisava encontrar um galho da Árvore do Mundo para devolver aos pixies a Álfheim e acreditava saber exatamente onde buscá-lo. Em Fair Haven, o portal no tronco da árvore estava fechado para sempre depois que Loki passou por ele. Atravessar pelo centro de *Yggdrasil* era proibido, razão pela qual a estrada de tijolos amarelos havia sido construída como via para ligar os oito mundos restantes. Mas a ponte para Asgard estava destruída, e essa opção perdida para sempre.

Segundo os pixies, a estrada de tijolos amarelos estava danificada, mas se ela pudesse encontrar um galho da Árvore...

Ingrid fechou os livros espalhados na sala da seção de consultas, com suas páginas se encaixando de modo satisfatório. Teria que pedir a Jeannine para colocá-los de volta em seus locais corretos; a estagiária era bastante diligente. Mais cedo, Ingrid recebeu um telefonema de Norman e Joanna. Killian havia desaparecido; não estava atendendo ao telefone — então Joanna fez uma longa e difícil viagem até a ilha Gardiner para procurá-lo, temendo que as Valquírias tivessem chegado até ele. Em vez disso, encontrou um bilhete curto, sucinto, sobre a cama na cabine principal do *Dragon* dirigido aos Beauchamp, como se Killian tivesse se antecipado a ela: “Vou atravessar a passagem. Trarei Freya com segurança. Abraços, Killian”. Isso acalmou e tranquilizou Ingrid um pouco; pelo menos Freya e Killian estavam juntos.

Mas agora os pixies corriam o risco de serem presos e possivelmente deportados. Estava na hora de levá-los ao seu verdadeiro lar.

Se Matt havia colocado um detetive em seu encalço, que assim fosse. Poderia contornar isso facilmente. Quem ia jogar duro agora? O carro não era o único meio de Ingrid chegar ao Ucky Star. Assim como Freya, ela notou que sua magia estava um pouco fraca ultimamente, não era mais tão potente como antes, mas esperava não cair do céu em seu caminho até os pixies. Correu ao escritório, pegou o casaco, o chapéu de lã, o cachecol e as luvas, deu algumas instruções a seus colegas bibliotecários e depois correu pela porta dos fundos até o jardim, pegou um ancinho e voou pelo ar.

POUSOU COM UM baque no segundo andar do motel, ajeitou o casaco e o chapéu, e já recomposta desceu os degraus metálicos com os saltos vigorosos, retirando as luvas. Encontrou o quarto do canto e bateu. Val abriu a porta, e quando Ingrid entrou, declarou:

— Acho que sei como voltarão para casa.

O vazamento no banheiro havia piorado consideravelmente, parecia uma cachoeira. Os pixies, que comiam em torno da mesa, olharam para ela com admiração.

— Faz todo o sentido — disse Ingrid, rapidamente tirando o chapéu de lã e o cachecol. Livrou-se do casaco, tirou a varinha do bolso e jogou tudo no beliche, segurando o bastão fino de osso de dragão. Desabotoou os punhos e enrolou as mangas até os cotovelos. — Aqui é o local onde vocês chegaram. Também é o lugar onde Freddie escolheu ficar. Então, o portal para casa de vocês é aqui, no Ucky Star.

A boca de Kelda se abriu, e o restante dos pixies continuou admirando Ingrid com os rostos desconcertados. Ela correu para o banheiro.

— Não, não, não vá lá! — Sven gritou. — Você vai molhar suas roupas bonitas! — Ele corou, depois de ter perdido a calma por causa dessa preocupação com ela.

Mas Ingrid já havia puxado a maçaneta e a porta do banheiro inteira, úmida e podre, saiu das dobradiças. Os pixies ergueram os braços para ajudar a proteger Ingrid enquanto ela se agachava, e a porta desabou em uma confusão viscosa ao seu lado.

O banheiro era um dilúvio, água pingando do teto e pelas paredes. A banheira e o lavatório (a tampa do vaso sanitário estava fechada, felizmente), cujo esgoto borbulhava, transbordavam, escorrendo pelo chão afundado de lajotas brancas, onde uma piscina se formava tão clara e turquesa como o mar do Caribe.

— Vocês não veem? — Ingrid disse, voltando-se aos pixies com um sorriso. — Isto é água sagrada pingando de um ramo da Árvore do Mundo, de suas próprias folhas. Agora só precisamos encontrar a porta certa.

Ingrid tirou os sapatos antes de entrar. A água chegava a poucos centímetros acima dos tornozelos, como numa piscina para crianças. Os pixies a observavam do batente da porta. Ela apontou a varinha para as paredes, mas a varinha parecia ter vontade própria, como um objeto de divinação, e se inclinava para baixo, visando a drenagem central no piso de ladrilhos.

— É aqui. Venham ajudar. Precisamos ser rápidos. Preciso enviar vocês para casa antes de a polícia encontrá-los; caso contrário, talvez não consiga tirá-los mais tarde — disse ela, sentindo seu estômago contrair de nervoso, e tendo mais que uma pitada de ansiedade pela separação.

— O que eles vão fazer com a gente... os homens da lei? — Kelda perguntou.

Ingrid não sabia. Se acreditassem que os pixies eram imigrantes ilegais, poderiam deportá-los de volta para casa, mas onde seria isso? Os pixies poderiam definhar em uma cela por anos antes que determinassem para onde enviá-los.

— Não sei. Não acho que queremos descobrir.

Irdick e Sven entraram no banheiro. O dreno saiu com bastante facilidade, os parafusos aparentemente já espanados. Kelda enfiou a mão pequena no buraco e puxou, e as lajotas ao redor do dreno foram erguidas em uma única peça. Ingrid estava de joelhos, encharcada até os ossos. Tiraram as lajotas e removeram uma coisa branca gosmenta que se assemelhava a gesso molhado e pastoso. Os pixies formaram uma linha de montagem, indo e vindo, jogando lajotas e gosma sobre a porta do banheiro destruída.

A água começou a escorrer por algumas das fendas — algumas grandes o suficiente para passar uma mão —, e pareciam formar um quadrado. Era uma superfície dura, feita de madeira escura densa: uma porta quadrada, de aproximadamente um metro e vinte, esculpida com uma imagem de *Yggdrasil*. Eles a levantaram para abri-la, deslizando as mãos por uma das rachaduras, e, quando ela foi aberta, a água correu para um lance de degraus de madeira que levavam a um galho. Ingrid estava propensa a meter a cabeça dentro do alçapão. Primeiro, ela foi atingida pelo barulho clamoroso: pássaros cantando, insetos zumbindo, tudo batendo, pulsando e estalando. Havia mais galhos abaixo deste que se estendiam e se alongavam para tão longe quanto o olho podia enxergar, com folhas enormes untuosas pingando água e flores brancas orvalhadas, exalando um aroma de gardênia, ou seria de camélias? Alguns dos pixies haviam se espremido ao lado de Ingrid sobre as barrigas, olhando para baixo, soltando “ohs” e “ahs”.

— Tudo bem, precisamos chegar lá no galho — disse Ingrid. — Então vocês vão segui-lo até seu lar. Vou fechar a porta assim que verificar que tudo está em segurança.

— Não! — Irdick gritou.

— Podemos fazer isso outro dia? — Val pediu.

— Maricas! — disse Sven, fumando um cigarro. Ele havia mudado para o pacote verde de American Spirits, que estava enrolado na manga da camiseta.

— Não quero ir! — Nyph choramingou.

— Nem eu — disse Kelda. — Gosto daqui. Queremos ficar. E ainda queremos ajudá-la a encontrar o homem que nos fez roubar o tridente.

— Eu sei — disse ela melancólica. Ingrid empurrou uma mecha de cabelo rebelde para trás.

— O quê...? — Trovejou uma voz lá do quarto do motel.

Ingrid se levantou rapidamente, a voz exerceu um tipo de efeito sobre ela. Ela encarou Matt. Estava molhada, imunda e tremendo. Devia estar um horror, pensou. Os pixies, sentindo seu sobressalto, afastaram-se e juntaram-se atrás dela, os braços estendidos para se protegerem.

— Como você me encontrou? — Ingrid exigiu saber. Não havia nenhuma maneira de ele ter sido capaz de segui-la no céu.

— Um palpite, como dizem. — Matt deu de ombros. Veio em sua direção, enquanto uma voz estalava de seu *walkie-talkie*.

Era tarde demais. Ninguém iria para casa em breve. O único lugar para onde estavam indo, inclusive Ingrid, era a prisão.

capítulo cinquenta e sete

Earth angel



Anne adormeceu, segurando as barras, uma mão deslizando lentamente para baixo, em direção ao chão.

— Não temos escolha — falou Killian. — Temos que levá-la conosco, mesmo que ela não queira ir. Vão enforcá-la esta tarde.

— Então, o que vamos fazer? — Freya quis saber, olhando nos olhos de seu amante, que brilhavam na escuridão, refletindo a luz da tocha acima do guarda.

Killian instruiu Freya para colocar a mão em volta do pulso esquerdo de Anne. Ele tomou a mão livre de Freya, depois a direita de Anne que pendia para o lado de fora das grades quando seu corpo caiu. Estavam todos conectados. — Agora, segure-se firme — disse ele com uma piscadela.

— Ah não, não de novo — exclamou Freya, apertando bem os olhos para se preparar para a dor.

DESTA VEZ, FREYA não adormeceu. Mover-se através da linha do tempo foi muito mais rápido e suave, parecido com um salto de corte em um filme da *nouvelle vague* francesa, como a cena de *Acosado*, em que os movimentos de Jean Seberg são cortados enquanto ela anda em um conversível — um tiquinho de tempo faltando entre um momento e o próximo. Estavam aqui em uma posição, então em outra, todos os três amontoados na areia, quando Joanna e Norman correram para eles. Freya sentiu-se exaurida com a experiência. O rosto de Killian parecia mais pálido, e uma gota de sangue

escorria de sua narina. Freya estendeu a mão e a enxugou, enquanto os dois seguravam Anne, desfalecida entre eles. Era início de noite agora, e o céu era uma tira acinzentada, depois rosa, ao longo do mar.

— Ela precisa de comida e água imediatamente — disse Killian. — Ou de um frasco de soro intravenoso.

— Sim, eu tenho um na minha mala em casa — disse Norman, numa tentativa de fazer graça. — Estou tão feliz por você estar de volta. — Ele agarrou todos em um abraço de urso, e Joanna chegou a se ajoelhar ao lado da filha, acariciando a cabeça dela e a beijando.

— Precisamos levar Anne para dentro — disse Freya.

— Anne... como é linda. Minha *fylgja*. — Joanna tinha lágrimas nos olhos.

— *Goody* Anne Barklay — disse Freya. A cabeça de Anne se virou.

— Onde estou? Quem é você? Me levem para casa! Por favor, me levem de volta — murmurou.

Eles a levaram para o quarto de hóspedes, perto do escritório no andar de baixo, e então ela foi colocada na cama. Joanna e Norman cuidavam dela como se fossem aves com um filhote enquanto Freya e Killian invadiam a geladeira. Depois de ficar enjaulada por dias a fio e arrastada para a praça várias vezes, a viagem pelo tempo quase acabou com Anne. Eles a alimentaram com caldo e purê de legumes a colheradas, mas ela precisava principalmente ser hidratada, o que levaria tempo.

Killian e Freya se alegraram, mas ainda estavam desgastados. Juntaram-se a Joanna e Norman no quarto de hóspedes, depois de comerem e vestirem roupas normais.

— Ela parece uma Norna — Norman disse a Joanna, parada ao lado da cama. — A marca de beleza acima do lábio.

— E sou — respondeu Anne sem ânimo ainda, os olhos se esforçando para abrir. — Norna. Meu nome é Verðandi, e escolhi Anne em Midgard.

— Verðandi — repetiu Joanna, sacudindo a cabeça admirada. — *Verdanne-dee*.

Freya se sentou ao lado da cama e pegou a mão de Anne.

— Você conhece a minha mãe? Você chegou a Joanna na forma de espírito para nos alertar sobre alguma coisa? — disse entusiasmada.

— Sim — exclamou Anne. — Menti para você antes. Me desculpe. O guarda, ele tem ouvidos sempre alertas, embora finja dormir. Está interessado apenas em dinheiro, aquele lá. Ele vem extorquindo meu marido, cada pequeno beijo custa mais. — Seu corpo frágil tremeu. Joanna pressionou um pano úmido e frio sobre a testa dela.

As informações vinham lentamente, Joanna e Norman proviam Freya e Killian com seu próprio conhecimento. Anne — Verðandi — era uma das Nornas que serviam *Yggdrasil*. Era também uma deusa do destino enquanto este está envolvido no desenrolar do tempo. Anne era a deusa do presente, e suas irmãs eram as deusas do passado e do futuro, formando o trio que controlava o destino dos deuses e dos homens. Assim como Joanna tinha adivinhado, Anne colocou a mensagem em seu próprio túmulo, de forma que Joanna pudesse chegar à conclusão de que ela era uma Norna.

Anne era realmente sua *fylgja*, mas explicou por que resistia a deixar o passado com Killian e Freya. Ela se apaixonou por um mortal, declarou.

— Eu posso sempre voltar à vida, mesmo se me enforcarem, mas se John estiver morto, nunca vou vê-lo de novo — prosseguiu. Lambeu os lábios irritados. Apesar de sua desgraça em Fairstone, queria passar cada último momento daquela época miserável e ignorante com John Barklay. Sair de lá o exporia a perigo. Quando voltasse, ele poderia estar morto.

Queria que Joanna viesse a ter diretamente com ela, fez contato, e confiava nela. Não sabia em quem mais poderia confiar. Joanna estava ligada a ela por um fio invisível, uma linha fina que impelia Anne através do tempo, ou quando qualquer um dos Beauchamp ou de seus entes queridos estivesse em perigo. Ela sempre reconheceria Joanna, e somente Joanna, porque era a guardiã espiritual de Anne, atribuída a ela desde o início dos tempos.

Anne explicou a Joanna por que a procurou. Aconteceu algo. Ela não deveria ter sido enforcada, ela e John deveriam viver juntos. Tinha visto isso, mas algo mudou, o mal chegou a Fairstone, começou a apontar o dedo para as pessoas, criou problemas, revelou e perseguiu feiticeiras.

— Tudo começou quando uma nova família comprou a ilha de Wight e lá se estabeleceu. São novos na comunidade, e nos causaram muita tristeza.

— Quem?

— Lion Gardiner e a esposa — disse Anne. — Nós o conhecemos como...

— Loki, é claro. — Freya suspirou. Ela o teria reconhecido em qualquer lugar, já sabia. Eles o chamavam de Lion Gardiner, mas ela o conhecia por diferentes nomes: Branford Gardiner, Bran, Loki. — Nunca conseguiremos escapar dele, não nesta vida ou em qualquer outra.

capítulo cinquenta e oito

White wedding



Em silêncio, o capitão Atkins e Freddie, com o tesouro em um cilindro pendurado nas costas, deslizaram no elevador para o quadragésimo segundo andar e entraram na Her Majesty's Shipping Co. Desta vez, não tiveram que falar com o recepcionista, que imediatamente chamou o sr. Liman enquanto passaram pelo nicho de vidro transparente e se dirigiram a seu escritório. Freddie ouviu o jovem anunciar: “Eles estão indo, sr. Liman”.

Liman se levantou da cadeira giratória atrás da mesa do tamanho de um navio, esfregando as mãos.

— Olá! — Felizmente, as persianas estavam abaixadas, a luz era suave e acolhedora naquele momento. — Freddie, eu diria que você se parece com o gato que arrasta o rato e está prestes a depositá-lo aos meus pés.

— Parece que cumpri meu contrato, sr. Liman — Freddie respondeu com orgulho.

— É a pura verdade — acrescentou o capitão Atkins, em pé atrás de Freddie, colocando a mão no ombro do rapaz.

— Excelente! — disse o sr. Liman, dando a volta na mesa, parecendo impaciente para colocar as mãos no tesouro que Freddie tinha nas costas. — O sr. Liman tirou o cilindro de Freddie e o trouxe para a mesa, teclou a combinação para desbloqueá-lo, cantarolando para si mesmo, e então tirou o estojo estreito, dourado e brilhante. — Excelente — repetiu, inspecionando-o, e depois passando a mão ao longo de sua superfície lisa.

— Vou abri-lo mais tarde. — Ergueu as sobrancelhas e sorriu para Freddie, que vibrava.

— Então, quando posso ver Hilly? Gostaria de fazer a proposta a ela formalmente, embora não tenha um anel ainda. — Freddie teve que interromper a fala porque o sr. Liman havia começado a soltar umas risadinhas, mas logo essas manifestações tranquilas e suaves se transformaram em berros, risos maníacos que sacudiram as paredes do arranha-céu, como se um jato supersônico estivesse passando sobre ele. O rosto de Freddie se contraiu. — O que é tão engraçado?

O sr. Liman pegou o contrato, que ainda estava sobre a superfície reluzente de sua mesa, e caminhou até Freddie.

— Meu caro rapaz, você vai se casar com minha filha conforme os estatutos do contrato, mas você não se preocupou em ler as letras miúdas. Não é com Hilly que você está prestes a se casar, mas sim com uma de minhas filhas adotivas, Gert... a mais velha. Você nunca será bom o suficiente para Hilly, Freddie. — Liman entregou o contrato para Freddie, cujos joelhos se dobraram com a notícia. Sentiu como se tivesse sido golpeado no peito por um enorme objeto pontiagudo. — Nunca antes e muito menos agora.

Freddie rapidamente leu o contrato e encontrou o parágrafo contra ele:

“APÓS A EXECUÇÃO dos deveres descritos no presente Contrato, o Contratado entregará o Estojo Dourado fechado contendo o Tesouro ao Presidente e, por meio deste, será obrigado, nos termos do Contrato, dentro de um período não superior a 30 (trinta) dias, a (i) propor casamento, (ii) trocar votos e (iii) se casar com Gert Liman. Sob nenhuma condição irá o Contratado se esquivar das obrigações acima mencionadas (i), (ii) e (iii), voltar atrás, nem deixar de comparecer ao altar, ou se recusar a dizer

“aceito”, ou depois se divorciar de Gerðr, ou anular o casamento com Gert, ou tentar se casar com Hillary Liman em vez de Gert, ou ter relações adúlteras, sejam emocionais ou sexuais, de qualquer forma, a qualquer momento, com Hillary. Se o Contratado não cumprir as condições estabelecidas do presente, violando os termos do Contrato, o Contratado estará sujeito a uma multa descrita no parágrafo V e obrigado a retornar ao Limbo por um período não inferior a cinco mil (5.000) anos, segundo o parágrafo VI.”

FREDDIE OLHOU PARA o fim da página e viu a assinatura que havia rabiscado com a caneta de pena de avestruz mais cedo, usando seu sangue como tinta. Somente a cor havia mudado para um tom mais escuro, parecido com pétalas de rosas mortas.

— Quem é você?

Harold deu um tapinha no ombro de Freddie, como se isso pudesse acalmá-lo.

— Calma, calma — disse ele. Freddie tirou as mãos do capitão dos ombros.

— Então você se esqueceu de mim — disse Liman, como se estivesse falando com uma criança. — Sou apenas um deus humilde. Não que o poderoso Fryr preste atenção aos detalhes. Mas os tempos mudaram, não é verdade? Embora neste, acho eu, seu destino será sempre o mesmo. Sempre apaixonado pela minha garota, mas temo que não será correspondido pela eternidade. Isto é o que acontece quando Joanna sai e se comunica com os mortos. Helda coloca um preço, e você vai pagá-lo. Se ao menos tivesse lido o contrato. Estava muito ansioso, meu caro, e assinou com seu sangue. — Ele riu.

Freddie se virou para o capitão Atkins e o encarou, sentindo-se totalmente traído. Harold aparentou tristeza e encolheu os ombros.

— Minhas mãos estavam atadas. Não tive escolha. Me desculpe, Freddie.

De fato, Freddie achou o capitão ainda mais desprezível que o sr. Liman. Pelo menos Liman fora um canalha desde o início.

capítulo cinquenta e nove

Bewitched, bothered and bewildered



Sim, a mesma coisa na casa do prefeito Frond. Nenhum dano. Câmbio — surgiu a voz do *walkie-talkie* enquanto Matt caminhava na direção de Ingrid.

Com os dentes batendo, Ingrid estendeu-lhe os punhos juntos (uma mão segurando a varinha), os pixies amontoados atrás dela.

— O que você está fazendo? — Matt quis saber.

— *Estava enviando* estas crianças para casa — declarou ela, ainda com os punhos estendidos. Mais barulho irrompia do *walkie-talkie*, e Matt o desligou. Gesticulou e apontou para as mãos dela.

— Quero dizer, por que está me estendendo as mãos?

— Você não vai me prender? — perguntou, enquanto ele se inclinava para a porta aberta. Ele balançou a cabeça.

— Por quê? Você fez algo de errado?

— Não é por isso que está aqui? Para levá-los embora? — perguntou ela, com cautela, deixando os braços caírem nas laterais do corpo. Ele respondeu a pergunta com outra pergunta.

— Que barulho é esse? Parece canto de pássaros.

Uma brisa quente soprava pela porta, mas Ingrid ainda sentia frio. Os pixies continuavam amontoados ao redor dela, ansiosos.

Matt passou por eles na direção do alçapão aberto. Ajoelhou-se, segurou os dois lados da porta e olhou para dentro. Ele tinha braços tão fortes,

Ingrid observou.

— Então o que é? — Matt perguntou, olhando para Ingrid. — É incrível!

— É onde essas crianças sem-teto... esses *pixies* vivem. É um portal para o mundo deles — declarou ela, sabendo que não havia nada a fazer agora, além de contar a verdade. Ele poderia acreditar nela, ou poderia continuar a viver sob a ilusão de que a magia não existia. Ela estudou seu rosto, viu-o fazendo uma careta e depois relaxou.

— Hã — disse Matt. — Como se chama?

— Álfheim, os *pixies* são *álfar*... elfos — explicou ela.

— Então devemos conduzi-los para casa, não é? — sugeriu ele.

— Você não está aqui para levá-los embora?

— Por que eu faria isso?

— Mas, eu pensei...

Ele balançou a cabeça.

— Eu não queria acreditar no que estava bem à minha frente. Sabia que havia algo diferente em você... e sinto muito por ser um idiota tão teimoso.

— Suspirou. — É difícil eu aceitar que você seja realmente uma feiticeira. Isso vai contra tudo o que sei que é verdade. Mas descobri uma verdade maior agora. Não entendo tudo, mas acredito no que vejo e acredito em você. Acredito que você seja mágica.

— Você não é um idiota — disse Ingrid, um sorriso começando a crescer em seu rosto. Ela observou quando ele se levantou, um único salto direto sem cair. Ela não tinha ideia de como ele era atlético.

— Eu sou... Eu seria... se a deixasse partir — disse ele, olhando profundamente em seus olhos. — Você me perdoa?

— Sempre — respondeu Ingrid, com os olhos brilhando.

— Então, você é uma feiticeira? — perguntou ele. Ela assentiu.

— Essa é uma das palavras. Meu nome verdadeiro é Erda, e sou de outro lugar também. Mas, ao contrário dos pixies, não posso ir para casa.

— Não gostaria que fosse. Você tem que ficar aqui, comigo — afirmou Matt. Ele se mexeu para beijá-la, mas foi interrompido por um forte barulho repentino quando Sven pigarreou, Irdick assoou o nariz, Val bateu os pés, e Kelda e Nyph bateram palmas e riram. — *Ai!* — disse Kelda. — *Eles estão apaixonados!*

— E eles? — perguntou Ingrid, rindo. Ele se virou para o bando turbulento.

— É melhor irem antes que o corpo de bombeiros e a polícia cheguem. Queria ter certeza de chegar aqui primeiro para avisar você. Este lugar ficará repleto de todos os tipos de representantes da lei a qualquer momento.

— Nós não estamos em apuros? — perguntou Irdick.

— Não force! — Kelda avisou. Matt os ignorou por enquanto.

— Há algo mais que você precisa saber. Maggie é minha filha... o telefone que você viu no papel — disse Matt, com palavras apressadas. — Aquele quarto que não deixei você ver em minha casa: é o dela.

Ingrid acenou com a cabeça.

— Engravidei a minha namorada do colegial, e ela ficou com o bebê. Eu não iria querer que fosse de qualquer outra maneira, sério. Nunca fiquei constrangido por causa dela. Só estava preocupado com o que você poderia pensar, ou que você poderia não querer sair comigo se soubesse que eu tinha uma filha. Foi idiotice da minha parte. Eu sei. Tenho a guarda dela em semanas alternadas, e saio muito da cidade para poder visitá-la.

— Quero conhecê-la. — Ingrid sorriu, pegando a mão dele. — Espero que ela goste de mim. — Matt sorriu. — E os assaltos? Eles pegaram alguém? — Ingrid quis saber. Ele coçou a cabeça.

— A verdade é que tudo foi devolvido *misteriosamente* — respondeu ele.
— As pessoas continuam ligando para a delegacia, dizendo que suas joias foram encontradas, ou que isto ou aquilo está de volta na parede ou em seu pedestal. Ouvi há pouco que a enorme coleção de arte do prefeito está de volta ao lugar.

— Nosso presente para você! — disse Kelda, cutucando Ingrid com o cotovelo.

— Devolvemos tudo! Só estávamos pedindo emprestado para decorar o sótão — explicou Irdick. Nyph se apoiou em Ingrid do outro lado.

— Espero que você não esteja muito furiosa.

Ingrid pôs as mãos na cintura e olhou para os pixies bem séria. Sempre suspeitou que eles não haviam parado com os roubos.

— Estou muito decepcionada com vocês — disse ela. — Mas estou feliz que vocês tenham devolvido tudo.

Sirenes soaram à distância. A polícia estava a caminho.

— Devemos levá-los — disse Matt.

— Certo — Ingrid assentiu, uma onda de tristeza a consumia. Desordeiros ou não, ela se afeiçoou muito aos duendes.

Despediu-se deles, um por um, abraçando-os, inclinada a não deixá-los ir.

— Precisamos ir? — Kelda perguntou, melancólica.

— Queremos ficar — disse Nyph.

— Bem... — Ingrid olhou para eles. Percebeu que não havia nenhum motivo para enviá-los para casa ainda, afinal, eles poderiam ajudar a esclarecer sobre Freddie com as Valquírias, e Killian também. Além disso, os pixies tinham que revelar quem os forçou a roubar o tridente de Freddie primeiro, pois era ele que estava por trás do crime original.

— Eba! — disse Sven. — Podemos ficar!

— Ficando ou indo, vocês têm que fazer alguma coisa — advertiu Matt, olhando para fora da janela. Um comboio estava a caminho do motel: dois caminhões de bombeiros, meia dúzia de carros da polícia e uma ambulância chegavam ao estacionamento. Estariam no quarto em um instante. Houve uma batida alta na porta.

— Abram! Polícia!

Os pixies se encolheram. Matt fez uma careta e tirou a arma do coldre. Ele acenou para Ingrid.

— Tire-os pela janela de trás. Vou cuidar disso.

Ela sentiu uma onda de amor por ele. Sabia que ele faria qualquer coisa por ela e não só a protegeria, mas também a seus amigos.

— Não, não precisa! — Ela tirou a varinha e a acenou sobre os pixies, a porta quebrada e o banheiro.

A porta se abriu com um estrondo, mas, quando a polícia entrou, tudo o que encontrou foi o feliz casal em pé ao lado da janela, cercado por cinco sapos saltitantes.

capítulo sessenta

Let's do the time warp again



Estava escuro e frio lá fora. Com a magia de Joanna cuidando de seus males, Anne sobreviveu. Tomou banho, e Joanna e Freya lhe deram roupas limpas. Estavam sentados na sala de estar agora: Joanna, Norman, Freya, Killian e Anne no sofá diante da lareira acesa.

Ela gostava daqui, deste período, Anne lhes dizia, nunca esteve aqui no sentido físico, mas viu através de um dos olhos de uma de suas irmãs, e ansiava por viver em um tempo menos opressivo. Mas quando disse isso, ela pensou em John Barklay, o que fez os olhos brilharem mais à luz do fogo. Ela os enxugou. Ainda havia muito para dizer antes que pudessem resolver seus próprios problemas. A coisa sobre o tempo, ela tentou explicar, é que o passado, o presente e o futuro, tudo coexistia.

— Não é tão linear como nossos cérebros fazem crer. Buscamos continuidade. — Norman interrompeu.

— Sim. Tudo aconteceu de uma só vez, e havia realidades alternativas e universos paralelos, um milhão de diferentes possibilidades como o modo de um evento se desdobrar, tudo acontecendo ao mesmo tempo, mas, então, somente uma das possibilidades entrava em vigor, um conceito bastante numênico que Freya tinha dificuldade de seguir com a mente.

— Minhas irmãs e eu vemos tudo de uma vez quando estamos juntas. O tempo é maleável e ainda flui, tudo muda e começa de novo, às vezes de forma completamente diferente, mas sempre aconteceu. Em outras palavras,

o tempo era uma espécie de palimpsesto, vestígios do passado espreitando o presente, apenas para ser escrito mais adiante no futuro novamente.

Anne reconheceu Loki em Lion Gardiner, e assim que ele soube que ela sabia, ela correu perigo por saber de seu segredo.

— Loki nunca pode ser enganado em nenhum lugar, estava somente ganhando tempo. Ele pode ir e vir como quiser através do Universo. Anda provocando um grande mal na linha do tempo. Foi ele quem começou o fervor da caça às bruxas nos Estados Unidos. Aquilo nunca teria acontecido sem ele. Ele alimentou as chamas, o fogo, e fez o poder de seus inimigos ser prejudicado pela restrição de poderes mágicos. Tudo fazia parte de seu plano de vingança — continuou Anne. — Ele sabe que, como uma Norna, eu vi o outro futuro do jeito que deveria ter sido. É por isso que ele quis me executar. Queria me punir, tirando John de mim para sempre, e me impediu de fazer contato com você, Joanna. Ele sabe que seu clã é poderoso, e teme você.

Joanna pegou a mão de sua *fylgja*. Entendeu o que havia acontecido. Depois de Anne ter sido enforcada, ela ficou presa na Ligação, um espírito errante desesperado, incapaz de penetrar no Reino dos Mortos ou de voltar a Midgard.

— Loki não está sozinho — afirmou Anne. — Mesmo que ele não esteja em seu presente, há outros que trabalham para ele.

Tudo fazia sentido agora, Joanna percebeu. Todas as vezes em que tentava desvendar o mistério, sempre havia um obstáculo que a impedia. Alguém que estava lá, bem no momento certo, para interrompê-la e impedir que ela descobrisse o que precisava saber. Joanna soprou entredentes. “Harold!”

— Eu me lembro agora... Costumávamos conhecê-lo como Heimdallr — disse Norman. — Mas ele é um fraco. Não pode ter feito isso tudo sozinho. Deve ter alguém manobrando os fios.

— E há — Anne prosseguiu. — Buðli. Ele ameaçou a família semimortal de Heimdallr, sua filha e seu neto, de modo que Heimdallr fez o que ele pediu. Buðli é fantoche de Loki, mas um manipulador de marionetes em si.

— Buðli, eu lembro agora. Certa vez, ele teve uma filha linda, não foi? — perguntou Joanna. Ela se virou para Norman. — Você lembra qual era o nome dela mesmo?

— Claro, quem pode esquecer Brunhilda? — perguntou Norman.

— Hilly! — gritou Freya.

— Quem é Hilly? — Joanna quis saber. Freya bateu um salto no chão ao se levantar e ficou ao lado de Killian junto à lareira.

— Hã, seria a nova namorada de Freddie, a isca, pela qual ele se apaixonou com anzol, linha e tudo. Ele está babando pela menina. Deveria fazer uma corrida de atum, mas acabou por ser uma espécie de caça ao tesouro, disse. Ele me mandou uma mensagem mais cedo.

— Caça ao tesouro, para quê? — Joanna perguntou, alarmada. — Talvez esteja em apuros!

Norman se levantou. Colocou a mão na testa esfregando as rugas. — Se for assim, não é como se não tivesse acontecido antes.

capítulo sessenta e um

Ring of fire



Freddie estava em New Haven para dar a notícia a Hilly. Ela o encontrou nos degraus da entrada do dormitório de calouros e segundo anistas, um edifício gótico que, de modo apropriada, se assemelhava a um castelo com seus parapeitos de ameias e quatro torres redondas nos cantos, uma réplica do famoso círculo de fogo.

Sua memória voltou e ele se lembrou dos anos de saudade por Brunhilda em outras encarnações. Era irregular, mas ele recordou de outros dois pretendentes primários, Sigurðr e Gunnar, que tentaram atravessar o círculo de fogo a fim de acordá-la de um feitiço do sono eterno. Gunnar, por meio de magia e truques, tinha sido o único a ganhar a mão dela, e aquele casamento terminou desordenadamente, com uma série de guerras entre os deuses. Freddie esperava que, desta vez, pudesse ter sucesso em reivindicar sua mão — de alguma forma! —, embora temesse já ter perdido a chance mais uma vez.

Os postes de iluminação do campus estavam acesos e lançavam uma luz suave nos gramados ao redor dos dormitórios, ainda verdes no início de dezembro, espalhados com folhas laranja cor de pergaminho, caídas por toda parte. Freddie e Hilly estavam sentados nos degraus, testa contra testa, os rostos compenetrados. Freddie segurou o topo da cabeça de Hilly com a palma da mão.

— Ainda posso tocar você enquanto não tiver executado as cláusulas (i), (ii) e (iii). Uma brecha. O contrato não diz nada sobre o que posso ou não

posso fazer antes disso — Freddie falou, pondo a mão em seu rosto.

— Sinto muito, Freddie, mas papai deve ter seus motivos. Eu disse que ele é antiquado. — Ela suspirou.

Freddie não tinha nada a dizer sobre isso. Fora enganado por Henry Liman, seu futuro sogro filho da mãe, e agora havia perdido o amor de sua vida. Uma garota passou de bicicleta, ao longo do caminho mal iluminado. Tocou a campainha do guidão, soltando um som alegre, que deixou Freddie ainda mais deprimido e infeliz. Ela parou e caminhou com a bicicleta até eles.

Hilly ergueu o olhar.

A menina lançou um sorriso indiferente, mal registrando o fato de Hilly estar angustiada e parecendo chorar. *Que fria*, Freddie pensou.

— Então — disse a garota alegre. — Você se encontra conosco mais tarde, Hilly? Seria bom. Temos essa questão importante de negócios para resolver. Ela abriu o casaco e mostrou um agasalho cinza KKT (Kappa Kappa Gamma) por baixo. A universidade não reconhecia oficialmente os sistemas pan-helênicos, eles não estavam autorizados a convocar abertamente ou estabelecer residência no campus, mas essas irmandades ainda estavam bem vivas, incluindo por volta de quinze por cento do corpo discente da graduação.

A menina fechou rapidamente o casaco e lançou um olhar para Freddie, erguendo as sobrancelhas para Hilly. Freddie não tinha certeza do que aquilo significava. Ela o aprovou e o achou bonito o suficiente para Hilly? Foi isso o que ela queria indicar? Hilly sorriu para a irmã da fraternidade.

— É claro que estarei lá. Não perderia por nada! — Elas se despediram, prometendo se encontrar em uma hora com as outras irmãs, e depois Hilly pediu desculpas a Freddie pela interrupção.

— Vida universitária! — Ela pegou o rosto desolado dele nas mãos e o encarou. — Quero que você saiba que sempre vou amar você, Freddie — sussurrou —, se isso serve de consolo.

Ele se afastou, sentindo-se frustrado com a passividade dela. Para uma deusa guerreira, não havia nenhuma combatividade nela. Sentou-se e colocou a cabeça em seus braços. Hilly esfregou suas costas, fazendo um círculo com a mão, que o irritou. O gesto pareceu um tanto indiferente. Ela simplesmente parecia não se importar *muito*. Ele podia ouvi-la suspirar como se estivesse impaciente para voltar ao dormitório e acabar com tudo para que pudesse fazer sua reunião boba da irmandade — interromper a visita inesperada de Freddie, seu fracasso, sua incapacidade de separá-la de sua armadura de cota de malha. Talvez ela fosse apenas uma donzela de escudo frio no coração. Ninguém nunca mudava realmente.

— Ouça — disse ela. — Gert não é tão ruim assim. Ela frequenta esta escola também, sabe? — Liman havia mencionado isso. Freddie não conseguia sequer se lembrar de como Gert era. Grosseira? Com aquela risada equina? Hilly ainda falava. — Por que não me deixa enviar uma mensagem para ela, e vocês dois podem se conhecer. Eu tenho muita lição para fazer e ainda essa reunião.

Freddie limpou o nariz. Ficou irritado porque ela estava pronta a penhorá-lo para Gert — sentia-se patético —, e já conseguia ouvir Hilly passando a mensagem de texto para a irmã, embora não tivesse dado o seu aval.

Tudo bem, ele encontraria Gert. Não tinha mais nada a dizer a Hilly. Não sabia o que esperar. Pensou que, quando ela soubesse da novidade, eles encontrariam um plano para contornar o contrato, para escapar e fugir juntos, algo dramático. Não esta despedida impiedosa. Será que Hilly se importava com ele, afinal? Estava começando a duvidar. Olhou na direção dela. Ela parecia aborrecida.

— Lá vem ela — Hilly disse, aliviada.

Freddie viu uma garota alta passeando com prazer em direção a eles, os livros apertados contra o peito. Seu cabelo tinha uma maciez líquida, brilhava como o sol à luz sombria, caía nos quadris e balançava enquanto ela andava. Gert era toda feminina, voluptuosa, solidamente atlética. Veio em direção a eles e colocou um pé nos degraus.

— E aí, vocês dois? — perguntou ela.

Freddie não conseguia tirar os olhos avermelhados de Gert e sentiu como se tivesse sido resgatado de um círculo de fogo, acordado de um sono profundo. Por que não tinha percebido a beleza de Gert quando a conheceu? Alguém havia jogado um feitiço nele? Hilly? O sr. Liman? Gert era linda e forte, e tudo o que ele podia imaginar agora era um ringue de luta, um jogo, cada golpe que partia de ambos dava lugar a um milhão de carícias e beijos para curar as contusões. Deve ter sido a magia de Brunhilda que o impediu de ver Gert como ela realmente era.

Hilly jogou os cabelos sobre o ombro. — Papai pegou Freddie em uma pequena emboscada, então em vez de casar comigo, vocês dois estão compromissados e têm um mês para combinar os detalhes. Gert cruzou os braços e sorriu.

— Ahn, só ele mesmo. — Olhou para Freddie de alto a baixo. — Acho que você serve. — Ela sorriu.

Freddie levantou e se espreguiçou. Sentia-se melhor. Não era Ragnarok. Seus olhos pousaram no traseiro de Gert, substancial e bem torneado, o que o fez sorrir. Gert era, quem sabe, um pouco mais velha que ele, mas talvez fosse melhor. Ele estava cheio de meninas inconstantes.

— Você também. — Ele sorriu. Hilly olhou para Freddie, e observou aquele sorriso. — Mas sei que você vai ficar ligado em mim para sempre...

Nem Freddie nem Gert ouviram. Já estavam indo embora pelo caminho, conversando, enquanto Hilly se virou e subiu rapidamente as escadas, jogando os cabelos para o outro ombro.

FREDDIE PEGOU OS livros de Gert e os carregou.

— Então, o que está estudando aqui? — ele quis saber.

— Biologia marinha — respondeu Gert.

— Sério? — disse Freddie — Você mergulha?

As risadas fluíam em Gert como água, borbulhantes e leves.

— Trabalhei para *o idiota* do meu pai somente para poder navegar em alguma parte e usar uma roupa de mergulho.

— Acho que quero me mudar para o Caribe — disse Freddie. Ela lançou-lhe um olhar de soslaio, depois timidamente respondeu:

— Eu também!

Freddie parou de andar. Gert também. Eles se encararam.

— Tenho um segredo que nunca disse a ninguém, nem mesmo a Hilly, mas por algum motivo quero contar a você. Prometa que não vai revelar para ninguém?

— Claro. — Ela encolheu os ombros.

Ele podia ver Gert melhor agora, sob a luz que brilhava sobre ela de um poste de luz. Sua boca pedia um beijo, tão macia e suave. Parecia uma sereia na proa de um navio. Ele mordeu o lábio, olhando em seus olhos, e por um momento não conseguiu falar. Viu a cor deles, um profundo e hipnotizante azul-marinho, e havia alguma coisa tão pura e inocente neles, nada traiçoeira. Sentiu-se confortável com Gert, como se pudesse lhe contar qualquer coisa, logo de cara. Quanto mais olhava para ela, mais Freddie sentia-se envolvido. Talvez ele não fosse feito para Brunhilda, afinal.

— No meu bolso — disse ele —, carrego um navio. Ele pode ser desdobrado e colocado no mar, e com ele podemos navegar em qualquer lugar. — Gert dançou no caminho. Ela rodopiou e olhou para ele cheia de admiração e surpresa.

— Sério? — exclamou — Isso é a coisa mais legal que já ouvi!

capítulo sessenta e dois

Flight of the Valkyries



Ingrid chegou à casa com Matt e os pixies, um pouco nauseados por terem sido transformados em sapos. Encontrou a família reunida na sala, narrou o que havia acontecido e foi levada a acelerar a história.

— É ele! — Freya falou. — Claro. Tem que ser ele.

— Como assim? Quem é “ele”? — Ingrid quis saber.

— O que Anne disse anteriormente... que Loki estava apenas ganhando tempo. Loki pode se movimentar entre os mundos. Ele tomou o poder de Bofrir para si, foi a pessoa que destruiu a ponte desde o começo, depois fingiu descobrir a destruição dela por intermédio de Freddie. Foi ele quem roubou o tridente de Freddie. Deve ter tido a intenção de colocar toda a culpa em Freddie, mas algo aconteceu... — Ela olhou para Killian. — Talvez porque você estivesse lá. De alguma forma, você o impediu.

— Lembro-me agora... um pouco — disse Killian. — Tentei mudar a linha do tempo, para trazer a ponte de volta, mas não consegui... Mas eu tinha poder suficiente para segurá-lo até as Valquírias surgirem. Me desculpe por não ter conseguido salvar Freddie, no entanto.

— Loki? Um cara magro? Isso me faz lembrar alguma coisa — disse Val.

— Loki! Certo! Foi ele quem nos fez roubar o lindo tridente e colocá-lo em Bofrir! — Kelda disse.

— Dissemos que ele era um idiota. — Sven riu.

Freya assentiu. Com Killian de volta a Asgard, ela conseguiu segurar Loki por um tempo: como seu amante, Loki foi temporariamente colocado sob

seu feitiço, mas ele era muito poderoso para que o feitiço o mantivesse ali. O anel de Odin havia facilitado para que ele navegasse pelo Universo, apesar de ele não precisar disso para alcançar seu objetivo. Ainda que Freya lhe ordenasse destruir o anel, enquanto Loki estava sob seu comando, isso só havia conseguido atrasá-lo, e não impedi-lo.

— Seu poder está crescendo — disse Freya. — E os nossos, sumindo. — Era como Jean-Baptiste, o deus da memória, lhe dissera: ao enviar a ponte para o abismo, Loki enfraqueceu os poderes dos deuses, acumulando-os todos para si. Depois da suspensão da Restrição, houve uma tremenda onda de magia das Beauchamp. Elas deixaram a magia de lado por tanto tempo que acumularam uma reserva, mas agora o poço estava prestes a secar. Freya sentia seus poderes mágicos diminuírem já havia um tempo: mais de um cliente havia alegado que suas poções estavam sem graça e insípidas. Logo estariam todos exauridos. Conseguia ver isso estampado principalmente no rosto de Killian, como ele havia enfraquecido depois das mudanças no tempo, como seu nariz sangrou.

— Freya está certa. — Ingrid assentiu. — A transformação exigiu muito de mim — afirmou ela. — Quase não consegui transformar os pixies de volta à sua forma verdadeira.

— É bom ouvir isso — Sven murmurou. Anne falou novamente.

— Loki queria Fryr e Balder sempre em guerra. Tinha ciúme de sua amizade, e não era só Bofrir que ele queria destruir naquele dia. Ele é uma serpente em nosso meio, mordiscando as raízes da Árvore do Mundo, semeando dúvidas como uma cobra venenosa.

— Ele deve ter colocado o tridente no *Dragon* — supôs Killian.

— É claro, para que você ficasse com a marca. — Freya assentiu. — E Freddie ficaria convencido de sua culpa. — Ela meneou a cabeça. — O que

eu não entendo é que eu revirei o *Dragon* de cabeça para baixo e nunca encontrei o tridente. Freddie me disse que estaria lá.

— Não estava — disse Killian. — Eu queria saber o que você andava procurando, então comecei a procurar depois que você revirou o meu barco.

— É claro que não estava lá. — Sven sorriu. — Eu lembro agora. Nós o tiramos. — Loki nos impeliu a fazer isso. Depois, nos enviou a Midgard para roubá-lo novamente.

— Então foram vocês, caras! — disse Freya. — Ouvi vocês! — Ela se lembrou de acordar uma noite no *Dragon*. Sentiu uma presença no barco, um intruso.

— Houve apenas um problema — disse Irdick. — Nós o deixamos cair. No mar... e ele desapareceu. Todos nós pulamos na água, mas não conseguimos encontrá-lo — explicou Kelda. — Não temos ideia de onde esteja.

Killian se afastou da beirada da lareira.

— Temos muito a fazer, e não sei se tenho força suficiente para isso, mas precisamos levar Anne de volta a seu devido tempo. Talvez, se fizermos isso juntos, ajudaremos a impulsioná-la através das passagens.

Joanna puxou o cabelo para trás. Estava preocupada com sua *fylgja*. Anne havia feito tanto por eles. — Precisamos mandá-la de volta antes de toda a caça às bruxas começar, antes mesmo de Loki avistá-la. Vamos lhe dar ouro, Anne. Assim, você e John poderão fugir, começar uma nova vida em um lugar seguro, longe da ilha de Wight. Você vai ter o seu tempo com ele. — Anne ergueu o olhar para ela, com um sorriso, a luz suave do fogo bruxuleante em seu rosto.

— Seria lindo começar de novo com John...

Caminharam para um lugar na praia perto de onde havia sido a casa de John Barklay, formaram um círculo em torno de Anne e a ajudaram a entrar

no portal. Depois de a *fylgja* — a deusa do presente, Verðandi, a curadora da Árvore do Mundo — desaparecer nas passagens, eles desabaram na areia. Freya acordou e viu Norman e Joanna voltarem à consciência, mas não Killian. Não tinha ideia de quanto tempo haviam ficado desacordados na praia. Estava frio e úmido. Ela se arrastou até Killian e o pegou pelos ombros.

— Acorde, querido! Por favor! — Ela o sacudiu, e a cabeça pendeu. Seus olhos não abriam. Os pais de Freya correram até lá. Norman sentiu o pulso de Killian.

— Está lento — disse ele.

— Faça alguma coisa, mãe! — Freya implorou.

Joanna começou a esfregar o corpo de Killian para aquecê-lo, enquanto dizia um encantamento, e todos eles fizeram freneticamente o mesmo.

— Precisamos levá-lo de volta para casa — disse Norman.

Começaram a levantar o corpo inerte de Killian. Norman prendeu um braço por cima do ombro dele, Freya fez o mesmo do outro lado de seu amante, enquanto Joanna se esforçava para erguê-lo.

— Parem aí! — ouviram uma voz. — Foram cercados por várias jovens altas, de porte atlético, todas usando um blusão da KKT. Uma delas pareceu um pouco familiar para Freya, e ela se perguntou onde a tinha visto antes, e então percebeu. Era Hilly Liman.

Brunhilda era uma Valquíria, assim como o restante de suas irmãs da irmandade.

— Estamos aqui para levá-lo ao Limbo — Hilly disse, apontando para Killian. — Ele tem a marca do tridente. Ele destruiu Bofrir. Ficará no Limbo pela eternidade.

— Não. — Freya gritou, mas foi empurrada para trás como que por uma força invisível, e atirada ao chão.

— Você não tem direito! — Ingrid observou. — Ele merece um julgamento. O Conselho Branco deve saber disso.

— Foi o Conselho Branco que nos ordenou — Hilly disse, com um sorriso de satisfação.

— Onde está Freddie? — Joanna gritou.

— Ah, quem se importa? — respondeu Hilly. — O filho de vocês é um idiota completo. Ele nunca, nunca me terá. Ele nem sequer conseguiu entrar na história do meu último resgate do círculo de fogo.

Joanna ajudava o pobre Killian a ficar em pé, mas era tudo o que podia fazer para não correr em direção à garota e lhe arrancar os olhos.

FREYA ENGATINHOU ATÉ Killian e se agarrou a ele com toda a força que lhe restava quando as Valquírias começaram a puxá-lo para longe de seu alcance. Ela foi arrastada na areia, segurando-o, gritando com elas para que deixassem Killian e ela em paz, enquanto elas puxavam o corpo dele quase inerte, e seus pais e Ingrid corriam atrás delas.

Logo Freya estava sozinha, chorando e uivando para o céu, para onde haviam arrastado Killian. Caiu nos braços da mãe enquanto apontava para o céu, como uma criança tentando agarrar algo um pouco fora do alcance, como se ainda pudesse segurar seu querido, que havia sido violentamente arrancado dela.

capítulo sessenta e três

Pocketful of dreams



Norman andava pela sala no casarão colonial. A família toda estava presente, inclusive Matt Noble, o que era reconfortante para Ingrid. Os pixies tentavam ser úteis, oferecendo bebidas e alimentos. Freya andava furiosamente. Não estava mais com o coração partido. Estava furiosa.

— O que podemos fazer? Temos que trazê-lo de volta. Ele é inocente. Quando eu botar minhas mãos naquelas garotas, eu vou...

A batida na porta interrompeu sua frase.

— Vou atender — disse Matt prestativo. Freddie entrou com uma loira alta com cara de séria.

— Oi, pessoal, e aí? Esta é Gert. Gert, este é o pessoal.

— Freddie! Graças a Deus. Você está bem? — Joanna exclamou e correu para abraçar o filho.

— O que há de errado? O que aconteceu? — perguntou ele, olhando ao redor.

Contaram tudo. Killian fora condenado ao Limbo, mas não havia nenhuma garantia que ele tenha sobrevivido à viagem, enquanto os Beauchamp oscilavam à beira de seu próprio abismo, com seus poderes se dissipando — a linhagem ameaçada de extinção.

— Há apenas uma maneira de ajudar Killian e acabar com tudo isso — sugeriu Ingrid. — Precisamos encontrar Loki. Ele está lá fora em algum lugar, precisamos encontrá-lo e trazê-lo à justiça de uma vez por todas.

— O tridente. Se é que podemos encontrar o tridente, ele vai nos levar ao filho da mãe — disse Freddie.

— Os pixies disseram que o perderam no mar, mas se não conseguiram encontrá-lo, então deve ter deslizado em algo... como um buraco negro — Freya sugeriu.

— Ou alguma outra coisa — completou Ingrid. Ela começou a fazer *brainstorming* e associações. Olhou para seu pai. — O que faz alguém esquecer?

— Lete, o rio no Hades, na mitologia grega, faz as pessoas que bebem de sua água esquecerem o passado — informou Norman.

— Sim! — Ingrid disse, novamente recordando seu sonho na biblioteca, ele continha um presságio que fazia tudo parecer se aglutinar nela. — Água. O silêncio do esquecimento. É por isso que os pixies se esqueceram de tudo: beberam o silêncio!

Joanna começou a recitar o poema de Thomas Hood: “Há um silêncio onde não havia nenhum som / Há um silêncio onde nenhum som pode estar / No gélido túmulo — sob o mar profundo, mais que profundo”.

— “Nas profundezas do silêncio! Nas profundezas do mar!” — acrescentou Freddie. — Eu estive lá. Eles precisavam de mim para recuperar o tridente, claro! Estava em um estojo dourado, que não reconheci. Eu esqueci qual era a sensação de tê-lo em minha posse, que droga! Eu o entreguei a Liman. Provavelmente está a meio caminho de Loki agora.

Todos soltaram um grunhido de uma forma ou de outra. Parecia ameaçador. Mas Ingrid não havia perdido a esperança. Era persistente e sabia que sempre havia um caminho — e alguns problemas se corrigiriam sozinhos, como os que tivera com Matt. Ingrid também estava apaixonada, e uma feiticeira que se apaixona pela primeira vez era uma bruxa

particularmente otimista, e nada haveria de impedi-la. Ela ainda podia sentir que havia magia dentro dela.

— Eu sei como podemos obter o tridente! — exclamou ela. — Os pixies podem roubá-lo de volta. Afinal, foram eles que o roubaram na primeira vez.

capítulo sessenta e quatro

Time after time



Os pixies se ofereceram para a missão com alegria. — Gostamos de roubar coisas. Conseguimos encontrá-lo, onde quer que esteja e em qualquer tempo — afirmou Sven. — Ele parecia ser o líder. Ingrid notou. Era engraçado. Freya ainda estava furiosa, mas se acalmou com o conhecimento de que havia a formação de um plano de resgate.

Freddie disse ter um anúncio a fazer, limpou a garganta e pareceu feliz, de repente.

— Há um lado positivo em tudo isso — começou.

— Que lado positivo? — Freya disparou. Ela ter encontrado, finalmente, seu verdadeiro amor só para perdê-lo para sempre?

— Para começar, Gert e eu estamos noivos — disse ele. Gert sorriu timidamente. A família ficou chocada em silêncio.

— Parabéns? — disse Freya.

— Achei que o nome dela fosse Hilly — disse Joanna, olhando desconfiada para Gert.

— Não, aquela é Brunhilda, uma das Valquírias que levaram Killian — disse Norman. — Aquela de quem Freddie se afeioou desde o desafio do Círculo de Fogo. Sempre achei que ela era problemática demais para você — disse ao filho. Estendeu a mão, e Gert a apertou.

— Olha, sei que todos já passaram por muita coisa, mas estou do lado de vocês. Desprezo Henry Liman desde que ele adotou minha irmã e eu depois

que nos tornamos órfãos em Midgard, quando a ponte caiu — informou Gert. — Ele nunca nos tratou da mesma forma que sua preciosa Brunhilda.

— O nome verdadeiro dela não é Gert. É Gerðr. Acho que vocês se lembram dela agora, não é? — perguntou Freddie. Ingrid assentiu e abraçou sua futura cunhada calorosamente.

— É bom vê-la novamente.

— Bem, então! — Norman disse, assoando o nariz, enquanto Joanna ainda parecia perturbada. Ela teve seu filho de volta apenas para perdê-lo novamente, pensou. O amor de uma mãe era testado de diversas formas. Mas se lembrou de Gert, e de que ela havia sido boa para Freddie. Ela o acalmaria, pensou. Ela teve uma amostra da vida dele aqui, com o vício em videogames e o harém, e Gert era exatamente o antídoto de que ele necessitava.

Freya assentiu. — Vamos precisar de toda a ajuda que pudermos — disse ela.

Joanna bateu nas costas de Freya.

— Acho que preciso de um pouco de ar fresco — disse ela a Norman, que assentiu.

SEM CONSULTAREM UNS aos outros, eles saíram da casa e andaram pela floresta em direção ao lugar onde Anne fora enterrada.

Para alegria de Joanna, nem o túmulo nem a lápide em branco apareciam sob o carvalho.

— Muito bem. — Joanna aprovou. — Espero que tenham uma vida feliz.

— Tão feliz quanto se pode ter com um mortal — Norman ruminou. — Uma breve felicidade. Espero que Ingrid saiba o que está fazendo com aquele investigador dela. Joanna tomou a mão do marido e a apertou.

— Ela vai fazer dar certo. Tenho uma confissão a fazer. Sabe, pensando bem, jamais gostei de comida francesa.

Norman sorriu.

CAMINHARAM DE VOLTA para a casa e encontraram Ingrid e Freddie em pé em estado de choque na sala de estar.

— O que aconteceu? — perguntou Joanna, alarmada. — Onde está Freya?

— Ela simplesmente... desapareceu! Estava bem aqui... e então, ela se foi — disse Freddie, passando a mão pelos cabelos despenteados. — Mas, primeiro, algo apareceu em seu pescoço...

— Como uma corda — disse Ingrid. — Vi uma corda vermelha queimando em torno de seu pescoço, impelindo-a para trás.

Joanna soube imediatamente o que havia ocorrido.

— A passagem, ela foi sugada de volta para a passagem...

— De volta a Salem, onde Loki está à espera para a sua vingança — disse Ingrid. Ela segurou a mão de Matt e olhou para a família. — Isto tem que parar onde começou. Todos nós precisamos retornar. Segui-la no tempo pela passagem e evitar que os julgamentos de feiticeiras aconteçam de uma vez por todas.

Os Nove Mundos do Universo Conhecido

Asgard – Mundo dos Ases

Midgard – Terra do Meio, Terra dos Homens

Álfheim – Mundo dos Elfos

Niflheim – Reino dos Mortos

Jotunheim – Terra dos Gigantes

Muspellheim – O Primeiro Mundo

Nidavellir – Terra dos Anões

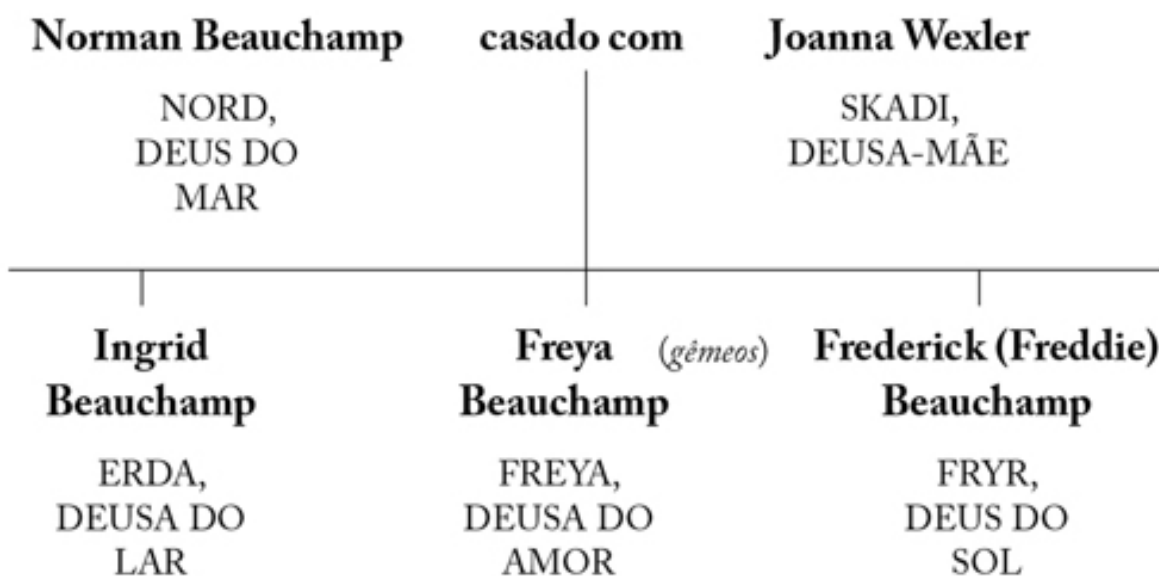
Svartalfheim – Terra dos Elfos Negros

Vanaheim – Terra do Vanes

Os Deuses de Midgard



Árvore genealógica da família Beauchamp (Os vanes)

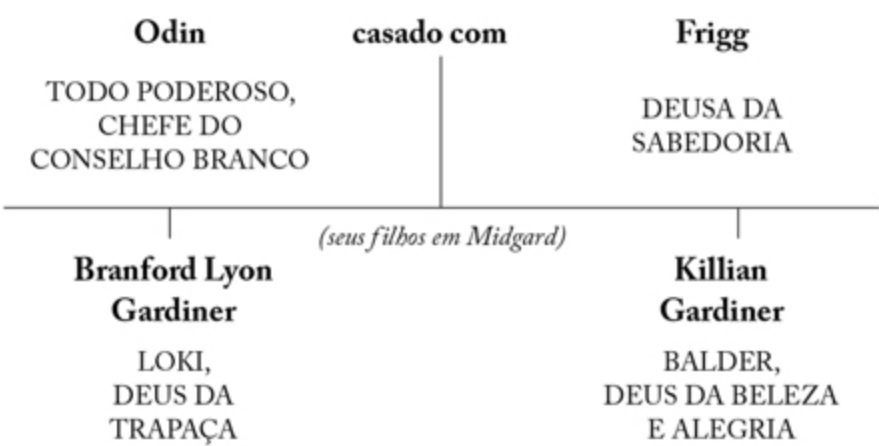


Jean-Baptiste Mésomier (MUNINN, DEUS DA MEMÓRIA)

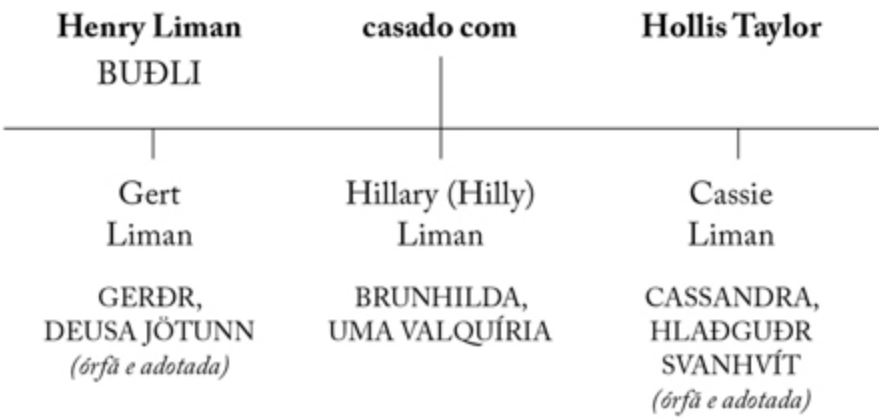
Arthur Beauchamp (SNOTRA, DEUS DA FLORESTA) (irmão de Norman)

Anne Barklay (VERÐANDI, NORN DO PRESENTE)

Árvore genealógica
dos Gardiner (Os ases)



Árvore genealógica
da família Liman



Tradução dos títulos



- Capítulo um:** De volta aos braços do meu amor
- Capítulo dois:** Estranho na noite
- Capítulo três:** Dois príncipes
- Capítulo quatro:** Garotas, garotas, garotas
- Capítulo cinco:** Aqui está o seu homem
- Capítulo seis:** Tudo impressão minha
- Capítulo sete:** Quase o paraíso
- Capítulo oito:** Aterrorizada enquanto os minutos se arrastam
- Capítulo nove:** Não olhe para trás
- Capítulo dez:** Cabana de amor
- Capítulo onze:** A gangue está toda aqui
- Capítulo doze:** Curto muito você
- Capítulo treze:** Esconde-esconde
- Capítulo catorze:** Noite e dia
- Capítulo quinze:** Quebra-cabeça
- Capítulo dezesseis:** Cura sexual
- Capítulo dezessete:** Sonho de adolescente
- Capítulo dezoito:** Mensagem em uma garrafa
- Capítulo dezenove:** Quando as pombas choram
- Capítulo vinte:** Homem elegante demais
- Capítulo vinte e um:** Como uma virgem



Capítulo vinte e dois: Aquele sentimento adorável

Capítulo vinte e três: Procurado: morto ou vivo

Capítulo vinte e quatro: Você acredita em mágica?

Capítulo vinte e cinco: Mulher da magia negra

Capítulo vinte e seis: Andar empertigado de gato

Capítulo vinte e sete: Fique sob meu guarda-chuva (uva... uva... uva)

Capítulo vinte e oito: Temporada da feiticeira

Capítulo vinte e nove: Jogo da mentira

Capítulo trinta: Como um círculo em uma espiral

Capítulo trinta e um: Tudo em chamas

Capítulo trinta e dois: Sempre vou te amar

Capítulo trinta e três: Como uma oração

Capítulo trinta e quatro: Queimando a casa

Capítulo trinta e cinco: Como uma roda dentro de uma roda

Capítulo trinta e seis: Viva como freegan ou morra

Capítulo trinta e sete: Boatos blasfemos

Capítulo trinta e oito: Dance até não aguentar mais

Capítulo trinta e nove: Congelado, quando seu coração não está aberto

Capítulo quarenta: Presentes simples

Capítulo quarenta e um: Tenho o meu amor para me aquecer

Capítulo quarenta e dois: Filho pródigo



Capítulo quarenta e três: Assunto de família

Capítulo quarenta e quatro: Eu mentiria para você?

Capítulo quarenta e cinco: Amor de uma mãe

Capítulo quarenta e seis: Rivalidades entre irmãos

Capítulo quarenta e sete: Mulher-demônio

Capítulo quarenta e oito: O maior amor de todos
Capítulo quarenta nove: Venha navegar comigo
Capítulo cinquenta: Corte de cabelo do diabo
Capítulo cinquenta e um: Humor índigo
Capítulo cinquenta e dois: Aguardando um herói
Capítulo cinquenta e três: Fumaça sobre a água
Capítulo cinquenta e quatro: Fluxo do Orinoco
Capítulo cinquenta e cinco: Venha à minha janela
Capítulo cinquenta e seis: Voltando para casa
Capítulo cinquenta e sete: Anjo terrestre
Capítulo cinquenta e oito: Casamento branco
Capítulo cinquenta e nove: Enfeitiçado, chateado e desnortado
Capítulo sessenta: Vamos fazer o tempo reverter novamente
Capítulo sessenta e um: Círculo de fogo
Capítulo sessenta e dois: Cavalgada das Valquírias
Capítulo sessenta e três: Um bolso repleto de sonhos
Capítulo sessenta e quatro: Sempre de novo



Agradecimentos



Obrigada a todos da Hyperion por todo o entusiasmo e fé nas feiticeiras! Ellen Archer, Kristin Kiser, Elisabeth Dyssegaard, Marie Coolman, Kristina Miller, Bryan Christian, Sarah Rucker, Mindy Stockfield, Maha Khalil, Mike Rotondo, Jon Bernstein e Sam O'Brien. Adoro vocês, minha editora, Jill Schwartzman, e meu agente, Richard Abate.

Obrigada a todos os meus leitores que receberam as feiticeiras com carinho em suas vidas.

Notas



- [1] Todos os capítulos têm início com o título ou o verso de uma música. A tradução está em um apêndice no final deste livro (N. T.).
- [2] Estou de volta ao meu lugar, de volta para os braços do meu amor (N. T.).
- [3] Pastinacas são vegetais bastante parecidos com uma cenoura, mas de cor branca; rutabagas são uma espécie de repolho (N. E.).
- [4] *Baby, baby*, deixe-me dormir com ela! (N. E.)
- [5] Prática de magia para receber visões da morte. (N.T.)
- [6] *Freegan*, da contração *free* (livre) e *vegan* (vegetariano), é aquela pessoa que adota modelo alternativo de sobrevivência, coleta frutas e legumes descartados por feirantes e objetos em caçambas. (N. T.)
- [7] *Schmee* é personagem dos quadrinhos de Jhonen Vasquez, um ursinho de pano bem detonado, pertencente a Squee, um garotinho. Ele dá conselhos bem destrutivos a Squee, que toma tudo como brincadeira.
- [8] Companhia de transporte Sua Majestade.

para Mike e Mattie

Sobre a autora



melissa de la cruz é autora da série *Blue Bloods*, que se destaca na lista dos livros mais vendidos do *New York Times* e na do *USA Today* e teve três milhões de exemplares impressos. Ex-jornalista, ela contribuiu para diversas publicações, incluindo *Glamour*, *Cosmopolitan*, *Harper's Bazaar*, *Allure* e *Marie Claire*. Passou inúmeros verões em Shelter Island, que serviu de inspiração para a cidade fictícia de North Hampton. Mora em Los Angeles e Palm Springs com a família e se dedica a escrever o terceiro livro da série *As feiticeiras de East End*.

Saiba mais sobre a autora:

www.melissa-delacruz.com

© 2012 Melissa de la Cruz

Publicado originalmente nos Estados Unidos e no Canadá como *Serpent's kiss*.

Esta edição traduzida foi publicada mediante acordo com a *Hyperion*.

Todos os direitos reservados.

Tradução: Áurea Akemi Arata

1ª edição digital 2014

ISBN 978-85-16-09345-7

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.editoraid.com.br

DE ACORDO COM AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

De La Cruz, Melissa

O beijo da serpente / Melissa De La Cruz ;
tradução de Áurea Akemi Arata. -- São Paulo :
Moderna, 2014.

Título original: Serpent`s kiss.

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-01320

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813